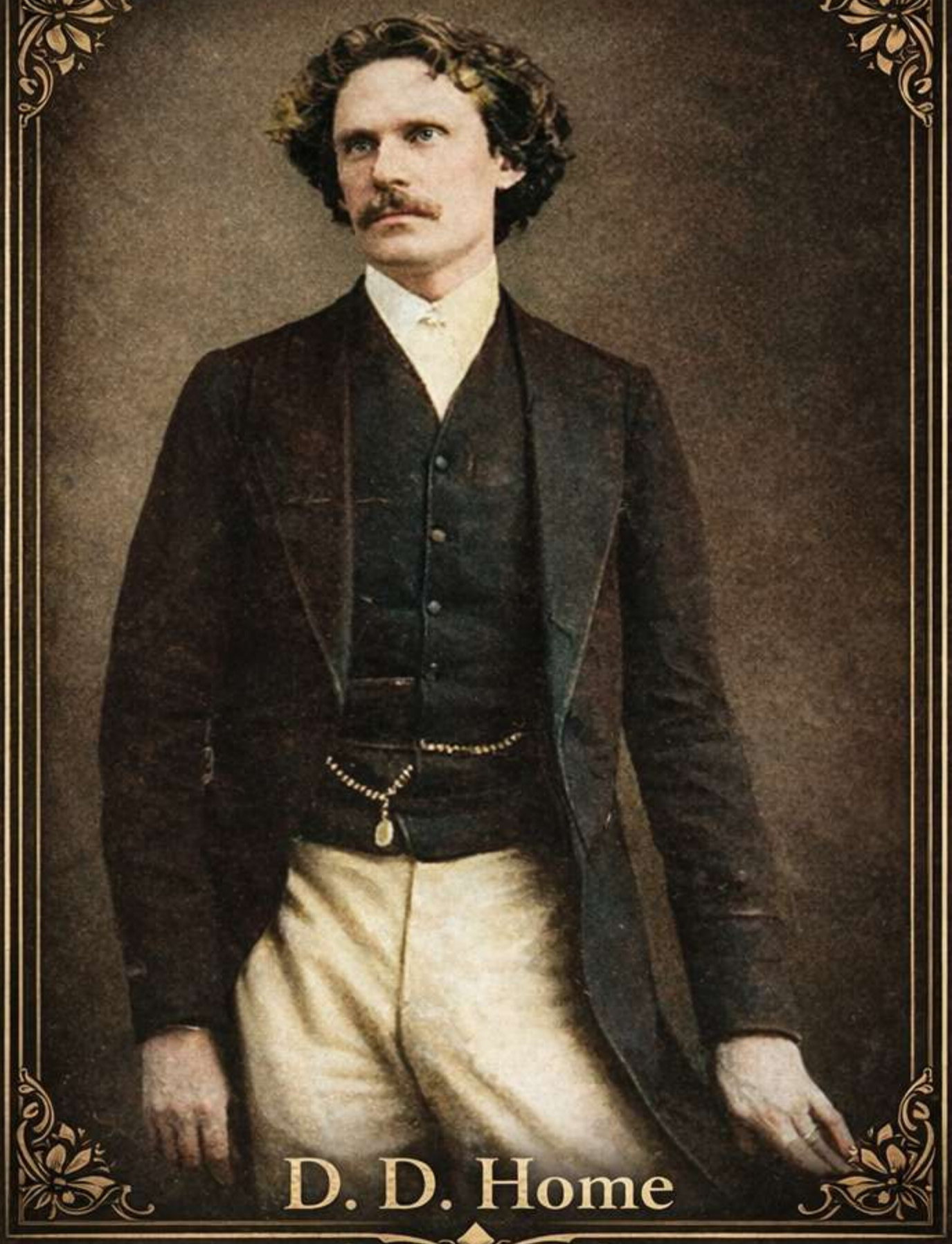
INCIDENTES NA MINHA VIDA



D. D. Home

Tradução: Amadeu António

INCIDENTES NA MINHA VIDA

D. D. HOME

COM UMA INTRODUÇÃO DO JUIZ EDMONDS

SEXTA EDIÇÃO (original de 1863)

A. K. BUTTS & CO., 36 Dey Street, Nova Iorque, 1874

CONTEÚDO

Introdução

CAPÍTULO I

Vida Inicial; Torno-me Médium

CAPÍTULO II

Perante o Mundo

CAPÍTULO III

Manifestações Ulteriores na América

CAPÍTULO IV

Em Inglaterra

CAPÍTULO V

Em Florença, Nápoles, Roma e Paris

CAPÍTULO VI

Na América. A Imprensa

CAPÍTULO VII

1857–8 — França, Itália e Rússia — Casamento

CAPÍTULO VIII

Rússia, Paris e Inglaterra

CAPÍTULO IX

O "Cornhill" e Outras Narrativas

CAPÍTULO X

Preservação Milagrosa. França e Inglaterra

CAPÍTULO XI

Um Diário e Carta

CAPÍTULO XII

In Memoriam

INTRODUÇÃO

À EDIÇÃO AMERICANA

Faz agora cerca de quinze anos que ocorreram, em Rochester, no Estado de Nova Iorque, alguns incidentes de carácter tão invulgar que suscitaram uma atenção muito viva. Esses incidentes consistiam na locomoção de objetos ponderáveis sem qualquer agente mortal percetível, e na produção de sons sem qualquer origem humana identificável; e, por meio desses fenómenos, manifestava-se uma inteligência que permitia manter conversação com o poder invisível que assim atuava de modo tão estranho no seu meio.

Através da conversação assim iniciada, afirmava-se que tais coisas eram realizadas pelos espíritos daqueles que outrora haviam vivido na Terra, e que o objetivo era estabelecer uma comunicação entre os vivos e os mortos.

Tal pretensão foi recebida com uma descrença quase universal — com veemente condenação da impiedade, ou com implacável ridicularização da credulidade que a pudesse aceitar ou professar.

Contudo, o fenómeno prosseguiu, e, impelidas pela curiosidade ou pelo amor do maravilhoso, as pessoas começaram a investigar — e, à medida que a investigação avançava, a crença na origem espiritual dos fenómenos difundiu-se, até que, em pouco tempo, pessoas de todas as classes e posições sociais, e de todas as condições de inteligência e educação, investigavam — e a maioria das que investigavam acreditava.

Inicialmente circunscrito a uma localidade, rapidamente se estendeu a outras partes desse Estado e aos Estados vizinhos. Limitado, ao princípio, a três jovens raparigas como "médiuns" por cujo intermédio tais fenómenos se produziam, o poder manifestou-se em breve através de outras pessoas, de diferentes sexos e idades.

A imprensa periódica da época estava repleta de relatos e discussões acerca dos incidentes e da sua origem. Fundaram-se periódicos dedicados ao tema e publicaram-se numerosos volumes com o mesmo propósito. Todo o assunto foi submetido, tanto quanto aos factos como quanto às suas causas, ao mais severo escrutínio que a engenhosidade e a perspicácia pudessem conceber. Explicações do mistério, que pretendiam ser satisfatórias, apresentadas até sob os auspícios de homens como Sir David Brewster, os Professores Faraday e Agassiz, surgiam com frequência; e a imprensa e o

púlpito pareciam unir-se numa só voz de denúncia contra a monstruosa fraude e ilusão.

Ainda assim, o fenómeno avançou firmemente, até que, antes de terminado o primeiro decénio após o seu aparecimento, os instrumentos através dos quais tais manifestações se produziam contavam-se por milhares neste país, os crentes por milhões, e manifestações análogas surgiam por todo o mundo, aparecendo em diferentes continentes, entre povos de diversas nacionalidades e línguas, simultaneamente, sem qualquer esforço missionário da nossa parte e, aparentemente, sem concertação prévia connosco ou entre si.

Assim, por fim — por meio desta instrumentalidade e pelo testemunho destas multidões de testemunhas — estabeleceu-se neste país o facto maravilhoso da matéria inanimada mover-se sem contacto mortal e de manifestar inteligência; e uma inteligência tão elevada que "fala em muitas línguas" e lê os pensamentos mais íntimos e não expressos do homem.

Entre os primeiros instrumentos utilizados para produzir tal resultado neste país encontrava-se D. D. Home, cuja experiência é relatada nas páginas seguintes. Era de temperamento brando e gentil, sincero e simples de espírito, embora de carácter mais passivo do que afirmativo, com forte inclinação devocional.

Nunca foi muito conhecido neste país como médium. Os seus poderes não eram mais notáveis do que os de muitos outros que então atuavam diariamente, e durante boa parte do período decorrido entre o desenvolvimento das suas faculdades e a sua partida para a Europa, a sua mediunidade esteve confinada a um círculo muito restrito, composto por cavalheiros instruídos e abastados que, por seu intermédio, investigavam profundamente o assunto.

Tal investigação, por homens de ciência, de saber, de inteligência e de posição social, foi ardentemente desejada e repetidamente solicitada pelos mais instruídos entre aqueles que, ao testemunharem os fenómenos, neles encontravam um profundo mistério. Dizia-se frequentemente a essa classe de homens, que costumávamos considerar nossos mestres e guias no conhecimento: "Aqui está algo que não conseguimos sondar. Vinde em nosso auxílio! Eis incidentes cuja origem não encontramos nas leis da natureza que conhecemos, e que nos dizem não serem sobrenaturais, mas conformes à natureza. Vinde descobrir este poder desconhecido e extraordinário que

assim tende a conduzir-nos ao domínio do mágico e do miraculoso! Eis uma inteligência manifestada por matéria inanimada que afirma ser a dos mortos. Vinde em nosso socorro e explicai-nos, se possível, outra teoria que não a espiritual para explicar estes acontecimentos invulgares. Pois, se tal não puder ser feito, e isto for o que afirma ser — uma comunhão com os espíritos dos que partiram — então a importância desta nova fase da vida humana não pode ser exagerada."

A tais apelos, a resposta foi frequentemente favorável, e realizaram-se investigações em diferentes partes do país; as quais resultaram não tanto na descoberta da natureza deste novo poder, mas no estabelecimento, para todos os que se dispusessem a refletir sobre o assunto, da realidade da sua existência e, em certa medida, do que era capaz de realizar.

Logo que este fim foi alcançado neste país, demonstrações desse carácter quase cessaram entre nós, e a comunhão espiritual assumiu uma nova e muitíssimo interessante fase.

Entretanto, a Europa ficava atrás da rapidez do nosso movimento; e, quando começávamos a ler neste Novo Testamento de Deus para o homem, podíamos por vezes ouvir que o seu povo estava apenas a iniciar o seu A, B, C.

Assim, quando Home chegou a Inglaterra, possuindo um poder então bastante comum neste país, mas quase desconhecido ali, atraiu de imediato grande atenção — e ver-se-á nas páginas seguintes quão ampla e sincera foi essa atenção entre as classes superiores, tanto no Continente como em Inglaterra. O mesmo vivo interesse por estes primeiros passos da Comunhão manifestou-se ali como se observara aqui cerca de dez anos antes. Esse interesse ainda ali persiste.

Mencionarei, como exemplo, que há algum tempo recebi uma carta de Home solicitando autorização para me enviar as provas tipográficas do seu próximo livro, a fim de serem publicadas aqui; e quando recebi essas provas, não vieram dele, mas de um amigo, porque fora chamado pelo Imperador dos Franceses e partira para Paris.

A função que o seu livro desempenhará na Europa será algo diferente da que desempenhará entre nós. Ali, será principalmente para estabelecer o facto da comunicação espiritual. Entre nós, temos abundante testemunho sobre esse ponto, não apenas na experiência frequentemente registada do

passado, mas também no grande número de círculos privados agora espalhados por todo o país, onde cada um pode ver e julgar por si mesmo.

Para alguns neste país, essa será também a função do seu livro; mas para muitos será diferente, e o livro encontrará o seu principal interesse no relato simples e claro dos factos, na grande acumulação de testemunhos que os sustentam, e no facto de constituir uma delineação nítida do primeiro de muitos passos dados nos últimos quinze anos.

Esse primeiro passo foi bastante minuciosamente investigado na América, até produzir uma grande revolução na opinião pública quanto à sua realidade.

O passo seguinte — e estamos agora preparados para isso neste país — é obter para os passos subsequentes o mesmo exame minucioso e rigoroso.

É objetivo desta introdução solicitar, para esses passos subsequentes, a investigação mais rigorosa que a ciência, a educação e a perspicácia possam proporcionar. É impossível que uma única mente ou um pequeno número de mentes o faça com sabedoria e eficácia. São necessárias muitas mentes, numerosas observações e a reunião dos resultados de muitas investigações antes que se possa chegar a uma conclusão satisfatória e excluir todas as objeções possíveis. Tal como na astronomia, as descobertas dos últimos cem anos excederam as de qualquer período anterior equivalente, devido ao número muito maior de observadores e aos meios aperfeiçoados de observação. O mesmo pode suceder na comunicação espiritual.

Muitas coisas hoje obscuras poderão tornar-se claras; muitas consideradas impossíveis poderão revelar-se possíveis; e muitas que, para o espírito não instruído, parecem aterradoras poderão tornar-se simultaneamente atraentes e salutares. Tudo o que é necessário é investigação paciente e perseverante.

O meu apelo, porém, ficaria incompleto se eu deixasse de definir com maior precisão quais os temas para os quais solicito escrutínio, e passo, por isso, a mencioná-los.

Primeiro. Se for verdade que os espíritos dos mortos podem comunicar connosco, então deve ser possível que nos revelem qual o estado de existência em que entraram ao morrer, e qual o modo de vida que ali levam. É isso que afirmam fazer, e parece-me que este é o objetivo principal de todo este movimento.

Eu próprio recebi uma grande quantidade de informações sobre este assunto. Parte já a divulguei ao mundo, mas há muito mais que ainda não o fiz. Estou pronto a divulgá-lo assim que encontrar o mundo preparado para o receber — não no meio da febre da riqueza superabundante, com todo o egoísmo, luxo e extravagância que a acompanham, nem no meio das paixões malignas que a guerra civil engendra — mas mais tarde, quando as aflições que Deus nos envia tiverem cumprido a sua missão de suavizar os nossos corações e abri-los à entrada da voz suave que agora nos chega, em tons cada vez mais intensos, de além-túmulo.

Assim como a vida na Terra nunca é exatamente igual em duas pessoas, também a vida no mundo espiritual nunca é igual para dois imortais. Considerai, pois, quantos espíritos devem comunicar connosco e quantos mortais devem participar nessa comunhão antes que se obtenha o suficiente para podermos dizer e sentir que conhecemos a vida além da sepultura.

Tal como na astronomia foram necessárias as observações de muitas pessoas durante vários milhares de anos para que pudéssemos chegar à verdade acerca do nosso sistema planetário, assim esta verdade, muito mais momentosa, deverá chegar-nos do mesmo modo, como resultado de muitas observações realizadas por muitas pessoas.

O que pode um homem, ou mesmo vinte, fazer a este respeito? A pergunta é facilmente respondida. Quão poucos leram ou acreditaram alguma vez no que publiquei acerca do mundo espiritual! Contudo, que o investigador se convença do que este livro de Home ensina, a saber, que existe comunicação direta com os espíritos dos que partiram, e ele próprio poderá fazer as suas indagações e receber respostas diretas, e assim, pela observação pessoal, poderá chegar a acreditar naquilo que tanto lhe custa aceitar por meu intermédio. Outros, e ainda outros, fazendo o mesmo, o resultado seria tal acumulação de testemunhos que haveria tão pouca dúvida sobre este assunto como há agora acerca da existência real da comunicação espiritual.

E quando esse tempo chegar, quando um conhecimento racional do que é realmente a grande mudança — o mortal revestindo-se de imortalidade — substituir o terrível medo da morte que agora tantas vezes afasta o homem da sua lucidez e escraviza a sua mente com um cativeiro pior do que o egípcio, que imaginação poderá pintar o vasto aumento que daí resultará para a felicidade, a sabedoria e a pureza do homem!

Segundo. Outro tema, sobre o qual já foi recebida muita evidência, mas sobre o qual é necessária muito mais para uma compreensão plena, está envolvido na questão de saber de que modo, e até que ponto, somos, na vida mortal, rodeados e influenciados pelos espíritos dos que partiram.

Há abundante evidência de que estamos constantemente rodeados por eles, e muito que nos leva a crer que cada disposição de espírito tem o seu espírito afim; donde pareceria seguir-se que estamos sempre sujeitos a ser influenciados para o bem ou para o mal pelos nossos companheiros invisíveis. Mas muitas questões importantes decorrentes destes factos permanecem ainda sem solução. Por exemplo: até que ponto e em que circunstâncias podem os espíritos que nos acompanham influenciar-nos? E qual é a nossa proteção contra o mal dessa influência? Poderemos nós próprios controlá-la controlando o nosso estado de espírito? E, se necessitarmos de auxílio, poderemos obtê-lo, e como?

Aqui talvez se encontre a solução da tantas vezes disputada questão da eficácia da oração. Aqui, porventura, poderemos aprender que, assim como Deus atua sempre por meio dos seus instrumentos, também o estado de espírito que nos leva a orar pode afastar de nós o mal e atrair para junto de nós os espíritos ministrantes encarregados da função de responder às nossas petições, e que de outro modo talvez não pudessem aproximar-se e fazer por nós aquilo que eles veem, tal como nós vemos, ser-nos necessário.

E aqui também, porventura, poderá encontrar-se a solução de muitas condições mentais que médicos ignorantes tendem a tratar como loucura incurável. Tenho visto um bom número de casos, e eu próprio curei vários, em que se recorrera em vão aos médicos.

Não há muito tempo fui convidado por uma das nossas Sociedades Médicas a assistir à leitura de um trabalho sobre a Loucura apresentado por um médico alemão. Em algumas observações que fiz sobre esse trabalho, aproveitei para chamar a atenção da classe médica para este assunto, e relatei-lhes vários dos casos que eu tinha curado, na esperança de que investigassem por si próprios e verificassem se não haveria algo de relevante nisso. Infelizmente, na publicação das minhas observações, omitiram essa parte, juntamente com uma pergunta que não posso deixar de considerar altamente pertinente: “Não poderá a profissão médica encontrar nestes e em casos análogos algo digno da sua mais cuidadosa investigação?”

E agora, a propósito, posso repetir a pergunta já feita — se o investigador acreditar na comunhão anunciada nestas páginas de Home, e se puder, valendo-se dessa comunhão, aprender a causa e a cura de qualquer número de casos de Loucura, sejam muitos ou poucos, por que não investigar? A simples investigação faz mal? Nunca prejudica senão o erro, e por vezes talvez o primeiro proponente da verdade — mas à própria verdade nunca prejudica.

Terceiro. Outro tema profundamente interessante, sobre o qual já houve alguma revelação e poderá haver mais, é: O que é a alma? E como está ela ligada ao corpo? Que forma ou revestimento assume quando a corrupção se reveste de incorruptibilidade? E quais são os seus poderes relativos antes ou depois da morte?

Neste tema incluem-se os fenómenos do sono e dos sonhos — da clarividência (durante muito tempo objeto de controvérsia, mas hoje aceite como facto, embora envolta em profundo mistério) — das fotografias espirituais — de um telégrafo espiritual, e da filosofia e explicação da comunicação espiritual.

Sobre todos estes assuntos muitos factos e princípios já foram aprendidos, e muitos mais poderão sê-lo. Aprendeu-se o suficiente para nos mostrar que já não precisamos de permanecer na ignorância.

Por exemplo: num Inverno, há quatro ou cinco anos, realizei algumas experiências muito interessantes. Duas sessões realizaram-se ao mesmo tempo (permitindo dez minutos para a diferença de longitude) em Nova Iorque e em Boston. Registos cuidadosos do que ocorreu em ambos os locais foram preservados — e, ao compará-los, verificou-se que os dois grupos, embora separados por duzentas e cinquenta milhas, conversavam entre si como se estivessem frente a frente. O modo de operação foi-me explicado, e muitas elucidações me foram dadas. As experiências continuaram durante várias semanas, mas verificou-se que implicavam perigo, e foram abandonadas. A causa desse perigo foi descoberta, e concluiu-se que, a seu tempo, poderia ser evitada.

Desde essas experiências, não fiz esforços continuados nessa direção, mas vivi muitos incidentes que demonstram a praticabilidade de tal comunhão entre nós mesmo nesta vida terrena.

Outro exemplo encontra-se nas fotografias espirituais, que afirmam ser retratos dos que partiram tal como agora vivem na vida espiritual. Há vários anos recebi do longínquo Oeste — creio que do Illinois — alguns exemplares rudimentares deste fenómeno, e fui informado do que se pretendia e do que se esperava alcançar. Agora surgiu uma forma mais desenvolvida do mesmo em Boston, e foram tiradas muitas fotografias que há toda a razão para crer serem retratos dos que partiram tal como existem atualmente. O tempo e observações repetidas mostrarão como é. E, se vier a tornar-se um facto bem estabelecido, certamente todos perceberão, à primeira vista, quão poderosa é a evidência assim oferecida de uma existência além da sepultura.

Ligado a este assunto está o poder de ver e delinear cenas e objetos na terra espiritual. Recebi muita evidência a este respeito, e tenho na minha coleção alguns espécimes interessantes, todos tendentes a demonstrar a viabilidade e a necessidade de investigação adicional para desenvolver essa faculdade.

Quarto. Referirei ainda um outro tema, e concluirei, que é o poder de predizer acontecimentos futuros.

Tenho na minha biblioteca um livro publicado em Londres em 1707, no qual se relata uma profecia, transmitida através de uma comunicação espiritual semelhante à que agora experimentamos, segundo a qual a família Bourbon seria expulsa do trono de França, sendo dada a razão, a saber, a sua devassidão geral e a perseguição da liberdade de opinião religiosa.

Na última vez que proferi uma conferência aos Espiritualistas em Nova Iorque, o que foi em Maio de 1861, li dois documentos, um dado há cerca de onze anos e o outro há cerca de cinco anos, nos quais a nossa atual guerra civil era anunciada — num dos documentos de modo algo obscuro, até que os acontecimentos o tornaram claro — mas no outro de modo muitíssimo explícito e distinto.

Todos estes exemplos referem-se a acontecimentos públicos, em que as profecias foram publicadas antes de os acontecimentos ocorrerem; mas tive muitos casos sob a minha própria observação em que acontecimentos privados foram verdadeiramente preditos.

Há cinco anos publiquei um folheto sobre este assunto, com o propósito de chamar a atenção para ele. Desde então nada vi que alterasse as minhas opiniões, mas muito, muitíssimo que as confirma, e que me mostra que aqui

existe um poder suscetível de ser compreendido e aperfeiçoado por nós, e de ser tornado útil.

Estes quatro temas são todos aqueles a que considero aconselhável referir-me por agora. Mas não são, de modo algum, todos os que se relacionam com a Comunicação Espiritual e que são de profundo e duradouro interesse, sobre os quais algum conhecimento já foi obtido e mais poderá ser por meio de investigações adequadas.

Segundo o que entendo, é apenas por intermédio da Comunicação Espiritual que esse conhecimento pode ser obtido. Nenhum homem certamente recorrerá a esse meio se não acreditar na sua realidade, ou se o considerar uma fraude ou uma ilusão. E nisto, parece-me, reside o principal valor do livro de Home, e a lição que ele ensina.

Se o livro nada mais fizer do que produzir convicção, em algumas mentes, da realidade da comunhão com os que partiram, já terá algum valor, pois levará consolação a muitos corações que agora sofrem sob o peso da dúvida ou da aflição.

Mas, se for mais longe, e conduzir mentes inteligentes e instruídas à investigação das verdades mais elevadas ligadas a este assunto, então será, de facto, um grande bem.

Pela minha parte, não creio que tenhamos ainda "atingido o fim do conhecimento, quer das obras quer da palavra de Deus".

J. W. EDMONDS
Nova Iorque, 29 de Março de 1863

INCIDENTES NA MINHA VIDA

CAPÍTULO I

VIDA INICIAL: TORNO-ME MÉDIUM

Nasci perto de Edimburgo, em Março de 1833. Quando tinha cerca de um ano, fui adotado por uma tia, e acompanhei-a, bem como ao seu marido, para a América quando tinha cerca de nove anos. Era uma criança muito débil e de temperamento altamente nervoso; tanto que não se pensava que pudesse sobreviver.

Não consigo recordar quando comecei a estar sujeito aos curiosos fenómenos que há tanto tempo me acompanham, mas a minha tia e outros disseram-me que, quando eu era bebé, o meu berço era frequentemente embalado, como se algum espírito guardião cuidasse de mim durante o sono.

A minha tia contou-me também que, quando eu tinha cerca de quatro anos, tive uma visão das circunstâncias que acompanharam a partida deste mundo de uma prima pequena; eu encontrava-me em Portobello, perto de Edimburgo, e ela em Linlithgow; e tudo se revelou inteiramente correto, embora eu tivesse mencionado pessoas como estando presentes junto dela, que se supõe não poderem ali estar, e tivesse notado a ausência do pai dela, que se encontrava no mar, numa altura em que se julgava que deveria estar com ela em casa.

Quando tinha cerca de treze anos, ocorreu a primeira visão de que me lembro distintamente. Devido à minha saúde frágil, não podia participar nas brincadeiras de outros rapazes da minha idade. Alguns meses antes da visão que vou relatar, fizera amizade com um rapaz dois ou três anos mais velho do que eu, e de carácter e constituição algo semelhantes aos meus.

Tínhamos o hábito de ler a Bíblia juntos e, numa ocasião, no mês de Abril, depois de a termos lido no bosque, e enquanto contemplávamos em silêncio as belezas da vegetação primaveril, ele voltou-se para mim e disse: "Oh, li uma história tão estranha!" E contou-me uma história de fantasmas relacionada com a família de Lorde —, que mais tarde verifiquei estar bem documentada. Um retrato da senhora a quem o acontecimento ocorreu ainda existe na família e é conhecido como o da senhora com a fita preta. O atual Lorde —, da mesma família, disse-me que nasceu no quarto onde o espírito apareceu.

O meu amigo Edwin perguntou-me se eu achava que a história podia ser verdadeira, e eu respondi que não sabia, mas que tinha ouvido coisas estranhas desse género. Acordámos então que aquele de nós que primeiro fosse chamado deste mundo apareceria ao outro, três dias depois, se Deus o permitisse. Lemos juntos mais um capítulo da Bíblia e rezámos para que assim fosse.

Cerca de um mês depois, fui com a minha família residir em Troy, no Estado de Nova Iorque, a quase trezentas milhas de Norwich, onde Edwin vivia.

Tinha ido passar a tarde, no final de Junho, a casa de alguns amigos, e nada ocorrera durante a noite que pudesse excitar a minha imaginação ou agitar o meu espírito; pelo contrário, encontrava-me num estado calmo. A família recolhera-se para descansar, e eu fui de imediato para o meu quarto, que estava tão inundado pela luz da lua que tornava desnecessária qualquer vela.

Depois de dizer as minhas orações, estava sentado na cama e prestes a puxar o lençol sobre mim, quando uma súbita escuridão pareceu invadir o quarto. Isto surpreendeu-me, pois não tinha visto qualquer nuvem no céu; e, ao erguer os olhos, vi a lua ainda a brilhar, mas do outro lado da escuridão, que se tornava cada vez mais densa, até que, através dela, pareceu haver um lampejo de luz que não sei descrever, mas semelhante àqueles que eu e muitos outros vimos desde então quando o quarto foi iluminado por uma presença espiritual. Essa luz aumentou, e a minha atenção foi atraída para o fundo da cama, onde estava o meu amigo Edwin. Parecia envolto numa nuvem de claridade, iluminando o seu rosto com uma nitidez mais do que mortal.

As suas feições não tinham mudado, exceto no brilho, e a única diferença que notei foi que o seu cabelo estava comprido e caía em anéis ondulados sobre os ombros. Olhou para mim com um sorriso de doçura inefável; depois, erguendo lentamente o braço direito, apontou para cima e, descrevendo com ele três círculos no ar, a mão começou a desaparecer lentamente, depois o braço e, por fim, todo o corpo se dissolveu. A luz natural do quarto tornou-se então novamente visível. Fiquei sem fala e não conseguia mexer-me, embora conservasse todas as minhas faculdades de raciocínio. Assim que recuperei o poder de me mover, toquei a campainha, e a família, pensando que eu estava doente, veio ao meu quarto; e as minhas

primeiras palavras foram: "Vi o Edwin — morreu há três dias, a esta mesma hora." Isto verificou-se ser perfeitamente exato por uma carta que chegou alguns dias depois, anunciando que, após apenas algumas horas de doença, morrera de disenteria maligna.

A minha mãe foi vidente durante toda a vida. Partiu deste mundo no ano de 1850, aos quarenta e dois anos. Tinha o que na Escócia se conhece por "segunda vista" e, em muitos casos, viu coisas que depois se confirmou terem acontecido à distância, exatamente como as descrevera. Previu também muitos acontecimentos na família, e anunciou a morte de parentes; e, por fim, anunciou a própria, quatro meses antes.

Eu tinha então dezassete anos e vivia em Norwich, Connecticut, e a minha mãe morava em Waterford, perto de New London, a doze milhas de distância. Um dia senti subitamente um forte impulso de que ela queria ver-me, e, por causa dessa impressão, fui a pé todo o caminho. Quando cheguei a casa, senti a impressão de que ela tinha algo de particular a comunicar-me nessa noite. Quando ficámos a sós, voltei-me para ela e disse: "O que tens para me dizer, mãe?"

Ela olhou para mim com intensa surpresa; depois um sorriso passou-lhe pelo rosto, e disse: "Bem, querido, era apenas para te dizer que, daqui a quatro meses, te deixarei." Perguntei, incrédulo, como é que ela sabia, e ela respondeu: "A tua irmãzinha, Mary, veio a mim numa visão, segurando quatro lírios na mão e deixando-os escorregar por entre os dedos, um após outro, até cair o último; então disse: 'E depois virás ter comigo.' Perguntei-lhe se os quatro lírios significavam anos, meses, semanas ou dias, e ela disse-me: 'meses'." Eu estava bastante impressionado com este relato quando a minha mãe acrescentou: "E estarei completamente sozinha quando morrer, e não haverá um parente por perto para me fechar os olhos."

Isto pareceu-me tão improvável, para não dizer impossível, visto que a família era grande e tínhamos muitos parentes, que lhe disse: "Oh, mãe, estou tão contente por me teres dito isso, porque mostra que deve ser uma visão falsa." Ela abanou a cabeça. Mary era uma irmãzinha que nos fora tirada deste mundo em circunstâncias muito dolorosas cerca de quatro anos antes. A minha mãe tinha saído para dar um passeio, deixando a criança em casa; e, ao regressar, tendo de atravessar um ribeiro corrente e estando na ponte sobre ele, viu o que parecia serem roupas soltas a flutuar na água;

apressando-se para a margem para ver o que era, puxou para fora o corpo da sua filha.

A profecia aparentemente impossível cumpriu-se à letra, pois, por uma estranha complicação de circunstâncias, a minha mãe adoeceu entre estranhos; e um telegrama que enviaram no último dia do quarto mês, anunciando a sua grave doença, só nos chegou por volta das onze e meia da manhã. Estando eu próprio acamado, doente, em casa da minha tia, e não podendo ela deixar-me, o telegrama foi reenviado ao meu pai.

Nessa mesma noite, ao crepúsculo, estando sozinho no meu quarto, ouvi junto à cabeceira da cama uma voz que não reconheci, dizendo-me solenemente: "Dan, doze horas." Virei a cabeça e, entre a janela e a minha cama, vi o que parecia ser o busto da minha mãe. Vi-lhe os lábios moverem-se e ouvi de novo as mesmas palavras: "Dan, doze horas." Uma terceira vez repetiu isto e desapareceu da minha vista. Fiquei extremamente agitado e toquei apressadamente a campainha para chamar a minha tia; e, quando ela veio, disse: "Tia, a mãe morreu hoje às doze horas, porque eu a vi e ela disse-mo." Ela respondeu: "Disparate, criança; estás doente e isto é efeito de um cérebro febril." Era, porém, verdade demais, pois o meu pai, ao ir vê-la, constatou que ela morrera às doze horas e sem a presença de um parente que lhe fechasse os olhos.

A minha mãe disse-me também que o seu tio-avô, Colin Urquhart, e o seu tio, o Sr. Mackenzie, eram igualmente videntes e dotados da segunda vista.

Alguns meses depois de a minha mãe ter partido deste mundo, uma noite, ao deitar-me, ouvi três pancadas fortes na cabeceira da minha cama, como se tivessem sido dadas por um martelo. A minha primeira impressão foi que alguém estaria escondido no meu quarto para me assustar. As pancadas repetiram-se e, enquanto ecoavam nos meus ouvidos, surgiu-me pela primeira vez a impressão de que não eram coisa deste mundo. Após alguns momentos de silêncio, ouviram-se de novo e, embora eu passasse uma noite sem dormir, já não senti nem ouvi repetição alguma.

A minha tia era membro da Igreja da Escócia e eu tinha, cerca de dois anos antes, para grande desaprovação dela, passado a ser membro do corpo wesleyano — mas a oposição dela foi tão violenta que os deixei para me juntar aos congregacionalistas. Ao descer para o pequeno-almoço nessa

manhã, ela reparou no meu aspeto abatido e troçou de mim, dizendo que eu teria ficado agitado por causa de algumas das minhas reuniões de oração.

Eu estava prestes a sentar-me à mesa do pequeno-almoço quando os nossos ouvidos foram assaltados por uma verdadeira chuva de pancadas por toda a mesa. Fiquei quase paralisado de terror ao voltar a ouvir tais sons sem causa visível; mas depressa fui trazido de novo à realidade pela exclamação horrorizada da minha tia: "Então trouxeste o diabo para minha casa, foi?" Devo aqui dizer que, então, já se falava das chamadas pancadas de Rochester através da família Fox, mas, tirando ouvi-las mencionar de passagem, eu não lhes tinha prestado atenção; nem sequer sabia o que significavam. A minha tia, pelo contrário, tinha ouvido falar delas por alguns vizinhos e considerava-as obra do Maligno. Na sua ira incontrolável, agarrou numa cadeira e atirou-ma.

Sabendo quão completamente inocente eu era da causa da sua infeliz cólera, senti-me profundamente ferido pela sua violência e, ao mesmo tempo, fortalecido na determinação de descobrir qual poderia ser a causa dessas perturbações durante a nossa refeição matinal.

Havia na aldeia três ministros: um congregacionalista, um batista e o outro wesleyano. À tarde, a minha tia, cuja raiva contra mim a levara por momentos a esquecer os seus preconceitos contra essas persuasões rivais, mandou chamá-los para se aconselhar com eles e para orarem por mim, a fim de eu ficar livre de tais visitações.

O ministro batista, o Sr. Mussey, veio primeiro e, depois de me ter interrogado sobre como é que eu tinha atraído tais coisas sobre mim e de constatar que eu não lhe podia dar explicação, pediu que orássemos juntos para que cessassem. Enquanto assim estávamos em oração, a cada menção dos santos nomes de Deus e de Jesus, ouviam-se leves pancadas na cadeira dele e em diferentes pontos do quarto; e a cada expressão do desejo de que a amorosa misericórdia de Deus se mostrasse a nós e aos nossos semelhantes, ouviam-se pancadas fortes, como se se associassem às nossas fervorosas preces.

Fiquei tão impressionado com isto que, ali mesmo, de joelhos, resolvi entregar-me inteiramente à vontade de Deus e seguir as orientações daquilo que então senti só poder ser bom e verdadeiro; pois, de outro modo, por que motivo teria manifestado alegria precisamente nessas partes da oração? Este foi, de facto, o ponto de viragem da minha vida, e nunca tive motivo para me

arrepender por um só instante dessa determinação, embora durante muitos anos tenha sido chamado a sofrer profundamente ao levá-la a cabo. A minha honra foi posta em causa, o meu orgulho ferido, as minhas primeiras perspetivas destruídas, e fui expulso de casa, aos dezoito anos, embora ainda criança de corpo por causa da fragilidade da minha saúde, sem um amigo e com três crianças mais novas dependentes de mim para sustento.

Quanto aos outros dois clérigos, o congregacionalista recusou entrar no assunto, dizendo que não via razão para um rapaz piedoso ser perseguido por algo que não era responsável por impedir nem por causar; e o metodista foi tão cruel, atribuindo-o ao diabo, que nada de conforto retirei dele.

Apesar das visitas destes ministros e do horror contínuo da minha tia — que apenas aumentava à medida que cada manifestação se desenvolvia — as pancadas continuaram, e o mobiliário começou então a mover-se sem qualquer agente visível. A primeira vez que isto aconteceu eu estava no meu quarto e penteava o cabelo diante do espelho. No espelho vi uma cadeira que estava entre mim e a porta mover-se lentamente na minha direção. A minha primeira sensação foi de medo intenso, e olhei em volta para ver se havia fuga; mas ali estava a cadeira entre mim e a porta, e continuava a avançar enquanto eu a observava. Quando ficou a cerca de um pé de mim, parou; então saltei por cima dela, corri escadas abaixo, agarrei no chapéu no corredor e saí para refletir sobre esse maravilhoso fenómeno.

Depois disso, quando estávamos sentados tranquilamente na sala com a minha tia e o meu tio, a mesa e, por vezes, as cadeiras e outros móveis, moviam-se sozinhos de modo singular, para grande desgosto e surpresa dos meus parentes. Numa ocasião, enquanto a mesa se movia assim por si mesma, a minha tia trouxe a Bíblia da família e, colocando-a em cima da mesa, disse: "Aí está, isto há de expulsar os demónios depressa." Mas, para espanto dela, a mesa moveu-se ainda com mais vivacidade, como se ficasse satisfeita por suportar tal peso. Ao ver isto, ela enfureceu-se e, decidida a fazê-la parar, colocou iradamente todo o seu peso sobre a mesa e foi, de facto, erguida com ela, com o corpo inteiro, do chão.

O meu único consolo nessa altura vinha de outra tia, viúva, que vivia perto e cuja sincera simpatia muito fez para me animar e consolar. Em casa dela, quando a visitava, ocorriam os mesmos fenómenos; e foi ali que começámos, pela primeira vez, a fazer perguntas, às quais recebíamos

respostas inteligentes. O espírito da minha mãe comunicou então, desse modo, o seguinte:

"Daniel, não temas, meu filho. Deus está contigo, e quem será contra ti? Procura fazer o bem: sê verdadeiro e amante da verdade, e prosperarás, meu filho. A tua é uma missão gloriosa — convencerás o incrédulo, curarás os doentes e consolarás os que choram."

Esta foi a primeira comunicação que alguma vez recebi, e chegou na primeira semana destas visitações. Lembro-me bem dela. Nunca a esqueci, nem a poderei esquecer enquanto a razão e a vida durarem. Tenho também razão para a lembrar, porque essa foi a última semana que passei na casa da tia que me adotara; pois ela não conseguia suportar a continuação dos fenómenos, que tanto afligiam as suas convicções religiosas, e sentiu ser seu dever que eu deixasse a sua casa — o que fiz.

Uma das manifestações singulares que ocorreram durante essa primeira semana foi em ligação com a Sra. Force, uma vizinha. Devo mencionar que, por esta altura, os vizinhos já tinham ouvido falar do que estava a acontecer na minha presença e cercavam a casa de tal modo que isso não ajudava a sossegar as suscetibilidades religiosas da minha tia. Estando uma noite em casa da Sra. Force, ouviram-se as pancadas, e foi usado o alfabeto do modo que hoje se tornou familiar a muitos.

O nome da mãe dela foi assim indicado, anunciando a sua presença, e soletraram-se palavras que a repreendiam por há tanto tempo ter esquecido a sua meia-irmã, que se casara cerca de trinta anos antes com um agricultor, o qual se mudara para o longínquo Oeste, e de quem desde então não se tivera notícias. A mãe continuou, por meio do alfabeto e das pancadas, a indicar o nome da localidade onde essa filha, de um primeiro marido, vivia, o número de filhos que tinham, e o nome de cada um. A Sra. Force escreveu para a morada assim fornecida e recebeu uma carta de resposta confirmando todos os pormenores; e a família foi desse modo reunida de novo, e trocaram-se afetos recíprocos. Quando visitei a Sra. Force no ano seguinte, encontrei-a a dizer que tivera um dos sobrinhos recém-encontrados a visitá-la no Outono anterior.

Entro nestes pormenores não para avivar, nem para causar lembranças dolorosas a quem quer que seja, mas apenas para mostrar a história da minha mediunidade e o misterioso agir da Providência ao lançar-me assim perante o

público. Não fosse esta cadeia de circunstâncias, estas verdades poderiam ter permanecido tão desconhecidas como o eram antes.

Embora as manifestações apenas tivessem durado uma semana, tornaram-se conhecidas não só na vila, mas, através dos jornais, começavam a ser públicas em todos os Estados da Nova Inglaterra; e, quando deixei a casa da minha tia, fui para uma vila vizinha, Willimantic, e fui recebido em casa de um amigo. Enquanto estive com ele, estes fenómenos repetiram-se, e os presentes investigaram-nos da forma mais determinada. Encontro o seguinte relato do que ocorreu num jornal de Março de 1851:

"A pedido, a mesa foi movida repetidas vezes, e em qualquer direção que lhe pedíamos. Todo o círculo, incluindo o médium, tinha as mãos espalmadas sobre a mesa, e olhámos várias vezes por baixo da mesa enquanto ela se movia com a maior rapidez, e vimos que nem pernas nem pés tinham qualquer intervenção no movimento. A mesa era grande e pesada, sem rodízios, e o Sr. Hayden não a conseguia mover do mesmo modo, por mais que se esforçasse, com as mãos abertas sobre a mesa. Numa ocasião, a mesa foi também movida sem que as mãos ou os pés do médium lhe tocassem.

A nosso pedido, a mesa foi virada para o nosso colo. A mesa foi movida também enquanto o Sr. Hayden tentava segurá-la para a manter imóvel! O Sr. Hayden agarrou primeiro no tampo e, não conseguindo assim, segurou numa perna e reteve-a com toda a sua força. A mesa não se movia tão livremente como antes. Deslocava-se um pouco para longe do Sr. Hayden e, então, o poder invisível relaxava subitamente o esforço, e ela voltava a saltar para trás devido à força exercida pelo Sr. Hayden."

Eu tinha então dezoito anos, e ao ver este artigo, que me tornava tão público, recuei dessa posição tão exposta com toda a intensidade de um espírito sensível; mas vi-me então definitivamente lançado, sem qualquer vontade própria e, na verdade, muito contra a minha vontade, no mar tempestuoso de uma vida pública. A partir desse momento nunca mais tive um instante que pudesse chamar meu. Na doença ou na saúde, de dia ou de noite, a minha privacidade era invadida por todos quantos vinham, uns por curiosidade e outros por motivos mais elevados.

Homens e mulheres de todas as classes e de todos os países; médicos e homens de ciência; ministros de todas as confissões, e homens de letras e de arte — todos procuraram avidamente provas desta grande e absorvente

questão da possibilidade de causas espirituais atuarem neste mundo da natureza.

Quanto a mim, não tenho desculpa alguma a oferecer pela ocorrência destas manifestações inusitadas no meu caso. Como se viu, vieram-me de modo totalmente não procurado, e com todos os desagradáveis e dolorosos acompanhamentos que descrevi. Não tenho, nem nunca tive, o mínimo poder sobre elas, quer para as provocar, quer para as afastar, quer para as aumentar, quer para as diminuir. Que leis peculiares sejam essas segundo as quais se desenvolveram na minha pessoa, não sei mais do que os outros.

Enquanto ocorrem, não tenho consciência do modo como são produzidas, nem do tipo de manifestação que está prestes a ocorrer. Quaisquer sensações peculiares que eu possa experimentar durante certas manifestações, descrevê-las-ei tanto quanto puder, ao mencionar as visões ou os fenómenos externos. Para além de ser de constituição altamente nervosa, não há nada de particular em mim de que eu tenha conhecimento; mas continuo a ter saúde frágil e creio firmemente que, não fossem estes fenómenos, não teria vivido até hoje. Nesta crença, muitos médicos de grande reputação deram testemunho que a confirma.

Frequentemente, durante as crises mais severas de doença, as minhas dores eram subitamente aliviadas de modo misterioso; e muitas vezes, quando teria sido impossível mover-me na cama, por receio de aumentar uma hemorragia pulmonar, a minha cabeça foi lentamente levantada e a almofada foi virada por mãos invisíveis. Isto foi repetidamente testemunhado por muitas pessoas. Em especial, direi que, por isto ou por qualquer outra razão, não me considero moralmente superior aos outros, nem ninguém deve acreditar que estes fenómenos me acontecem a mim, ou a outros, por causa de qualidades morais ou imorais.

Pelo contrário: com as grandes bênçãos que me foram concedidas e as provas inefáveis que recebi da providência e bondade de Deus para comigo, sinto-me apenas pior do que os outros por ter feito tão pouco progresso no caminho do bem. Tenho de agradecer a Deus muitos amigos bons, não menos do que muitos inimigos amargos, pois mantêm a minha mente em equilíbrio e não me deixam sentir orgulho por aquilo que não é senão, por assim dizer, um acidente da minha organização.

Estas ocorrências extraordinárias têm, com algumas exceções, continuado comigo desde o tempo que indiquei como sendo o seu início, e

ampliaram o seu alcance — para meu espanto não menos do que para o dos outros — da forma mais impressionante. Provaram-me a mim e a milhares de investigadores cuidadosos e capazes a existência de forças espirituais capazes de revolucionar a ignorância corrente, tanto da filosofia como da teologia, tal como os homens as fizeram.

As exceções a que me refiro foram períodos durante os quais o poder me abandonou por completo; por exemplo, de 10 de Fevereiro de 1856 a 10 de Fevereiro de 1857, durante o qual não tive qualquer sinal externo de poder espiritual, embora em várias ocasiões tenha tido visões, uma das quais foi ver o modo como um irmão meu partiu deste mundo. Foi congelado nos Mares Polares enquanto caçava ursos com o capitão e os oficiais do seu navio. Caindo numa fenda do gelo, só foi encontrado na manhã seguinte. Vi tudo isto numa visão no próprio momento em que aconteceu e informei a minha família cinco meses antes de chegar a confirmação da notícia.

Em várias outras ocasiões, o poder cessou por períodos mais curtos e, em geral, foi-me dito com antecedência, tanto o momento da sua cessação como o do seu regresso. Nunca consegui detetar qualquer causa física para essas cessas, nem qualquer diferença no meu estado geral de saúde, embora a razão apontada para a retirada fosse normalmente a saúde. Em várias ocasiões, porém, a razão dada foi que me fora retirado como repreensão por eu ter feito aquilo que sabia ser errado.

CAPÍTULO II

PERANTE O MUNDO

Permaneci em Willimantic pouco tempo e depois fui para Lebanon, a poucas milhas. Aí fui recebido na família de um antigo residente. Depois de estar com eles alguns dias, vi um espírito que se identificou como "Tio Tilden". Perguntei a uma senhora, membro da família, se reconhecia esse nome, mas antes de ela ter tempo de responder, o espírito fez-me sinais de que não desejava que a senhora dissesse o nome e que voltaria noutra ocasião, quando pudesse ter um controlo mais perfeito.

Ao fim de alguns dias voltou, enquanto eu estava em transe, e indicou que certos papéis que a família procurava há anos, e cuja busca já tinham abandonado como desesperada, seriam encontrados numa casa que descreveu como situada perto de Cleveland, no Ohio. Eram as escrituras de

propriedade de algumas terras que se tinham tornado valiosas para construção, e das quais uma senhora tinha direito ao seu terço, mas que, por se terem perdido as escrituras, lhe eram negadas, vivendo ela, por isso, em grandes dificuldades. Descreveu-lhes minuciosamente, através de mim, a parte do sótão e a forma da caixa em que seriam encontradas. Escreveram ao filho dela com esses pormenores; fez-se a busca e as escrituras foram encontradas como descrito.

Na segunda semana da minha estadia em Lebanon, tinha ido passar um ou dois dias com uma família inglesa que residia a cerca de três milhas. Uma tarde, de repente fiquei inconsciente, ou em transe, e, ao despertar, a senhora da casa disse-me que eu tinha estado a falar com um espírito, que me ordenara que fosse imediatamente a casa de um certo Sr. B—. Eu tinha visto dois irmãos desse nome numa noite, uma semana antes, e não se tinham feito nem proposto visitas recíprocas; e eu senti que seria muito embaraçoso ir visitá-los dizendo apenas que fora enviado pelos meus amigos invisíveis. A distância era também de seis milhas desde onde eu estava, e três milhas do caminho teria eu de o fazer a pé. Eu sabia que, ao regressar aos meus amigos em Lebanon, poderia ter o seu transporte; mas, ainda assim, não tinha qualquer inclinação para fazer a visita.

Assim que isto ficou plenamente decidido na minha mente, fui novamente tornado inconsciente e, ao recuperar, disseram-me que eu recebera ordens estritas para partir de imediato, embora não me tivesse sido dado qualquer motivo para tal. Senti então, porém, que a ordem devia ser obedecida, e fui ao meu quarto para me preparar para a viagem. Enquanto ali estava, as minhas faculdades racionais voltaram a impor-se, e pensei que, se era assim enviado, devia pelo menos saber com que fim.

No entanto, voltei a sentir-me impelido por uma força muito superior à minha, e à qual teria sido loucura sequer tentar resistir. Ao sair de casa, isso deixou-me, e caminhei as três milhas até Lebanon, perguntando-me qual poderia ser a razão de tão singular recado. Ao chegar, contei aos meus amigos tudo o que tinha acontecido, e eles também acharam que teria sido tão prudente quanto justo ter apurado por que razão eu fora mandado.

Vendo que concordavam comigo, determinei novamente não prosseguir; mas depressa fui tornado insensível e, ao despertar, vi que a família já tinha mandado selar um cavalo e fui admoestado, com gentileza mas firmeza, pela minha falta de fé e pela minha curiosidade excessiva; pois,

disseram-me, eu devia ter seguido como uma criança segue o seu mestre, ou um pai indulgente.

Antes de sair de casa para concluir a viagem, o sol já se pusera, e nuvens carregadas de chuva cobriam rapidamente o céu. A estrada era solitária e, para o mês de Abril, o tempo estava invulgarmente frio. Eu já aceitara, no meu íntimo, que os meus guardiões me tinham dado uma lição útil, e resolvi que, dali em diante, não procuraria saber quais eram os seus desígnios. Neste estado de espírito cheguei ao que, pela descrição, eu sabia ter de ser a casa do Sr. B——, e, quando me preparava para desmontar, caiu a primeira gota de chuva sobre a minha mão sem luva e, ao contacto, tive a impressão mais vívida de que a mãe do Sr. B—— estava gravemente doente.

Toquei à campainha, e o Sr. B——, tendo-me visto, veio ele próprio abrir a porta. Ao fazê-lo, eu disse: "A sua mãe está doente, e fui enviado para dizer o que a aliviará." A expressão de intensa surpresa dele desafia descrição, enquanto dizia: "Como, em nome do céu, poderia saber da doença dela, se foi há apenas uma hora que ela adoeceu, e nós mandámos noutra direção chamar um médico, mas receio que ele não chegue a tempo de salvar a minha pobre mãe, pois ela parece piorar tão rapidamente."

Ao entrar em casa, fiquei de pé, à espera de ver que impressão poderia receber. Enquanto ali estava, fui subitamente lançado em transe, e o Sr. B—— disse-me que, nesse estado, eu conduzi o caminho até ao quarto da mãe dele e que, depois de fazer algumas passagens com as mãos sobre ela, as dores agudas a abandonaram e, em poucos minutos, ela adormeceu tranquilamente. Ainda em transe, mencionei também remédios simples de ervas para uso imediato, e outros para uso continuado. Depois fui conduzido pelo poder invisível para a sala, e aí voltei ao meu estado normal, muito surpreendido quando me relataram estes factos.

O médico chegou cerca de uma hora depois, para encontrar a doente fora de perigo e, ao examiná-la, disse que, pela natureza e violência do ataque, teria muito provavelmente sido fatal, se não se tivessem tomado imediatamente medidas para aliviar os sintomas. Uma carta escrita poucas semanas depois por o Sr. B—— a um amigo diz que a sua "mãe não tem tido, nos últimos dezoito anos, a saúde de que agora goza; segue implicitamente todas as instruções dadas através de Daniel, e o efeito é mágico."

Fiquei em Lebanon até ao mês de Junho, realizando sessões quase todos os dias, consistindo a minha mediunidade principalmente em visões,

movimentos da mesa e do mobiliário sem que eu lhes tocasse, e nas pancadas através das quais se recebiam mensagens inteligentes. Enquanto ali estava, no início de Junho, todas estas manifestações externas cessaram por completo, e saí de Lebanon por volta de meados de Junho para uma visita ao Sr. G——, em Boonton, Nova Jérsia. Continuava a ter visões frequentes dos amigos espirituais de pessoas que me eram completos estranhos, descrevendo-lhes o aspeto; e os espíritos davam-me os seus nomes e datas da sua partida deste mundo, bem como respostas a outras perguntas de natureza probatória que os seus familiares lhes faziam.

Isto acontecia-me enquanto eu estava num estado anormal ou de transe, no qual eu não tinha consciência do que me rodeava naturalmente, mas em que, segundo me diziam, possuía uma facilidade de expressão muito superior à do meu estado habitual, e pelo qual eu transmitia com prontidão as respostas dos espíritos às perguntas que lhes eram feitas. Eu era, nessa altura, tão extremamente sensível que tocar música sacra me lançava frequentemente num estado de transe, no qual estou sempre em companhia de amigos espirituais, e de um modo tão perfeito e palpável como, no meu estado externo ordinário, estou com os meus amigos deste mundo.

Por estes meios, centenas de pessoas ficaram convencidas da verdade da comunhão espiritual e viram as suas opiniões céticas deixar de ser sustentáveis. Verifiquei então, como ainda verifico, que todo o ceticismo honesto e profundo, em vez de impedir, antes suscita as provas de que tanto necessita; e ateus, deístas e infiéis eram assim muitas vezes levados a crer na Providência e na orientação direta dos espíritos.

Por volta de meados de Julho de 1851, fui a Brooklyn, Nova Iorque, em visita ao Sr. C——. Aqui tive o prazer de conhecer, pela primeira vez, o erudito e bom George Bush, eminente teólogo e professor de Hebraico e de línguas Orientais em Nova Iorque. O Professor Bush estava bem preparado para reconhecer a possibilidade de tais fenómenos, devido ao seu conhecimento dos escritos de Swedenborg, do Mesmerismo, e das experiências espirituais de Jung Stilling e de outros. Era também um homem profundamente erudito, com um espírito mais aberto e infantil do que muitas vezes cabe a quem possui tanto saber do mundo. Fizeram-no, além disso, grandes sacrifícios, ao abdicar das suas perspetivas mundanas na Igreja, ao assumir publicamente a sua crença nas obras de Swedenborg.

O Professor Bush interessou-se profundamente em observar os fenómenos mentais que ocorriam através de mim, embora não houvesse manifestações externas. As comunicações que recebeu eram de tal natureza que não lhe deixaram qualquer dúvida quanto à presença real entre nós daqueles que partiram antes.

Entre outros nomes, disse-me que eu lhe tinha dado o de um antigo colega de escola, que ele esquecera durante muitos anos, e que esse colega se referira a um sonho que o Professor tivera na própria noite em que o rapaz partira deste mundo, embora ele nem sequer soubesse então que o rapaz estava doente. O espírito do rapaz contou então, através de mim, todo o sonho do Professor, que era este: enquanto brincavam juntos, ele viu de repente o seu colega ser-lhe tirado e ouviu a sua voz dizer: "Deixo-te, George, mas não para sempre." Um sonho de quarenta anos antes era assim trazido à sua memória.

O Professor ficou tão fortemente impressionado com isto que me chamou no dia seguinte e desejou que eu residisse com ele com o propósito de estudar para o ministério swedenborgiano. Fui para casa dele com a intenção de o fazer, mas, dentro de quarenta e oito horas, vi, em estado de vigília, o espírito da minha mãe, que me disse: "Meu filho, não deves aceitar esta bondosa oferta, pois a tua missão é mais ampla do que a pregação no púlpito." Ao ver o bom Professor, contei-lhe esta mensagem espiritual. Ele manifestou pesar, mas não surpresa, e assim voltei para junto do meu amigo, o Sr. C——, e permaneci com ele até ao fim de Agosto. Voltei a ver o Professor Bush muitas vezes depois, mantendo-se entre nós o mais cordial convívio. Também aqui, em Nova Iorque, muitos foram convencidos.

Regressei a Lebanon, mas não pude receber estranhos devido à minha saúde muito frágil; e, no mês de Setembro, o meu jovem amigo, filho da Sra. E——, adoeceu, e eu vi o espírito do pai dele, a quem não conhecera em vida, embora o tivesse visto frequentemente e recebido comunicações dele, tanto em transe como em estado de vigília, na minha visita anterior a Lebanon.

Veio ter comigo quando eu estava sozinho no meu quarto e, permanecendo perto de mim, disse: "O Ezra estará comigo dentro de três semanas — vai ter com ele." Eu estava então hospedado em casa de um Sr. F——, a cerca de três milhas do rapaz. Obedeci à mensagem do espírito e fui de imediato, e encontrei Ezra doente. Ele quis que eu ficasse com ele, mas a família pensou que era uma doença passageira e que eu podia prolongar por

mais alguns dias a minha visita ao Sr. F——. Não lhes disse o que tinha visto e, cerca de quatro dias depois, mandaram chamar-me para ir ter com eles, pois Ezra estava pior.

Fui e, com a irmã dele, cuidei dele até à sua partida, que ocorreu no décimo nono dia da sua doença. Tinha cerca de dezoito anos e, alguns meses antes, tornara-se familiarizado com os factos da comunicação espiritual através de mim e ele próprio se tornara um médium parcial, recebendo comunicações ocasionais, principalmente do pai, por meio das pancadas e do alfabeto.

Pouco depois da minha primeira visita durante a doença, quando a irmã dele saiu do quarto por um momento, ele aproveitou para me dizer com perfeita compostura que sabia que não recuperaria, pois o pai lho tinha dito por pancadas na almofada: aquela era a sua última doença. Esta extraordinária serenidade acompanhou-o até ao fim; e eu contei à família, dez dias antes, a minha visão, o que os preparou para a mudança que se aproximava.

Cerca de dois dias antes de nos deixar, o médico pediu-me que lhe desse a notícia, e eu informei-o de que Ezra disso tinha conhecimento há muito tempo. Ele duvidou, por o ver tão sereno, e pedi-lhe que ficasse à porta e ouvisse o que eu diria a Ezra. Fui então para junto da cama e disse-lhe que o médico lhe deixara algumas notícias. Ele respondeu, rindo: "Suponho que é para me dizer que vou partir. Mal imagina ele que eu já decidi quem hão de ser os que me levam." O médico entrou então no quarto e, tomando-lhe a mão, disse: "Meu querido rapaz, se não tivesse ouvido isto, não poderia acreditar. Tens tudo para tornar a vida feliz e, no entanto, estás tão disposto a deixá-la."

Poucas horas depois disto, um diácono da igreja visitou-o, muito contrário a estas coisas, ao ponto até de dizer mentiras e deturpações. Argumentou com o rapaz moribundo, tentando tirar-lhe a feliz crença, mas, felizmente, sem o mínimo sucesso. O rapaz disse-lhe que depositava de bom grado toda a sua esperança nas mãos de um Deus infinitamente sábio, e que sentia que a mudança seria para ele a mais feliz.

Na última noite da sua permanência na Terra, várias pessoas vieram à casa, e uma delas disse-me que vinham para vigiar e ver se ele não recuaria ou se não se acobardaria no fim. Contei isto a Ezra, e ele pediu que os levassem ao seu quarto, onde eu os deixei por algumas horas para descansarem. À uma

e meia da manhã, Ezra mandou chamar-me, e encontrei-os ainda ali, tendo ele falado com eles grande parte do tempo. Falando com a mãe, disse: "Imagina só, querida mãe: lá eu não vou ser coxo." Ele era coxo desde os seis meses de idade.

Pediu-me que olhasse pela janela e que lhe dissesse que tipo de manhã era. Respondi-lhe que havia um luar brilhante, e ele recordou-me uma conversa que tínhamos tido alguns meses antes, em que dissera que gostaria de partir ao luar, enquanto eu dissera que desejaria ir ao pôr do sol. Exprimia o desejo de que ninguém usasse luto por ele. Pediu-me que lhe segurasse a mão e, enquanto lha segurava, o seu rosto assumiu de repente uma expressão beatífica, e ele pronunciou o meu nome como se me chamasse a testemunhar alguma visão feliz que lhe passava diante dos olhos; e a respiração cessou.

Este é um dos muitos leitos de morte felizes a que assisti, e a consolação assim concedida num momento destes é prova suficiente da amorosa sabedoria do nosso Pai Celestial em permitir que tais coisas aconteçam. Alguns poderão surpreender-se por encontrar aqui uma aparente profecia, dada tanto ao rapaz como a mim; mas talvez uma visão mais ampla da perceção espiritual nos ensine que isto é apenas aparente para nós nesta esfera natural e que, para aqueles que têm perceção e discernimento espirituais, provavelmente existia já alguma alteração corporal no organismo dele que tornava claro, para os que se encontravam no estado espiritual, o carácter mortal da doença.

Desde a sua partida, tem estado frequentemente presente comigo, levando-me a escrever mensagens à mãe e à irmã. Por vezes, a minha mão foi aparentemente tomada por ele e usada para escrever o seu próprio autógrafo. Numa carta recebida da irmã dele, datada de 9 de Fevereiro de 1852, ela diz: "O Ezra esteve consigo com toda a certeza quando estava a escrever, porque esse é o autógrafo e a caligrafia dele; a bondade do conselho quase me esmaga quando penso em como os espíritos velam por nós e nos consolam."

O que se segue é um relato, retirado de um jornal, de outras manifestações ocorridas nessa altura:

"Depois de várias comunicações terem sido soletradas, foi feito um pedido para que a mesa fosse movida, a fim de convencer alguns presentes que eram céticos."

Em conformidade, muito em breve se tornaram percetíveis ligeiros movimentos, que depressa se tornaram muito rápidos. Colocou-se uma luz no chão, debaixo da mesa, e outra permaneceu sobre a mesa. Erguemos as mãos de modo a que apenas as pontas dos dedos tocassem.

Levantou-se então uma das extremidades, de maneira que ficou equilibrada sobre as duas pernas opostas, apoiada numa elevação do chão, e nessa posição permaneceu durante algum tempo, marcando o compasso da música ao balançar; e do mesmo modo se responderam a perguntas, considerando-se três movimentos uma afirmação e um uma negação; e, depois de se fazerem numerosas perguntas e se receberem tantas respostas satisfatórias quantas, ouviram-se três pancadas suaves na porta por parte de alguns dos presentes, e perguntou-se se alguém estaria a bater à porta; e imediatamente se fizeram três movimentos nítidos da mesa e, acompanhando-os, ouviram-se mais três pancadas igualmente nítidas na porta.

"Seguiu-se um apelo enfático ao alfabeto, e soletrou-se: 'Espíritos — Porta'; perguntou-se se havia espíritos à porta que quisessem entrar. Três pancadas.

"Sugeriu-se que estavam ali para ajudar a mover a mesa, e seguiu-se de imediato uma resposta afirmativa. Então começaram movimentos maiores e mais decididos — a mesa sendo deslizada livremente pelo chão e levantada alternadamente de um lado e depois do outro várias polegadas; e, numa ocasião, foi levantada quase até um ângulo de quarenta e cinco graus, equilibrada sobre duas pernas laterais, e depois, por movimentos oscilatórios, o tempo foi corretamente mantido ao som de várias canções entoadas pelos presentes.

"Fizeram-se várias tentativas sem sucesso para trazer a mesa ao chão, tentativas essas que foram abandonadas por receio de partir as abas. A pedido, foi cuidadosamente baixada para um lado e, num instante, levantada de novo à sua posição própria. Um dos presentes sentou-se então sobre a mesa, e ela foi movida e levantada de modo a tornar necessário que ele se segurasse; e isto, aparentemente, com a mesma facilidade de antes. De novo, a pedido, foi deslizada enquanto alguém empurrava contra ela em direção oposta com toda a força de que era capaz."

Permaneci em Lebanon até ao fim de Janeiro de 1852; tendo as manifestações físicas regressado espontaneamente em Outubro anterior, e

com maior poder, e com uma nova fase de mãos invisíveis a tocarem-me e a tocarem os outros com quem eu estava sentado. Com frequência éramos tocados por elas e, em algumas ocasiões, uma mão espiritual era colocada dentro das nossas mãos tão palpavelmente como se fosse uma mão viva real, embora invisível para nós. Permanecia quieta nas nossas mãos até tentarmos fechar os dedos sobre ela; e, mesmo então, não se retirava, mas, por assim dizer, desfazia-se, como se se derretesse no nosso aperto.

Fui para Springfield, Massachusetts, como completo desconhecido; mas, tendo ouvido falar de um Sr. Henry Gordon, ali médium, pedi informações e indicaram-me a sua casa. Recebeu-me com muita bondade e disse que ia realizar uma sessão nessa noite, pedindo-me que me juntasse a eles. Assim fiz, mas as influências em conflito impediram que ocorressem manifestações. Os que estavam reunidos tiveram de se retirar cedo, e o Sr. Gordon acompanhou-os, deixando-me com cinco ou seis dos seus amigos que tinham, entretanto, chegado.

Entre estes estavam o Sr. e a Sra. Elmer: ele era crente, mas a Sra. Elmer opunha-se-lhe violentamente. Fui lançado em transe, fizeram-me sentar perto dela e disse-lhe os nomes da mãe, do pai, dos irmãos e das irmãs; depois os dos seus filhos, todos os quais estavam no mundo espiritual; e repeti-lhe as últimas palavras de dois dos seus filhos. Voltando-me para uma senhora mais idosa que estava na sala, fiz o mesmo, e assim sucessivamente com todos os presentes.

O Sr. e a Sra. Elmer tornaram-se depois meus amigos, e em casa deles ocorreram algumas manifestações muito notáveis. Fiquei com eles por algum tempo, e grande interesse foi suscitado pelos relatos dos numerosos testemunhos que vinham ver as manifestações. Aqui o poder era muito forte e, frequentemente, eu tinha sessões seis ou sete vezes por dia, em cada uma das quais estavam presentes tantos quantos cabiam. A casa era cercada por visitantes e, muitas vezes, lá fora, na rua, havia uma multidão de ansiosos investigadores.

As pessoas vinham de longe, até do extremo Oeste e do Sul da América, tendo visto as notícias sobre mim nos jornais do ano anterior. Foi aqui que um dos Professores da Universidade de Harvard veio e, com alguns amigos, fez uma investigação rigorosa dos fenómenos; e, após várias sessões, publicaram a seguinte declaração do resultado da sua investigação:

O PRODÍGIO MODERNO — UM MANIFESTO

Os abaixo-assinados, por um sentido de justiça para com as partes referidas, testemunham muito cordialmente a ocorrência dos seguintes factos, que observámos individualmente em casa de Rufus Elmer, em Springfield, na noite do dia 5 do corrente:

1. A mesa foi movida em todas as direções possíveis, e com grande força, quando não pudemos perceber qualquer causa do movimento.

2. Ela (a mesa) foi impelida contra cada um de nós com tal força que nos moveu das nossas posições — juntamente com as cadeiras em que estávamos sentados — no total, vários pés.

3. O Sr. Wells e o Sr. Edwards seguraram a mesa de tal modo que pudessem exercer a sua força com a maior vantagem, mas verificaram que o poder invisível, exercido em sentido contrário, era inteiramente igual ao máximo dos seus esforços.

4. Em pelo menos duas ocasiões, enquanto as mãos de todos os membros do círculo estavam colocadas sobre o tampo da mesa — e enquanto não era empregue qualquer força visível para a levantar, ou para de outro modo a deslocar da posição — viu-se a mesa erguer-se claramente do chão e flutuar no ar durante vários segundos, como se fosse sustentada por um meio mais denso do que o ar.

5. O Sr. Wells sentou-se na mesa, que foi balançada durante algum tempo com grande violência e, por fim, equilibrou-se sobre duas pernas e permaneceu nessa posição durante cerca de trinta segundos, quando nenhuma outra pessoa estava em contacto com ela.

6. Três pessoas — os Srs. Wells, Bliss e Edwards — colocaram-se sobre a mesa ao mesmo tempo e, enquanto assim estavam sentadas, a mesa foi movida em várias direções.

7. Ocasionalmente, tomámos consciência de um forte choque, que produzia um movimento vibratório do chão da divisão em que estávamos sentados — parecia o movimento ocasionado por trovão distante ou pelo disparo de artilharia longe — fazendo a mesa, as cadeiras e outros objetos inanimados, bem como todos nós, tremer de tal modo que os efeitos eram tanto vistos como sentidos.

8. Em toda a exibição, que foi muito mais variada do que a especificação precedente indicaria, fomos constrangidos a admitir que havia uma manifestação quase constante de alguma inteligência que parecia, pelo menos, independente do círculo.

9. Por fim, observamos que o Sr. D. D. Home instava frequentemente para que segurássemos as suas mãos e os seus pés. Durante estes acontecimentos, a sala estava bem iluminada, a lâmpada era frequentemente colocada sobre e debaixo da mesa, e foi-nos dada toda a oportunidade possível para a mais minuciosa inspeção; e fazemos esta declaração enfática: sabemos que não fomos enganados nem iludidos.

Wm. Bryant,
B. K. Bliss,
Wm. Edwards,
David A. Wells.

O relato seguinte é também dado no "Shekinah" de 1852, acerca de manifestações ocorridas por esta altura, e mostrará o poder que então haviam adquirido:

"No dia 28 de Fevereiro de 1852, estando os abaixo-assinados reunidos na residência do Sr. Rufus Elmer, em Springfield, Mass., com o propósito de realizar experiências críticas nas chamadas manifestações espirituais, ocorreram, entre outras demonstrações notáveis de poder, as seguintes, numa sala completamente iluminada. A mesa, em torno da qual estávamos sentados, foi movida por uma agência invisível e desconhecida com tal força irresistível que ninguém no círculo a conseguia segurar. Dois homens — em lados opostos e agarrando-a ao mesmo tempo, e de modo a terem a maior vantagem possível — não conseguiram, mesmo com o máximo esforço, conter o seu movimento. Apesar do esforço deles, a mesa foi movida de um a três pés.

O Sr. Elmer perguntou se os Espíritos poderiam soltar ou relaxar o aperto do Sr. Henry Foulds; quando, subitamente, e de modo para nós totalmente inexplicável, o Sr. Foulds ficou sentado no chão, a vários pés de distância da mesa, tendo sido movido tão suavemente e, contudo, tão instantaneamente que mal se apercebeu do facto.

Propôs-se testar ainda mais este poder invisível e, em conformidade, cinco homens, cujo peso conjunto era de oitocentas e cinquenta e cinco libras, puseram-se de pé sobre uma mesa (sem rodízios), e a mesa, enquanto os homens assim se encontravam, foi repetidamente movida uma distância de quatro a oito polegadas.

Os abaixo-assinados declaram ainda que não tiveram consciência de exercer qualquer poder da vontade no momento, nem durante qualquer parte da demonstração; pelo contrário, estão certos de que o exercício da vontade é um sério impedimento a tais manifestações.

No final destas experiências, verificou-se, ao levantar uma extremidade da mesa, que o seu peso aumentava ou diminuía conforme o nosso pedido. Suspeitando que a suposta diferença pudesse justamente atribuir-se à fantasia, ou a alguma variação inconsciente no modo de aplicar a força motriz, propôs-se resolver a questão pesando a extremidade da mesa. Na primeira experiência, foi necessária uma força equivalente a dezanove libras para levantar a extremidade da mesa. Isto foi testado de forma justa e para inteira satisfação de todos os presentes.

Pediu-se então aos espíritos que aplicassem o poder invisível. A balança foi agora aplicada precisamente do mesmo modo que antes, e verificou-se que o peso fora subitamente aumentado de seis a doze libras, variando à medida que a força misteriosa aumentava e diminuía, de modo que passou a ser necessária uma força de vinte e cinco a trinta e uma libras para separar as pernas da mesa do chão.

O Sr. Daniel D. Home foi o médium nesta ocasião e é digno de nota que, durante a execução da última experiência, ele estava fora da sala, no segundo andar da casa, enquanto a experiência decorria na sala dos fundos, no rés-do-chão.

Os abaixo-assinados estão prontos e dispostos, se necessário, a jurar a inteira correção da declaração precedente."

O documento original foi assinado por John D. Lord, Rufus Elmer, e nove outros, residentes em Springfield, Mass.

O relato prossegue: "Produzem-se luzes em quartos escuros. Por vezes aparece uma iluminação gradual, suficiente para revelar objetos muito pequenos; e, noutras, uma luz fosforescente e tremeluzente percorre as paredes, e emanações ódicas procedem de corpos humanos, ou atravessam,

como meteoros, o aposento. Estes fenómenos são frequentes e não são explicados por qualquer hipótese material, a não ser, na verdade, que possam ser abrangidos pela generalização popular que atribui tudo a fraude e ilusão humanas. Eu vi estas luzes em toda a sua variedade. Numa ocasião, quando um certo número de amigos estava reunido em minha casa, ocorreu uma iluminação gradual do aposento. Parecia o crepúsculo meia hora depois da aurora. A luz continuou a aumentar durante cerca de quinze minutos e depois diminuiu gradualmente."

"No dia 30 de março, calhou ser um dos membros de uma comitiva reunida na casa do Sr. Elmer, em Springfield, Mass., estando o Sr. Home presente, quando a sala foi escurecida para ver se a iluminação misteriosa ocorreria. Imediatamente, a treva densa começou a dissipar-se e, em poucos minutos, as formas de todas as pessoas na sala tornaram-se distintamente visíveis. Sem revelar o seu propósito a ninguém, a Sra. Elmer solicitou mentalmente que os espíritos restaurassem a escuridão e, quase instantaneamente, a mudança foi percebida por toda a comitiva, e logo todas as formas se perderam na penumbra crescente."

Esta foi a primeira aparição destas luzes espirituais que eu vira na presença de outrem, embora as tivesse visto várias vezes estando sozinho, desde a sua aparição na minha primeira visão de Edwin, como anteriormente descrito. Embora as manifestações físicas tivessem aumentado, e fossem tão contínuas, o poder interno de visão não me abandonara, como se verá pelo que segue, que foi publicado e assinado pelo Sr. S. B. Brittan, de Nova Iorque, a quem ocorreu o facto que ele descreve.

"No inverno passado, enquanto passava alguns dias na casa do Sr. Rufus Elmer, em Springfield, travei conhecimento com o Sr. Home. Uma noite, o Sr. Home, o Sr. e a Sra. Elmer e eu estávamos envolvidos numa conversa geral quando, subitamente e da forma mais inesperada para todos nós, o Sr. Home entrou em transe profundo. Seguiu-se um silêncio momentâneo, quando o médium disse: 'Hannah Brittan está aqui!' Fiquei surpreendido com o anúncio, pois não pensava na pessoa indicada há muitos dias, ou talvez meses, e tínhamo-nos despedido para sempre quando eu era apenas uma criança pequena.

Permaneci em silêncio, mas inquiri mentalmente como poderia ser assegurado da sua presença real. Imediatamente, o Sr. Home começou a exibir sinais da mais profunda angústia. Levantando-se do seu assento,

caminhou de um lado para o outro no aposento, torcendo as mãos e exibindo uma maneira e expressão selvagens e frenéticas. Gemia em espírito, e audivelmente, e frequentemente batia na testa e proferia palavras incoerentes de oração. Dirigiu-se a mim em termos de ternura, e suspirou e proferiu lamentações amargas. De vez em quando, dava voz a expressões como as seguintes:

— 'Oh, que escuridão! Que nuvens lúgubres! Que abismo assustador! Fundo — lá em baixo — muito ao fundo! — Vejo a inundação de fogo! Parem! Esperem! — Salvem-nos do poço! Estou num labirinto terrível! Não vejo saída! Não há luz! Que pavor! — que sombrio! As nuvens rolam sobre mim! A escuridão acentua-se! A minha cabeça está a girar! Onde estou? —'

Durante esta cena excitante, que durou talvez meia hora, permaneci um espectador silencioso; o médium estava inconsciente, e tudo era inexplicável para o Sr. e a Sra. Elmer. As circunstâncias ocorreram cerca de doze anos antes do nascimento do Sr. Home. Nenhuma pessoa em toda aquela região sabia nada da história de Hannah Brittan, ou que tal pessoa alguma vez tivesse existido. Mas para mim a cena era de um significado peculiar e doloroso. Ela fora altamente dotada pela natureza e provida das mais ternas sensibilidades. Enlouqueceu por acreditar na doutrina do castigo eterno; e quando a vi pela última vez, a terrível realidade, tão graficamente retratada na cena que tentei descrever, estava presente, em todos os seus detalhes lúgubres, diante de mim!

Trinta anos mal diminuíram a recordação da cena que foi assim reencenada para me assegurar da presença real do espírito. Esse espírito informou-me, desde então, que a sua vida atual é calma, pacífica e bela, e que o abismo ardente, com toda a sua imagística horrível, existia apenas nas tradições dos homens e nas errâncias inconstantes do seu cérebro perturbado."

Em Springfield, também, houve muitos casos de doentes serem curados. Eu era tão sensível a qualquer pessoa que se aproximasse de mim num estado doente, que não só eu próprio sentia, como descrevia com precisão os seus sintomas e o local e causas da doença. Um caso de que me lembro foi o de uma pessoa que estivera doente durante muitos anos sem causa aparente. Trouxe à sua mente um acidente que lhe ocorrera alguns anos antes e que fui impelido a dizer-lhe ser a causa do seu sofrimento. Quando ele recorreu a um cirurgião e relatou a circunstância, o cirurgião

disse-lhe que eu estivera, sem dúvida, correto ao atribuir a sua doença a esse acidente. O meu próprio sofrimento em simpatia com a doença de outras pessoas era muitas vezes tão grande, e era de facto tão frequente, que fui muitas vezes avisado pelos meus amigos espirituais contra o contacto com pessoas doentes.

Em maio de 1852, fui para Nova Iorque e fui imediatamente recebido por investigadores dos fenómenos, tendo os médiuns aumentado largamente em número, tanto em círculos públicos como privados. Os meus dias e noites estavam totalmente ocupados por investigadores de todas as classes e condições. O seguinte relato do que testemunhou é dado nas palavras do Dr. Hallock, um médico de Nova Iorque:

"Duas comunicações, proferidas através do Sr. Home como médium, foram lidas pelo Secretário. Foram dadas no dia 10 do corrente, na casa do Sr. Partridge. A primeira foi precedida por manifestações físicas, destinadas a identificar o espírito que estava prestes a comunicar. A segunda abrange vários tópicos.

O Sr. Home disse que um homem e uma mulher estavam presentes e desejavam comunicar com o Sr. P.

Diretamente, sons e movimentos foram feitos como os de uma tempestade violenta — o rugido e o assobio do vento, o correr da água e o quebrar das ondas — sons como se um navio estivesse a forçar a sua âncora e a trabalhar num mar pesado, no meio do qual era segurado pelas suas amarras de corrente — as suas juntas a ranger e ele a balançar de um lado para o outro. O quadro de um naufrágio era tão real que me fez percorrer calafrios pelo corpo.

O médium falou de um barco com maquinaria nele e passou pelos movimentos de morrer no meio das águas revoltas e de uma tempestade escura. O Espírito que fazia estas demonstrações para identificar a sua presença é aquele cuja vida se perdeu no naufrágio do vapor *Atlantic*, em novembro de 1849. Ela deu a seguinte comunicação:

— 'Mas, oh! não foi a morte! Espíritos brilhantes pairavam ao redor e levaram-me para o seu lar feliz; mas não seria um lar para nós, se não nos fosse permitido voltar e vigiar os nossos queridos amigos que deixámos para trás.

Para mim, a tempestade passou e foi-se, e com ela foram-se todas as tempestades da vida. Daquela barca que se quebrava, passei para uma que os ventos não podiam fustigar. Estava ancorada no lar dos céus, e o meu espírito estava mais perto de Deus — mais facilmente desenvolvido, e estava no meio de influências mais puras e santas, exatamente o que elas devem ser para o avanço do homem.

A bondade nunca fica sem recompensa; e pela sua, ela deseja expressar a sua profunda obrigação, não meramente agradecimentos, mas um sentido profundo e duradouro disso.

Seja íntegro e bondoso, e isso prepará-lo-á para esferas mais brilhantes.

Seja paciente, como Deus é. Pense na Sua tolerância, durante eras passadas, com a cegueira, a dureza, a perversidade do homem. Se o homem possuísse o Seu poder, teria, na sua impaciência, há muito aniquilado a terra e tudo o que nela habita.

Não pense na sepultura. Para nós, ela passou e está esquecida. Para si, não é mais do que uma entrada para uma existência nova e mais gloriosa.

Frequentemente na noite silenciosa, quando os labores atarefados da vida se calam e a mente está em repouso dos seus cuidados, nós pairamos ao redor e vigiamo-lo, felizes, de facto, por sermos capazes de imprimir então a nossa presença em si.'

A pergunta é frequentemente feita: 'Por que não ocorreram estas manifestações antes? Por que não iluminou Deus eras passadas com estas maravilhosas manifestações da Sua providência?' A razão é óbvia. Quando um pouco de luz foi, de tempos a tempos, lançada cá para baixo, como os raios débeis de uma estrela longínqua através da escuridão da noite, os homens fecharam-na na escuridão! Estiveram envoltos no eu e amortalhados no ceticismo! Pensam que a era dos milagres cessou!

Outra causa pela qual estas coisas não ocorreram em eras passadas foi a perseguição de médiuns — percebeu-se que os homens os torturariam. Isso alarmou os medos supersticiosos da comunidade. Os médiuns eram acusados de serem bruxos e de estarem em conluio com o Diabo! Vejo-os em julgamento, depois levados para o cadafalso e para a fogueira, e oiço sons de passos espirituais a acompanhá-los. O estado mais jovem, mais vigoroso e mais positivo dos seus acusadores, sob o zelo por Deus e pelo bem da sua igreja, fê-los admitir serem o que não eram. A sua condição indefesa e

negativa torna-os uma presa fácil para o poder da vontade dos seus juízes e acusadores. Agora, percebo o desgosto daqueles espíritos que não foram suficientemente desenvolvidos para prever a catástrofe como os espíritos superiores previram. Estão a confortá-los na sua última agonia terrena; e, vendo os tristes resultados da sua tentativa de comunicar através de manifestações físicas, suspenderam o esforço até uma época mais favorável.

Quando se diz aos homens que os espíritos vigiam sobre eles, não é invulgar dizerem: 'Os espíritos deveriam ter ocupações melhores.' A verdade é que muitos homens são tão maus que não querem que as suas mentes sejam inspecionadas; não desejam que se saiba quão grosseiros são.

Um espírito deseja expressar a sua ideia de um inferno. Vejo uma mãe com os seus filhos. Ela está a treiná-los no caminho que ela própria trilhou. Tal como ela foi ignorante e tola, assim são eles. Tal como o caminho dela foi cercado pelas sarças e espinhos que a ignorância e a tolice geram, assim é o deles. Agora, vejo-a deixá-los e passar para o Mundo Espiritual; mas, impelida pela lei eterna e universal da afinidade, ela ainda vigia sobre eles. Oh, as dores do seu espírito, pelo mal que fez, pela miséria que causou! No entanto, ela segue-os através de todas as suas errâncias tortuosas, através da escuridão e através do crime, e não é isso inferno que chegue? Oh, não é isso inferno que chegue!

Novamente a cena muda, e vejo o que causou o pecado da mãe: um homem embriagado apresenta-se — os seus filhos, comparativamente puros e imaculados, procuram companheiros; pois todos devem tê-los; eles escolheriam de bom grado os puros e os bons, mas são os filhos do bêbedo e são escorraçados das portas dos inteligentes e cultivados. Assim, são empurrados de volta para a escuridão e ignorância, para colher da grande lei da associação a felicidade pela qual todo o ser humano anseia. Não podiam procurá-la onde queriam, devem obtê-la onde podem.

Assim, com as mentes amarguradas pela repulsa que encontraram, e as suas paixões mais sombrias estimuladas pelo desejo de vingança pelas injúrias recebidas, caminham penosamente ao longo do seu caminho tortuoso e incerto — a prisão o seu asilo, a forca a sua herança — o guarda e o xerife os seus anjos ministrantes. Pediram à sociedade carne; ela deu-lhes um escorpião — pão; receberam uma pedra. Oh, que os homens pudessem ver a causa do crime! — eles amariam e teriam piedade.

Se uma árvore está crestada de modo que não pode dar fruto saudável, deverão as outras árvores chamar-lhe malvada? Aquilo que é mau não se pode tornar bom, mas o que não está desenvolvido pode progredir para o desenvolvimento. A árvore cuja raiz está podre não pode crescer; mas se tiver sido apenas fustigada, pode. Assim acontece com o espírito — embora possa decorrer muito tempo. O botão, colocado à luz do sol, não floresce num dia — se colocado na escuridão, nem em semanas. Um espírito, depois de ter deixado o corpo, terá de lançar fora toda a perversão que resta. Depois de isso estar feito, a progressão prossegue sem impedimento.

Não sejais sábios na vossa própria presunção. Aquele que se mantém na luz da verdade, acautele-se para não cair através da escuridão da sua própria sabedoria."

O Dr. Hallock relatou algumas descrições pessoais notáveis de espíritos através do Sr. Home, ocorridas na mesma noite. Um espírito foi descrito como tendo sido conhecido aqui pelo nome de 'Elizabeth'. A sua pessoa foi descrita, e os seus traços proeminentes de caráter, bem como a doença de que morreu, com tal precisão, que um cavalheiro presente a reconheceu imediatamente pela descrição. A única imprecisão que ele pôde apontar foi a cor do seu cabelo, que fora descrito como castanho, quando na verdade era antes um loiro-avermelhado claro. Em explicação disso, o Sr. Home disse: 'Quando olho para a testa, que é muito branca (o que era o facto), o cabelo parece-me castanho.'

O cavalheiro (um clérigo) declarou que não estava a pensar nela de todo, e ela foi trazida à sua memória unicamente pela precisão da descrição dada.

O Sr. Home disse então: 'Vejo uma mulher idosa, e o seu nome é Abigail; chamavam-lhe "Tia Abby".' À pergunta 'como era ela?', ele começou por comprimir os lábios e as bochechas de tal forma a indicar uma pessoa que perdera os dentes. Isto trouxe-lhe imediatamente à mente uma senhora idosa com esse nome, chamada por toda a família de 'Tia Abby', que morreu na primavera de 1817, quando ele tinha cerca de onze anos de idade. A aparência assumida pelo médium era a da última impressão deixada na sua mente.

Ela era uma mulher idosa; tinha feições proeminentes, perdera os dentes há muitos anos, estava muito emaciada pela sua última doença e, enquanto o seu corpo jazia nas suas mortalhas, o pensamento da sua mente

jovem, enquanto estava parado a olhar para ele, era precisamente aquela peculiaridade indicada primeiro pelo médium. O seu nariz e queixo quase se tocavam, tão agudo era o ângulo formado pelas suas gengivas atenuadas e lábios encolhidos.

Muitos outros factos foram dados, tendentes a mostrar a identidade dos dois indivíduos em questão. Mas um grande objetivo parecia ser ensinar-nos, ao escolher pessoas em quem não se pensava na altura (no último caso, em quem não se pensava há muitos anos), que não se tratava de uma impressão psicológica das nossas próprias mentes, como alguns supuseram; pois não havia impressão conhecida do género existente na altura, e a memória só foi despertada pela precisão das imagens que o médium apresentara.

Outra descrição igualmente interessante e precisa de um espírito, que disse chamar-se William, foi dada. Antes do anúncio da sua presença e nome pelo Sr. Home, e enquanto este estava ocupado na outra delineação, uma senhora de altos poderes clarividentes, através de cuja mediunidade algumas das mais sublimes lições de verdade e sabedoria têm sido de tempos a tempos comunicadas, tinha escrito e mostrado a um cavalheiro sentado ao seu lado a seguinte frase: 'Estou com a impressão de que o meu pai está aqui e de pé ao meu lado; sinto distintamente a sua presença.' Quando o Sr. Home disse: 'está presente um espírito e o seu nome é William', ele perguntou, como que para satisfazer a sua própria curiosidade: 'Quem é o William?', e depois disse imediatamente: 'Oh, ele diz que a Eliza me conhece.' O nome da senhora era Eliza, e o espírito era o seu pai.

A sua aparência e traços proeminentes de caráter foram delineados com grande precisão." Aqui em Nova Iorque travei conhecimento com o Dr. Gray, um dos médicos mais eminentes de lá, e por quem sempre tive a mais profunda afeição e estima. Ele e a sua gentil esposa deram-me conselhos e ajudaram-me em todos os momentos e sob todas as circunstâncias. Pelo seu caráter e realizações, ele era eminentemente adequado como investigador de fenómenos, exigindo um julgamento calmo e desapaixonado, e o testemunho de tal homem é, em si mesmo, uma resposta suficiente a todas as dúvidas de pessoas irrefletidas.

Tive também o prazer de conhecer o Juiz Edmonds, tão conhecido como um dos juízes do Supremo Tribunal. Ele investigou este assunto da maneira mais minuciosa durante três anos e ficou plenamente convencido, não só

através da mediunidade de outros, mas através da sua própria e da da sua filha, uma senhora bem conhecida pela sua pureza de espírito e natureza fidedigna. Ele era um visitante frequente meu e viu todos os fenómenos que ocorreram na minha presença. Também conheci o falecido Professor Hare, o eminente químico e eletricista, e o Professor Mapes, tão conhecido na química agrícola e pelo seu conhecimento deste assunto. Foi formada uma conferência em Nova Iorque, que se reuniu semanalmente durante muitos anos para a investigação de fenómenos espirituais e, das suas transações registadas, extraio o seguinte:

"Sexta-feira à noite, 18 de junho de 1852.

O Dr. Hallock relatou um caso de manifestações físicas que teve lugar na sexta-feira à noite anterior, na casa do Sr. Partridge, depois de a conferência ter encerrado. O Sr. D. D. Home era o médium, e o círculo consistia no Sr. Partridge, na sua esposa e filha, no Sr. W. Taylor e esposa, no Sr. S. B. Brittan e nele próprio. Na mesa em redor da qual estávamos sentados, havia papéis soltos, um lápis de grafite, duas velas e um copo de água. A mesa foi usada pelos espíritos para responder às nossas perguntas, e a primeira peculiaridade que observámos foi que, por mais violentamente que a mesa fosse movida, tudo o que estava em cima dela mantinha a sua posição.

Quando tínhamos observado devidamente isto, a mesa, que era de mogno e perfeitamente lisa, foi elevada a um ângulo de trinta graus e mantida nessa posição, com tudo permanecendo nela como antes. Foi interessante ver um lápis de grafite manter uma posição de perfeito repouso numa superfície polida inclinada a tal ângulo. Permaneceu como que colado à mesa, e o mesmo se passou com tudo o resto sobre ela.

A mesa foi repetidamente obrigada a retomar a sua posição comum e, depois, novamente a sua inclinação como dantes, como que para fixar em nós a convicção de que o que víamos não era nenhum engano dos sentidos, mas uma verdadeira manifestação de presença espiritual e de poder espiritual. Foi-lhes então solicitado que elevassem a mesa ao mesmo ângulo de antes e que destacassem o lápis, mantendo tudo o resto nas suas posições fixas. Isto foi cumprido. A mesa foi elevada, o lápis rolou para fora e tudo o resto permaneceu. Foi-lhes então pedido que repetissem a experiência, mantendo o lápis e tudo o mais sobre a mesa fixos, exceto o copo de vidro, e que deixassem esse escorregar para fora.

A isto também se anuiu com o mesmo resultado. Todos os artigos mantiveram as suas posições exceto o copo, que escorregou e foi apanhado nas mãos de um dos membros do grupo, ao cair da borda inferior da mesa. Depois, a mesa, após ser restaurada à posição natural, foi movida fortemente para diante e para trás do Sr. Home, e para diante e para trás de diferentes indivíduos no círculo, conforme solicitavam.

Depois de isto ter sido repetido várias vezes, e enquanto um canto da mesa estava inclinado sobre o seu colo, o Sr. Taylor perguntou se os espíritos a levantariam do chão enquanto estivesse naquela posição inclinada. O assentimento foi sinalizado e a mesa, após muito esforço aparente, foi levantada do chão como solicitado. O Dr. Hallock disse que foi levado à conclusão de que o esforço era apenas aparente porque, enquanto a observávamos de perto, com uma luz no chão de modo a ver o mais pequeno movimento, a mesa entretanto, apoiada numa rodízio no chão e num canto da aba no colo do Sr. Taylor, foi levantada talvez cerca de uma polegada, depois de ter sido literalmente tombada pelo círculo, ora sobre um rodízio, ora sobre dois, com a aba apoiada primeiro no colo de uma pessoa e depois no de outra.

Mas quando o pé da mesa foi finalmente levantado, como descrito, ele, para ter a certeza de que não estavam enganados no facto, baixou-se até ao chão para observar mais de perto. Enquanto olhava, o pé da mesa, em vez de ser levantado uma polegada duvidosa, foi lançado para cima, afastado do chão, seis ou oito polegadas, como se todas as tentativas anteriores tivessem sido meros esforços lúdicos. Perguntámos então se podiam mover a mesa com um homem em cima dela. Eles responderam: 'Sim, com dois homens em cima dela.' O Sr. Partridge e eu próprio sentámo-nos então de costas um para o outro em cima da mesa. O nosso peso combinado é de pouco mais de 350 libras; mas, não obstante, a mesa foi movida tão facilmente como quando nada mais do que os castiçais e as outras coisas estavam sobre ela.

Fomos balançados para trás e para a frente, em direção ao Sr. Home e no sentido oposto; a mesa foi inclinada para o lado oposto ao médium e mantida fixa nessa posição, connosco em cima dela — e, finalmente, dissemos por brincadeira: 'quando se cansarem de nos balançar, atirem-nos para fora.' Assim foi feito — a mesa foi inclinada forte e rapidamente para o lado oposto ao Sr. Home, e fomos atirados para o chão."

No final de junho recebi a seguinte carta do Dr. Hull: —

"Newburgh, Orange Co. No Hudson.

Meu caro Senhor, Desejo que me faça uma visita para mim e para alguns amigos íntimos, no seu primeiro lazer ou liberdade de compromissos atuais. Pagarei todas as suas despesas desde o seu local durante a sua estadia aqui e para o seu regresso; e cinco dólares por dia durante dez dias, isto é, cinquenta dólares. Espero sinceramente que me responda prontamente quanto ao tempo em que poderá fazer-me a visita desejada; e se a minha proposta quanto aos termos não for satisfatória, indique quais são os seus termos. Tudo será tornado satisfatório para si. Ao endereçar uma carta para a minha direção — Newburgh, N.Y., ela chegará brevemente às minhas mãos.

Lamentei não o ter visto mais em Nova Iorque, mas espero ter o prazer plenamente compensado aqui. O Sr. Edward Fowler prometeu vir quando me visitar. Muito verdadeiramente seu, &c., A. GERALD HULL. D. D. Home, Esq."

Em resposta a isto, informei-o de que eu não era um médium pago, mas que teria prazer em visitá-lo, como solicitado. Assim fiz e, enquanto estive com ele, manifestações de um caráter muito interessante apareceram a uma família que tinha sido profundamente afligida pela perda dos seus filhos. Eles e o Dr. Hull tomaram um grande interesse no meu bem-estar — e sentindo a importância de eu completar a minha educação, que por motivos de saúde fora muito negligenciada, e de me preservar do desgaste excitante da vida que eu então levava, propuseram-me gentilmente um lar entre eles. Não pude então aceitar a sua oferta, tendo prometido visitar muitos amigos durante o outono, mas no ano seguinte, como se verá, coloquei-me sob a orientação deles.

Em agosto, fui fazer uma visita ao Sr. Cheney, em South Manchester, Connecticut, e foi em sua casa que fui pela primeira vez levantado no ar, uma manifestação que desde então me ocorreu frequentemente, tanto em Inglaterra como em França.

O que se segue é a descrição da noite, nas palavras de um cavalheiro que estava presente.

"No dia 8 do corrente, em companhia de três gentlemen desta cidade, o missivista fez uma visita a Ward Cheney, residente em Manchester, em cuja casa o Sr. Daniel D. Home estava temporariamente hospedado. Formou-se um círculo e as bem conhecidas vibrações na mesa tornaram-se logo fortes e distintas. Um dos meus amigos nunca vira nada do género e, por

conseguinte, olhou para debaixo da mesa para se certificar de que ninguém lhe tocava. Respostas de caráter pessoal, tais como testes de identidade, foram dadas muito livremente. O Sr. Home foi então lançado num estado espiritualmente magnético, manifestando grande rigidez muscular e os fenómenos comuns da condição psicomagnética, incluindo um bloqueio magnético das mandíbulas, no qual era aparente uma dureza dos músculos semelhante ao ferro.

Ele soletrou então (com os olhos estritamente vendados) algumas mensagens notáveis e interessantes para um ou dois membros da comitiva, cuja natureza pessoal impossibilita a sua publicação, mas que foram declaradas pelos interessados como sendo testes perfeitos. Fez isto apontando com uma rapidez quase inacreditável para as diferentes letras de um alfabeto disposto num cartão de sete por nove — e soletrou assim as palavras necessárias.

Um escritor rápido tinha dificuldade em acompanhá-lo e, quando uma palavra ou frase estava parcialmente terminada, uma sugestão de qualquer pessoa da comitiva sobre o que se pretendia soletrar recebia, se correta, resposta através de pancadas ávidas e veementes em várias partes da mesa. Entre outras (todas notáveis), surgiu uma mensagem de dois marinheiros perdidos no mar, parentes de um dos membros da comitiva — um estranho para a maioria dos presentes. Estes espíritos anunciaram-se, de forma algo inesperada, inclinando a sólida e ponderada mesa e balançando-a à maneira de um navio numa tempestade violenta. A acompanhar esta demonstração, surgiu um ranger violento, como o das amarras de um navio numa tempestade no mar — e o ranger das madeiras e mastros, conforme o navio adornava para um lado ou para o outro, foi distintamente ouvido por todos. Seguiram-se os choques regulares e surdos das ondas ao baterem na proa da embarcação condenada.

Durante todo este tempo, a mesa manteve o movimento de balanço. E agora a grande mesa foi virada sobre o soalho! Tudo isto foi feito sem ninguém tocar na mesa, pois um escrutínio próximo e constante era mantido por dois, pelo menos, do nosso grupo. Estes dois marinheiros, cujos nomes e idades foram fornecidos, parece terem perdido as suas vidas pelo virar de uma embarcação, tal como representado, embora este facto, tenho as melhores razões para saber, não pudesse ser previamente conhecido pelo Sr. Home, nem por ninguém da comitiva exceto eu próprio.

As demonstrações aumentaram agora em força e número. Várias melodias foram marcadas pela mesa sem que ninguém lhe tocasse, estando o círculo sentado a pelo menos dois pés de distância dela. O balanço ou movimento da mesa atingia três pés de altura do chão em cada elevação, e o tempo era mantido com uma precisão singular. Uma expressão simultânea de todos os membros do círculo atestou o reconhecimento das diversas melodias conforme eram assim executadas para nossa satisfação.

A mesa foi realmente levantada do chão, sem a aplicação de uma mão ou pé humano! Uma mesa que pesava, segundo julgo, cem libras, foi levantada a um pé do chão, com os pés a não tocarem em nada. Saltei para cima dela e ela subiu novamente! Começou então a balançar, sem, no entanto, permitir que eu escorregasse, embora se inclinasse pelo menos num ângulo de quarenta e cinco graus! Finalmente, uma inclinação quase perpendicular fez-me escorregar, e outro membro da comitiva tentou-o com os mesmos resultados. — Estas coisas aconteceram todas num quarto que estava suficientemente iluminado para permitir que víssemos por baixo, por cima e em volta da mesa, na qual ninguém tocava, exceto as duas pessoas que respetivamente subiram para cima dela para a manter em baixo!

Fomos para um quarto escurecido para ver os clarões de luz espirituais que se diz terem sido concedidos a alguns investigadores. Em vez disso, fomos saudados com pancadas tremendas em todo o nosso redor. Alguns dos golpes nas paredes, no chão e na mesa, a três polegadas de mim, eram assombrosos. Dificilmente conseguiria produzir tais demonstrações violentas com o meu punho, embora batesse com toda a minha força. As próprias paredes tremiam. Respostas a perguntas eram dadas por concussões de força e entonação variadas, de acordo com o caráter dos espíritos que comunicavam.

Uma filhinha predileta de um dos cavalheiros presentes, um estranho vindo de um Estado remoto, que deixara a terra quase na infância, anunciou a sua presença através de uma chuva densa de pancadinhas ávidas e alegres; e em resposta a um pedido interior do seu pai, ela pousou a sua mão de bebé na testa dele! Este era um homem que não acreditava nestas coisas — nunca as vira antes, mas não podia confundir a sensação emocionante daquele toque espiritual. Eu também tive uma manifestação semelhante, em cujo caráter não estou enganado.

Subitamente, e sem qualquer expectativa por parte da comitiva, o Sr. Home foi elevado no ar! Eu estava a segurar a mão dele na altura, e eu e outros sentimos os seus pés — estavam levantados a um pé do soalho! Ele palpitava da cabeça aos pés, aparentemente com as emoções de alegria e medo que lhe sufocavam a fala. Repetidamente ele foi tirado do chão e, à terceira vez, foi levado até ao teto elevado do aposento, com o qual a sua mão e cabeça entraram em contacto suave.

Omiti referir que estas últimas demonstrações foram feitas em resposta a um pedido meu para que os espíritos nos dessem algo que satisfizesse todos os presentes na sala quanto à sua presença. O médium ficou muito espantado e mais alarmado do que qualquer um dos restantes que, posso acrescentar, aceitaram o assunto com calma, embora estivessem intensamente interessados."

Durante estas elevações, ou levitações, não costumo experienciar no meu corpo outras sensações particulares além do que só posso descrever como uma plenitude elétrica em redor dos pés. Não sinto mãos a sustentar-me e, desde a primeira vez, acima descrita, nunca senti medo, embora, se tivesse caído do teto de algumas salas onde fui elevado, não poderia ter escapado a ferimentos graves. Sou geralmente levantado perpendicularmente; os meus braços tornam-se frequentemente rígidos e desenhados acima da minha cabeça, como se estivesse a agarrar o poder invisível que lentamente me eleva do chão.

Por vezes, quando alcanço o teto, os meus pés são colocados ao nível do meu rosto e fico como que numa posição reclinada. Fui frequentemente mantido assim suspenso durante quatro ou cinco minutos, um caso do qual se verá num relato de ocorrências no ano de 1857, num castelo perto de Bordéus. Fui levantado à luz do dia em apenas uma ocasião, e isso foi na América. Fui levantado numa sala em Sloane Street, Londres, com quatro bicos de gás acesos intensamente, com cinco cavalheiros presentes que estão dispostos a testemunhar o que viram, se necessário, para além dos muitos testemunhos que apresentarei mais adiante. Em algumas ocasiões, a rigidez dos meus braços relaxa e fiz com um lápis letras e sinais no teto, alguns dos quais existem agora em Londres.

Durante este outono e inverno, visitei famílias privadas com quem travara conhecimento — e nunca passava um dia sem que ocorressem algumas manifestações. Estas são, na sua maior parte, de natureza privada,

apelando às simpatias de parentes e amigos, e não poderiam ser devidamente dadas ao mundo. São para mim, contudo, como para eles, uma querida reminiscência da orientação amorosa de amigos falecidos, que encontram a sua maior felicidade em assistir e consolar aqueles que permanecem para cumprir a sua peregrinação aqui. Dizem sempre que Deus, na Sua bondade amorosa, permite isto e que, como Ele é um Deus presente em todo o lado e pode suportar as nossas falhas, eles, tendo sido mortais como nós, podem mais facilmente compreender as fraquezas da nossa natureza humana.

Durante o tempo de que já falei como a minha vida pública, encontrei milhares de pessoas, muitas das quais não acreditavam sequer na existência da alma após a morte, e algumas que negavam a existência de um Deus. Entre estes contavam-se até clérigos, que me disseram que, embora tivessem pregado o Evangelho, eles próprios nunca tinham estado plenamente convencidos da existência numa vida posterior. Das cartas de um amigo, um bispo episcopal, extraio o seguinte:

"Tem a agradável garantia de ter sido o instrumento para transmitir alegria e conforto incalculáveis aos corações de muitas pessoas; no caso da dor, mudou todo o aspeto da existência delas e tornou luminosos lugares de habitação que antes eram escuros."

Fui de Hartford para Springfield para passar alguns dias com o Sr. Elmer e, embora nesta altura não realizasse sessões, o poder estava constantemente comigo sob uma forma ou outra, como se verá pelo que se segue.

"Enquanto o Sr. Alderson estava na minha casa, o Sr. Home veio ver-nos, tendo estado ausente muito tempo. — Pouco depois de chegar, foi acometido por uma doença grave, da qual A. tentou alívio banhando-lhe a cabeça. Durante o processo, o Sr. Home entrou na condição espiritual e descreveu o pai e a irmã do Sr. A.; disse os seus nomes e o da sua mãe; e o espírito do pai, ao dirigir-se ao filho, chamou-o corretamente pelo seu nome de batismo, o qual o Sr. Home não tinha meios de saber — nem conhecia os nomes dos pais do Sr. A., que, assegurou-nos ele, eram conhecidos apenas por si próprio, pois não os mencionara deste lado de Baltimore!"

Ao ir para Boston, o meu poder regressou e, com ele, as manifestações mais impressionantes de música, sem qualquer instrumento terreno. À noite, quando estava a dormir, o meu quarto enchia-se, por assim dizer, com sons

de harmonia, e estes tornavam-se gradualmente mais altos, até que pessoas noutras partes da casa os conseguiam ouvir distintamente. Se por acaso eu acordasse, a música cessava instantaneamente.

CAPÍTULO III

POSTERIORES MANIFESTAÇÕES NA AMÉRICA

O ano de 1853 foi passado sob a orientação de três amigos e, durante os meses de verão, residi em Newburgh, no rio Hudson, onde o meu tempo foi passado na conclusão dos meus estudos. Estava no Instituto Teológico, mas apenas como pensionista e de forma alguma incluído nas aulas de teologia. Enquanto aqui estive, tive uma visão extraordinária, que é ainda tão vívida que a recordo em todos os seus detalhes.

O instituto foi construído numa eminência, dominando uma vista de beleza peculiar. Abaixo jazia a cidade; à direita, o rio perdia-se nos seus meandros entre as colinas rochosas que cercam West Point; à esquerda, estendia-se em vastidão e podia ser traçado por uma distância de muitas milhas; atrás, espalhava-se o campo, com as suas pequenas e bonitas casas de quinta pontilhadas aqui e ali.

Sentei-me durante horas, ao serão, a observar as luzes débeis e trémulas, e a tentar pintar na minha imaginação as emoções de vida que devem, de tempos a tempos, ter cruzado aqueles limiares. Ora a fantasia pintava-me uma rapariga jovem, sobre cuja forma o tempo e a preocupação tinham passado apenas como uma brisa de fim de tarde; e um pouco mais longe estava, porventura, uma mãe cujo pequeno estava a sofrer, e cada batida de cujo pulso débil ela contara, com aquela esperança que apenas uma mãe pode conhecer, enquanto reza a Deus para poupar o pequeno ser puro, gentil e amoroso que Ele lhe deu.

Logo a seguir, era alguém curvado pela idade e pelo sofrimento; todos os que amara tinham ido para o seu descanso e ele estava sozinho no mundo. Quadros brilhantes da sua juventude flutuavam diante dele, mas estes apenas aumentavam a sua solidão, pois a luz do passado realçava em contraste mais profundo as sombras do presente.

Estas e semelhantes cadeias de pensamento ocupavam frequentemente as minhas horas ociosas; e, por vezes, estas cenas imaginadas tornavam-se,

por assim dizer, reais, e forneciam um recurso amplo a uma mente naturalmente inclinada a habitar em temas para além do pequeno e estreito círculo da vida quotidiana.

Uma noite, estive a ponderar profundamente sobre essa mudança a que o mundo chama morte, e sobre a eternidade que jaz para além, até que, fatigado, encontrei alívio na oração e depois no sono. A minha última consciência desperta fora a de confiança perfeita em Deus e um sentido de gratidão para com Ele pelo prazer que recebia ao contemplar as belezas da criação material. Pode ter sido que a minha mente fosse levada a isto pelo facto de eu ter observado uma bela estrela enquanto brilhava e cintilava no silêncio profundo da noite.

Fosse como fosse, pareceu-me que, ao fechar os olhos para as coisas terrenas, uma perceção interior se avivou dentro de mim, até que finalmente a razão estava tão ativa como quando estava acordado. Recordo com nitidez vívida de fazer a mim próprio a pergunta se estaria ou não a dormir, quando, para meu espanto, ouvi uma voz que parecia tão natural que o meu coração saltou de alegria ao reconhecê-la como a voz de alguém que, enquanto na terra, era demasiado pura para um mundo como o nosso e que, ao passar para aquele lar mais brilhante, prometera vigiar-me e proteger-me.

E, embora eu soubesse bem que ela o faria, era a primeira vez que ouvia a sua voz com aquela proximidade e tom natural. Ela disse: "Não temas, Daniel, eu estou perto de ti; a visão que estás prestes a ter é a da morte, contudo não morrerás. O teu espírito deve novamente regressar ao corpo em poucas horas. Confia em Deus e nos seus bons anjos: tudo correrá bem." Aqui a voz perdeu-se e senti-me como quem, ao meio-dia, é atingido pela cegueira; tal como ele se agarraria até às últimas memórias da luz do sol, assim eu me teria de bom grado agarrado à existência material — não que sentisse qualquer pavor de partir, nem que duvidasse por um instante das palavras do meu anjo da guarda, mas temia ter sido excessivamente presunçoso ao desejar conhecimento cuja própria memória poderia perturbar a minha vida futura.

Isto foi apenas momentâneo, pois quase instantaneamente vieram precipitar-se com uma rapidez terrível memórias do passado; os meus pensamentos tinham a aparência de realidades e cada ação aparecia como uma eternidade de existência. Durante todo o tempo, estava consciente de uma sensação de entorpecimento e frio que se apoderava do meu corpo, mas

quanto mais inativo o meu sistema nervoso se tornava, mais ativa era a minha mente, até que por fim senti como se tivesse caído da borda de algum precipício pavoroso e, ao cair, tudo se tornou obscuro e o meu corpo inteiro tornou-se uma massa vertiginosa, apenas mantida viva por um sentimento de terror, até que a sensação e o pensamento cessaram simultaneamente e não soube mais nada.

Quanto tempo estivera assim deitado, não sei, mas logo senti que estava prestes a acordar numa obscuridade densíssima; o terror dera agora lugar a um sentimento agradável, acompanhado por uma certeza de que alguém muito amado estava perto de mim, embora invisível: ocorreu-me então que a luz das esferas deve necessariamente ser mais radiante do que a nossa e ponderei se a mudança súbita da escuridão para a luz não poderia revelar-se dolorosa, pois instintivamente compreendi que, para além da obscuridade circundante, jazia um oceano de luz de tom prateado.

Fui neste instante levado a uma consciência de luz ao ver todo o meu sistema nervoso, por assim dizer, composto por milhares de cintilações elétricas que, aqui e ali, como no nervo criado, tomavam a forma de correntes, lançando os seus raios sobre todo o corpo de uma maneira maravilhosíssima; ainda assim, esta era apenas uma luz elétrica fria e, além disso, era externa. Gradualmente, contudo, vi que as extremidades eram menos luminosas e as membranas mais finas que rodeavam o cérebro tornaram-se como que incandescentes, e senti que o pensamento e a ação já não estavam ligados ao invólucro terreno, mas que estavam num corpo espiritual em tudo semelhante ao corpo que eu sabia ter sido meu e que via agora jazendo imóvel diante de mim sobre a cama.

O único elo que mantinha as duas formas unidas parecia ser uma luz de aspeto prateado que procedia do cérebro; e, como se fosse uma resposta aos meus pensamentos anteriores ao despertar, a mesma voz, apenas agora mais musical do que antes, disse: "A morte não é senão um segundo nascimento, correspondendo em tudo ao nascimento natural, e se o elo de união fosse agora cortado, nunca mais poderias entrar no corpo. Como te disse, porém, isto não será assim. Fizeste mal em duvidar, mesmo por um instante, pois essa foi a causa de teres sofrido, e esta própria falta de fé é a fonte de todo o mal na tua terra.

Deus é amor; e ainda assim os Seus filhos duvidam sempre d'Ele. Não disse Ele: 'Batei e abrir-se-vos-á: buscai e achareis'? As Suas palavras devem

ser aceites como foram proferidas. Não cabe aos homens dar qualquer interpretação que possam acreditar, ou desejar acreditar, ao que Deus disse. Fica muito calmo, pois em poucos momentos ver-nos-ás a todos, mas não nos toques; sê guiado por aquele que está designado para ir contigo, pois eu devo permanecer perto do teu corpo."

Parecia-me agora que estava a acordar de um sonho de escuridão para um sentido de luz; mas que luz gloriosa! Nunca o sol terreno derramou tais raios, fortes em beleza, suaves em amor, quentes em brilho vivificante, e tal como a minha última ideia de luz terrena fora o reflexo do meu próprio corpo, assim agora esta luz celestial vinha daqueles que via de pé ao meu redor.

No entanto, a luz não era de criação deles, mas era derramada sobre eles de uma fonte superior e mais pura, que apenas parecia a mais adoravelmente bela na invisibilidade do seu amor e misericórdia sagrados — assim a derramar todas as bênçãos sobre as criaturas da sua criação; e agora eu estava banhado em luz, e ao meu redor estavam aqueles por quem eu sofrera, pois embora soubesse bem que eles existiam e me amavam e cuidavam de mim, a sua presença terrena não era visível. Um que eu nunca conhecera na terra aproximou-se então e disse: 'Viras comigo, Daniel'. Eu só pude responder que era impossível mover-me, na medida em que não conseguia sentir que a minha natureza tivesse um poder sobre o meu novo corpo espiritual. A isto ele respondeu: 'Deseja e realizarás os teus desejos que não são pecaminosos, sendo os desejos como orações à Divindade, e Ele responde a cada oração dos Seus filhos.'

Pela primeira vez, olhei agora para ver o que sustentava o meu corpo e descobri que não era mais do que uma nuvem de tom purpúreo e que, ao desejar seguir em frente com o meu guia, a nuvem aparecia como que perturbada por uma brisa suave e, nos seus movimentos, descobri que era levado para cima até ver a terra, como uma visão, muito, muito abaixo de nós. Logo descobri que nos tínhamos aproximado e estávamos apenas a pairar sobre uma cabana que eu nunca vira; e vi também os ocupantes, mas nunca os encontrara em vida. As paredes da cabana não eram o menor obstáculo à minha visão, eram apenas como se construídas de um corpo denso de ar, contudo perfeitamente transparentes, e o mesmo se poderia dizer de cada artigo de mobília.

Percebi que os ocupantes estavam a dormir e vi os vários espíritos que vigiavam os dormentes. Um destes estava a tentar incutir no seu filho onde encontrar uma relíquia perdida dele que o filho muito prezava, e cuja perda o tinha entristecido grandemente. E vi que o filho acordou e pensou que não era mais do que um sonho vão, e três vezes esta impressão foi repetida pelo espírito; e eu soube que, quando chegasse a manhã, o jovem iria, por curiosidade, onde fora impelido a ir, e que lá encontraria o que procurava.

Num quarto contíguo, vi alguém que era atormentado por sonhos, mas que não eram mais do que a produção de um corpo doente. Estava profundamente interessado em tudo isto quando o meu guia disse: "Temos agora de regressar." Quando me encontrei perto do meu corpo, virei-me para aquela que permanecera perto da minha cama e disse: "Por que devo regressar tão cedo, pois não podem ser mais do que alguns momentos os que estive convosco, e de bom grado veria mais e permaneceria perto de vós mais tempo?" Ela respondeu: "Fazem agora muitas horas que vieste para nós; mas aqui não tomamos conhecimento do tempo e, como estás aqui em espírito, tu também perdeste esse conhecimento; gostaríamos de te ter connosco, mas tal não pode ser no presente.

Regressa à terra, ama os teus semelhantes, ama a verdade e, ao fazê-lo, servirás o Deus de amor infinito, que cuida de todos e ama a todos. Que o Pai das misericórdias te abençoe, Daniel!" Não ouvi mais nada, mas pareci afundar-me como num desmaio, até que a consciência se fundiu num sentimento de que a terra com as suas provações jazia diante de mim — e que eu, tal como todos os seres humanos, devo carregar a minha cruz. E quando abri os olhos para as coisas materiais, descobri que a pequena estrela dera lugar ao sol, que estava acima do horizonte há cerca de quatro horas; totalizando cerca de onze horas a duração desta visão.

Os meus membros estavam tão mortos que decorreu pelo menos meia hora antes de conseguir alcançar a corda da campainha para chamar alguém em meu auxílio, e foi apenas através de fricção contínua que, ao fim de uma hora, tive força suficiente para me permitir ficar de pé.

Limito-me a dar estes factos tal como ocorreram; que outros comentem sobre eles como entenderem. Apenas tenho a acrescentar que nada poderia convencer-me de que isto foi uma ilusão ou um engano; e a recordação daquelas horas está tão fresca na minha mente agora como no momento em que tiveram lugar.

No outono regressei a Nova Iorque com a intenção de iniciar um curso de estudos médicos, mas uma cadeia de circunstâncias adversas pareceu estranhamente ligar-se e impedir-me de levar a cabo a minha intenção. Naquela altura, não conseguia compreender bem por que seria assim; mas, desde então, tive muitas vezes ocasião de agradecer a Deus por ter sido assim ordenado. Os bons amigos que estavam a fazer o que pensavam ser o melhor, ao impedirem outros de ver as manifestações, não levaram em consideração que os fenómenos que tinham sido uma fonte de informação e consolação para eles eram dados por Deus, e que não tínhamos o direito de ocultar a luz de ninguém. Como o que era pretendido para mim só poderia ser concretizado pela minha própria decisão, agi como senti que seria melhor, e assim se provou depois ser.

Antes, contudo, de dar esse passo, tive outra visão de grande nitidez. Estivera com alguns amigos a jantar na casa de um conhecimento mútuo e, ao regressar, era necessário atravessar de Brooklyn para Nova Iorque no barco de passagem. O guarda da porta permitiu que a nossa carruagem entrasse e estávamos a descer o plano inclinado que levava ao barco quando um dos homens agarrou os cavalos pelo freio, dizendo ao cocheiro enquanto o fazia que não havia lugar para nós no barco. Não só era assim, como as correntes já estavam em baixo e o barco estava no ato de partir. Ali estávamos nós num plano inclinado íngreme, com cavalos inquietos e as águas profundas a um pé de distância deles, sendo a única barreira uma corrente não muito forte. A Sra. C- pediu para sair e eu saltei da carruagem e dei-lhe a mão para a ajudar.

Quando a mão dela tocou na minha, com a sensação instantânea de contacto, vi com a mais perfeita nitidez que uma irmãzinha minha partira da terra. Não tinha conhecimento de que a criança estivesse doente e, sendo a sua doença aparentemente ligeira, os meus familiares não tinham achado necessário escrever-me sobre ela. Foi uma transição estranha; ali estava eu no ar frio da noite e ouvia o patinar impaciente dos cavalos nas tábuas de pinho gastas; ouvia as águas enquanto batiam contra as estacas laterais da passagem; sentia uma mão quente de vida na minha, contudo ali, protegendo-a do frio, para além de todo o medo e onde o mal não poderia chegar, vi a minha mãe com uma das três crianças que ela me deixara para cuidar na terra.

A criança estava estreitada contra o seu coração e o seu longo cabelo sedoso jazia espalhado em profusão sobre o ombro da minha mãe. Vi

também a minha irmã espiritual Mary, que parecia ansiosa por suavizar o espanto infantil da sua irmã recém-chegada. Foi apenas por um momento, contudo vi tudo e soube que Deus me dera outro anjo da guarda. No dia seguinte chegaram cartas para anunciar o que eu já sabia desta forma.

Janeiro de 1854 foi o início de provações mais severas, pois eu fora tão deixado entregue a mim próprio, na solidão e no estudo, durante todo o inverno, que a mente e o corpo ficaram igualmente perturbados; escrevi aos meus amigos dizendo que não podia pensar em continuar a vida que então levava; e após muitas cartas terem passado entre nós, fui novamente deixado a sós para decidir quanto ao meu curso futuro. Tinha amigos em Boston que, assim que souberam quais eram as minhas intenções, ofereceram-se generosamente para fazer tudo o que os meus outros amigos tinham estado a fazer, e para me permitir perfeita liberdade de ver quem eu quisesse.

A minha saúde tinha sofrido com a ansiedade nervosa da minha vida solitária e dos meus estudos, e agora os médicos que consultei declararam que o meu pulmão esquerdo estava doente. Os meus amigos espirituais disseram que eles estavam corretos no seu diagnóstico, mas que eu ainda não partiria da terra, pois a minha missão estava incompleta e havia ainda muito para eu fazer.

Fui de Nova Iorque para Hartford, mas não vi estranhos durante algumas semanas. Daqui fui novamente para Springfield, e o Dr. Gardner, de Boston, numa carta datada de 1 de março de 1854, descreve o que viu nesta altura e que, embora em alguns aspetos semelhante ao que já foi descrito, ajudará a mostrar o caráter das manifestações em diferentes períodos da minha vida.

O Dr. Gardner diz: "Sinto-me induzido a oferecer-vos os seguintes factos, que eu, em companhia de várias outras pessoas, testemunhei na casa do Sr. Rufus Elmer, nesta cidade, na noite de 28 de fevereiro de 1854. Nove pessoas, além do Sr. Home, estavam sentadas em redor de uma mesa de cerejeira comum, quando ocorreram os seguintes fenómenos: A mesa iniciou um movimento trémulo e vibratório, ouviram-se sons no chão e na mesa, alguns dos quais eram muito fortes, depois a mesa foi balançada com grande força, depois levantada quase, se não mesmo, dois pés do chão, e foi mantida suspensa no ar com um movimento ondulante, como se flutuasse nas águas agitadas do mar, por um tempo considerável. Isto repetiu-se por várias vezes.

Depois fomos orientados a colocar a sineta de jantar (pesando 1 lb. e 1 oz.) sob a mesa, no chão, onde foi tocada com grande violência muitas vezes; as perguntas eram respondidas pelas pancadas nela e, com ela, cada indivíduo no círculo foi tocado de tal maneira que não poderia haver erro sobre o assunto. Solicitámos então aos espíritos que passassem a sineta do chão para as nossas mãos, o que foi feito a cada indivíduo separadamente; e, novamente a nosso pedido, ela foi tirada das nossas mãos e cuidadosamente depositada no chão.

Mais uma vez, enquanto cantávamos o hino 'Whilst shepherds watch', a sineta foi levantada do chão e tocada em tempo perfeito com a métrica da melodia cantada, após o que outra melodia foi batida pela sineta contra a parte inferior da mesa, assemelhando-se o som ao rufar de baquetas nas mãos de um executante habilidoso num tambor tenor. Isto continuou por vários minutos.

Sei que tudo o acima exposto foi realizado sem agência humana; as mãos de cada pessoa presente durante toda a performance acima descrita estiveram sobre o tampo da mesa, com a sala bem iluminada e à vista de todas as pessoas presentes; e este foi também o caso durante toda a atuação.

Durante todas as várias exibições com a sineta, bem como antes e depois delas, as nossas roupas foram puxadas quase constantemente, dois lenços foram firmemente atados um ao outro enquanto jaziam nos colos dos proprietários, fomos muitas vezes tocados com maior ou menor força, produzindo uma sensação peculiar e indescritível, alguns de nós tiveram os membros agarrados com força considerável e sentiram distintamente a forma da mão espiritual, um toque macio, delicado, elástico, mas poderoso, que não pode ser descrito, mas deve ser sentido para ser apreciado. O leitor terá em mente que as mãos de todas as pessoas presentes estavam à vista, sobre o tampo da mesa.

Durante a noite, as respostas às perguntas feitas foram dadas pela inteligência invisível com o cabo da sineta, tão pesadas que deixaram indentações na mesa, que podem ser vistas por qualquer pessoa que duvide. Muitas outras manifestações foram feitas, mas as acima referidas são suficientes para transmitir alguma ideia do maravilhoso poder invisível ali manifestado; e os muitos belos e sublimes ensinamentos morais ali dados pelos nossos visitantes celestiais, através do médium enquanto em transe,

espero que sejam longamente recordados e tornados uma regra de vida por aqueles que os ouviram."

Segui depois para Boston e, enquanto aqui estive, o poder pareceu aumentar de uma forma que me surpreendeu não menos do que às outras testemunhas. Em várias ocasiões, espíritos foram vistos distintamente por todos os presentes na sala e, mais do que uma vez, beijaram pessoas presentes de modo a serem tanto sentidos como ouvidos. Durante os meses de verão, a minha saúde melhorou gradualmente e pensei uma vez mais que seria agora capaz de prosseguir um curso de estudos que me permitisse obter o meu diploma como médico.

Mas não! Novamente uma série de circunstâncias imprevistas combinou-se para mo impedir. Em setembro, regressei a Springfield, e a carta que aqui insiro foi retirada do "The Republican" e descreve alguns fenómenos testemunhados pelo Sr. F. C. Andrue.

"Na passada segunda-feira, 25 de setembro de 1854, passei depois do chá pela casa do meu amigo, o Sr. Elmer, com o propósito de devolver um livro que pedira emprestado. Inesperadamente, encontrei lá o Sr. D. D. Home, que acabara de chegar de Boston. Após conversarmos uma hora ou duas, tendo o Sr. Elmer de partir no dia seguinte em negócios, propôs um 'círculo' naquela noite. Sentámo-nos, por conseguinte — sendo a família do Sr. Elmer, o Sr. Home e eu as únicas pessoas presentes.

As ocorrências, embora muito extraordinárias, foram semelhantes às já publicadas. Fomos todos tocados por mãos invisíveis, estando a sala bem iluminada com gás, uma sineta grande foi passada para as nossas mãos, etc. Estas coisas não eram novas para mim, nem o são para o público. Vou, portanto, ignorá-las.

Sabendo que 'manifestações' ainda mais extraordinárias ocorriam por vezes ao Sr. Home durante a noite, mencionei que gostaria de testemunhar algumas delas. Eles instaram-me a ficar e a pernoitar, e assim fiz.

Depois de me despir vagarosamente, apagar a luz e retirar-me para a cama, começámos logo a ouvir pancadas ténues, que aumentaram rapidamente em força e número, até que as paredes, o chão e a armação da cama tremeram positivamente com os golpes. Vinham como um aguaceiro. Logo surgiram outros ruídos e depois a cama começou a mover-se pelo chão. Isto parecia uma locomoção algo perigosa. Foi a única coisa que me causou

alguma inquietação. Tendo testemunhado anteriormente tantos prodígios, não fiquei assustado, embora o Sr. Home parecesse estar, agarrando-se a mim com ambas as mãos e implorando com todas as suas forças para que a armação da cama fosse parada.

Eles acederam ao seu pedido, mas apenas para surgir de uma forma mais tangível. Logo comecei a sentir alguém a pisar-me os pés e os tornozelos, por cima das roupas da cama, mas com uma pressão diferente da produzida por qualquer substância dura. Logo a seguir, surgiu uma mão na minha cabeça e testa, tão parecida com carne e sangue como qualquer outra que já senti, apenas algo fria. Comecei a fazer perguntas, com os dedos a dar-me palmadinhas na testa em resposta. Várias mãos, tocando-me ao mesmo tempo, afirmaram ser de parentes meus.

Uma mão forte surgiu, declarada como sendo a do meu avô. Perguntei: como hei de saber que este é o meu avô? A mão moveu-se da minha testa para a minha têmpora, sobre a minha sobrancelha e olho, e depois passou para baixo sobre o meu rosto — os dedos dando-me palmadinhas da maneira mais suave possível. Noutra altura, a meu pedido, mãos deram palmadinhas na minha testa com tal força que o som podia ser ouvido, estou confiante, em qualquer parte da sala.

Desejo, antes de terminar, acrescentar algumas palavras. Às mentes religiosas (que são estranhamente as mais céticas nesta matéria) tenho isto a dizer: Por que processo de raciocínio se podem levar a descrer do meu testemunho do que sei e vi, e a acreditar no testemunho do que João, Pedro ou Paulo viram? Falo com toda a reverência — não duvido do seu testemunho; pelo contrário, acredito nele agora mais do que nunca. Mas não conheço razão alguma (sendo a minha veracidade inquestionável) para que o meu testemunho do que sei e vejo não seja tão bom como o de qualquer outro homem, vivo ou morto. E há milhares que sabem que estas coisas são assim, tão bem como eu.

Aos nossos homens sábios, cujo passatempo é a investigação científica, eu diria: De que serve àqueles que passaram pelo que eu passei ler o livro do Dr. Dodd, a teoria do Dr. Rogers, ou maravilhar-se com as descobertas do Professor Faraday, que apenas provou que, quando empurrava, ele empurrava."

No início de novembro, regressei a Nova Iorque e retomei os meus estudos médicos. Realizava sessões duas ou três vezes por semana, nos meus

próprios aposentos, e tinha o hábito de ir para o meio das classes mais pobres com o propósito de lhes falar desta verdade tão animadora. Sempre os achei os mais cândidos e minuciosos nas suas investigações; e quando estavam realmente convencidos, eram os mais agradecidos a Deus por permitir que tais provas de seres e forças espirituais existissem. Vi muitas pobres mães de coração partido consoladas com o pensamento de que a bela e jovem criança, dada por Deus como uma estrela de esperança para a animar enquanto trabalhava pelo pão de cada dia, mas que definhara e partira para sempre da sua vista, continuava viva e a amá-la, sendo o seu anjo ministrante enviado por Deus.

Lembro-me bem de um pobre homem estar presente uma noite e do espírito de uma menina vir com a seguinte mensagem: "Querido pai, a tua pequena Mary esteve presente na quarta-feira passada e Deus deu-lhe poder para te impedir de fazeres o que desejavas. Se alguma vez fizesses isso, não poderias vir para onde a tua própria Mary e a mãe dela estão. Promete-me que nunca mais pensarás numa coisa tão horrível." Todos ficámos espantados, mas não conseguíamos compreender a que se aludia.

Contudo, era evidente que o pobre pai sabia demasiado bem, pois lançando-se de joelhos, disse, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelas faces: "De facto, é bem verdade que, na quarta-feira passada, decidi cortar a garganta; mas quando peguei na navalha para o fazer, senti que se a minha filha estivesse viva, ter-se-ia afastado de mim com horror, e este mesmo pensamento foi a minha salvação."

As minhas frequentes sessões eram frequentadas por pessoas que me eram apresentadas por amigos, e conheci nesta altura muitas centenas. Uma destas sessões é referida na "Conferência de Nova Iorque" de 26 de dezembro de 1854, e pode servir para dar uma ideia da minha mediunidade nesta época.

"Um cavalheiro presente relatou os factos de um círculo que se reuniu na passada quarta-feira à noite. O Sr. Home era o médium. Quando sentados, a primeira coisa notada foi um movimento ondulante na mesa, que foi seguido pelo seu levantamento inteiramente livre do chão. Isto repetiu-se várias vezes. Uma ou duas vezes foi levantada tão alto como os queixos das pessoas sentadas nela, estando as mãos de todas as pessoas na sala sobre a mesa. Uma guitarra no seu estojo, num canto da sala, foi ouvida a mover-se e, ao examinar, a extremidade apoiada no chão fora movida várias polegadas.

Pancadas fortes foram ouvidas na sua vizinhança enquanto isto acontecia, e uma porta de armário que abria para a sala onde estavam sentados fechou-se com força considerável. O círculo, durante estas ocorrências, permaneceu sentado à mesa e a cerca de seis ou oito pés de onde elas tiveram lugar. O estojo da guitarra foi então aberto e o instrumento colocado sob a mesa. Nesta posição, foi tocado repetidamente, não, por certo, no grau mais elevado da arte, mas com uma habilidade média bastante razoável.

As mãos do grupo durante esta atuação estavam todas sobre a mesa, à vista de todos. Não havia hipótese de truque, estando a sala suficientemente iluminada para que todos vissem a posição exata de cada pessoa e objeto na sala. A guitarra foi então colocada no colo de cada membro do círculo por rotação. Cada um segurou a extremidade apresentada e manteve-a até o instrumento ser removido pela agência invisível. A mesa, as cadeiras em que estavam sentados e o próprio chão da sala foram feitos, cada um por sua vez, exibir um movimento trémulo sensível a todos. A grande cadeira de balanço em que o Sr. Home estava sentado foi a seguir balançada com força.

Depois, por indicação através do alfabeto, todo o grupo de dez pessoas, por rotação, ocupou a mesma cadeira e foi balançado da mesma forma. A aplicação do poder era como se uma pessoa estivesse a segurar a parte superior do encosto da cadeira com uma mão e a outra no seu braço. A aplicação da força nestes pontos podia ser sentida distintamente em cada vibração; e a força necessária para as produzir pode ser apreciada ao afirmar que os pés da pessoa sentada eram mantidos esticados e eram frequentemente levados a bater na parte inferior do tampo da mesa. Cada um foi tocado por sua vez como que por mãos humanas, algumas grandes e outras pequenas.

Uma senhora presente, que fora tocada com o que pretendiam ser as mãos da sua filhinha, perguntou se ela poderia tirar o lenço do seu colo? Muito em breve viu-se que ele se movia lentamente do seu colo e desaparecia debaixo da mesa. Em poucos minutos, pancadas indicando o alfabeto foram ouvidas e recebeu-se esta frase: 'Mãe, agora olha e vê o que fizemos.' Ao olhar, o lenço foi encontrado atado e torcido na forma de uma boneca, não muito simétrica, mas suficientemente parecida para mostrar o desígnio evidente, bem como o engenho e poder de execução. Vários outros factos interessantes ocorreram durante a noite.

O Dr. Hallock disse que estava presente quando os factos há pouco narrados ocorreram. O ponto que ele particularmente desejava ilustrar era o caráter aberto, por assim dizer, destas manifestações. Quando um facto importante é afirmado, acompanhado pela explicação de que ocorreu numa sala escura, isso naturalmente levanta a questão de fraude na mente do ouvinte, que a mais elaborada exposição de pormenores não consegue erradicar. Do princípio ao fim, estas manifestações estiveram livres dessa objeção. Cada pessoa no círculo, incluindo o Sr. Home, estava à vista.

Quando a guitarra foi tocada, via-se que todas as nossas mãos estavam sobre a mesa. Um homem não poderia ter tocado as cordas daquele instrumento nem com a ponta da bota, muito menos com a mão, sem ser detetado. O mesmo se aplica a todos os outros factos da noite. Num caso, após várias tentativas mal sucedidas de reter uma folha de papel sobre a superfície lisa da mesa quando elevada a um ângulo considerável, a mesa com a folha de papel sobre ela foi virada de modo a ficar apoiada na sua borda, estando o tampo vertical e o papel mantendo ainda a sua posição, até que lhe foi permitido cair a pedido de um dos cavalheiros presentes.

A exibição de poder e inteligência manifestada naquela noite foi feita *para* nós, e não *por* nós — se dez pares de olhos, com o restante complemento dos sentidos, devem ser aceites como evidência."

Em janeiro de 1855, o tempo foi mais do que habitualmente frio e severo, e a minha tosse aumentara tanto, com outros sintomas de natureza mais alarmante, que toda a ideia de completar os meus estudos médicos teve de ser inteiramente abandonada. Os médicos que consultei coincidiram todos em dizer que a minha única esperança de ter a vida prolongada era visitar a Europa. Isto foi para mim uma luta difícil, ao ser assim separado daqueles que teriam cuidado de mim com todo o afeto, e ao ser lançado como que um estranho naquilo que era agora para mim uma terra estranha. A minha família já era toda residente na América há algum tempo e eu não conhecia nenhum amigo em toda a Inglaterra.

Não teria dado ouvidos ao conselho dos meus médicos e teria permanecido onde estava para partir da terra; mas os meus amigos espirituais disseram-me que eu devia ir, e os seus conselhos não podiam ser ignorados. Fui, por conseguinte, fazer uma série de visitas de despedida àqueles amigos que tinham sido tão bons para mim; sentindo eles, bem como eu, que em toda a probabilidade seria a última vez que nos encontraríamos

"na carne". Enquanto em Hartford, em março, numa destas visitas, a sessão aqui referida teve lugar.

"As seguintes ocorrências transpiraram nesta cidade na noite de 14 do mês passado: Um pequeno grupo estava sentado com o Sr. D. D. Home, que é provavelmente o mais notável dos médiuns modernos para manifestações espirituais de ordem física ou tangível. Foi insinuado que, se arranjássemos uma toalha de mesa e a colocássemos sobre a mesa, as presenças invisíveis se manifestariam levantando a toalha.

A cobertura foi devidamente providenciada; quando a colocámos sobre a mesa, pusemos o candeeiro em cima dela e recuámos o suficiente para evitar a possibilidade de qualquer pessoa do grupo lhe tocar, a menos que se esticasse para a frente; e o mais pequeno movimento do género por parte de qualquer pessoa presente teria sido instantaneamente detetado. Num momento mais, a toalha de mesa foi claramente levantada, no lado oposto ao médium, e à plena luz do candeeiro.

Apresentava a aparência de algo por baixo dela, pois movia-se debaixo da toalha, indo primeiro para um lado da mesa e depois para o outro. Pouco depois estendeu-se, levantando os lados da toalha, em direção a cada um dos presentes, sucessivamente. Desta maneira a força, ou substância (pois era uma coisa substancial, assemelhando-se a uma mão), estendeu-se e apertou a mão à comitiva. Sentia-se, através da toalha, como uma mão; mas ao retê-la para uma inspeção mais próxima, parecia evaporar-se ou dissolver-se, e perdia-se rapidamente. Na sua natureza e composição assemelhava-se, aparentemente, à mão e braço vistos numa ocasião anterior por um grupo de seis, e descritos num artigo anterior.

Logo depois disto, a coisa (fosse o que fosse) levantou novamente a toalha de mesa, movendo-se aparentemente por toda a mesa e levantando a toalha à medida que se movia. Num momento mais, estendeu-se para a frente e tocou numa das pessoas; depois recuou e novamente se estendeu e tocou noutra. Diferentes partes da pessoa foram assim tocadas; e logo a mão, se era uma mão, deixou a sua proteção da toalha de mesa e começou a tocar no grupo sucessivamente, alguns num lugar e outros noutro. Mas nada podia ser visto! Se solicitada a tocar, por exemplo, no ombro direito, a mão responderia inesperadamente tocando no esquerdo!

Ou se pedissem para tocar na perna, talvez o peito ou a mão de quem pedia fossem tocados — aparentemente com vista a indicar da maneira mais

clara que o poder e a inteligência eram separados da mente do grupo. A agência invisível operando assim tocou o missivista primeiro no joelho e, avançando gradualmente para cima, finalmente pegou-lhe pela mão; mas, embora isto fosse numa luz bastante boa (um pouco abaixo da borda da mesa), nenhuns vestígios da mão que estava palpavelmente a tocar na minha podiam ser vistos.

Uma guitarra, de um tamanho e peso algo invulgares, fora colocada debaixo da mesa, na esperança de obter alguma música dos espíritos. Coloquei também um maço de papel de carta e um lápis sobre o instrumento, para que pudessem, se capazes e assim dispostos, dar-nos uma amostra de escrita sem mãos mortais. (Ambas estas atuações foram testemunhadas em círculos em Nova Iorque e noutros locais.) Assim que estávamos novamente sentados e quietos, a guitarra soou e depois foi tocada, evidentemente por dedos reais, substanciais, pois os toques nas cordas eram fortes e distintos.

Logo o maço de papel foi atirado do instrumento para o chão, a uma distância de cerca de três ou quatro pés, e a música foi novamente produzida, mais forte do que antes. A seguir, a guitarra, grande e pesada como era, foi arrastada do seu lugar e levada para uma porta, a uma distância de cinco pés da mesa, e ali a música recomeçou, mais forte e límpida do que nunca. Tudo isto fora feito enquanto o grupo estava sentado calmamente à mesa.

Nesta conjuntura, a fim de ver a atuação que decorria àquela distância, o missivista inclinou-se para a frente em direção a ela e, ao fazê-lo, extinguiu acidentalmente o candeeiro sobre a mesa; mas como uma boa luz era refletida sobre todos nós a partir de uma lareira de carvões incandescentes diretamente em frente ao grupo, decidiu-se não quebrar o círculo para reacender o candeeiro, e as manifestações continuaram.

Enquanto estávamos assim sentados, a guitarra, à distância de cinco ou seis pés do grupo, foi tocada de forma requintada, e por vários minutos, por algum poder que não o de qualquer pessoa corporalmente presente. O instrumento estava parcialmente na sombra e a mão que percorria as suas cordas não podia ser vista; mas a música era de uma beleza transcendente. Era de um caráter inteiramente novo para aqueles que ouviam, e era mais doce, mais suave e mais harmoniosa do que qualquer coisa que eu alguma vez tenha ouvido.

Partes dela estavam preenchidas com uma certa melodia suave e selvagem que parecia ser o eco de outra música distante, e para cuja doçura requintada não há palavras. Era daquela

"Música que cai mais suave Do que pétalas de rosas sopradas sobre a erva, Ou orvalhos noturnos em águas paradas entre muros De granito sombrio num desfiladeiro reluzente."

De repente mudou, e elevou-se a um 'orbe pleno' de melodia forte e tempestuosa, enchendo a casa com os seus sons. Foi ouvida por uma senhora que residia noutra parte da casa, que inquiriu sobre ela no dia seguinte; provando assim a força e a realidade desta música imortal.

Foi perguntado por um dos membros do círculo: 'Podem tocar em todos os acordes ao mesmo tempo?' Resp. (pelas respostas nas cordas) — 'Sim', e isto foi efetivamente feito.

A guitarra foi então removida para um canto da sala, ainda mais longe; e logo que todos estavam sentados, foi novamente tocada, àquela distância, por algum tempo; depois foi trazida de volta por meios invisíveis e colocada perto da mesa. O Sr. Home comentou que tudo isto transcendia qualquer coisa do género na sua experiência anterior, e propôs 'ver o que eles podiam fazer', levando a guitarra para o canto mais distante da sala. Foi-lhe sugerido por nós que isto seria inútil, pois eles nada poderiam fazer àquela distância de si próprio; mas, ao sentar-se novamente, os espíritos começaram a tocar o instrumento naquele canto mais longínquo! — a uma distância (conforme apurado por medição posterior) de quase onze pés do círculo ou do médium!

Depois a guitarra foi movida do seu lugar pelos espíritos e trazida para o círculo; mas, encontrando uma pesada cadeira de mogno no caminho, o instrumento foi pousado e a cadeira arrastada vários pés para fora do caminho; após o que a guitarra foi levantada e levada em volta de todo o círculo pelos invisíveis, e por fim depositada no canto oposto! Em mais alguns momentos, o missivista viu-a equilibrada no ar, com o tampo para cima, e quase sobre a sua cabeça! Foi feito o comentário: 'Bem, se eu não visse isto eu próprio, não acreditaria no testemunho de outrem' — momento em que o instrumento se estendeu para a frente e deu lúdicas palmadinhas no orador, três vezes no ombro.

Depois foi passado através da mesa (sobre a sua cabeça) em direção ao Sr. Home, em cuja cabeça tocou levemente várias vezes! Estando perto dele

durante esta atuação, observei-o atentamente com a ajuda da luz do fogo. A extremidade inferior do instrumento estava muito perto do meu rosto, enquanto a extremidade oposta estava a ser usada desta forma; de facto, não estava a seis polegadas acima da minha cabeça, e mesmo à minha frente. O contorno indistinto de uma mão humana podia ser visto a agarrar o instrumento mesmo abaixo do seu centro."

"Esticando-me para cima, agarrei o instrumento firmemente com ambas as mãos e segurei-o acima da minha cabeça, solicitando ao mesmo tempo que aquele que estivera a tocar o fizesse agora, se possível. Imediatamente as cordas foram tocadas como que por dedos humanos, embora agora invisíveis, e a guitarra foi tocada tão bem enquanto assim segurada no ar como fora enquanto estava no chão!

O maço de papel anteriormente mencionado foi tirado do chão, levantado lentamente e colocado sobre a mesa, como posso afirmar, sem o auxílio de uma mão humana. Sentado naquela extremidade da mesa onde isto foi feito, pude ver todo este procedimento. O maço de papel foi colocado sobre a borda da mesa, e tão perto da minha mão que lhe tocou. Isto foi feito lenta e deliberadamente e, desta vez, pelo menos, foi-me permitido ver clara e distintamente a mão que o segurava. Era evidentemente uma mão de senhora — muito magra, muito pálida e notavelmente atenuada. A conformação desta mão era peculiar.

Os dedos eram de um comprimento quase sobrenatural e pareciam estar muito afastados entre si. A palidez extrema de toda a mão era também notável. Mas talvez o aspeto mais digno de nota fosse o formato dos dedos que, além do comprimento e da magreza, eram invulgarmente pontiagudos nas extremidades; afunilavam rápida e uniformemente em direção às pontas.* A mão também estreitava desde os nós dos dedos inferiores até ao pulso, onde terminava. Tudo isto pôde ser visto pela luz que havia na sala, enquanto a mão esteve, por alguns momentos, a segurar o papel sobre a borda da mesa. Subitamente, desapareceu e, num momento, o lápis foi lançado de algum lado e caiu sobre a mesa, onde a mão reapareceu, pegou nele e começou a escrever. Isto foi à vista de todos, estando apenas sombreado por um dos membros do círculo que estava sentado entre o papel sobre a mesa e a lareira.

***** O autor viu, posteriormente, um daguerreótipo tirado de um retrato da senhora cujo nome foi escrito como acima descrito, e cuja doença fora o tísico (consumpção). O retrato fora tirado pouco antes da sua morte, e as mãos e dedos no daguerreótipo, embora algo indistintos, guardam uma semelhança estreitíssima e notável com a mão descrita acima.

As mãos de cada um dos presentes estavam sobre a mesa, em plena vista, de modo que não poderia ter sido nenhum dos membros do grupo a escrever desta forma. Sendo o que estava mais próximo da mão, curvei-me para perto dela enquanto escrevia, para a ver na totalidade. Não se estendia para além do pulso. Com um sentimento de curiosidade natural dadas as circunstâncias, aproximei o meu rosto dela na tentativa de ver exatamente o que era e, ao fazê-lo, provavelmente destruí a influência elétrica ou magnética pela qual ela operava; pois o lápis caiu e a mão desapareceu.

A escrita foi examinada posteriormente e provou ser o nome, na sua própria caligrafia, de uma parente e amiga íntima de um dos membros do círculo, que falecera há alguns anos. Outras marcas foram também feitas, e a palavra 'Querido' (*Dear*) fora escrita no preciso momento em que o lápis caiu. Esta escrita foi preservada e permanece como uma evidência da realidade do facto. Que não foi produzida por nenhuma mão de qualquer pessoa corporalmente presente naquela sala, eu sei e afirmo.

A mão veio depois apertar a mão de cada um dos presentes. Senti-a minuciosamente. Era toleravelmente bem e simetricamente feita, embora não perfeita; e era macia e ligeiramente quente. Terminava no **PULSO**."

CAPÍTULO IV

NA INGLATERRA

No dia 31 de março de 1855, zarparei de Boston para a Inglaterra no '*Africa*', sendo o falecido Capitão Harrison o capitão do navio. No nono dia da nossa viagem, aproximámo-nos da Inglaterra e o canhão de sinalização foi disparado. Nunca poderei esquecer os meus sentimentos ao olhar ao meu redor e ver apenas alegria radiante nos rostos dos meus companheiros de viagem; alguns estavam prestes a chegar ao seu lar, e o pensamento de amigos gentis à espera para os acolher trazia o sorriso de alegria aos seus semblantes. Outros eram viajantes que viam o Velho Mundo, com todos os seus tesouros de arte, estendido diante deles, e a monotonia de uma viagem marítima tão perto do seu término.

Eu estava ali sozinho, sem um único amigo para me acolher, com a saúde debilitada, e as minhas esperanças e os mais belos sonhos de juventude, todos, assim pensava eu, desvanecidos para sempre. A única perspetiva que tinha era a de alguns meses de sofrimento e, depois, partir da terra. Tinha também este estranho poder, que fazia com que alguns olhassem para mim com piedade, como um pobre ser iludido, enviado apenas pelo demónio para atrair almas para a destruição, enquanto outros não se coibiam de me tratar como um vil impostor.

Ali estava eu, no convés do navio, entre a multidão de passageiros, e uma sensação de solidão absoluta apoderou-se de mim, até o meu próprio coração parecer pesado demais para eu conseguir suportar. Procurei a minha cabina e rezei a Deus para que me concedesse um raio de esperança para me animar. Em poucos momentos, senti uma sensação de alegria percorrer-me e, quando me levantei, estava tão feliz como o mais feliz daquela multidão.

Cheguei ao Cox's Hotel, em Jermyn Street, na noite de 9 de abril; e assim que o Sr. Cox soube quem eu era, acolheu-me mais como um pai acolheria um filho do que como um estranho que nunca vira e, desde essa altura até hoje, tem sido para mim o amigo mais sincero e generoso. Depressa se soube que eu estava na Inglaterra e, em menos de um mês, tinha mais compromissos do que os que conseguia cumprir. Enquanto estava no Cox's Hotel, Lord Brougham expressou o desejo de me ver com o propósito de investigar os fenómenos e, como os serões de sua senhoria estavam totalmente ocupados, marquei para o início de uma tarde.

Consequentemente, sua senhoria veio acompanhado por Sir David Brewster, com quem e com o Sr. Cox tive uma sessão que, pouco depois, em consequência das deturpações e evasivas de Sir David Brewster, se tornou de considerável interesse público, na medida em que serviu de meio para uma discussão geral nos jornais sobre o tema dos fenómenos espirituais. Há poucos assuntos em que Sir David Brewster tenha surgido perante o público que lhe tenham trazido mais vergonha do que a sua conduta e afirmações nesta ocasião, na qual manifestou não só um desprezo pela verdade, mas também uma deslealdade para com a observação científica e para com o uso da sua própria visão e faculdades naturais. Para que Lord Brougham não fosse compelido a desmentir as declarações de Sir David, ele achou necessário manter-se em silêncio, e tenho alguma razão para me queixar de que sua senhoria preferiu sacrificar-me ao seu desejo de não imolar o amigo, uma vez que o seu silêncio foi por muitos mal interpretado em meu desfavor.

A correspondência que se seguiu foi tão interessante e característica e é, além disso, tão útil por ser a primeira grande ocasião em que um dos pretensos magnates da ciência se apresentou sobre o tema destes fenómenos, que julguei por bem dar a substância da mesma, com algumas observações pertinentes sobre a conduta de Sir David Brewster, num Apêndice. Será um meio pelo qual o seu caráter poderá ser melhor conhecido, não apenas pela sua lida pouco fidedigna com este assunto, mas também no seu próprio domínio da ciência, no qual se verá que a mesma infidelidade à verdade é a característica da sua mente.

O efeito imediato, contudo, desta ventilação do assunto foi, como invariavelmente tenho constatado, excitar apenas o maior interesse pelos fenómenos, e foi por isso o meio de convencer inúmeras pessoas de todas as classes que me visitaram. O meu tempo estava totalmente ocupado, não obstante a minha saúde delicada, em dar sessões a investigadores ansiosos de todos os graus e classes, desde o par do reino ao artesão, incluindo homens de todas as profissões, eminentes na arte, na ciência e na literatura, que eram ambos mais competentes e fidedignos para formar uma conclusão correta do que achei ser Sir David Brewster.

Após algum tempo em Jermyn Street, fui ficar com um amigo em Ealing, que estava profundamente interessado no assunto, e a casa dele esteve, durante a maior parte da minha estadia, quase sitiada por pessoas que desejavam testemunhar os fenómenos. Centenas viram os seus desejos satisfeitos e viram o que provou ser o suficiente para ser o ponto de viragem

das suas vidas, e o que tornou não mais possíveis aquelas noções materialistas e céticas que, infelizmente, são ainda tão frequentes entre as classes mais altamente educadas nos dias de hoje. Muitos incidentes interessantes ocorreram durante a minha estadia em Ealing, e as mãos e, uma ou duas vezes, a cabeça da forma espiritual foram repetidamente vistas por muitos, que testemunharam publicamente o facto. Mas, embora eu estivesse aparentemente a esgotar a minha vida pela fadiga e excitação que estas constantes sessões me causavam, não me foi permitido tornar-me orgulhoso da minha posição, pois o bom clérigo de Ealing achou ser seu dever pregar publicamente contra mim e atribuir as manifestações ao demónio.

A posição que é assumida por muitos dos membros do clero é para mim, em si mesma, uma manifestação extraordinária, pois certamente estes fenómenos, quer venham de Deus quer do demónio, causaram em dez anos mais conversões às grandes verdades da imortalidade e da comunhão angélica, com tudo o que flui destes grandes factos, do que todas as seitas da cristandade fizeram durante o mesmo período. De facto, enquanto as igrejas estão a perder os seus aderentes, a crença nas leis espirituais causada por estas manifestações externas está a tornar-se amplamente difundida entre as massas céticas. Não é de todo improvável que, ao prosseguirem os seus novos estudos, estes últimos possam ser o meio, por sua vez, de converter o clero a uma crença nas leis espirituais.

Enquanto eu estava em Ealing, um distinto romancista, acompanhado pelo seu filho, assistiu a uma sessão na qual ocorreram algumas manifestações muito notáveis e que foram dirigidas principalmente a ele. As pancadas na mesa tornaram-se subitamente invulgarmente firmes e fortes.

Ele perguntou: "que espírito está presente?"; o alfabeto foi percorrido e a resposta foi: "Eu sou o espírito que te influenciou a escrever Z!" "De facto," disse ele, "gostaria que me desses alguma prova tangível da tua presença." "Que prova? Queres apertar a minha mão?" "Sim," e pondo a mão por baixo da superfície da mesa, esta foi imediatamente agarrada por um aperto poderoso, que o fez saltar de pé em evidente trepidação, exibindo uma suspeita momentânea de que lhe tinham pregado uma partida; vendo, contudo, que todas as pessoas ao seu redor estavam sentadas com as mãos calmamente repousadas sobre a mesa, recuperou a compostura e, oferecendo uma desculpa pela excitação incontrolável causada por tal demonstração inesperada, retomou o seu lugar.

As seguintes palavras foram então soletradas: "Desejamos que acredites na " e depois parou. Foi perguntado ao espírito: "Em que devo acreditar? No médium?" "Não." "Nas manifestações?" "Não." Naquele momento, ele foi suavemente tocado no joelho e, pondo a mão para baixo, uma cruz foi ali colocada pelo espírito, o que terminou significativamente a frase.

A cruz era feita de cartão e estivera sobre uma pequena mesa com outros artigos ornamentais numa parte distante da sala ampla em que o grupo estava sentado. O investigador, aparentemente muito impressionado com o incidente, virou-se para a Sra. Rymer e pediu permissão para conservar a cruz como recordação, ao que ela assentiu, dizendo que o seu único valor para ela era ter sido feita pelo seu filho, então recentemente falecido, mas que não teria objeções a que ele a guardasse, se ele se lembrasse da injunção. Ele inclinou-se em sinal de assentimento e, colocando a recordação no bolso do peito, levou a cruz consigo.

Noutra ocasião, as crianças tinham estado a brincar no jardim com algumas flores acabadas de colher, com as quais tinham formado uma coroa. Propôs-se uma sessão. Era uma noite calma de verão, com a lua cheia a nascer. Uma grande mesa de formato circular foi selecionada na sala de estar, sala essa que ficava ao nível do relvado do jardim, com as janelas francesas estendendo-se até ao chão, e a luz do luar-crepúsculo brilhava através delas o suficiente para tornar visível tudo o que estava na sala.

O grupo sentou-se ao redor da metade do círculo da mesa, deixando vazia a outra metade mais próxima da janela do jardim. Após vários incidentes menores terem ocorrido, a mesa subiu lentamente do chão e ascendeu até ao teto da sala, fora do alcance de todos exceto do Sr. Coleman, que era alto o suficiente para apenas tocar no seu rebordo. Desceu então firmemente e pousou no chão sem mais som do que se tivesse o peso de uma pena.

Tendo tomado novamente os seus lugares, uma mão feminina belamente formada tornou-se distintamente visível para todo o grupo presente. Surgiu do lado vago da mesa e fez um esforço infrutífero, inicialmente, para alcançar uma sineta de mão que ali fora colocada. Em pouco tempo, o braço carnudo e delicadamente formado tornou-se visível até ao cotovelo, e estava envolto no que parecia ser uma manga de gaze, através da qual era visto transparentemente. Os dedos pegaram então na sineta, seguraram-na suspensa por um momento, tocaram-na e levaram-na

lentamente, a tocar, para debaixo da mesa. O Sr. Coleman, sentindo a sineta a tilintar contra o seu joelho, baixou a mão, recebeu-a e colocou-a sobre a mesa. Perguntou então se poderia sentir a mão, que não estava nem quente nem fria, mas de uma suavidade aveludada, e esta foi colocada com uma pressão suave na sua.

Quando a mão apareceu pela primeira vez, todos no círculo estavam de mãos dadas, tendo eu, a pedido do Sr. Coleman, colocado ambas as minhas mãos no aperto do Sr. Coleman. Enquanto sentados nesta posição, a coroa de flores, que fora feita pelas crianças, foi vista por todos a ser levantada da minha cabeça, onde fora lúdicamente colocada pouco tempo antes. Nenhuma mão era visível. A coroa desceu então até uma polegada da superfície da mesa. Depois atravessou lentamente em volta do círculo e voltou novamente para o Sr. Coleman, que a pegou e a conservou em casa até as flores murcharem.

Noutra sessão, cada pessoa no círculo que usava um anel viu-o ser gentilmente removido por uma mão espiritual, sendo a mão vista depois com todos os anéis nos seus dedos e, após exibir-se virando-se, mostrando as costas e a palma duas ou três vezes, inverteu-se e lançou os anéis sobre a mesa.

Uma noite em Ealing, Sir David Brewster, a Sra. Trollope, a autora, e o seu filho, o Sr. Thomas Trollope, e vários outros estavam presentes. A mesa em que o grupo estava sentado era uma mesa de jantar telescópica longa, tendo duas pernas em cada extremidade e nenhuma no centro. Uma extremidade da mesma era ocupada pelo Sr. Trollope, Sir David Brewster e uma senhora. Eu sentei-me sensivelmente no centro de um lado, tendo a Sra. Trollope à minha esquerda; os outros presentes ocupavam o restante da mesa. Não havia toalha ou panejamento de qualquer espécie.

Sir David foi convidado a olhar para debaixo da mesa e a fazer toda a investigação, e ele aproveitou devidamente a oportunidade que lhe foi oferecida ao olhar cuidadosamente para debaixo da mesa, tanto antes de os sons serem ouvidos como durante o tempo em que estavam a ser produzidos. Nesta ocasião, Sir David tentou levantar a mesa — por vezes não conseguia, noutras vezes conseguia — ou, como disse Sir David, "a mesa tornava-se leve ou pesada sob comando".

Pediu-se um acordeão — hinos e melodias foram tocados, e sem qualquer agência visível. Após o grupo se separar, Sir David, no decurso da

conversa, disse: "Eu teria gostado que estivéssemos todos de pé quando a mesa se levantou." Sir David, o Sr. Trollope e o Sr. Rymer sentaram-se então para ver se era possível mover a mesa ou levantá-la com os pés, mas esta não pôde ser levantada pelos esforços unidos dos pés de todos os três. Sir David foi convidado a vir na noite seguinte com o propósito de cumprir o seu pedido de ficar de pé à mesa, mas não pôde vir, tendo um compromisso prévio. Esta mesa, que tinha doze pés de comprimento, foi por vezes completamente voltada ao contrário, recolocada e novamente voltada ao contrário, estando todas as nossas mãos na superfície. Ocasionalmente, foi movida enquanto estávamos todos de pé — sem ninguém lhe tocar, nem sequer com as mãos.

O Sr. Trollope veio na noite seguinte — sentámo-nos à volta da mesma mesa da noite anterior — pediu-se o alfabeto e foi dito a três de nós para irmos para outra sala, buscar uma mesa mais pequena e ficarmos de pé. Não deveríamos sentar-nos, mas sim ficar de pé. Assim fizemos — e uma pesada mesa de jogo, sobre coluna e garras, que fora trazida de outra sala e na qual nunca nos tínhamos sentado antes, foi repetidamente levantada do chão, pelo menos vinte polegadas.

Uma noite, um cavalheiro estava presente quando lhe foi insinuado através do alfabeto, por pancadas na mesa, que a sua tia Dorothy estava presente; ele ficou surpreendido e assegurou-nos que tal não poderia ser, pois nunca tivera uma tia; mais tarde escreveu à sua irmã, que residia no norte da Inglaterra, e esta foi a resposta dela:

"Nunca ouvi dizer que o nosso pai tivesse uma irmã — eram quatro filhos e o pai deles morreu quando eram todos muito jovens; mas espero ver a minha irmã mais velha, que sabe mais da nossa família, e perguntar-lhe-ei.

P.S. — Ela acabou de chegar e descobri que o nosso pai teve uma irmã — o nosso avô casou-se duas vezes; da primeira mulher teve uma filha, cujo nome era Dorothy, e que morreu em bebé — e que, claro, era nossa tia."

Uma noite, enquanto o Sr. Rymer passava pela sala, parou por alguns momentos na extremidade da mesa. A sua atenção foi despertada pelos sons e foi declarado tratar-se do seu filhinho, que falecera há alguns anos. Perguntou-se se ele recordava quão contente ficava quando na terra ao colocar-lhe uma cadeira no seu regresso a casa — a cadeira foi imediatamente movida em volta do canto da mesa, sem qualquer agência visível. Foi colocada atrás dele e ele sentou-se nela. Isto foi na presença de

cinco pessoas, uma das quais era o editor de uma obra bem conhecida sobre as "Ciências Ocultas". Todos à mesa viram a cadeira ser movida para onde o pai estava de pé. As mãos de todos estavam sobre a mesa — ninguém sabia que ele pretendia pedir uma cadeira e, até àquele instante, disse ele, nem ele próprio o sabia.

Noutra noite, foi-nos dito através do alfabeto que o mesmo filhinho estava presente em espírito. Perguntou-se se ele poderia escrever como na terra e ele respondeu que tentaria. Uma folha de papel de nota, limpa e sem qualquer escrita de qualquer descrição, foi recolhida e colocada sobre a toalha. Os fechos de latão da mesa foram então deslocados um a um e caíram ao chão; a mesa foi aberta ou puxada para fora sem qualquer agência humana — todos na sala estavam sentados à mesa e tinham as mãos na sua superfície. Perguntou-se então se o papel e o lápis deveriam ser colocados sobre a mesa perto da abertura da toalha; três sons, "Sim".

Imediatamente a forma de uma mão pequena foi vista debaixo da toalha. Foi sentida por alguns que colocaram as mãos sobre ela. O papel e o lápis foram então removidos, desaparecendo a forma da mão ao mesmo tempo. Em poucos minutos, a mesma forma de mão foi vista novamente a recolocar o papel e o lápis; pediu-se o alfabeto: "Querido papá, fiz realmente o meu melhor." O pai recolheu o papel e o lápis e, naquele papel, estava escrito: "Querido papá, querida mamã," e assinado "Wat". Watty era o nome da criança. Ninguém estava previamente ciente de que se pretendia pedir que isto fosse feito.

Em Sandgate, em Kent, onde permaneci por algum tempo, numa sessão, éramos treze. A mesa foi elevada pelo menos dois pés e o acordeão foi tocado. A melodia não era conhecida por nenhum de nós. Perguntámos o nome e foi-nos dito que era a "Canção do Mar". Uma mão e um braço com vestes brancas apareceram — foram vistos por todos à mesa em várias ocasiões durante a noite e tiveram todas as oportunidades de os examinar cuidadosamente.

Algumas noites depois, a mesa estava perto da janela. Era o crepúsculo. Ouviram-se canções no acordeão. A melodia era-nos nova e foi-nos dito que era a "Canção dos Anjos para os que Choram". Foi seguida por um hino que fora frequentemente tocado antes. Foi soletrado por sons na mesa: "Alguns mostrar-vos-ão as suas mãos esta noite." A mesa foi suavemente erguida e levantada várias vezes, uma mão apareceu acima da mesa e tirou do vestido

de um dos membros do grupo um broche em miniatura e entregou-o a vários à mesa. Mãos e braços foram então distintamente vistos por todos à mesa, de diferentes formas e tamanhos — por vezes cruzados como em oração, e noutros apontando para cima. Noutra ocasião, ouviram-se sons, comunicações foram feitas e mãos e braços com vestes brancas foram novamente vistos. Uma mão espiritual pegou numa Bíblia que estava sobre a mesa e abriu-a. Isto foi visto por todos, e uma folha foi dobrada; a mão pegou num lápis e marcou os dois versículos, dezasseis e dezassete, do capítulo treze de S. Mateus — "Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não o viram; e ouvir o que ouvis e não o ouviram."

Nesta altura, mãos e braços eram frequentemente vistos e eram repetidamente sentidos por todos à mesa, tão distintamente como se fossem as mãos e braços de mortais vivos, e frequentemente apertavam-lhes a mão tão real e substancialmente como um homem aperta a mão a outro.

De todos os relatos que foram dados sobre os fenómenos, não houve nenhum tão bom como o do Dr. J. J. G. Wilkinson que, perto do fim da controvérsia de Brewster, escreveu uma carta ao "*Morning Advertiser*", sob a assinatura de *Verax*. Ele estivera frequentemente presente em sessões e estava eminentemente qualificado não só para a investigação, mas para uma expressão filosófica dos seus resultados e consequências — e não preciso de pedir desculpa por dar na íntegra a sua eloquente narração, que intitulou "Noites com o Sr. Home e os Espíritos".

"O 'Grande Mago do Norte' despertou a atenção para o tema das manifestações espirituais de tal forma que toda a gente fala delas; e, além disso, os jornais do interior são o campo de batalha de cartas a favor e contra, que debatem o assunto com algum calor e, onde quer que se consiga um nome, com um pouco de personalidade. Mas, até agora, não vi nenhuma declaração da experiência de qualquer um dos escritores em relação a estas manifestações. Isto é de lamentar, talvez, porque ao apresentar experiências e explicações, o assunto poderia ter sido despojado de parte daquele fervor que é um meio científico tão mau. Vou agora tentar, com a vossa permissão, contar o que vi e senti em três noites distintas, relatando-as pela sua ordem.

Foi no final da primavera deste ano que fui convidado por um amigo, bem conhecido no mundo literário, a fazer uma visita aos aposentos do Sr.

Daniel Dunglas Home, recentemente chegado da América, com o propósito de testemunhar certos fenómenos notáveis alegadamente provenientes de causas sobrenaturais. Muitos sentimentos impeliram-me a aceitar o convite; como também o conhecimento de que o Sr. Home era familiarmente conhecido, como um homem simples e honesto, pelo Dr. Gray, o primeiro médico homeopata em Nova Iorque, e por cujo caráter tenho a mais alta estima.

Fui à casa dele em Jermyn-street e apresentei-me na noite marcada ao Sr. Home que, descobri, era um jovem modesto e inteligente de cerca de vinte anos, com saúde debilitada; e, de facto, como ele próprio me informou, e como, sob inspeção, verifiquei ser o caso, com as marcas do tísico legíveis na sua estrutura."

A minha esposa acompanhou-me e encontrei nos aposentos do Sr. H. três amigos, todos eles homens de talento e integridade. Empenhado na narrativa, e não na defesa ou hostilidade, nada omitirei; e assim observo aqui que éramos, todos nós, crentes, de antemão, na possibilidade de manifestações espirituais.

"Antes de nos sentarmos no 'círculo', pedi ao Sr. Home alguns relatos sobre os seus antecedentes. Tanto quanto me recordo, ele deu os seguintes detalhes. Nasceu na Escócia e foi levado para a América quando criança. Muito cedo na vida costumava surpreender aqueles com quem estava ao narrar espontaneamente, como cenas que passavam diante dos seus olhos, eventos distantes, tais como a morte de amigos e parentes; e verificou-se que estes casos de 'segunda vista' eram telegrafia real. Não era culpa sua — ele não conseguia evitar vê-los. Mais tarde na sua carreira, vários ruídos foram ouvidos no quarto ao lado dele. Isto foi por volta da época em que as 'pancadas' espirituais se tornaram conhecidas na América.

Ele vivia com uma tia, que ficara grandemente escandalizada com estas circunstâncias. Sendo membro da Igreja Presbiteriana, estas batidas acompanhavam-no inclusive ao culto divino; e, chegando ao conhecimento dos seus superiores eclesiásticos, foi julgado como vítima de influências satânicas e, ou excomungado, ou de outra forma banido da congregação. Mais tarde tornou-se estudante de medicina; mas a saúde debilitada forçou-o a abandonar a ideia de seguir a medicina como profissão. Tais foram os pontos principais do que nos contou, em resposta às nossas inquirições, sobre si mesmo.

Estávamos numa grande sala superior, um tanto desprovida de mobília; um sofá, uma grande mesa redonda e um pequeno bufete, juntamente com algumas cadeiras, eram os apetrechos. Um dos membros do grupo trouxera consigo uma sineta de mão e um acordeão. Sentámo-nos ao redor da mesa, com as mãos repousadas sobre ela. Em poucos minutos a mesa vibrou, ou estremeceu, como que atuada pelo interior; depois ficou imóvel e, instantaneamente, cada um de nós tremeu na sua cadeira, não violentamente, mas intimamente, e como uma gelatina, de modo que os objetos 'oscilavam' diante de nós.

Este efeito cessou; e agora a pesada mesa, com todas as nossas mãos sobre ela, elevou-se bem alto de lado e balançou para cima e para baixo; a elevação procedia de todos os diferentes quadrantes, mantendo-se o Sr. Home e todos os restantes de nós (exceto as nossas mãos e braços, que eram necessariamente movidos) absolutamente quietos. O candeeiro sobre a mesa parecia que ia cair; mas ele assegurou-nos que não havia perigo de tal — que era mantido em segurança no seu lugar. A sineta de mão fora colocada no rebordo de madeira em volta do pedestal da mesa e começou agora a tocar, aparentemente sob diferentes partes do círculo.

O Sr. Home disse que os espíritos a estavam a levar para um dos membros do grupo e sugeriu-me a mim. Eu estava sentado quase em frente a ele, a cerca de três pés de distância. Coloquei a minha mão por baixo da margem da mesa e, em talvez um minuto de tempo, senti o lábio da sineta encostado suavemente contra as pontas dos meus dedos, como que a dizer: 'Estou aqui, pega em mim'. Esta palpitação da sineta continuou até eu mover os meus dedos para cima lateralmente para a agarrar. Quando cheguei à pega, deslizei os dedos rapidamente e agora, estando todas as mãos exceto a minha sobre a mesa, senti distintamente os dedos, até à palma, de uma mão que segurava a sineta.

Era uma mão macia, quente, carnuda e substancial, tal como eu teria prazer em sentir na extremidade da amizade dos meus melhores amigos. Mas mal a agarrei momentaneamente, ela derreteu-se, deixando a minha mão vazia, apenas com a sineta nela. Segurei agora a sineta levemente, com o badalo para baixo e, enquanto permanecia perfeitamente imóvel, conseguia sentir claramente dedos a tocá-la pelo badalo. Como ponto de observação, comentarei que não sentiria mais dificuldade em jurar que o membro que senti era uma mão humana de extraordinária vida, e não o pé do Sr. Home, do que em jurar que o nariz do Apolo Belvedere não é uma orelha de cavalo.

Detenho-me principalmente nisto, porque posso falar com certeza sobre o que aconteceu comigo próprio, embora todos ao redor da mesa tivessem tido experiências algo semelhantes. A sineta foi levada por baixo da mesa a cada um, e tocada na mão de cada um. O acordeão foi agora colocado debaixo da mesa e logo o ouvimos a mover-se. O Sr. Home baixou a mão para a margem e o instrumento foi-lhe entregue. Com uma mão sobre a mesa e com a outra agarrando a madeira branca na parte inferior do acordeão, ele segurou-o de baixo para cima, com as teclas pendentes e o instrumento apoiado no seu joelho direito.

Tocou 'Home, sweet home' e 'God save the Queen', com uma delicadeza de tom que impressionou todos os presentes: nunca ouvi o silêncio ser enfiado por tais linhas de prata. Depois, da mesma forma, fomos favorecidos com 'The Last Rose of Summer'. O acordeão foi então levado a cada membro do grupo sucessivamente; conseguíamos ouvi-lo a roçar no seu caminho entre os nossos joelhos e o pedestal da mesa; e na mão de cada pessoa algumas notas, mas nenhumas melodias inteiras, foram tocadas. Quando na minha própria mão, notei particularmente a grande quantidade de força que era exercida pelo executante.

Era difícil segurar o instrumento contra o forte puxão para baixo e, não estivesse eu algo preparado para isto, o acordeão teria caído ao chão. No decurso da noite, todos sentimos ou um dedo, dedos, ou uma mão inteira colocada sobre os nossos joelhos, sempre com uma impressão agradável na altura. Um lenço de cambraia branca foi puxado lentamente para debaixo da mesa e, no decurso de alguns minutos, entregue a outra pessoa, atado com dois nós e colocado como um bouquet dentro da sineta. E esta experiência também foi repetida para quase todos os presentes.

Enquanto estas coisas aconteciam, ouviam-se pancadas em todas as partes da sala, na mesa, no chão e no teto; e por vezes eram tão fortes que o médium pediu aos espíritos para se lembrarem de que ele era apenas um inquilino, e que estes ruídos poderiam incomodar as pessoas nos quartos acima e abaixo. Eram muito diferentes das pancadas do 'Grande Mago' e ocorriam indiferentemente, como disse antes, em todos os lugares e cantos da câmara. Perto do fim da sessão, ouviram-se cinco pancadas distintas sob a mesa, cujo número, disse o Sr. Home, era uma chamada para o alfabeto.

Consequentemente, fez-se um alfabeto; e ao perguntar o Sr. Home se algum espírito estava presente que desejasse falar com um dos membros do

grupo, a seguinte frase foi dada pelo telégrafo alfabético: — 'Meu querido E—, a Imortalidade é uma grande verdade. Oh! como eu gostaria que a minha querida esposa pudesse ter estado presente. — D. C.' Pretendia ser um parente próximo de um dos presentes, que morreu no ano passado. A grafia 'imortality' [com um m] surpreendeu-me ao princípio; mas recordei-me de que o falecido, que eu conhecia bem, era constantemente versado na escrita de letra gótica [black letter], que faz elisões dessa forma.

Terminado isto, o médium caiu num aparente transe mesmérico, a partir do qual nos dirigiu algumas boas palavras de exortação a cada um de nós; e contou a um dos membros do grupo em particular vários detalhes sobre membros falecidos da família, que não eram conhecidos no círculo na altura, mas verificados à letra posteriormente. Estes abstenho-me de mencionar, porque eram de natureza estritamente privada. No seu discurso, o Sr. Home falou, não como de si próprio, mas como da assembleia espiritual que estava presente; e terminou com um cortês 'Boa noite' da parte deles.

Considerando que se requer um grande aparelho de preparação para que o maior dos mágicos realize a mais pequena parte do que vimos nesta noite, nomeadamente, algumas pancadas, poder-se-ia ter suspeitado que o Sr. Home teria bolsos um tanto volumosos para fazer o que relatei, mas posso assegurar aos seus leitores que ele estava tão magro e desimpedido quanto o vestuário mais escasso permitiria ser: não tinha assistentes nem ecrãs.

Quando, durante a noite, perguntei se os prestidigitadores faziam os seus truques por meios semelhantes às agências ali presentes, as pancadas disseram 'Não': mas de uma maneira pronunciada disseram 'Sim', quando a mesma pergunta foi posta em relação aos 'Jograis Indianos'. Também perguntámos ao Sr. Home por que razão os efeitos geralmente ocorriam debaixo da mesa e não sobre ela. Ele disse que em círculos habituados os resultados eram facilmente obtidos acima da mesa, visivelmente para todos, mas que numa primeira sessão não era assim.

Que o ceticismo era quase universal nos intelectos dos homens e prejudicava as forças em ação; que os espíritos realizam o que fazem através da nossa esfera de vida, ou atmosfera, que era permeada pelas nossas vontades; e se a vontade fosse contrária, a esfera era imprópria para ser operada.

Foi talvez quinze dias depois disto que o Sr. Home veio, por convite, à minha própria casa, para se sentar no círculo da minha família. Foi trazido à porta numa carruagem por alguns amigos com quem estava hospedado, sem qualquer parafernália que caracterizasse a arte de um mago. Observei-o a subir o jardim e posso asseverar que não tinha nenhuma varinha mágica na perna das calças, nem qualquer vulto no seu vestuário que pudesse denotar maquinaria ou aparelho de qualquer tipo que fosse. Chegado à sala de estar, as 'pancadas' começaram imediatamente em todas as partes dela, e foram também ouvidas na sala de estar de trás, que abre para a da frente por portas de fole.

O grupo reunido para constituir o 'círculo' consistia no Sr. Home, na minha esposa, nos meus quatro filhos, em mim e em dois domésticos. Sentámo-nos ao redor de uma grande e pesada mesa de 'loo' [mesa redonda de jogo], que ocupava o centro da sala. Num minuto ou dois o mesmo estremecimento interno percorreu a mesa como descrevi na primeira sessão; e as cadeiras também, como dantes, estremeceram sob nós tão vividamente, que a minha filha mais nova saltou da sua, exclamando: 'Oh! Papá, há um coração na minha cadeira', o que todos sentimos ser uma expressão correta da sensação transmitida.

De tempos a tempos a mesa manifestava movimentos consideráveis e, depois de estalar e aparentemente ondular no seu lugar, com todas as nossas mãos sobre ela, subiu subitamente do seu lugar, em corpo, umas oito polegadas no ar, e flutuou ondulando na atmosfera, mantendo a sua posição acima do chão por meio minuto, ou enquanto contávamos lentamente até vinte e nove. As suas oscilações durante este tempo eram muito belas, lembrando-nos a todos um disco plano de madeira de abeto numa superfície de água agitada.

Desceu então tão rapidamente quanto subiu, e tão bem gerida foi a descida, que encontrou o chão sem ruído, e como se mal tivesse quebrado um ovo no seu contacto. Três vezes deixou o chão da sala e equilibrou-se no ar, sempre da mesma maneira. Durante estes intervalos o médium estava num estado do mais completo repouso muscular; nem, de facto, tivesse ele o dedo do pé de Hércules como alavanca poderia ter gerido este efeito, pois ele e todos nós nos levantámos de cada vez, para acompanhar a mesa montante, e ele permaneceu com completa ausência de esforço como o resto de nós. Requer dois homens fortes para levantar a mesa àquela altura;

uma pessoa poderia virá-la, mas não poderia de modo algum erguê-la do chão.

O percurso da sineta de mão sob a mesa foi também repetido para todos os presentes e desta vez todos sentiram a mão, ou mãos, quer sobre os joelhos, quer noutras porções dos seus membros. Coloquei a minha mão para baixo como anteriormente e fui regularmente acariciado nas costas dela por uma mão macia e palpável como dantes. Mais, senti distintamente o todo contra a minha e uma vez agarrei a mão, mas ela derreteu-se como na primeira ocasião; e imediatamente foi feito um pedido para o alfabeto, havendo algo a comunicar. Os 'espíritos' soletraram agora através do Sr. Home, que nada soubera do que eu fizera debaixo da mesa: 'Não agarrem as nossas mãos'.

Perguntei porquê, e o Sr. Home disse que eles tinham grande dificuldade em apresentar, e assim encarnar rapidamente estas mãos a partir da atmosfera vital dos presentes, e que o seu trabalho era estragado, tendo de ser recomeçado, quando eram interferidos, talvez como um pensamento é por vezes quebrado em dois e não pode ser facilmente retomado após a irrupção de um estranho. Durante a sessão eu tinha a borda de um lenço de cambraia branca apenas a aparecer no bolso lateral do meu paletó, que estava aberto; e embora não conseguisse ver nenhuma agência, senti algo a dar puxões no lenço e, muito gradualmente, a retirá-lo do meu bolso.

Simultaneamente com isto, a minha filha mais velha, que estava sentada em frente a mim, exclamou: 'Oh! Vejo dedos fosfóricos no bolso do papá!' e, agora visivelmente para todos, o lenço foi lentamente puxado para fora e arrastado para debaixo da mesa; enquanto, ao mesmo tempo, eu senti um braço que o estava a fazer, mas que era invisível para mim. Nesta altura eu estava a pelo menos três pés do Sr. Home, com uma pessoa entre nós, e ele estava absolutamente passivo.

A sensação que tive foi de cutucadelas, tão distintas como alguma vez senti de um membro mortal, e isto no meu peito e braço, que estavam acima da mesa; e contudo, embora a operação de subtrair o meu lenço estivesse a decorrer visivelmente para todos, o resto do círculo, bem como eu próprio (todos exceto a minha filha mais velha), nada conseguíamos ver. Posso jurar que não havia maquinaria, a menos que a pele, osso, músculo e tendões de uma mão, antebraço e cotovelo invisíveis mereçam o nome.

Enquanto isto acontecia, e por cerca de dez minutos, mais ou menos, a minha esposa sentiu a manga do seu vestido ser puxada frequentemente e, como estava sentada com as pontas dos dedos entrelaçadas e as mãos abertas, com as palmas semipronas sobre a mesa, subitamente riu-se involuntariamente e disse: 'Oh! Vejam, há uma mão pequena deitada entre as minhas; e agora, uma mão maior veio para o lado dela. A mão pequena é menor do que a de qualquer bebé e primorosamente perfeita'.

Os nossos domésticos, e dois dos filhos, bem como a minha esposa, todos viram estas mãos e observaram-nas por entre um e dois minutos, quando desapareceram. Segurei agora o meu relógio ao lado da mesa, a chave na minha mão, com a corrente e o relógio pendentes dela, e senti o peso do relógio ser gradualmente retirado, sendo a corrente levantada horizontalmente em relação à minha mão, e depois a chave, que eu retive, foi puxada lateralmente e eu deixei-a ir. Foi levada para debaixo da mesa para a minha filha mais nova e colocada no seu joelho. Sempre que os objetos eram assim removidos da mão, eram levados com um grau de poder físico suficiente para sugerir que o agente era capaz de segurar o objeto sem o deixar cair.

Uma hora e três quartos foram ocupados nestas e em manifestações semelhantes, das quais mencionei apenas as mais impressionantes, ou aquelas pessoais a mim próprio; e agora o Sr. Home passou para o estado de transe, falou da vida espiritual e do conhecimento vindouro dela na terra, e disse algumas palavras apropriadas a cada pessoa presente; detendo-se também sobre os assistentes espirituais que estavam de pé ao lado de cada um. Quando chegou à minha esposa, levantou as mãos em êxtase e descreveu um espírito com ela, minúsculo, mas belo. Disse que era uma irmãzinha que se fora embora há muito tempo. 'Mas', disse ela, 'eu nunca tive tal irmã'. 'Sim, tiveste, embora ela não tivesse nome na terra'. Mediante inquérito na família, um evento, tal como ele aludiu, tinha acontecido. Esta é a parte principal do que me impressionou na Sessão N.º 2.

Às 10 da noite, o Sr. Home foi-se embora pelas suas próprias pernas, tão ágeis que nunca sequer pensei em qualquer explicação de braços de papelão ou baterias elétricas escondidas na sua pessoa.

A próxima sessão que descreverei teve lugar por volta da terceira semana de julho, na casa de um estimado amigo em Ealing, que se convencera da genuinidade dos fenómenos que acompanhavam o Sr. Home,

e com quem esse cavalheiro estava agora hospedado. O grupo sentou-se à mesa com o Sr. Home, ao anoitecer de um belo final de tarde, e eram nove ou dez em número. Aqui novamente sou forçado a cronicar principalmente o que me aconteceu a mim, a fim de não ser uma testemunha de segunda mão. A primeira coisa que notei foi um suave clarão trémulo de luz pela sala, mas qual foi a causa dele sou incapaz de determinar. Quando estávamos sentados há poucos minutos, senti um aperto decidido mas suave de uma mão de homem grande sobre o meu joelho direito e disse ao Sr. H.: 'Está uma mão de homem sobre o meu joelho'. 'Quem é?' disse ele. 'Como haveria eu de saber?' foi a minha resposta. 'Pergunta', disse ele. 'Mas como hei de perguntar?' 'Pensa em alguém', foi a sua resposta.

Pensei involuntariamente num amigo íntimo, outrora Membro do Parlamento, e tão diante do público como qualquer homem da sua geração, e que morreu no passado dia 30 de junho. E disse em voz alta: 'É o [Sr.] —?' Palmadas afirmativas e vigorosas no joelho da parte da mesma mão que permanecera fixa até então foram a resposta à minha pergunta. 'Folgo em estar novamente na mesma sala consigo', disse eu. Novamente a mesma saudação vigorosa foi repetida. 'Está melhor?' inquiri.

Uma sucessão ainda mais alegre de palmadas, ou antes, se me é permitido cunhar uma palavra, de *acussões* [accussions]; pois a mão estava em concha para se ajustar ao meu joelho dobrado e bateu-me suavemente nessa forma. 'Tem alguma mensagem para a sua esposa, que provavelmente verei dentro de poucos dias?' Novamente, toques afirmativos, cinco em número, portanto pedindo o alfabeto. O Sr. Home percorreu agora o alfabeto. A B C D, e quando disse T, o meu joelho foi batido; novamente quando disse H e E, e assim por diante, até que isto foi soletrado:

'OS AMORES IMORTAIS' [*THE IMMORTAL LOVES*]. Lembro-me de na altura pensar que esta era uma mensagem um tanto magra; mas da próxima vez que vi a Sra. [N.], contei-lhe as circunstâncias e dei-lhe as palavras. O seu filho estava sentado com ela e disse: 'Isso é muito característico do meu pai, pois era um tema favorito dele se os afetos sobrevivem ou não ao corpo; da imortalidade da própria alma ele nunca duvidou; mas as palavras, *os amores imortais*, mostram que ele resolveu o problema da sua vida'.

Tal foi o sentido que a família do falecido, de forma bastante inesperada para mim, conferiu à frase. Voltando a Ealing, e àquela noite, após a última pancada da mão indicar o fim da frase, eu disse: 'Se é realmente você, quer

apertar-me a mão?' e coloquei a minha mão sob a mesa, e agora a mesma mão macia e de grande capacidade foi colocada na minha, e deu-lhe um aperto cordial. Não pude deixar de exclamar: 'Esta mão é um retrato. Conheço-a de cinco anos de intercurso constante, e do aperto e toque diário dos últimos meses!' Depois disto deixou o meu joelho; e quando perguntei se havia algo mais, não houve resposta e o agente pareceu ter ido embora.

Mas em dois ou três minutos mais outra mão, evidentemente também de um homem, mas pequena, fina, firme e viva, foi colocada na mesma posição que a anterior ocupara; e após algum questionamento preliminar com o Sr. Home, eu disse: 'É o Sr. [N.]?', nomeando outro estimado amigo que, após vinte anos de sofrimento, partira desta vida quase no mesmo dia que o Sr. [N.]. Com pontas de dedos vivacíssimas, a mão afirmativa dançou para cima e para baixo na minha perna e no meu joelho. Eu disse: 'Folgo em encontrá-lo tão melhor'. A mão lúdica bateu 'sim' novamente. E isto, em resposta a renovadas perguntas, por dois ou três minutos. Depois eu disse: 'Tem alguma comunicação para a sua esposa quando eu a vir?' Não houve resposta, e esse agente cessou então de se manifestar.

Após outra curta pausa, uma mão totalmente diferente, de uma senhora, veio a mim, repousou na minha mão sob a mesa, esfregou a minha mão e permitiu-me examinar à vontade os dedos delicados, belos e irradiantes de calor. Foi sinalizado que era a Sra. [N.], que eu conhecera em vida, e que desejava saudar-me. Entre e durante o que me aconteceu a mim, muitos dos restantes do círculo foram tocados; e descreveram as suas impressões de forma muito semelhante à que descrevi as minhas. Alguns tiveram meramente um único dedo colocado sobre os joelhos. O Sr. Home disse que os espíritos que se apresentam conseguem muitas vezes fazer um dedo onde não conseguem fazer dois: e dois, onde não conseguem formar uma mão inteira; tal como conseguem formar uma mão onde não conseguem realizar uma figura humana inteira; e disse também que esta era uma razão por que não se mostravam acima da mesa, porque não gostavam que membros imperfeitos fossem vistos.

Estes fenómenos ocuparam menos de uma hora; e agora o círculo foi desfeito e reconstituído, estando nove pessoas, tanto quanto me recordo, dispostas à mesa. A mesa foi colocada em frente a uma janela e os raios brilhantes do luar entravam sobre o seu lado. Não havia nenhuma vela no aposento. O espaço da mesa que ficava em frente à janela não estava ocupado por pessoas; mas a comitiva sentou-se em volta de cerca de três

quartos dela, deixando o resto vago. A ala direita do grupo era terminada pelo Sr. Home; a esquerda pelo filho do anfitrião. Em poucos minutos, mesmo ao lado deste último cavalheiro, emergiu à vista acima do rebordo da mesa, no espaço vago, uma mão feminina delicadamente bela e parte do antebraço braço, aparentemente de uma tenuidade fantasmagórica. Como eu estava sentado exatamente em frente ao espaço vago, tive uma boa oportunidade de observar esta mão enquanto se projetava contra o luar; era uma mão de mulher de aspeto fílmico, com os dedos caídos para a frente da esquerda para a direita, tal como eu estava sentado.

A mão curvou-se sobre a margem da mesa, agarrou deliberadamente uma sineta de mão colocada perto e, levando-a parcialmente para baixo, deixou-a cair no chão. Subiu então novamente à vista e levou um lenço de cambraia também colocado perto, que foi atado com dois nós sob a mesa e apresentado a um membro da comitiva, que fora fortemente movido desde o momento em que esta mão foi vista pela primeira vez. Abstenho-me de dar os detalhes posteriores desta mão, porque pareciam ser de natureza privada; baste dizer que causou não pouca emoção a um cavalheiro que parecia interessado.

Ao seu desaparecimento, outra mão, grande, forte e com os dedos estendidos e empurrados firmemente para cima no luar, subiu acima da mesa perto do Sr. Home. Ele gritou: 'Oh! afastem-me dessa mão! é tão fria! Não deixem que ela me toque!' Pouco depois também ela desapareceu, e uma terceira mão foi vista no outro lado da margem vaga da mesa: esta mão estava calçada com uma luva. Depois, logo a seguir, uma quarta mão ascendeu na extrema esquerda — uma mão de senhora, de belas proporções — e atravessou todo o espaço vago da esquerda para a direita, subindo e exibindo o antebraço; e depois, ao aproximar-se do Sr. Home, o braço inteiro. Quando chegou a ele, a mão estava ao nível da sua testa, sobre a qual pousou a palma, e com os dedos puxou o seu cabelo para trás e brincou na sua fronte por talvez meio minuto.

Eu estava sentado no segundo lugar a contar dele, e inclinei-me para a frente passando pelo meu vizinho intermédio, ao mesmo tempo solicitando que, se a mão pertencesse à minha amiga Sra. [N.], pudesse também ser pousada na minha testa. Isto foi feito deliberadamente; e senti a sua impressão emocionante quando a palma foi pousada espalmada sobre a minha fronte, onde permaneceu por vários segundos. Era quente e humana, e feita de nenhum material senão a mais macia carne. Durante o intervalo em

que a senti, tive abundante oportunidade de examinar muito de perto o braço e o antebraço. A manga do antebraço parecia ser de cambraia branca, lisa e asseada, e brilhava como porcelana de biscoito ao luar. A manga do vestido braço acima era mais escura, mas não me recordo da cor. E inclinando-me, como fiz, para o rebordo vago da mesa, vi como o braço terminava — aparentemente numa graciosa cascata de panejamento; tal como se um braço fosse colocado de fora através do cume de uma tenda nevada, cujo ápice assim caía ao redor do ombro em todos os lados.

Ao deixar a minha testa, o braço desapareceu de imediato e eu observei-o ir. Foi retirado para o mesmo panejamento; mas tão naturalmente, que só o posso assemelhar a uma fonte a cair novamente, e cessando no seio da água da qual subiu. E vi também o próprio panejamento desaparecer, aparentemente pelo mesmo processo de dissipação. E agora os espíritos soletraram 'Boa noite'.

Estes eventos ocorreram na casa de um dos meus mais antigos amigos, cujo superior em integridade nunca conheci, e de cujo talento e sagacidade nunca ouvi uma dúvida ser alimentada até ele endossar estas manifestações impopulares.

«Tal é a minha experiência. Uma esperança que tenho ao apresentá-la é que outros que tenham visto o Sr. Home façam o mesmo, e assim contribuam com o seu testemunho para os factos do caso.

«Em conclusão, observarei que Sir David Brewster, e outros quase tão eminentes quanto ele, parecem-me cometer um erro científico num aspecto — a saber, na sua avaliação do valor do carácter de um homem. Parecem pensar que acusar um homem de bons antecedentes, e com toda a aparência de uma vida irrepreensível, de mentir e de impostura do género mais sistemático, é positivamente a explicação mais fácil que se pode dar para qualquer fenómeno raro fora do âmbito da sua própria filosofia anterior.

Sustento que esta não é, para seu próprio crédito, a primeira hipótese do caso que deveria precipitar-se nas suas mentes. Nem, paralelamente a isto, a outra hipótese — a de que homens de capacidade em todos os outros assuntos, e até então conhecidos como perspicazes e investigativos, são dupes iludidos — deve ser recomendada como uma avaliação adequada do que é raro e valioso na espécie humana. A regra do direito segundo a qual "um homem deve ser presumido inocente até prova em contrário" é também a regra em tais explorações científicas. Esta regra ama os factos e odeia a

calúnia. Difiro, portanto, de Sir David Brewster no seu modo de investigação, e também na sua avaliação da honestidade presumida e do testemunho humano, que até agora sempre foi a palavra mais substancial no mundo, e um pilar que a Divina Providência não desdenhou usar para sustentar o dossel das Suas Revelações.

«Esta regra eu desejaria especialmente lembrar ao grande Sir David Brewster, um homem de posição, riqueza, reputação mundana, grandes talentos, um nome que ninguém ousa atacar, e, além disso, com responsabilidade perante o Céu e a sua geração, quando ele lida com o órfão Home, um homem aparentemente tão irrepreensível quanto ele próprio, mas sem riquezas, nem saúde, nem posição, nem qualquer posse senão a honestidade, e com uma peculiaridade de dom que lhe é ruinosa. Não é, digo eu, a maneira mais fácil de sair de uma dificuldade chamar a este jovem um impostor. Existem impostores na nossa própria casa, impostores nas nossas próprias cabeças, às vezes chamados preconceitos, que poderiam ser suspeitados primeiro, sem violar qualquer regra de investigação científica ou de justa apreciação humana.

«A experiência de outros nestes assuntos talvez tenha diferido muito da minha, e desejo ver essa experiência igualmente apresentada. Em outras sessões eu vi apenas uma parte dos fenómenos que descrevi como tendo ocorrido nas três noites que selecionei por serem as mais completas e as melhores. E uma ou duas vezes, quando foram enviadas pessoas que era muito desejável convencer, quase nada ocorreu. Isto, sustento eu, é um dos argumentos mais fortes a favor do Sr. Home. Se os fenómenos fossem um truque, poderiam sempre ser produzidos à vontade e sem variação. "O Grande Feiticeiro" nunca falha. Mas, como ele próprio diz, os espiritualistas falham sempre na sua presença. Que isto sugira que há uma diferença total entre ele e eles. Não me surpreende que os espíritos e os seus dons se retirem para uma grande distância abissal de onde se encontra o "Grande Feiticeiro".

«Parece provável, tanto pela experiência como pela razão, que, admitindo que os fenómenos sejam espirituais, a presença de escarnecedores decididos e de descrentes neles possa, caso tais pessoas predominem pela sua influência no círculo, tornar as manifestações imperfeitas ou talvez nulas. As leis conhecidas da simpatia humana, e as operações dos nossos próprios espíritos quando pessoas antipáticas estão próximas de nós, podem também ser citadas como prova disto. Concluo, portanto, que para o escarnecedor e

para o fortemente preconceituoso, que não querem provas e para quem as provas não têm apelo, as provas, na maior parte das vezes, não surgem. Isto simplifica a posição; mas o que ainda permanece é a peculiar polidez cristã deste século, a saber, a necessidade de boas maneiras e de concordar em discordar. Da parte daqueles que acreditam, isto pode ser melhor assegurado deixando a outra parte em paz. A Providência pode convencê-los também tão facilmente como a nós, quando chegar o tempo e a sua função; mas, ao tentar agarrá-los prematuramente antes de estarem maduros, poderemos evocar, em grande escala, dois dos espíritos mais formidáveis deste mundo — o Ódio e o Medo.

«Como observação final, permitam-me advertir o público contra se deixar conduzir por Sir David Brewster, pelo Sr. Faraday e por outros homens de grande nome nos seus próprios domínios, neste assunto que manifestamente não pertence ao seu campo. Ouvimos muito falar de não escolher generais da Crimeia com base em qualificações antigas da Península. Mas selecionar um Faraday ou um Brewster para dar opinião sobre este caso é um erro muito pior; pois todos os generais, passados, presentes e futuros, pertencem à linha militar; mas estes grandes homens não pertencem, nem nunca pertenceram, à linha sobre a qual se pronunciaram. Estão tão afastados do assunto que nem sequer conhecem a primeira condição para o investigar: a saber, um dom de simpatia e abertura à convicção.

A própria especialidade da sua excelência nas explorações físicas joga contra eles neste novo caminho, que é combinado, espiritual e físico. O observador comum, com pouco na mente, sem reputação a sustentar e sem causa a defender, pode talvez estar equipado pela natureza para estas ciências revolucionárias, nas quais os sábios se mostram obtusos. Doze pescadores, e não os Sumos Sacerdotes, são o recurso eterno da Providência. Convido, portanto, os leigos independentes de todas as descrições, os pescadores voluntários, a lembrarem-se de que não têm superiores neste domínio; que se trata de um campo ainda não pisado; e que, pela graça de Deus, existe pelo menos para todos nós uma liberdade face à pressão dos grandes nomes; porque "a corrida não é para os velozes, nem a batalha para os fortes".

A admirável narrativa e o raciocínio desta carta nada mais deixam a dizer quanto às manifestações durante o restante da minha permanência em Inglaterra nesse ano, pois achei conveniente mudar de clima para o de Itália no outono. Mas não deixei a Inglaterra sem a satisfação de ter dado

oportunidade a muitas centenas de pessoas de investigarem por si mesmas os fenómenos, e através delas o assunto começou a assumir uma forma e uma importância que o tornaram o medo e o espantalho daqueles que haviam completado o seu círculo de conhecimentos e não têm lugar na sua filosofia para novos factos. São infelizmente muitos aqueles cujas mentes foram, na juventude, estereotipadas num material demasiado duro e inflexível para admitir correções ou acréscimos.

CAPÍTULO V
EM FLORENÇA, NÁPOLES, ROMA E PARIS

No início do outono de 1855 fui para Florença acompanhado pelo filho do cavalheiro com quem eu residira em Ealing. Permaneci em Florença até ao mês de Fevereiro de 1856 e, embora algumas pessoas ali tenham feito tudo o que puderam para me prejudicar por meio de falsas afirmações, fui ainda mais estimado por aqueles que melhor me conheciam. Encontrei ali muitos homens e mulheres distintos, e um príncipe de uma das Casas Reais interessou-se profundamente pelo que testemunhou.

As manifestações enquanto eu estava em Florença foram muito fortes. Lembro-me de que, numa ocasião, enquanto a Condessa O estava sentada a um dos pianos de grande mecanismo de Erard, ele se elevou e se equilibrou no ar durante todo o tempo em que ela tocou. Ela própria, enquanto estávamos sentados à mesa na sala, pegou num álbum que por acaso ali se encontrava e disse: "Agora, se isto é realmente o espírito do meu querido pai, sei que desejará convencer-me; pode fazê-lo se quiser, escreva o seu nome nesta página."

Abriu o livro, colocou-o sobre os joelhos e segurou um lápis de grafite na mão. Num instante o lápis foi retirado da sua mão e o nome de seu pai, o Conde O , foi escrito. Ao examinar, ela disse: "Há uma ligeira semelhança com a sua escrita, mas gostaria que fosse mais distinta." Colocou novamente o livro aberto sobre os joelhos, e novamente a escrita surgiu da mesma maneira, bem como as palavras: "Minha querida filha ." Esta última escrita ela recortou do meu álbum, deixando nele as palavras escritas primeiro, onde ainda permanecem; e ao chegar a casa mostrou-a a um velho amigo de seu pai, dizendo: "Sabe de quem é esta letra?" "Claro", respondeu ele, "é a letra do seu pai."

Quando a Condessa lhe disse que fora escrita naquela mesma noite, ele pensou com certeza que ela tinha perdido o juízo; e ao apelar para o marido dela, e verificar que ele confirmava a sua declaração, ficou igualmente alarmado por ambos.

Na casa de um residente inglês em Florença tive muitas sessões nas quais o poder era muito grande, e ela escreveu um relato privado de alguns dos fenómenos, que mostrará ao leitor a natureza e a extensão das manifestações naquele tempo. Fico muito satisfeito por poder assim apresentar os resultados das observações de outros em vez das minhas próprias afirmações não corroboradas. A senhora diz:

«A casa em que atualmente resido e que, há alguns anos, tem sido o meu lar, é uma grande e irregular vila de estilo antigo nas proximidades de Florença, cuja arquitetura interna evidencia ter sido construída em diferentes períodos — períodos provavelmente bastante distantes uns dos outros.

«As partes mais antigas da casa, a julgar pelos ornamentos de uma capela que faz parte dela, devem, diria eu, ter sido construídas no início do século XVI. Os aposentos que ocupo ficam quase imediatamente acima da capela e comunicam, de um lado, com a parte inferior da casa por uma estreita escadaria de pedra. Quando viemos residir aqui pela primeira vez, soubemos que a vila tinha, em comum com muitas outras da mesma espécie, a reputação de ser assombrada.

Dizia-se que luzes estranhas tinham saído das janelas da capela, e que ruídos sobrenaturais tinham sido ouvidos naquela parte da casa a que me referi. Alguns amigos passaram o inverno connosco há cinco ou seis anos, e o criado deles ocupava um pequeno quarto num entresol entre a capela e os meus aposentos; mas o seu descanso tornou-se tão perturbado, e ele descreveu os ruídos que ouvia como tão peculiares, que pediu autorização para dormir noutro lugar. Antigamente eu tinha o hábito de dispensar a minha criada cedo e de ficar acordada, a ler ou a escrever, até tarde.

Nessas ocasiões eu era subitamente tomada por um estranho sentimento de medo, uma espécie de receio nervoso, mais fácil de imaginar do que de descrever. Na verdade, seria impossível descrever as minhas sensações nesses momentos, senão dizendo que sentia que já não estava sozinha. Este sentimento durava geralmente de cinco a dez minutos e deixava invariavelmente uma impressão dolorosa no meu espírito. Também ouvia frequentemente um peculiar som de farfalhar no meu quarto e em

volta da minha cama, como se alguém estivesse a agitar as cortinas do leito; e esse som era invariavelmente acompanhado por uma sensação de frio, como se uma porta tivesse sido subitamente aberta e uma forte corrente de vento frio tivesse entrado com violência no quarto.

«Estes sons e as outras sensações dolorosas que descrevi, e que eu era totalmente incapaz de explicar, continuaram a intervalos com maior ou menor intensidade até ao mês de Outubro de 1855, quando grande sensação foi criada em Florença pela chegada do Sr. Home, cuja reputação como médium espírita o tornara célebre. Pouco tempo depois da sua chegada a Florença, os sons no meu quarto tornaram-se mais distintos e mais frequentes, e os sentimentos nervosos muito peculiares de que falei não ficaram tão exclusivamente limitados a mim, mas eram frequentemente partilhados pela minha irmã, se ela permanecesse algum tempo no meu quarto.

O meu descanso acabou por se tornar tão perturbado, e consequentemente a minha saúde tão prejudicada, que mandei mudar a minha cama para um quarto contíguo àquele em que costumava dormir, esperando que a mudança me trouxesse tranquilidade.»

«A primeira noite passou sem perturbação, mas na noite seguinte e nas subsequentes foram tão penosas que eu frequentemente ficava acordada até de manhã. Entretanto, fizemos conhecimento com o Sr. Home e, tendo sido testemunha de efeitos tão maravilhosos que só podiam ser atribuídos a uma causa sobrenatural, resolvi descobrir, se possível, o verdadeiro segredo dos meus aposentos assombrados.

«Tendo o Sr. Home sido convidado a permanecer alguns dias em nossa casa, no primeiro dia da sua chegada foi posto ao corrente do mistério dos meus aposentos, e propôs que se realizasse neles uma sessão com o objetivo de tentar averiguar se os estranhos sons que me perturbavam deviam ou não ser atribuídos a uma agência sobrenatural. Assim, por volta das onze horas dessa mesma noite, a minha irmã, o Sr. Home e eu fomos para o meu quarto e sentámo-nos a uma pequena mesa redonda em frente e muito perto da lareira.

Estávamos bem agasalhados e o lume ardia vivamente; contudo, o frio que invadia o quarto era intenso, penetrando até aos ossos. Devo mencionar que durante muitos dias anteriores eu sofrera do que parecia ser um ar frio a soprar sobre o meu corpo, especialmente sobre os membros inferiores, e que

era totalmente independente da temperatura atmosférica. Esta sensação nunca me deixava, e todos os meios artificiais falhavam em destruir a impressão de frio. Este mesmo ar frio foi agora sentido tanto pela minha irmã como pelo Sr. Home a um ponto que se lhes tornou igualmente doloroso. Desde então verifiquei que é um acompanhamento frequente das manifestações.

«Antes de se sentar à mesa, o Sr. Home descera à capela, onde, porém, tudo estava silencioso. Ao subir novamente as escadas, ouviu um som como o de um sino abafado a dobrar na capela. Mal nos tínhamos sentado um instante à mesa, ela começou lentamente a mover-se em diferentes direções, inclinando-se em geral para o lado em que eu estava sentada. Pouco depois os movimentos tornaram-se mais violentos e assumiram, se me for permitida a expressão, uma aparência colérica. Perguntámos se um espírito estava presente, e a mesa respondeu fazendo os três movimentos afirmativos habituais.

«Perguntámos então ainda se o espírito presente era um bom espírito, e obtivemos resposta negativa. Falámos em termos severos, o que pareceu irritar o espírito, pois as demonstrações tornaram-se muito coléricas. Uma cadeira antiga, de espaldar alto, que estava a alguma distância da mesa, foi de repente, e sem contacto humano, puxada para junto dela, como se alguém, ao sentar-se, a tivesse puxado assim. Nada, contudo, era visível. O Sr. Home propôs que passássemos para o quarto seguinte, o meu quarto de dormir, e experimentássemos ver se ali se produziriam outras manifestações. Assim fizemos; mas tudo permaneceu calmo.

Então regressámos ao quarto que acabáramos de deixar e sentámo-nos a outra mesa coberta com uma toalha. Já antes tínhamos ouvido um som de farfalhar à volta e por baixo das mesas, um som como o que faria uma pessoa movendo-se com uma veste pesada. Este ruído era acompanhado por um arranhar na madeira da mesa, como se alguém a raspasse com as unhas. Vimos então distintamente a toalha, do lado da mesa mais próximo de mim, erguer-se, como se uma mão a levantasse por baixo. A mão parecia estar numa atitude ameaçadora. O Sr. Home também foi várias vezes tocado no joelho, e descreveu o toque como particularmente forte e desagradável.

«Pedimos então ao espírito que nos deixasse, exigindo que regressasse na noite seguinte e declarasse o seu propósito ao atormentar-nos desta

forma. Ele prometeu-o e, ao ser ainda conjurado em nome da Santíssima Trindade a deixar-nos, as manifestações cessaram.

«A noite foi muito inquieta. A sensação de frio, de que já falei, acompanhava-me para toda a parte, e eu ouvia frequentes arranhões debaixo da minha almofada e sobre a minha cama. Na noite seguinte reunimo-nos outra vez no meu quarto e juntaram-se-nos mais duas pessoas, uma membro da nossa família, a outra um cavalheiro conhecido do Sr. Home e que então investigava este fenómeno; ambos homens de nervos firmes e juízo desapaixonado.

Sentiu-se o frio habitual e a mesa ficou muito agitada. Um pequeno estilete, que uso como abre-cartas, foi tirado da mesa como que por uma mão invisível e retirado da bainha. A mesa foi então levantada do chão e empurrada violentamente através do quarto. Parou em frente de uma porta que dava para a escadaria, e retomámos os nossos lugares.

«Uma pequena campainha de mão foi retirada de cima da mesa e tocada violentamente em diferentes direções. O punhal foi atirado de um lado para o outro debaixo da mesa e esfregado contra os joelhos do Sr. Home. O meu cotovelo foi violentamente agarrado por uma mão, cujos dedos vi distintamente — eram longos, amarelos e brilhantes. Outras pessoas presentes, que sentiram o seu aperto, descreveram o toque como viscoso e horrível. Falei suavemente ao espírito, que, em resposta às minhas perguntas, disse ser infeliz e que talvez eu lhe pudesse ser de alguma utilidade. Prometeu voltar e falar mais demoradamente na noite seguinte e, depois de levantar a mesa várias vezes muito acima das nossas cabeças, deixou-nos.

«Durante todo o dia seguinte fui mais ou menos atormentada pelo ar frio, que soprava sobre o meu rosto e os meus membros, especialmente ao entardecer, pouco antes da hora marcada para a sessão. Esse vento tornou-se então muito forte e, de novo, uma mão ergueu a toalha da mesa em que eu me apoiava e tocou-me no braço como para me lembrar do meu compromisso. Fomos para o meu quarto, estando presente apenas um membro da minha família, pois a minha irmã sofrera demasiado com o susto da noite anterior para se juntar a nós.

«As manifestações da mesa começaram imediatamente, mas de maneira mais tranquila do que nas ocasiões anteriores. Falei logo (devo dizer que o italiano era a única língua usada*), de modo apaziguador. Em resposta a muitas perguntas, o espírito disse-me que era infeliz e que vagueara pela casa

durante muitos, muitos anos; que o seu nome era Giannana; que fora monge e que morrera no quarto que então eu ocupava. Desejei saber se deveria mandar celebrar missas pelo repouso da sua alma. Respondeu negativamente, mas pediu que eu rezasse para que ela pudesse encontrar algum repouso. Pedi-lhe ainda que me dissesse por que razão, na noite anterior, fizera tanto uso do pequeno punhal, e ele respondeu que, em vida, conhecera demasiado bem a maneira de o empregar. Prometeu-me então nunca mais voltar aos meus aposentos; e, desde essa noite, essas sensações dolorosas e esses estranhos ruídos, de que tenho falado tanto, deixaram-me e nunca mais regressaram.

Desde então têm-se realizado no meu quarto frequentes sessões, por pedido especial de espíritos bons e amorosos, que nos deram comunicações consoladoras. Por eles o punhal foi retirado da bainha e a campainha tocada, como se o toque de mãos santas fosse necessário para destruir quaisquer recordações dolorosas na minha mente associadas a estes objetos, ou qualquer relutância que eu pudesse sentir em voltar a usá-los. Na verdade, os meus aposentos parecem ter sofrido uma purificação completa, e sinto que qualquer influência dolorosa que ali antes existisse desapareceu por completo, e espero que para sempre.»

- Aqui a autora omite uma circunstância bastante curiosa. Observou que o italiano estava incorretamente escrito; mas, ao compará-lo depois com o estado da língua no século XVI, verificou-se que estava correto.

O que precede foi escrito pouco depois do estranho acontecimento que regista. Em 3 de Abril de 1860, encontrando-me então em Londres, recebi uma carta da mesma senhora, datada de Florença, 27 de Março, da qual o seguinte é um excerto:

«Creio ter-lhe dito que os ruídos na Vila estão piores do que nunca, e o novo proprietário está terrivelmente perturbado por eles. A casa foi exorcizada, mas sem efeito. Os meus próprios aposentos são os mais perturbados.»

No dia 5 de Dezembro de 1855, quando eu regressava tarde da noite aos meus aposentos em Florença, estando as ruas desertas, observei um homem a sair do portal da casa contígua. Eu estava no degrau que conduzia à minha própria porta e olhava para a janela para ver se o criado ainda estava acordado, quando recebi um violento golpe no lado esquerdo, cuja força e a

emoção por ele causada me projetaram para a frente, sem fôlego, para o canto do portal. O golpe foi novamente repetido no estômago e depois outro no mesmo lugar, e o pretenso assassino gritou: "Dio mio, Dio mio", e, virando-se com o braço estendido, fugiu. Vi distintamente o brilho do seu punhal e, ao voltar-se, a luz do candeeiro incidiu-lhe também plenamente no rosto, mas não reconheci os seus traços. Estava completamente sem forças e não pude gritar nem dar qualquer alarme, e permaneci assim pelo menos durante dois minutos, após os quais fui tateando ao longo da parede até à porta de um vizinho, onde fui admitido.

Julguei ter recebido algum ferimento grave, mas, ao examinar-me, verifiquei que o primeiro golpe atingira a chave da porta, que por acaso eu tinha no bolso do peito, exatamente sobre a região do coração. Vestia um casaco de peles, e este acontecera estar duas vezes dobrado à frente. O segundo golpe atravessara as suas quatro dobras, um canto do meu casaco, o meu colete e a cintura das minhas calças, sem causar qualquer ferimento. O terceiro golpe penetrara as quatro dobras do meu casaco, bem como as minhas calças e a roupa interior, e fizera uma ligeira incisão, que sangrou, mas não abundantemente.

Nessa manhã eu recebera de uma querida amiga, em cuja casa se encontrava uma clarividente de notáveis faculdades, uma carta rogando-me que não saísse nessa noite, pois recebera um aviso de perigo iminente — mas não dei qualquer atenção a isso. Nunca descobri o autor, nem a causa de a minha vida ter sido atacada. Foram apontadas muitas razões — entre elas roubo, identidade trocada e intolerância religiosa.

No mês de Janeiro, o Signor Landucci, então Ministro do Interior do Grão-Duque da Toscana, mandou dizer-me que eu não andasse pela casa à noite entre as luzes e a janela, nem saísse para as ruas durante o dia, dando como razão que alguns dos meus inimigos andavam a explorar as superstições dos camponeses e a dizer-lhes que era meu costume administrar os sete sacramentos da Igreja Católica a sapos, a fim de, por meio de feitiços e encantamentos, ressuscitar os mortos. Isto tinha-os de tal modo enfurecido e excitado que estavam plenamente decididos a tirar-me a vida e, para esse fim, escondiam-se pela vizinhança com armas de fogo.

Conheci então um nobre polaco que, com a sua família, estava prestes a visitar Nápoles e Roma, e que muito amavelmente insistiu para que eu os acompanhasse. Fiquei em Florença sem dinheiro e, tendo alguns dos meus

amigos em Inglaterra deixado a sua credulidade ser explorada por certos mexeriqueiros, e julgando que eu levava uma vida extremamente dissoluta, recusavam-se a enviar-me até o meu próprio dinheiro, que lhes fora confiado para guardar. Disse ao Conde B que viajaria com ele, e no exato dia em que dei esse consentimento os espíritos disseram-me que o meu poder me deixaria por um ano. Foi na noite de 10 de Fevereiro de 1856. Sentindo que o Conde e a sua família deviam ter sentido por mim um interesse nascido apenas dos singulares fenómenos que tinham testemunhado na minha presença, e que, removida essa causa, o seu interesse por mim diminuiria, escrevi-lhes na manhã seguinte para os informar do que me fora dito e dizer que já não podia alimentar a ideia de me juntar a eles.

Disseram-me imediatamente que era por mim próprio, ainda mais do que pelo estranho dom que eu possuía, que se haviam interessado em mim. Fui ter com eles e, um ou dois dias depois, partimos de Florença para Nápoles. Enquanto ali estive, embora os meus poderes me tivessem deixado, ainda assim a minha presença parecia desenvolver o poder nos outros; pois encontrei, na sua própria residência, o Honorável Robert Dale Owen, que era o ministro americano junto da corte de Nápoles, e foi na presença de um dos Príncipes Reais dessa família, ele próprio um médium, que ele ficou pela primeira vez convencido.»

O Sr. Owen escreveu desde então um livro extremamente competente e cuidadosamente organizado de factos autênticos, intitulado *Footfalls on the Boundaries of another World*, no qual reuniu tanto os factos como a filosofia deste grande assunto. Permanecemos em Nápoles quase seis semanas, e depois seguimos para Roma. Ali, na ausência do poder, o meu espírito procurou no mundo natural a consolação que até então encontrara no espiritual, e agora, tendo esta sido retirada, a vida parecia-me um vazio. Li com intensa avidez todos os livros que pude encontrar relativos às doutrinas da Igreja de Roma, e, encontrando neles a expressão de tantos factos que eu verificara coincidirem com a minha própria experiência, pensei que todas as crenças contendentes e contraditórias ficariam para sempre resolvidas, se eu pudesse apenas ser recebido como membro desse corpo.

As minhas experiências da vida e da sua falsidade já haviam deixado uma marca tão indelével na minha alma, em resultado das minhas recentes experiências em Florença, que eu desejava fugir de tudo o que pertencesse a este mundo, e decidi entrar num mosteiro.

Depois de duas ou três semanas de sérias deliberações por parte das autoridades, decidiu-se que eu seria recebido como membro da Igreja, e fui confirmado. A Princesa foi minha madrinha, e o Conde B meu padrinho na ocasião. Fui recebido com muita bondade pelo Papa, que me interrogou longamente acerca da minha vida passada. Apontou para um crucifixo que estava perto de nós e disse: "Meu filho, é naquilo que está sobre essa mesa que colocamos a nossa fé." Deu-me também uma grande medalha de prata, que desde então tive a desgraça de perder.

Desde então tem-se dito frequentemente a meu respeito que, nesta entrevista com o Papa, eu lhe prometera que não teria mais manifestações; mas mal é necessário, depois do que narrei, dizer que eu não poderia ter feito tal promessa, nem ele me pediu que a fizesse.

Em Junho de 1856 fui para Paris e, conforme me fora aconselhado pelo Papa, procurei o conselho do Père de Ravignan, um dos homens mais eruditos e excelentes do seu tempo. O propósito da minha permanência em França era adquirir facilidade na língua. Durante o inverno adoeci novamente, e o Dr. Louis, um dos mais célebres médicos de França para casos de tísica, decidiu por auscultação que o meu pulmão esquerdo estava doente, e aconselhou um clima mais ameno. Isso, porém, não pôde ser conseguido, e durante algum tempo fiquei confinado à cama.

Aproximava-se rapidamente o momento em que expiraria o ano durante o qual o meu poder deveria permanecer suspenso. O Père de Ravignan assegurava-me sempre que, sendo eu agora membro da Igreja Católica, ele não regressaria a mim. Quanto a mim, não tinha opinião sobre o assunto, pois estava inteiramente sem dados, salvo a sua garantia nesse ponto.

Na noite de 10 de Fevereiro de 1857, quando o relógio bateu as doze, eu estava na cama, à qual me encontrava confinado, quando se ouviram fortes pancadas no meu quarto, uma mão pousou suavemente sobre a minha testa e uma voz disse: "Tem bom ânimo, Daniel, em breve estarás bem." Tinham decorrido apenas alguns minutos antes de eu mergulhar num sono tranquilo, e de manhã despertei sentindo-me mais refeito do que há muito tempo. Escrevi ao Père de Ravignan contando-lhe o que tinha ocorrido, e nessa mesma tarde ele veio ver-me.

Durante a conversa ouviram-se fortes pancadas no teto e no soalho, e, quando ele estava prestes a dar-me a sua bênção antes de partir, ouviram-se fortes pancadas na armação da cama. Deixou-me sem exprimir qualquer

opinião sobre o assunto dos fenómenos. No dia seguinte eu estava suficientemente restabelecido para dar um passeio de carruagem e, na sexta-feira, dia 13, fui apresentado a Suas Majestades nas Tulherias, onde ocorreram manifestações de natureza extraordinária. Na manhã seguinte fui visitar o Père de Ravignan para lho comunicar. Ele manifestou grande desagrado por eu ser objeto de tais visitações e disse que não me daria absolvição se eu não regressasse imediatamente ao meu quarto, me fechasse lá dentro e não escutasse quaisquer pancadas, nem prestasse a menor atenção a quaisquer fenómenos que ocorressem na minha presença.

Desejei raciocinar com ele e explicar-lhe que eu não podia impedir-me de ouvir e de ver, pois, tendo Deus me abençoado com essas duas faculdades, não estava em meu poder ignorá-las. Quanto a fechar-me sozinho, não pensava, por já ter experimentado antes essa prova, que isso fosse compatível com o meu temperamento nervoso, e que a tensão sobre o meu sistema seria demasiado grande se eu ficasse assim isolado. Ele não quis ouvir-me e disse-me que eu não tinha direito a raciocinar: "Faça o que lhe digo, caso contrário suporte as consequências." Deixei-o em grande aflição de espírito. Não queria ser desobediente, e, contudo, sentia que Deus é maior do que o homem, e que, tendo Ele concedido o poder da razão, eu não via por que motivo deveria assim ser privado dele.

Ao chegar ao meu quarto encontrei ali um amigo muito querido e estimado, o Conde de K . Ele notou a minha agitação e perguntou-me a causa. Contei-lhe tudo, e ele disse: "Só há uma coisa a fazer: venha para minha casa, e mandaremos chamar o Abade de C , e consultá-lo-emos." O Abade veio e, depois de ouvir a minha história, disse "que tanto valeria meterem-me vivo na sepultura como cumprir o que tinha sido ordenado", acrescentando: "Gostaria muito de testemunhar algumas destas coisas maravilhosas." Muito felizmente, a minha emoção não destruíra o poder, como habitualmente acontece quando estou agitado, pois, enquanto estávamos juntos, ocorreram vários fenómenos interessantes.

As suas palavras foram: "Seja este poder o que for, não é de modo algum obra sua." Recomendou-me que procurasse outro diretor espiritual, acrescentando: "Eu próprio teria muito gosto em ser o seu diretor, mas, sendo isso conhecido, seria apenas perseguido." Deu-me o nome de um dos mais eloquentes pregadores do seu tempo, apresentei-me a ele, e permaneci sob a sua orientação durante as poucas semanas da minha estadia em Paris antes de partir para a América para trazer de volta a minha irmã. Durante a

minha ausência, a curiosidade tornara-se muito grande para descobrir quem era o meu confessor; e a Condessa L , tendo ouvido dizer que se tratava de um homem distinto, visitou vários dos mais notáveis em Paris e, depois de uma breve conversa, dizia abruptamente a cada um: "Então é o senhor o confessor do Sr. Home." O mais natural foi que, numa dessas ocasiões, ela acertasse precisamente no verdadeiro, e o seu olhar de surpresa o denunciasse. A sua surpresa foi a de eu ter revelado o seu nome, e isso ele exprimiu à Condessa, que lhe disse que eu não o tinha traído, mas que ela usara esse artifício para averiguar o facto. Foi essa a razão por que não continuei mais tempo com ele como meu confessor.

O excerto que aqui apresento é tirado da vida recentemente publicada do grande confessor, o Père de Ravignan, que me fora recomendado pelo Papa, e só posso lamentar que ele já não esteja aqui para contradizer, com a sua própria pena, as falsas afirmações a meu respeito feitas pelo seu biógrafo, o jesuíta Padre A. de Ponlevoy. No fim do Capítulo XXIV, essa pessoa diz: "Não poderíamos encerrar este capítulo sem fazer menção desse famoso médium americano, que tinha o triste talento de fazer voltar outras coisas para além das mesas, e de invocar os mortos para divertir os vivos.

Muito se disse, até mesmo nos jornais, da sua intimidade religiosa e próxima com o Padre de Ravignan, e pareceu ter-se querido, sob o passaporte de um nome acreditado, introduzir e estabelecer em França estas belas descobertas do Novo Mundo. Eis o facto em toda a sua simplicidade. É muito verdade que o jovem estrangeiro, depois da sua conversão em Itália, foi recomendado de Roma ao Padre de Ravignan, mas, nessa época, ao abjurar o protestantismo, repudiou também a magia, e foi recebido com aquele interesse que um sacerdote deve a toda a alma resgatada pelo sangue de Jesus Cristo! e talvez ainda mais a uma alma convertida e trazida ao seio da Igreja. À sua chegada a Paris, todas as suas antigas práticas lhe foram de novo absolutamente proibidas.

O Padre de Ravignan, segundo todos os princípios da fé, que proíbe a superstição, proibiu, sob as mais severas penas que podia infligir, que ele fosse ator ou mesmo testemunha dessas cenas perigosas, que por vezes são criminosas. Um dia, o infeliz médium, tentado por não sei que homem ou demónio, violou a sua promessa; foi retomado com um rigor que o esmagou. Entrando então ali por acaso, eu o vi a rebolar-se no chão e a arrastar-se como um verme aos pés do sacerdote, que estava numa santa cólera. O Padre, contudo, tocado pelo seu arrependimento convulsivo, levantou-o,

perdoou-lhe e mandou-o embora, depois de lhe ter exigido, desta vez por escrito, uma promessa sob juramento. Mas em breve houve recaída ruidosa (*rechute éclatante*), e o servo de Deus, rompendo com esse escravo dos espíritos, mandou-lhe dizer que nunca mais aparecesse na sua presença."

Se o resto do livro não for mais verdadeiro do que esta afirmação, certamente não vale a pena ser lido. O bom Père de Ravignan sabia muito bem que eu não era americano e que este poder começara comigo antes de eu alguma vez ter visto a América, pois eu lhe contara toda a minha história. Sabia também que eu nunca invocara os espíritos. Nenhum bom nome é, nem jamais será, necessário para introduzir ou acreditar uma verdade dada por Deus, e eu conhecia demasiado bem o poder dos factos para pensar que eles precisavam do passaporte até mesmo do nome do Padre Ravignan.

O seu biógrafo devia também ter tido uma educação limitada, tanto religiosa como histórica, para escrever sobre estas coisas como sendo as "belas descobertas" do Novo Mundo, pois elas podem ser facilmente seguidas em todos os tempos e em todos os países do mundo de que nos ficou qualquer registo ou história. É perfeitamente falso que eu alguma vez tenha abjurado quaisquer processos mágicos ou outros, pois nunca soube coisa alguma a seu respeito e, portanto, não os podia abjurar.

O Padre de Ravignan costumava dizer-me, quando eu lhe dizia que os espíritos tinham dito que voltariam a mim a 10 de Fevereiro de 1857: "Não há receio disso, meu filho, enquanto continuar como agora, observando cuidadosamente todos os sacramentos da nossa santa Igreja; não lhes será permitido regressar." Segui as suas injunções com a maior consciência; mas no exato dia prometido eles vieram, como descrevi, e disseram-me que se alegravam por me encontrar em tão puro estado de espírito, pois isso facilitava muito a sua aproximação.

Nunca violei promessa alguma, tanto quanto sei; e quanto ao facto de o biógrafo ter entrado e me ter encontrado a rebolar pelo chão e a rastejar como um verme, é uma falsidade completa. Mas ainda que fosse verdade, não teria sido lugar de um sacerdote tornar tal coisa pública. Se eu prestei um juramento e o escrevi, como se alega, esse escrito terá sido guardado. Que seja apresentado, para salvar o carácter deste Padre A. de Ponlevoy, a fim de que ele prove a verdade da afirmação que faz. Entretanto, digo que ela não tem sequer qualquer fundamento de verdade.

A última vez que vi o bom Père de Ravignan, quis apenas raciocinar com ele, pois, como então lhe disse, nenhum homem tinha o direito de proibir aquilo que Deus concede. Saí sem me confessar sequer — portanto nem sequer estive de joelhos, muito menos a rastejar como um verme. Como já disse, quando o Abade veio ver-me, a conversa que tive com ele apenas contribuiu para me fortalecer na minha opinião acerca do que era justo; pois, quando os sacerdotes não estão de acordo quanto a uma tal matéria, em quem ou em quê devemos confiar, senão na razão que Deus nos deu?

O Padre de Ravignan nunca me fez dizer que não me veria novamente. Pelo contrário, fui eu quem disse que não voltaria a ele enquanto ele não quisesse raciocinar comigo. Tenho na minha posse cartas suas para mim, que mostrarão o sentimento bondoso que sempre teve por mim antes desse período, e estou bem certo, no íntimo, de que ele nunca disse nada contra mim, mesmo quando deixei de o ver. Era tão bom, tão puro e tão elevado de espírito, que eu desejaria que tivesse tido um cronista mais verdadeiro e mais honesto para escrever a sua vida.

A própria Condessa L era uma crente convicta nas manifestações que tinha frequentemente testemunhado na minha presença, e estava também presente quando tive uma visão que é descrita num dos jornais de Paris com as seguintes palavras:

"A recente falência do Sr. Thurneyssen recorda-nos um facto estranho que assinalou a estada do Sr. Home em Paris durante o último inverno. A Condessa teve, há uma dúzia de anos, uma estranha alucinação. Certa noite, estando ocupada com alguns bordados, sozinha com o seu irmão, este lia-lhe um dos livros mais irreligiosos do século dezoito. Enquanto ela ouvia mecanicamente a leitura, levantou a cabeça e, ao olhar para o seu irmão, ficou aterrada com a visão da estranha expressão do seu rosto.

Ele era ordinariamente um jovem muito gentil, benevolente e simpático, com traços calmos e tranquilos, mas, naquele momento, estes estavam pavorosamente contraídos, as sobrancelhas singularmente convulsas, os olhos abertos de par em par, os cantos da boca distorcidos por um sorriso amargo e desesperado e, no seu todo, ele tinha a expressão peculiar que os pintores dariam a um anjo caído. A assustada Condessa teve imediatamente, como se de um pensamento revelado se tratasse (pois nunca anteriormente sonhara com a possibilidade de tal coisa), a convicção de que o seu irmão estava possuído por um demónio.

Frequentemente, depois disso, viu a mesma expressão infernal no rosto do seu irmão, mesmo quando ele estava mais calmo e feliz; mas a ideia era-lhe tão horrível que nunca mencionou a circunstância. No inverno passado, o Sr. Home foi apresentado à Condessa. Estando em casa dela uma noite, e no seu habitual estado de espírito tranquilo, a sua atenção foi atraída por um belo busto de mármore. Ele não sabia que era o do irmão da Condessa, mas imediatamente todo o seu rosto mudou, e ele entrou num estado da mais violenta agitação.

A Condessa, muito alarmada, perguntou por que razão ele estava tão afetado, ao que o Sr. Home respondeu: 'Minha Senhora, o homem de quem é este busto está possuído por um demónio.' Pode-se julgar o espanto da Condessa ao ouvir o Sr. Home dizer o que ela tinha pensado doze anos antes. Ela pressionou-o com perguntas e ele, recuperando da sua emoção, levantou-se e foi examinar o busto mais de perto; depois, voltando-se para a Condessa, disse: 'Dentro de pouco tempo o seu irmão terá uma grande infelicidade, e esta infelicidade irá libertá-lo dos seus inimigos.'

E assim ocorreu: o Conde de P perdeu na falência do Sr. Thurneyssen uma parte considerável da sua fortuna. A profecia veio quatro meses antes da falência. Poderia ter sido que os espíritos vissem a desonestidade de Thurneyssen? Se assim for, isto poderia explicar por que certas pessoas estão tão prontas a opor-se a toda a comunicação com o outro mundo, preferindo as trevas à luz."

No dia anterior à minha partida de Paris, ocorreu através de mim um caso maravilhoso de cura, da maneira que passarei a relatar.

A 19 de março de 1857, quando residia no n.º 13 da Rue des Champs Élysées, recebi uma carta de uma desconhecida, a Senhora A. Mavoisin de Cardonne, do n.º 233 da Rue St. Dominique, St. Germain, afirmando que tivera um sonho no qual vira a sua própria mãe e a minha, e que esta última lhe tinha dito para me procurar imediatamente, a fim de que o seu filho, que estava surdo há quatro anos devido aos efeitos de uma febre tifoide, pudesse ser curado. Isto ficou tão fortemente gravado na sua mente que ela me escreveu para dizer que viria visitar-me com o seu filho na manhã seguinte, às dez horas.

Assim, na manhã seguinte, ela apresentou-se com o seu filho nos meus aposentos, estando presentes a Princesa de B e a Menina E, que estavam comigo antes da minha partida de Paris nesse mesmo dia, para prosseguir a

minha viagem para a América. Eu tinha sido tão assoberbado por pessoas que desejavam ver-me que tinha recusado uniformemente tais visitas; mas, nesta ocasião, estivera tão preocupado com os meus compromissos na preparação da viagem que não tinha conseguido acusar a receção da sua carta, nem escrever-lhe afirmativa ou negativamente.

Recebi-a, portanto, com considerável embaraço, que foi plenamente correspondido da parte dela. Foi, de facto, um encontro embaraçoso para ambos: a mãe ansiando pela recuperação do filho, e eu não sabendo como se esperava que eu fosse o instrumento na cura desta surdez total e prolongada; tanto mais que tinham sido realizadas operações no rapaz, como soube mais tarde, por eminentes cirurgiões de Paris, que tinham dito ser impossível que ele alguma vez recuperasse a audição.

Ela sentou-se numa cadeira perto de um sofá, sentando-me eu no sofá e fazendo sinal ao filho para se sentar à minha esquerda. O rapaz estava no seu décimo quinto ano, alto para a idade, de compleição delicada, com grandes olhos azuis sonhadores que pareciam querer suprir a falta da audição com o seu olhar profundo, pensativo e inquisitivo. A mãe começou a sua descrição da doença do rapaz, começando pelo ataque de febre e terminando com a perda total da audição. Durante o relato, contado com todo o calor e ternura do coração de uma mãe, e descrevendo as várias operações cirúrgicas a que ele tinha sido submetido, as minhas simpatias foram profundamente movidas, e eu tinha, sem me dar conta, passado o meu braço esquerdo em volta do rapaz e puxado para mim, de modo que a cabeça do rapaz descansava no meu ombro.

Enquanto nesta posição, e enquanto a Senhora de Cardonne contava alguns dos pormenores mais dolorosos, passei a mão carinhosamente pela cabeça do rapaz, sobre o que ele, levantando parcialmente a cabeça, exclamou subitamente numa voz tremendo de emoção: "*Maman, je t'entends!*" (Mamã, oiço-te!). A mãe fixou nele um olhar de espanto e disse "Émile", o nome do rapaz, e ele respondeu de imediato: "*Quoi?*" (O quê?). Ela então, vendo que a criança tinha ouvido a sua pergunta, desmaiou com a emoção e, após a sua recuperação, a cena foi das mais emocionantes — a pobre mãe fazendo perguntas continuamente pelo mero prazer de ouvir o seu filho responder. O rapaz conseguiu retomar os seus estudos e continuou a ouvir perfeitamente até ao tempo presente.

CAPÍTULO VI

NA AMÉRICA. O BANDO DA IMPRENSA

Ao chegar à América, descobri que a imprensa americana tinha estado a publicar alguns parágrafos ridículos a meu respeito, um dos quais falava de uma partida que se dizia ter sido perpetrada pelo General Baraguay d'Hilliers e outros na presença do Imperador, e que eu próprio ficara muito alarmado e, por fim, muito zangado ao descobrir o truque. Tudo não passava de uma invenção, como se verá, pois naquela altura eu nunca sequer tinha visto nenhum dos três cavalheiros que se dizia serem atores na mesma. O parágrafo seguinte era também do mesmo carácter, pois eu ainda não tinha conhecido o Sr. Dumas.

"Home, o que gira mesas e magnetizador, que ultimamente causou tanta atenção em Paris, previu ao Sr. Alexandre Dumas que ele viveria até à idade de 103 anos e seria morto num duelo."

O que se segue é outro espécime de tipo semelhante.

"O Sr. Home, o médium que causou tal sensação em Paris, está a caminho deste país para visitar a sua irmã. Foi-lhe proposto casamento por uma senhora de imensa riqueza, mas ele recusou-a."

O "New York Herald", um jornal mais conhecido pela sua falta de veracidade do que por outra coisa, publicou cartas dos seus correspondentes especiais em Paris, afirmando "de fontes muito fiáveis" que eu tinha roubado 30 000 libras e que estava agora para sempre banido de França. Eu tinha, naquele exato momento, o meu bilhete de regresso no bolso e sabia que um Príncipe Imperial, então de visita ao Imperador, aguardava o meu regresso. De facto, se o público julgasse a minha vida pelo que os jornais diziam de mim, deve ter ficado muito confuso com as afirmações e contradições que apareceram sucessivamente. Eu estava perfeitamente contente por deixar ambas sem resposta e nunca me dei ao trabalho de as corrigir. A notícia seguinte é da mesma classe que as anteriores.

"A '*Independance Belge*' afirma que Napoleão mandou embora o Sr. Home, o americano que bate mesas, porque a Imperatriz ficou tão afetada que o Imperador receou a continuação das cenas diabólicas. As damas de honor estavam igualmente excitadas e não conseguiam falar de outra coisa. Diz-se que Home estava instalado na residência real e que era pago à taxa de 10 000 libras por ano."

O "Hartford Courant" afirma:

"O '*Times*' diz que Daniel Dunglas Home, o famoso médium, cujas atuações são tão peculiares que confundem totalmente as mentes mais aguçadas e sagazes, e que é um cavalheiro de educação e carácter fora do alcance dos médiuns comuns, esteve nesta cidade no sábado passado. Consideramo-lo o homem mais notável vivo; e nenhum homem que não tenha testemunhado o que é feito na presença do Sr. Home pode reivindicar o direito de dar uma opinião sobre o Espiritismo. O Sr. Home diz que as piadas dos correspondentes dos jornais sobre ele são inteiramente falsas. Ele teve algumas sessões nas Tulherias, mas declinou conversar sobre esse assunto."

Outro jornal, o "Springfield Republican", notou a minha presença na América como se segue:

"Home, o distinto médium espiritual, que recentemente tem estado a invocar espíritos na presença do Imperador Napoleão, está em Springfield para uma breve visita. Regressará em breve a França, onde os seus serviços são muito requisitados entre os *savants*."

Um jornal de Nova Iorque deu o seguinte relato, corrigindo algumas das afirmações incorretas sobre mim:

"Que terríveis tagarelas são alguns dos nossos escritores de cartas. O editor de Nova Iorque da 'London Letter', no último '*Sunday Times*', tem o seguinte parágrafo: 'Sussurra-se, em Paris, que Home, o americano que bate mesas, estava a produzir tanto dano na Corte que foi mandado embora pelo alarmado Imperador; e o indivíduo que, embora fazendo o papel de um personagem com 40 000 libras por ano, estava na realidade sem um tostão, partiu para o país dos batedores.'

Possivelmente poderá interessar a alguns dos nossos leitores saber algo sobre o Sr. Home, que ultimamente forneceu um tema prolífico aos criadores de parágrafos. Nada temos a dizer quanto aos seus pertences 'espirituais' aqui, mas falamos simplesmente do rapaz — pois ele pouco mais é, tendo agora apenas vinte e dois anos — em referência a relatos como o acima exposto. Home, o 'Americano', é de uma antiga família escocesa de prestígio e nasceu na Escócia, mas foi trazido muito jovem para este país. Tranquilo e discreto nos seus modos, ele nunca se impôs, nem procurou ou evitou especialmente a notoriedade que o acompanha; nunca se exibiu como um

médium público, como muitos supõem, mas simplesmente deixou que os eventos seguissem o seu curso com ele.

Quanto à história acima referida da sua saída de Paris, que circulou de várias formas, apenas temos a dizer que, há cerca de dois domingos, enquanto líamos nos jornais ingleses um relato dos seus feitos em Paris e supondo que ele estaria confortavelmente instalado nas Tulherias, a porta abriu-se e, para nosso espanto, entrou o Sr. Home, para jantar 'em casa' — sendo sob o nosso próprio teto que, há algum tempo, aos dezasseis anos, ele encontrou o seu primeiro abrigo em Nova Iorque (Brooklyn), um refúgio temporário de parentes horrorizados, que tinham posto o 'batedor' fora de casa por estar 'possuído por um demónio'; começando assim como um jovem mártir, pelo menos, quer merecidamente ou não.

Contou-nos que tinha chegado um ou dois dias antes a Filadélfia e declarou ao que vinha e quando voltaria. Ele cumpriu a sua missão — parte da qual era ir buscar a sua irmã, com quem partiu de Boston, há poucos dias, no seu regresso a Paris.

Tanto para o 'dano' e o 'Imperador alarmado' que o 'mandou embora', uma história feita do mesmo tecido que a piada de Sócrates por Baraguay d'Hilliers e outros."

Enquanto no assunto destas invenções jornalísticas, posso também aludir a uma curiosa série delas que ocorreu em 1858. Eu tinha então deixado Paris rumo a Roma, por causa da minha saúde, e a 13 de março, o seguinte despacho telegráfico chegou-me lá vindo de um amigo em Paris: "Diz-me imediatamente se ainda estás em Roma. Tenho um pedido a fazer." Respondi que ainda estava em Roma e, pelo correio seguinte, recebi uma carta de 14 de março, como se segue:

"Caro Amigo. — Enviei-te ontem um despacho telegráfico para que pudesses escrever-me imediatamente se estivesses em Roma; usei o pretexto de ter uma comissão para te pedir; mas na realidade era apenas para ter uma carta tua o mais cedo possível. O escândalo diz que foste preso, e os jornais de Haia dizem que estás na prisão de Mazas. O Senhor B, cujo filho é médium, mandou saber a verdade, e eu autorizei-o a publicar que tenho uma carta tua, com data de Roma de 7 de março. Também mandei informar 'La Patrie', para que se ponha um fim a estas calúnias vis. Espero que aproves o que fiz."

Os jornais parisienses pegaram no relato, e foi por eles confirmado que eu estava verdadeiramente na prisão de Mazas. Pessoas até em posições oficiais disseram aos meus amigos que me tinham visto e falado comigo nessa prisão, e um, um oficial, foi ao ponto de afirmar que me tinha acompanhado até lá na carruagem. Estando em Roma, e totalmente alheio a todo este escândalo que passava a meu respeito, senti-me forçosamente impelido, não sabia porquê, a escrever ao Sr. Henri Delage, o bem conhecido escritor místico de Paris. Fi-lo, e observar-se-á pelo parágrafo seguinte, que introduz a minha carta, quão oportunamente a minha impressão fora dada e quão bem eu agira ao segui-la.

Correspondente em Paris do "Le Nord".

"PARIS, 17 de março. Permitam-me começar por uma boa ação; é a de libertar um homem honrado de calúnias, surgidas não sei de que fonte, mas que nos últimos dias se têm espalhado rapidamente. Falo do Sr. Home, que está, de momento, em Itália, ao passo que se sussurra, tanto secreta como abertamente, que ele está na prisão de Mazas, por não sabemos que crimes. A carta aqui apresentada, datada de Roma, 7 de março, foi recebida ontem pelo Sr. Henri Delage, um amigo íntimo do Sr. Home. A carta está ali diante de mim com a marca postal, e dar-vos-ei as suas palavras literais:

'Roma, 7 de março de 1858. Caro Sr. Delage, — Ficou sem dúvida muito surpreendido ao saber da minha partida para Itália; mas a verdade é que eu estava muito doente. Tinha um empobrecimento do sangue, por isso o que podia eu fazer? O meu poder tinha-me abandonado completamente. Os queridos espíritos acharam que eu estava demasiado doente para ver estranhos. Aqui em Roma frequento pouco a sociedade, sendo necessário um repouso completo. Escreva-me em breve e tenha a bondade de me lembrar ao Sr. H; sabe que gosto muito dele. Sinceramente seu, D. D. Home.'

Rogo-vos que deem a publicidade do vosso bem conhecido jornal a esta carta do Sr. Home. Sendo ela a melhor resposta que pode ser dada a essas calúnias vis que atacam a sua honra."

Conheço bem a origem e a causa desta intriga, e tenho em meu poder uma carta amigável, com data de 18 de julho de 1858, do Gabinete do Ministro do Interior, que é uma refutação suficiente da ímpia calúnia. Sua Alteza o Príncipe Murat também aproveitou a ocasião para me provar não só os princípios cristãos que o guiavam, mas também a verdadeira nobreza do seu coração, ao fazer por um quase desconhecido aquilo que apenas se esperaria

que um pai fizesse por um filho. Ele, à sua própria custa, enviou pessoas à Alemanha, à Itália e à Inglaterra, para averiguar o fundamento de tal libelo, e generosamente deu-me o seu testemunho público e privado da sua inteira falsidade.

Tenho agora de apresentar a seguinte carta e o programa anexo, que também recebi enquanto estava em Roma, e que revelam um caso de personificação, que não é de modo algum nem o primeiro nem o último desse género que eu poderia dar. É, contudo, um espécime divertido deles.

"Paris, 7 de abril. Caro amigo, — Envio-te um programa retirado de um dos jornais de Lyon, que foi enviado ao Sr. Allan Kardec. Que vergonha pensar que tal impostura seja permitida em teu nome. Aconselhar-te-ia a escrever imediatamente ao Prefeito de Lyon, ou à polícia, para que o vilão seja desmascarado o mais cedo possível, não só pelo mal que faz ao teu nome, mas também à causa do espiritismo. Não deixes passar um momento, e nós do nosso lado faremos tudo o que pudermos. Pensa só na audácia de se atrever a dizer que tinha sido recebido pelo Imperador. Sou, etc., etc. P.S. — Soube neste momento que a impostura foi imediatamente descoberta e ele fugiu de Lyon."

Apresento o programa original, com uma tradução para Inglês [traduzido aqui para Português].

"Sala do Grande Teatro. Quinta-feira, 1 de abril de 1858, às oito horas. Sarau Americano ou Sessão de Espiritismo pelo Sr. Home.

'Nunca me guio pela ciência, mas pela minha consciência; creio pois fortemente nos factos magnéticos, creio que a força magnética aumenta prodigiosamente a força de visão do homem; creio que estes factos são constatados por um certo número de homens muito sinceros e muito cristãos.' — ABADE LACORDAIRE.

Programa: Experiência de visão pelo Sr. Home e o Anjo miraculoso. — Obediência à ordem do público. — Sessão de espiritismo pela sensitiva Mme. de Cabanyes.

Produção das visões pedidas pelos espetadores; Estremecimento, Alegria, Cólera, Idiotismo, Piedade, Multiplicação dos sentidos. Aumento e diminuição das forças.

Reprodução de vários destes fenómenos em jovens que o público é solicitado a apresentar.

O Sr. Home, que teve a honra de fazer as suas experiências perante Sua Majestade o Imperador, convida os Srs. médicos, doutores, cirurgiões, etc., etc., a subir junto dele ao palco, a fim de controlar a veracidade dos fenómenos curiosos que tem a honra de oferecer ao Público. Serão dispostos assentos para o efeito.

Preço dos lugares: Primeiras frisas, poltronas e cadeiras, 6 fr. (sem aumento para a reserva antecipada); — primeiras galerias, 5 fr.; — segundas, 3 fr.; — plateia, 2 fr. 50 c.; — terceiras, 1 fr. 50 c.; — quartas, 1 fr."

Isto foi contradito pelos jornais de Paris, que deram apenas como razão que eu estava em Turim, quando na altura acontecia que eu estava realmente em Nápoles.

Mas seria errado confinar estas falsidades à imprensa da América ou de França, quando a imprensa inglesa competia com elas na fabricação e dispensa de afirmações igualmente falsas sobre mim. A história de Sócrates veio da forja do "*Court Journal*" e foi disseminada por grande parte da imprensa inglesa. Não admira que com tal ensino houvesse equívocos sobre mim e sobre os fenómenos. Posso apenas dizer que a totalidade das afirmações, nomes, datas, circunstâncias e pessoas que se seguem são falsas do princípio ao fim.

Extraordinário Caso de Espíritos em Paris. Singular e Bem-Sucedida Partida aos Espiritistas.

"O Sr. Home, o espírito batedor que tudo ouve e tudo vê, partiu subitamente, sem aviso. Muitas histórias circulam a respeito da causa desta partida abrupta, no meio de tão marcante sucesso, quando Paris estava justamente cheia do seu renome, e até do púlpito tinham sido lançadas ameaças e avisos contra aqueles que ousavam frequentar a sua companhia ou acreditar nos seus encantamentos.

Alguns jornais declararam que ele partiu para a América em busca da sua irmã, que ele pronuncia ser uma médium mais poderosa do que ele próprio; outros que, em consequência de alguns dos seus truques terem assumido o carácter de *tours de passe-passe*, ele fora proibido de praticar as suas artes enganosas sobre as altas personagens que tinha escolhido, sob pena de *procès-verbal*; e que a metamorfose do lenço de bolso da Princesa Mathilde

num escaravelho vivo — após cujo feito o praticante caíra em catalepsia e permanecera sem sentidos por cinco horas — tinha despertado certos escrúpulos e suspeitas nas mentes daqueles que tinham testemunhado a proeza, o que causara a sua exclusão daquele círculo da sociedade. Nada disto é o caso, e os vossos leitores podem estar seguros da verdade do que estamos prestes a relatar, e de ser a aventura a única e exclusiva causa da partida abrupta do desconfiado feiticeiro."

«Há poucas noites, tinha sido preparada para ele uma grande sessão na casa de um dos principais oficiais da Corte, que tinha testemunhado as diversas experiências feitas nas Tulherias e que, embora não o tivessem convencido inteiramente, não o tinham deixado totalmente incrédulo. A companhia era limitada e da mais alta estirpe. Os nomes tinham sido todos submetidos ao praticante — os de Eugène Guinot, o *feuilletoniste*; o General Baraguay d'Hilliers; e Nadaud, o compositor; todos eles descrentes atrozes, infiéis miseráveis e mofadores, totalmente desprovidos de qualquer sensibilidade ou imaginação.

Inúmeras foram as experiências tentadas e todas, como de costume, eminentemente bem-sucedidas. O acordeão deslizou, como habitualmente, de joelho em joelho, por todo o círculo, e tocou as melodias mais amadas pelos investigadores; o sino deambulou pelo teto e tocou o seu repique alegre ou dobrou a sua nota fúnebre, de acordo com a vontade de qualquer membro da companhia que escolhesse comandá-lo.

Mas o feiticeiro prometera naquela noite evocar os espíritos e torná-los visíveis à vista, e cada experiência preliminar foi atendida com impaciência, tão grande era a pressa de presenciar a obra-prima coroante da atuação. Finalmente, as luzes foram todas apagadas, exceto uma, uma vela de cera solitária sobre a lareira, atrás da figura do praticante, que projetava a sua sombra longa e gigantesca nas paredes e no teto da sala. O silêncio era completo; algumas das senhoras agachavam-se atrás dos seus vizinhos e resistiam à tentação de desmaiar apenas por razão da sua curiosidade; outros olhavam em redor, esperando, mas temendo, ver algo de pavoroso e terrível que os levasse a ataques de histeria.

Ouviu-se a voz do feiticeiro, no meio do silêncio, perguntando qual o espírito que deveria ser convocado a aparecer. Um sussurro ténue, vindo de um canto distante, ecoou pela sala — "Que seja Sócrates, o maior dos filósofos!" Seguiu-se uma pausa — não se manifestando qualquer objeção ou

oposição, o feiticeiro ergueu o braço e, acenando-o em direção à porta, ordenou solenemente que o espírito de Sócrates aparecesse e se colocasse diante dele. Novamente o silêncio foi retomado, e o feiticeiro permaneceu, com o braço estendido e os lábios murmurantes, fitando a porta. Esta abriu-se lentamente; e, no meio do maior terror, a companhia contemplou a entrada de uma figura, envolta numa espécie de roupagem flutuante, algo parecido com uma mortalha, que avançou com passo silencioso sobre o tapete e se colocou diante do conjurador.

A barba branca e fluida, a cabeça calva e o nariz achatado eram inconfundíveis — Sócrates ali estava, como em vida, no seio daquele círculo alegre e frívolo, evocado do seu sono de séculos para proporcionar diversão a um salão parisiense! O pavor e o terror da companhia estavam no auge, e a figura deslizou de volta em silêncio enquanto o efeito produzido ainda estava no seu ponto culminante.

Quando esta desapareceu, choveram, naturalmente, cumprimentos sobre o operador, que, abalado até à ponta dos dedos, não pôde deixar de expressar a sua surpresa pela prontidão invulgar com que a convocação fora respondida e, cheio da excitação de um sucesso inesperado, cedeu às súplicas da mesma voz que falara antes, e que agora implorava a evocação de Frederico, o Grande. O feiticeiro estendeu novamente a mão para a porta, embora duvidasse que a sua corrente elétrica fosse forte o suficiente para realizar duas evocações tão rapidamente uma após a outra.

Observou-se, contudo, mesmo na luz ténue do aposento, que ele ficou mortalmente pálido quando a porta se abriu novamente à sua convocação, quando chamou em voz alta por Frederico, o Grande, Rei da Prússia, para aparecer diante dele.

A pausa de um momento foi verdadeiramente terrível. Gradualmente, entre as sombras da sala, podia-se ver deslizando pela ombreira da porta uma figura baixa, envolta, como a que a precedera, numa espécie de mortalha colada aos membros e segura em volta da cintura pelo aperto das mãos. O rosto, porém, era inegavelmente o do grande herói, e a cabeça encimada pelo pequeno tricórnio tradicional que faz cada coração prussiano bater de gratidão e lealdade até ao dia de hoje.

A figura avançou como a de Sócrates fizera anteriormente, aproximando-se do mago, e ali ficou quieta e imóvel a poucos passos da chaminé. De imediato, a excitação do mago tornou-se intensa, o suor rolava

em enormes gotas da sua testa e os dentes batiam. "Basta, basta — vai-te, parte!" disse ele, num sussurro rouco, enquanto os olhos da figura o fitavam com uma expressão feroz e ameaçadora. "Vai-te, digo eu!" repetiu ele, num tom cavo, enquanto a figura permanecia imóvel apesar do comando.

Noutro momento, porém, o feitiço quebrou-se. Recompondo-se através de um esforço que, considerando as circunstâncias em que se encontrava, pode ser considerado sublime, ele exclamou subitamente: "Fui feito dupe de alguma mistificação," e deu um passo para perto da figura, que mantivera a sua atitude ameaçadora até aquele momento, quando uma gargalhada alta e incontrolável irrompeu dos seus lábios, e esta exclamou: "O quê! Não me conhece? Eu sou o Nadaud, e aqui está o meu amigo Sócrates, ou antes, o Marechal Baraguay d'Hilliers, pronto para aparecer novamente sempre que quiser, e aqui perto está o meu camarada, Eugène Guinot em vida, e Alcibíades na morte, à espera de ser convocado depois de mim, como ele certamente teria sido, se eu tivesse sido capaz de prosseguir com a brincadeira."

Podem imaginar o efeito produzido pela descoberta da mistificação. O Sr. Home ficou impotente e mudo; quando recuperou, pediu que se lembrassem de que ele tinha sido o primeiro a descobrir o engano, e afirmou que o espírito convocado teria aparecido, pois ele possui de facto a faculdade de os evocar. Em poucos momentos, porém, ele desapareceu, e no dia seguinte ouvimos, sem espanto, da sua partida súbita de Paris. Parece que os três *mauvais plaisants* que tinham sido excluídos da companhia tinham decidido vingar-se; e, com a assistência de um confrade, ajudados igualmente pela barba branca falsa de Sócrates e pelo tricórnio de Frederico, o Grande, quase tinham conseguido enganar o operador, não fosse pela gargalhada incontrolável de Nadaud que traiu toda a conspiração.»

Esta é a história contada sobre a súbita deserção do campo pelo Sr. Home. O tempo nos mostrará se é verdade, pois ele prometeu voltar; e caso não o vejamos de acordo com a sua promessa no espaço de três meses, saberemos no que acreditar e do que duvidar do seu poder misterioso.

Poderia contar muito mais de género semelhante, mas o que já apresentei é suficiente para mostrar a invenção temerária daqueles que pretendem esclarecer o público através da imprensa. Achei mais fácil deixá-los seguir o seu caminho, pois se tivesse começado a contradizer todas as falsidades contadas sobre mim, o meu tempo teria sido totalmente ocupado

em tentativas vãs de parar uma torrente que parece que nunca deixará de correr.

CAPÍTULO VII

1857-8. — FRANÇA, ITÁLIA E RÚSSIA. CASAMENTO

Regressei da América para Paris em maio de 1857, e ali permaneci até julho, realizando sessões todos os dias. O poder era muito grande nessa altura, e os fenómenos foram testemunhados e investigados por muitas centenas de todas as classes. As mãos espirituais eram frequentemente visíveis, e foram vistas por muitos a pegar na pena ou no lápis e a escrever com a caligrafia da pessoa cujo espírito se dizia estar presente.

Certa manhã, o *concierge* veio ter comigo dizendo: "Por favor, senhor, está aqui um cavalheiro idoso, e creio que o deve ver, ele parece tão ansioso e desgastado." Devo mencionar que eu tinha sido tão invadido por visitantes que fora obrigado a recusar ver quaisquer estranhos, pois todo o meu tempo era ocupado por compromissos com os meus amigos. Acedi ao seu pedido, e ele anunciou o Conde de X. Ao primeiro olhar para ele, não vi nenhum dos sinais de ansiedade e cuidado que tinham impressionado o *concierge*, nem ele me pareceu assim tão velho.

Avançou para onde eu estava e, pegando-me gentilmente na mão, disse-me: "Fui enviado até si, e saberá ainda a razão, embora não saiba sequer quem eu sou. Vivo no n.º 4, Rue [Rua], e o senhor será obrigado a vir ter comigo." Abanei a cabeça perante isto com incredulidade e disse-lhe que o meu tempo estava tão ocupado que mal tinha tempo sequer para visitar os meus amigos. Ele sorriu e disse: "Verá, verá." A conversa mudou então, e ele deixou-me após ter escrito o seu endereço.

Eu deveria jantar nessa noite com a Baronesa de M, e antes de sair de casa para ir ter com ela, ouvi uma voz espiritual dizer-me distintamente: "Irás ver o meu pai, não irás?" A voz não parecia exigir uma resposta, pois fora dita de forma tão afirmativa, e não respondi. Ao chegar ao Hotel de M e entrar na sala de estar, vi um jovem ali parado. Fiquei surpreendido com isto, esperando não encontrar nenhum estranho. Com os olhos fixos em mim, ele disse: "Ainda bem que veio, pois iremos juntos ver o meu pai," e então desapareceu subitamente. Eu tinha pensado até então que ele era um convidado, tão real fora a visão. A Baronesa estava na sala e viu que eu estava

agitado, e perguntou-me o que tinha ocorrido, mas não dei qualquer explicação. Quando estava prestes a tomar o meu lugar à mesa do jantar, ouvi novamente a mesma voz, dizendo: "Irás ver o meu pai, não irás?" Isto perturbou-me de tal modo que contei à Baronesa a circunstância, e ela gentilmente aconselhou-me a ir.

A noite passou e, após duas horas, eu quase tinha esquecido a ocorrência e tinha voltado para a sala de estar, quando subitamente vi ao meu lado o mesmo jovem. O seu rosto tinha agora uma expressão de dor, e fiquei horrorizado ao ver sangue no seu peito. Ele disse-me: "O meu pai está à sua espera; ele tem tido muito sofrimento; é a sua missão consolar — vá ter com ele." Disse-lhe que iria no dia seguinte, mas ele respondeu que eu deveria ir naquele momento, naquela mesma noite. Ele desapareceu, contei à Baronesa o que ele dissera e ela permitiu-me sair.

Ao chegar ao n.º 4, Rue, fui encaminhado para os aposentos do Conde, e o seu criado disse-me que o seu mestre se preparava para se recolher e que, com toda a probabilidade, não me poderia ver. Novamente a voz disse-me para me anunciar e, nesse mesmo momento, uma porta abriu-se e o Conde veio na minha direção e disse: "Estive à sua espera, sabia que viria." Descrevi-lhe o jovem que tinha visto e tudo o que tinha acontecido, e ele reconheceu-o imediatamente como o seu filho que tinha sido assassinado. Mostrou-me um retrato dele, que correspondia exatamente às minhas visões dele, e desde então tenho-o visto frequentemente.

Ele disse-me que, na sua aparição naquele primeiro dia, mostrou o sangue no peito apenas para me impressionar mais profundamente com a necessidade de ir ter com o seu pai. O seu pai disse-me que ele próprio fora durante muito tempo um médium parcial, e que lhe fora dito para me procurar com o propósito de ter a sua mediunidade aumentada, a fim de que o seu filho pudesse ser capaz de o impressionar mais facilmente com a sua presença. Tem sido, desde então, um grande conforto e alívio para a sua mente ter a certeza de que o seu filho está com ele para o consolar na sua aflição.

Por esta altura, os meus espíritos guardiões disseram-me que parecia necessário que eu fosse à Turquia, pois um caminho se estava a abrir pelo qual eu poderia ser o meio de levar luz até lá. Consequentemente, fiz todos os preparativos para a minha viagem, e o meu poder abandonou-me. Tinha recebido cartas de introdução para pessoas que ocupavam altos cargos em

Constantinopla. As minhas malas estavam prontas, o meu passaporte enviado para o visto. Estava a fazer uma visita de despedida à Duquesa de A e, enquanto conversava com ela, a sala de estar pareceu encher-se de batimentos (*rappings*), o alfabeto foi pedido e foi-me dito que a minha viagem deveria ser adiada, pois alguns problemas políticos estavam prestes a ocorrer.

Em vez, portanto, de ir para a Turquia, fui para Baden-Baden. O meu poder enquanto lá estive não era grande, pois a minha saúde estava novamente a falhar, mas conheci o Rei de Wurtemburg e o então Príncipe, agora Rei da Prússia, ambos os quais investigaram os fenómenos. Os meus espíritos guardiões diziam-me continuamente nesta altura que havia problemas reservados para mim, mas que da escuridão viria a luz, e que o que quer que parecesse ser uma perda, provaria no fim ser um ganho, e em tudo isto estavam corretos.

Deixei Baden-Baden mais cedo do que esperava e fui para Biarritz. Aqui foi-me dito que viria o primeiro obscurecimento da nuvem, e que aqueles que me poderiam ter compreendido melhor seriam levados a pensar mal de mim por aqueles que os rodeavam, os quais, para servir um propósito, fabricariam uma afirmação cujo próprio absurdo deveria ter sido a sua refutação. O prévio conhecimento do que me iria acontecer, combinado com a debilidade nervosa, deixou-me mais agitado do que o habitual e, durante uma sessão onde quase a única manifestação foi o retirar de um bracelete da senhora sentada à minha esquerda e o transporte do mesmo para uma senhora à minha frente, o cavalheiro à minha direita declarou que ele tinha sido transportado pelos meus pés.

Se as minhas pernas tivessem oito pés [cerca de 2,4 metros] de comprimento, ainda seria um milagre, mas em ocorrências tão maravilhosas como estas não nos devemos surpreender com qualquer absurdo que possa ser inventado, por mais doloroso que seja ser acusado de desonestidade e impostura.

Alguns exemplos da maneira como se diz que os fenómenos são produzidos são suficientemente divertidos para serem repetidos. Uma ideia muito popular em Paris era que eu trazia no bolso um macaco domesticado treinado para me ajudar. Outra é que as minhas pernas são de tal forma formadas que são capazes de se alongar, e que os meus pés são como os de um babuíno. Muitas pessoas supõem que, quando vou a uma casa estranha,

as minhas mesas têm de ser enviadas primeiro e que, tal como a mesa "conjetural" de Sir David Brewster, estão sempre copiosamente cobertas, e que levo comigo mãos e braços de cera para mostrar no momento próprio. Alguns supõem que magnetizo ou "biologizo" a minha audiência, e que eles apenas imaginam ver o que veem. Alguns que levo comigo pinças extensíveis e uma lanterna mágica, e outros afirmaram que, quando se diz que eu me elevo no ar, é apenas um balão cheio de gás com a forma de um homem.

Outros, ainda, sustentam que é feito por uma lanterna mágica, enquanto alguns médicos declaram que administro "um dedal cheio de clorofórmio a cada um dos presentes." Sir David Brewster deve ter tomado o seu dedal quando apenas conseguiu dizer que a mesa "parecia elevar-se" e que "espíritos eram as últimas coisas que ele aceitaria." Alguns têm crença espiritual suficiente para dizer que tenho o diabo sob o meu comando. Outros que evoco espíritos através de fórmulas e encantamentos. Temos depois o movimento muscular involuntário para explicar os fenómenos pelo douto Professor Faraday.

O Dr. Carpenter fala de serem produzidos por cerebração inconsciente, e o Sr. Morell, o filósofo, diz-nos que são causados pela "ação reflexa da mente." Uma explicação comum é o ventriloquismo. A eletricidade é outra, e diz-se que tenho uma bateria elétrica escondida no corpo. Depois há a força órdica e a ação fluídica, e o princípio nervoso, e a colusão, ilusão e desilusão. Dispositivos mecânicos presos às extremidades inferiores são também sugeridos por Sir David Brewster, mas sem especificar a sua natureza. Mas a explicação mais científica e douta, não deixando margem para conjeturas, foi dada por uma velha senhora na América que, quando questionada se conseguia explicar o que tinha visto, respondeu: "Ora, senhores, é bastante fácil, ele apenas se esfrega todo com um lápis de ouro."

Os batimentos (*rappings*) são produzidos de muitas formas, tendo cada filósofo a sua própria teoria, começando cá em baixo com o estalar das articulações dos dedos dos pés, outros subindo até ao tornozelo, enquanto alguns sustentam que é nos joelhos ou nos ossos da coxa. O Professor Huxley tem o seu próprio "dedo do pé batedor de espíritos" com o qual diverte os seus amigos. Foi até atribuído a um batimento forte do meu pulso. Alguns dizem que esfrego as botas uma na outra, outros as unhas dos polegares, e que molas estão escondidas na mesa e pela sala. Foi dito que tenho uma qualidade elétrica que posso libertar ao comando da minha vontade.

Uma crença geral é que suborno os criados em qualquer casa que visito, para que me ajudem a esconder a minha maquinaria. A inteligência demonstrada na obtenção de nomes, datas e outras circunstâncias é-me previamente comunicada ou por investigação própria, através de criados ou visitando as lápides dos familiares, ou mesmo por um corpo de polícia secreta que está sob o meu pagamento.

Outros sabem que sou clarividente e que leio os pensamentos dos presentes. Sou um prestidigitador consumado segundo outros, e sempre recusei ser visto por quaisquer outros do ofício, embora o facto seja precisamente o contrário, e o maior prestidigitador de França tenha afirmado que não conseguia de todo explicar o que presenciou por qualquer dos princípios da sua arte.

Por muito lisonjeiro que isto pudesse ser para a minha vaidade, ao conferir-me tais qualidades espantosas e conhecimentos científicos que não possuo, tem sido para mim uma fonte principalmente de diversão e admiração ver como pessoas doutas podem discordar tão ampla e absurdamente entre si, e coar mosquitos enquanto engolem camelos com tão surpreendente avidez.

Desviei-me da minha narrativa para dar aos meus leitores estas tentativas de explicação da mediunidade, esperando, contudo, que nunca tentem qualquer das experiências sugeridas pelos doutos na presença de pessoas de entendimento médio. O excelente estabelecimento em Earlswood, à frente do qual está o bom Dr. Conolly, seria mais propenso a fornecer o tipo de audiência adequado a estas explicações dos homens de ciência.

Os meus bons amigos, o Conde e a Condessa de B, deixaram Biarritz comigo para uma visita ao castelo de um amigo mútuo, perto de Bordéus; e aqui houve vários exemplos de escrita direta de espíritos em papel colocado diante de nós sobre a mesa, à vista de todos. Enquanto estávamos sentados uma noite, mãos apareceram distintamente acima da mesa, e vimo-las sucessivamente pegar num lápis e escrever. Uma destas mãos era pequena, aparentemente de uma criança; outra parecia ser a de um homem adulto.

A mão da criança escreveu uma pequena mensagem para a sua mãe, que estava presente, e assinou-a com o seu nome próprio. Havia uma peculiaridade marcante nisto, pois a criança tinha sempre omitido a última letra do seu nome, que então, em vez de ser um nome feminino, se tornava

um nome masculino. O seu nome era Denise, mas ela escrevia "Denis". A sua mãe tinha-lhe falado frequentemente disto e, contudo, a criança não se corrigira do hábito durante a sua vida, e agora, para provar a sua identidade, a letra final foi novamente omitida. Isto era, naturalmente, desconhecido para mim e para todos, exceto para o seu pai e para a sua mãe, que ali estavam ambos. A mão maior escreveu várias comunicações na nossa presença, algumas para a sua esposa, que estava à mesa, e outras para pessoas que não estavam ali presentes. Esta caligrafia era no seu autógrafo peculiar.

A senhora da casa voltou-se para mim e disse abruptamente: "Ora, o senhor está sentado no ar;" e, ao olharmos, verificámos que a cadeira permanecia no seu lugar, mas que eu estava elevado duas ou três polegadas [cerca de 5 a 7 centímetros] acima dela, com os meus pés sem tocar no chão. Isto pode mostrar quão totalmente inconsciente estou, por vezes, da sensação de levitação. Como é habitual quando não subo acima do nível das cabeças daqueles que me rodeiam, e quando eles mudam muito as suas posições, o que fazem frequentemente ao olhar ansiosamente para tal fenómeno, voltei a descer, mas não antes de ter permanecido assim elevado cerca de meio minuto desde o momento em que fui visto pela primeira vez.

Fui agora impelido a deixar a mesa e fui em breve levado até ao teto alto. O Conde de B deixou o seu lugar à mesa e, vindo para debaixo de onde eu estava, disse: "Agora, jovem Home, venha e deixe-me tocar-lhe nos pés." Disse-lhe que não tinha vontade própria no assunto, mas que talvez os espíritos gentilmente me permitissem descer até ele. Assim fizeram, fazendo-me flutuar até ele, e os meus pés estiveram logo nas suas mãos estendidas. Ele agarrou as minhas botas e, agora que eu estava novamente elevado, ele segurava com força e puxava os meus pés até que as botas que eu usava, que tinham elásticos laterais, saíram e ficaram nas suas mãos.

O Conde foi durante toda a sua vida bem conhecido, ocupando um cargo público importante, e tão veraz quanto o seu coração é bom. A ele e à sua querida esposa, que recentemente passou da terra, devo uma profunda dívida de gratidão, tendo sido eles meus firmes e constantes amigos desde que os conheci, há seis anos. Esta foi, creio, a primeira vez que fui elevado no ar em França, e tem sido de ocorrência muito rara ali, embora tenha acontecido tão frequentemente mais tarde em Inglaterra, como se verá em páginas futuras. Desde que escrevi a narrativa desta sessão, solicitei ao

Conde a sua verificação da mesma, e tenho a sua carta confirmando a sua exatidão.

Outro incidente ocorreu na presença do Conde de B. A Condessa X estava presente pela primeira vez numa sessão, quando um espírito se manifestou, pretendendo ser o do seu filho. O acordeão estava a ser tocado, e ela perguntou se ele se conseguia lembrar de uma peça de música que tinha impressionado particularmente a ambos enquanto viajavam juntos por causa da saúde dele na Alemanha. Tinha-lhe escapado da mente, disse ela, mas ser-lhe-ia facilmente recordada se ele a tocasse. Perante isto, o acordeão tocou algumas passagens intrincadas da ópera *Norma*, que ela reconheceu de imediato.

Regressei agora a Paris e fui residir com o meu amigo o Conde de K———-, e enquanto lá estive realizei sessões quase todos os dias. Também fiz uma visita ao Chateau de R, à família do Marquês de. Na segunda noite da minha estada, quando estávamos prestes a tomar chá, uma mesa que estava na extremidade oposta do grande salão onde nos encontrávamos veio até nós com extrema violência. Ficámos todos bastante sobressaltados, pois não esperávamos quaisquer manifestações, e pelas duas horas seguintes elas foram incessantes.

O filho mais velho da família, o Conde L, veio ao meu quarto quando eu tinha dado as boas-noites à família, e estas provas de uma presença espiritual tornaram-se novamente evidentes. Entre outras, houve o som de passos pesados que abalaram a sala. Também vi a forma distinta de um rapaz, e descrevi a sua aparência a L, acrescentando que o conseguiria reconhecer se pudesse ver o seu retrato. Ao encontrar a família no pequeno-almoço na manhã seguinte, o Marquês disse: "A que horas é que o L te deixou ontem à noite, e o que estavam ambos a fazer a saltar pela sala?" Dissemos-lhe que estávamos ambos de chinelos e que ele devia ter ouvido os ruídos feitos pelos espíritos.

O castelo, sendo um dos mais antigos de França, tem as paredes nalguns locais com quase vinte pés [cerca de 6 metros] de espessura — de facto, foram feitos quartos de vestir dentro delas, e são bastante espaçosos. Há uma solidez em cada pavimento. Para terem sido ouvidas na sala por baixo, as manifestações devem, portanto, ter sido de uma força muito grande. Depois do pequeno-almoço, a Marquesa perguntou-me se eu não gostaria de percorrer o castelo e, perante o meu assentimento, disse que

começaríamos pelo seu *boudoir*. Fomos para lá e, ao chegar ao centro da sala, olhei em volta e ali vi o exato rosto que tinha visto na noite anterior. Por um momento não consegui acreditar que se tratava de outra coisa que não o próprio espírito, mas era apenas um retrato.»

«A minha emoção foi tal que me agarrei a L, que estava perto de mim, e disse: "Ali, aquele é o rapaz que vi ontem à noite." Fiquei tão perturbado que tive de sair da sala, e eles disseram-me então que, tendo L relatado o que ocorrera à sua mãe, eles tinham combinado colocar-me à prova e, não me tendo sequer dito da existência do retrato, queriam ver se eu o conseguiria reconhecer.

Num hotel situado no Boulevard des Italiens, em Paris, fui apresentado a uma família composta pelo Sr. H, a sua esposa e os seus dois filhos, ambos os quais estavam na altura no exército inglês e tinham acabado de regressar da campanha da Crimeia. O pai, um homem de cabeça fria e mente veraz, era meu conterrâneo, e a nossa conversa cedo se voltou para as maravilhas da segunda vista e das visões de fantasmas. De seguida, enquanto falávamos, fomos sobressaltados ao ouvir sons fortes vindos de uma parte distante da sala e aproximando-se lentamente de nós.

Sugeri-lhes imediatamente que algum espírito desejava comunicar connosco. O invisível assentiu a isto fazendo os sons para o alfabeto, e o nome "Gregoire" foi soletrado, com a informação adicional de que ele tinha partido da terra, dando a hora da sua partida. Isto foi imediata e fortemente contraditado pelos dois jovens oficiais, pois reconheceram no nome um amigo muito íntimo, um oficial do exército francês na Crimeia, que tinham acabado de deixar lá a sofrer de um ferimento ligeiro, mas tão ligeiro que não dava apreensões de natureza desfavorável. Ele, contudo, deu-lhes agora outras provas da sua identidade e, durante todas as horas restantes da tarde e da noite, continuou a manifestar a sua presença.

Várias vezes foram trazidos objetos de partes da sala distantes de nós, e houve batimentos frequentes, e os seus amigos sentiram toques. Ouviram-se sons assemelhando-se a disparos de mosquetaria e, de facto, tão indiscutíveis foram alguns dos sinais dados, que ninguém poderia ter deixado de ser convencido do poder e da presença espiritual, embora, tendo-o visto tão recentemente e não tendo desde então ouvido nada que os fizesse pensar que a sua morte fosse provável, mal conseguissem conceber a probabilidade da mesma.

Deixei a família tarde nessa noite, despedindo-me deles, pois deveriam partir para Inglaterra no dia seguinte. Através de um membro da família que reside em Paris, apurei pouco tempo depois que eles tinham escrito para verificar a verdade quanto ao que lhes tinha sido comunicado pelo espírito que se chamava Gregoire e que, em todos os detalhes, foram informados de que o espírito tinha estado correto. Devo aqui declarar, contudo, que o filho mais velho, antes de este testemunho corroborativo chegar à sua família, tinha sido enviado com o seu regimento para o Canadá, e estava sentado na sua tenda quando lhe chegou uma carta do pai, relatando os resultados das suas averiguações na Crimeia.

Enquanto lia a carta do pai, informando-o dos detalhes da partida da terra do seu amigo Gregoire, foi sobressaltado ao ouvir um som de restolhar entre alguns papéis soltos e penas que estavam descuidadamente espalhados sobre a sua mesa. Temendo que a sua imaginação estivesse a levar a melhor sobre a sua razão, chamou o seu criado para que entrasse e olhasse para a mesa — e, para espanto mútuo de ambos, viram uma pena mover-se por si própria para uma posição vertical e escrever deliberadamente o nome de Gregoire num papel em branco.

Esse facto foi-me contado pelo pai do jovem, e não vejo razão para não acreditar nele. Que objetivo poderia tentar o jovem a contar uma inverdade tão deliberada e voluntária, se o fosse, sobre tal assunto? Outras ocorrências estranhas continuaram com outros membros desta família após o seu regresso a Inglaterra, durante muitos meses, e depois deixaram-nos de uma maneira tão súbita e inesperada como tinham feito a sua aparição.

Em janeiro de 1858, fui para a Holanda, acompanhado pelo Sr. T, e fui apresentado à Rainha. As manifestações em Haia foram, em alguns casos, muito fortes, e novamente, por vezes, tive sessões em que nada ocorria, e isto embora na presença de pessoas que estavam muito desejosas de as testemunhar.

Fui a Amesterdão com o propósito de me encontrar com os proprietários e redatores de uma revista de tendências infiéis. Lembro-me bem disso. Estávamos alojados num hotel grande e antiquado; o frio desolador das salas com as suas paredes gélidas e os seus tetos de vigas expostas, enquanto eu me sentava diante do fogo, que era apenas o fantasma daqueles a que estamos habituados em Inglaterra, quando estes oito ou dez cavalheiros foram anunciados. Nenhum deles era conhecido por

mim ou pelo meu amigo, e pedi-lhes que se sentassem imediatamente para ver se ocorreria alguma manifestação. Pareciam pessoas inteligentes, perspicazes, homens de muita leitura e reflexão. A razão fria tinha envolvido as suas mentes no seu manto gélido, e tudo o que não fosse tangível não poderia ter verdade para eles. Sentiu-se a primeira sensação trémula na mesa e no chão, que muitas vezes precede outras manifestações. Eles delegaram dois dos seus membros para se sentarem debaixo da mesa para me vigiarem e aos meus movimentos.

Ouviram-se batimentos ténues, e as pernas da mesa foram examinadas para ver se eu não tinha molas ali escondidas. Estas manifestações aumentaram de força e eles, após o exame mais atento e rigoroso, foram obrigados a reconhecer que tinham testemunhado aquilo que de modo algum conseguiam explicar. O alfabeto foi pedido e comunicações inteligentes foram recebidas. Isto foi um passo à frente da sua filosofia e, para eles, muitíssimo singular, e logo as manifestações cessaram — mas não antes de cada um deles ter expressado a sua convicção de que não havia impostura.

Fui desde então informado, por cartas de Amesterdão, que um deles se tornou médium, e que a descrença geral deles na causação espiritual foi grandemente modificada. Lembro-me de que, enquanto o meu amigo e eu estávamos sentados juntos após o grupo ter partido, expressámos o desejo de que tivessem visto mais, e falámos de nós próprios como sendo profetas lamentáveis para tal missão. Esta ideia perseguiu-me depois de me ter ido deitar, e o espírito da minha mãe veio e confortou-me dizendo que o suficiente tinha sido dado, e que "o vento deve ser temperado para o cordeiro tosquiado".

Regressámos a Haia, e uma delegação de jovens cavalheiros da Universidade de Leiden veio pedir-me para visitar Leiden. Os meus compromissos, contudo, eram de molde a necessitar da minha partida, e partimos no dia seguinte para Bruxelas. Ali o poder abandonou-me, e foi-me dito pelos espíritos que passaria algum tempo antes de este regressar, e que muitas coisas da maior importância para mim ocorreriam entretanto. Tinha apanhado uma constipação severa enquanto estivera na Holanda, mas tivera a intenção de ter permanecido algum tempo em Bruxelas para ter sessões com os meus jovens amigos de lá, e quando descobri que o meu poder se tinha ido, considerei melhor regressar a Paris para consultar o meu conselheiro médico de lá.

Fui, portanto, para lá, e ele diagnosticou a minha doença como empobrecimento do sangue e grande depressão nervosa, e aconselhou a minha ida para Itália. Opus-me fortemente a isto, visto que cada vez que deixo Paris algumas histórias tolas são postas a circular, tais como eu ter recebido ordens do Imperador para me ir embora, ou que vou para fugir à lei. Permaneci, portanto, piorando diariamente durante duas ou três semanas, quando parti, tencionando ficar em Turim com os meus amigos de lá. Ao chegar a Turim em fevereiro, encontrei a neve a cobrir o chão com uma profundidade considerável e o frio mais intenso do que tinha estado em Paris, e por isso parti na mesma noite para Pisa, para me juntar a alguns amigos de lá. Achei Pisa muito fria e fui aconselhado a seguir para Roma.

Cheguei a Roma em março e recusei quase todos os convites para sair, desejando estar tranquilo para recuperar a minha saúde. Um amigo mencionou uma tarde, enquanto caminhávamos juntos para o Pincio, o nome de uma família russa de distinção então em Roma, e acrescentou que eles estavam ansiosos por me conhecer. Desculpei-me com base na minha saúde. Neste momento, uma carruagem passava por nós e parou — e o meu amigo, antes de eu me aperceber do que ele estava a fazer, apresentou-me à Condessa de Koucheleff, que me pediu para ir cear com eles nessa noite, acrescentando que eles se recolhiam a horas muito tardias.

Fui por volta das dez da noite e encontrei um grande grupo reunido. Às doze, quando entrámos na sala de ceia, ela apresentou-me uma jovem, que então observei pela primeira vez, como sendo sua irmã. Uma estranha impressão apoderou-se de mim imediatamente, e soube que ela havia de ser minha mulher. Quando estávamos sentados à mesa, a jovem voltou-se para mim e disse rindo: "Sr. Home, o senhor estará casado antes de o ano terminar." Perguntei por que dizia tal coisa, e ela respondeu que havia tal superstição na Rússia quando uma pessoa estava à mesa entre duas irmãs. Não respondi. Era verdade.

Em doze dias estávamos parcialmente noivos e esperando apenas o consentimento da mãe dela. Na noite do dia do nosso noivado, um pequeno grupo tinha-se reunido e estava a dançar. Eu estava sentado num sofá ao lado da minha noiva, quando ela se voltou para mim e disse abruptamente: "Conte-me tudo sobre os batimentos espirituais, pois sabe que eu não acredito nisso." Disse-lhe: "Menina, espero que tenha sempre em mente que tenho uma missão que me foi confiada. É uma missão grande e sagrada. Não posso falar consigo sobre uma coisa que não viu e, portanto, não pode

compreender. Posso apenas dizer que é uma grande verdade." As lágrimas assomaram-lhe aos olhos e, pondo a sua mão na minha, disse: "Se a sua missão pode trazer conforto àqueles menos felizes do que nós, ou ser de alguma forma uma consolação para a humanidade, encontrar-me-á sempre pronta e disposta a fazer tudo o que puder para o ajudar nela."

Ela foi fiel a este nobre sentimento até ao último momento da sua curta vida, e ela é ainda o meu grande conforto e sustento desde que nos separámos nesta esfera terrena. Ela foi a minha própria esposa verdadeira e amorosa por um período, oh!, demasiado curto para a minha felicidade aqui, mas pela dela estive contente por perdê-la por algum tempo, até que apraza a Deus que eu também passe para me juntar a ela!

Pouco depois do nosso noivado, a família foi para Nápoles, e eu com eles, e permanecemos lá seis semanas. Depois a família partiu para Florença, e a minha noiva foi confiada aos cuidados de uma família russa que estava prestes a regressar por Paris para a Rússia, para que ela se pudesse juntar à mãe e preparar os papéis necessários para que o casamento pudesse ter lugar assim que a família regressasse a S. Petersburgo. Acompanhei-os a Paris e, depois de eles terem partido, fui à Escócia para obter a minha certidão de nascimento, tendo-me o escrivão da paróquia enviado uma com o meu nome escrito Hume em vez de Home. Sabendo que isto estava incorreto, fui obrigado a fazer uma viagem para que fosse retificado, e depois regressei a Paris e juntei-me à família que tinha chegado de Itália.

Partimos para S. Petersburgo em junho, acompanhados pelo Sr. Alexandre Dumas, que deveria oficiar como padrinho no meu casamento. Um relato divertido da nossa viagem pode ser lido no livro de Dumas intitulado "De Paris a Astracan". Ao chegar a S. Petersburgo, fui honrado por um convite muito amável para ser recebido pelo Imperador, mas que fui obrigado a declinar por não estar com o poder na altura, e Sua Majestade mui graciosamente mandou dizer-me que, sob quaisquer circunstâncias, teria prazer em ver-me. Desculpei-me com o fundamento de ter tanto a que atender antes do meu casamento.

Um mês depois disto, tendo surgido certas dificuldades e não aparecendo os papéis que eram necessários, o casamento parecia estar prestes a ser adiado. Não tive manifestações durante vários meses, mas nesta noite foi-me dito pelo espírito da minha mãe para informar o Imperador no dia seguinte de que o meu poder tinha regressado. Assim fiz, e fui recebido

por Sua Majestade no Palácio de Peterhoff, onde passei uma semana, e todos os obstáculos no caminho do meu casamento foram removidos por Sua mui graciosa Majestade, que nisto, como em todas as ocasiões, me demonstrou a maior amabilidade. Tenho a mais alta veneração por ele, não apenas como monarca, mas como homem dos sentimentos mais bondosos e generosos.

Casámos no domingo, 1 de agosto de 1858, ou de acordo com o estilo antigo, a 20 de julho, primeiro na capela privada na casa de campo do meu cunhado, de acordo com os ritos da Igreja Grega, e depois na Igreja de Santa Catarina, de acordo com os ritos da Igreja Romana. Pouco tempo depois do nosso casamento, estando a minha mulher num sono profundo e tranquilo, vi o espírito da minha mãe entrar no quarto, seguido por um que, embora eu nunca o tivesse conhecido na terra, soube ser o pai da minha mulher. A minha impressão foi de alívio por a minha mulher estar a dormir, e assim ela não ver o que eu temia que a assustasse.

O meu espanto foi, portanto, muito grande ao ouvi-la dizer: "Daniel, está alguém no quarto connosco. É a tua mãe, e perto dela está o meu pai. Ela é muito bela, e eu não tenho medo." As suas ações, contudo, traíram um certo receio, pois voltou-se para o lado da cama onde eu estava, tremendo violentamente. Os espíritos desapareceram agora, mas batimentos fortes foram ouvidos dentro e em redor do quarto, e as nossas perguntas foram respondidas. Esta foi a primeira introdução da minha mulher a algo deste género.

CAPÍTULO VIII

RÚSSIA, PARIS E INGLATERRA

Duas semanas após o nosso casamento, partimos para visitar algumas das propriedades do meu cunhado, algumas das quais estavam situadas na costa da Crimeia e outras no interior da Rússia. A viagem durou cerca de seis semanas, e depois regressámos a uma casa de campo dele nas proximidades de Moscovo. No final de novembro de 1858, estávamos em S. Petersburgo, na casa do meu cunhado, o Conde Gregoire Koucheleff Besborodko, de quem e da Condessa sempre recebi a mais pronta simpatia e acolhimento fraterno, e a quem devo, e sempre deverei, uma dívida da mais profunda gratidão.

Aqui, de tempos a tempos, o meu poder regressava, mas geralmente apenas de forma ténue. Ainda assim, muito bem foi feito. Como exemplo,

posso mencionar que um jovem oficial que, tendo sido convencido das verdades da imortalidade pelo que viu na minha presença, deu uma ceia aos seus amigos, na qual anunciou publicamente que, em vez de se rir da religião como fizera, tinha visto nestes fenómenos o que o convenceu da realidade de uma vida futura e que, de então em diante, levaria uma vida diferente.

Em meados de janeiro de 1859, adoeci com uma severa inflamação interna. Esta durou algum tempo e estava a aumentar até uma extensão alarmante, e além do poder do médico que me assistia, e os sintomas perigosos foram grandemente aumentados pela minha habitual debilidade nervosa. Foi recomendada fricção, mas a dor extrema que causava impedia o seu uso. Estava neste estado quando uma noite a minha mulher e um amigo, o Barão de M, estavam presentes, e as minhas mãos foram subitamente agarradas por influência espiritual, e fui levado a bater com elas com extrema violência sobre a parte que estava tão extremamente sensível e tenra.

A minha mulher ficou assustada e teria tentado segurar as minhas mãos, mas o meu amigo, que tinha conhecimento suficiente de manifestações espirituais, impediu-a. Não senti dor, embora a violência dos golpes que continuava a dar em mim mesmo fizesse estremecer a cama e todo o quarto. Em cinco minutos, o inchaço tinha diminuído visivelmente, e os movimentos da mão começaram a ser mais suaves. Numa hora estava num sono tranquilo e, ao acordar na manhã seguinte, descobri que a doença me tinha deixado, e apenas permanecia uma fraqueza. A expressão do rosto do médico desafia a minha descrição quando me visitou cedo nessa manhã, esperando encontrar-me pior, e sentiu o meu pulso e viu que uma grande mudança deve ter ocorrido além da sua perícia para explicar.

A 26 de abril, estilo antigo, ou 8 de maio, de acordo com o nosso estilo, às sete da noite, e enquanto a neve caía rapidamente, o nosso rapazinho nasceu na casa da cidade, situada no Cais Gagarines, em S. Petersburgo, onde ainda estávamos alojados. Algumas horas após o seu nascimento, a mãe, a ama e eu ouvimos durante várias horas o chilrear de um pássaro como se cantasse sobre ele. Também nessa noite, e durante duas ou três noites depois disso, uma luz como uma estrela brilhante, que era claramente visível na escuridão parcial do quarto, no qual apenas um candeeiro de noite estava aceso, apareceu várias vezes diretamente sobre a sua cabeça, onde permaneceu por alguns momentos, e depois moveu-se lentamente na direção da porta, onde desapareceu. Isto foi também visto por cada um de nós ao mesmo tempo. A luz era mais condensada do que aquelas que têm

sido tantas vezes vistas na minha presença em ocasiões anteriores e subsequentes. Era mais brilhante e mais distintamente globular. Não acredito que tenha vindo através da minha mediunidade, mas antes através da da criança, que manifestou em várias ocasiões a presença do dom.

Não gosto de aludir a tal assunto, mas como há mais coisas estranhas no Céu e na terra do que as sonhadas, mesmo na minha filosofia, não me sinto à vontade para omitir declarar que, durante a parte final da gravidez da minha mulher, pensámos ser melhor que ela não participasse em sessões, porque se verificou que, sempre que os batimentos ocorriam na sala, sentia-se distintamente um movimento simultâneo da criança, perfeitamente em uníssono com os sons. Quando havia três sons, sentiam-se três movimentos, e assim por diante, e quando cinco sons eram ouvidos, que é geralmente a chamada para o alfabeto, ela sentia os cinco movimentos internos, e frequentemente, quando nos enganávamos na letra, ela corrigia-nos a partir do que a criança indicava.

O nosso filho foi batizado quinze dias após o seu nascimento, sendo seu padrinho o Marquês de Chateaurenard, atualmente Ministro de França em Hesse Cassel, e sua madrinha a sua tia, a Condessa Luba. O seu segundo padrinho foi o seu tio, o Conde Gregoire, e a sua segunda madrinha foi a sua parente Sophie.

Uma semana após o batismo, fomos para a residência do Conde nos arredores imediatos de S. Petersburgo. Enquanto estivemos aqui, houve muitas manifestações marcantes que foram testemunhadas por muitos, que investigaram como outros tinham feito anteriormente, e com os mesmos resultados. Lembro-me de uma noite em que um dos meus amigos foi convertido da sua descrença anterior ao ver uma mão feminina, que era visível para todos nós na sala, formando-se lentamente no ar a algumas polegadas acima da mesa, até que assumiu toda a materialidade aparente de uma mão real.

A mão pegou num lápis que estava sobre a mesa e escreveu com ele uma comunicação que afetou profundamente o meu amigo, que a reconheceu como sendo da sua mãe. A crença geral é que as mãos espirituais aparecem sempre de debaixo da mesa e já formadas, mas isto está incorreto, pois em muitas ocasiões, na presença de várias pessoas de cada vez, elas são vistas a formar-se à vista de todos, da maneira que acabei de descrever, e a desvanecerem-se, por assim dizer, da mesma forma. Frequentemente,

também, têm sido vistas a formar-se bem acima das nossas cabeças e dali a descerem sobre a mesa e depois desaparecerem.

O aniversário do nosso dia de casamento encontrou-nos no vapor "Baltic", com destino a Dunquerque, de onde fomos para Oostende numa visita à minha sogra, que ali estava pela sua saúde. Ao vê-la, no momento de nos abraçarmos um ao outro, tive outra daquelas impressões singulares que tantas vezes me vêm no momento do contacto externo. Pareceu-me como se fossem causadas pelo elemento perturbador de uma substância física que faz vibrar alguma corda secreta da alma e despertar o que posso chamar uma memória do Futuro, ou que uma flor da primavera foi sombreada entre as rajadas frias do outono, como um sinal do cuidado incessante de Deus, nosso pai amoroso, pelos Seus filhos, seja no Passado, Presente ou Futuro, sendo todos igualmente conhecidos por Ele.

As minhas sensações são tão peculiares no momento em que tais prenúncios me são concedidos, que as palavras apenas debilmente as conseguem exprimir. Vi distintamente no primeiro momento em que toquei na minha sogra que, depois de eu deixar Oostende, não nos encontraríamos mais na terra. Esta previsão impressional provou, como tem sido sempre o caso com aquelas que me vieram desta forma, estar correta.

Chegámos a Paris em agosto de 1859 e, enquanto lá estive, fiz uma curta visita a um amigo então na Suíça, e ali tivemos uma ou duas sessões. Ao regressar a Paris, um amigo tinha-nos oferecido gentilmente o Chateau de C—, onde permanecemos cerca de dois meses, findo o qual viemos para Inglaterra. Isto foi em outubro. O meu poder tinha-me deixado durante algumas semanas. Uma noite em novembro, enquanto eu estava ausente, estando a minha mulher no quarto com a criança e a sua ama, ouviram-se batimentos fortes no teto. Ambas supuseram que o som provinha de alguém a caminhar por cima da cabeça, quando estes mudaram de posição e foram ouvidos na parede do quarto e, em poucos momentos, vieram para a mesa.

A minha mulher perguntou quem era o médium na ocasião, e a resposta foi dada que era a criança a dormir. Foi dito ainda que eles tinham poder para se manifestar através dele, mas que não o fariam, "visto que a atmosfera de que faziam uso era necessária para o seu desenvolvimento físico no mundo natural." Desde esta altura apenas uma vez tivemos qualquer evidência externa de qualquer presença espiritual através dele, embora ele nos tenha dado muitas indicações de ser um vidente.

Na parte final de novembro estávamos em Inglaterra, e o poder regressou, e comecei a realizar sessões como habitualmente, e continuei a fazê-lo até ao dia 24 de julho do ano seguinte. Durante este tempo, as manifestações foram vistas e investigadas por pessoas de todas as categorias e classes, desde estadistas até àqueles de vida humilde, e para eles preferiria novamente remeter para os relatos do que testemunharam, do que dar as minhas próprias descrições. Seleciono, portanto, porções dos seus escritos, alguns dos quais já foram publicados na "The Spiritual Magazine" e noutros jornais, e os outros aparecem agora pela primeira vez. Estes darão ao leitor uma ideia da natureza e extensão da minha mediunidade durante este período.

O que se segue é uma parte de uma carta do Sr. Pears, que estava acompanhado pelos meus amigos Sr. e Sra. Cox. Ele via agora as manifestações pela primeira vez. "Quase imediatamente a mesa inclinou-se para o Sr. Home que, levantando as mãos da mesa, que ainda mantinha a sua posição inclinada, convidou-me a olhar para debaixo dela para ver que nenhuns meios materiais eram usados para produzir este resultado. Olhei e não vi nenhuns.

Ao retomar o meu lugar, a mesa voltou à sua posição e depois passou para um movimento ondulatório, como se estivesse em movimento sobre ondas; parecia, de facto, quase como se o tampo da mesa fosse flexível: depois, deste movimento, passou para um estado diretamente horizontal, de modo que um recipiente cheio até à borda não teria, creio eu, derramado uma gota, e elevou-se dezoito a vinte e quatro polegadas [cerca de 45 a 60 centímetros] livre do chão, continuando todas as mãos ao mesmo tempo sobre o tampo da mesa; e finalmente, com perfeita regularidade, descendo gradualmente para o seu lugar.

Ouviram-se então batimentos na mesa, nas proximidades da Sra. Cox, que, por referência ao alfabeto, pretendiam ser produzidos por um filho falecido dela. Depois vieram batimentos ténues e deliberados para perto da Sra. P., pretendendo — pelo mesmo modo — vir de Phoebe, a nossa filhinha falecida a quem me referi anteriormente."»

«Ouviram-se então batimentos sob as minhas próprias mãos e, ao mesmo tempo, o pano pendente que cobria a mesa pareceu ser movido por algo por baixo dele, sendo feito bater assim contra o meu pulso. Chamei a atenção da minha mulher para isto, e ela confirmou o facto de que realmente

parecia que a mão de alguém estava debaixo do pano a tentar tocar no meu pulso. Disse, rindo a meio, o que se poderia esperar do meu ceticismo, que não me admiraria se não houvesse alguém também para mim. Imediatamente houve batimentos sob a mesma mão, suficientemente fortes para sacudirem a mesa.

Talvez eu tenha olhado com dúvida para um fenómeno tão inesperado, pois o Sr. Home disse: "Gostaria que o Sr. Pears ficasse convencido de que não somos nós que fazemos estes sons; talvez ele queira ir para debaixo da mesa e observar." Assim fiz; e enquanto via que eles não eram produzidos por qualquer agência visível por baixo, eles soavam tão vigorosamente como sempre; sendo a Sra. P. testemunha de que não eram produzidos pelas mãos, ou por quaisquer outros meios visíveis acima da mesa.

Quando descobri que os batimentos sob a minha mão pretendiam vir dos "espíritos" do meu avô, perguntei se ele poderia tirar-me o sino grande se eu o segurasse. Este já tinha sido tirado da mão do Sr. Home e tocado debaixo da mesa. A resposta à minha pergunta foi dada por batidas fortes. Segurei-o debaixo da mesa, tendo o cuidado de o segurar na direção da minha mulher, cujas mãos estavam sobre a mesa, e senti-o ser puxado com força para fora da minha mão; foi tocado e depois depositado no chão.

Muitas pequenas coisas que me impressionaram na altura ocorreram durante a nossa sessão, que durou entre duas a três horas. Mas houve uma parte da sessão que me impressionou forçosamente, e que devo relatar. O Sr. Home, pouco depois de eu ter assumido a presença do espírito do meu avô, passou para um estado singular — como que meio inconsciente — e disse: "Está aqui um homem alto, velho, hirto, tipo Quacre, mas não um Quacre;" depois pareceu assumir a maneira e o gesto, tão fielmente quanto um jovem o pode fazer, de um velho — estendeu-me a mão e apertou-a de uma forma que me recordou ainda mais o meu avô, e dirigiu-se a mim com palavras que lhe eram de certo modo características, e continuou a falar de alguém que ele tinha tido em grande estima, mas de quem estivera muito tempo separado para seu grande pesar, mas que se tinham encontrado felizmente no outro mundo e estavam reconciliados.

Tudo sobre este ponto foi dito de forma entrecortada, mas com gestos e alusões que eram inteligíveis apenas para mim, dado que a pessoa e os acontecimentos assim aludidos tocavam de perto a história do meu avô em conjunção com a minha própria. O meu espanto aumentou quando, dos

lábios do Sr. H., caiu o nome daquela a quem a alusão fora feita — a filha do meu avô! Ambos mortos quando o Sr. Home devia ser um rapaz na América! Por muito tempo que te conheça, amigo Dixon, creio que nunca te contei que o meu avô era de uma família Quacre, o que era o caso.

Fiquei por este incidente assombrado além de toda a expressão, e reconheci ao Sr. Cox que a história que tinha sido esboçada, e as reflexões sobre ela, eram exatamente o que eu esperaria que pudesse ter sido feito pelo meu avô. Ainda não encontrei um lugar no meu sistema para estes fenómenos, mas que são fenómenos genuínos está assente na minha mente.»

Outro relato é dado pelo Sr. J. G. Crawford, um cavalheiro que durante anos resistira a toda a crença em tais fenómenos como sendo impossíveis e absurdos. Aconteceu que um amigo dele, vindo de Liverpool, vinha encontrar-se comigo na casa do Sr. Coleman, em Bayswater, e ele induziu-o a acompanhá-lo. Ele contará a história nas suas próprias palavras francas e verazes:

«O Sr. Home colocou a mão esquerda sobre a mesa e com a direita levantou um acordeão, que segurou debaixo da mesa. Pediram ao meu amigo e a mim para olharmos para baixo, quando vimos distintamente o instrumento mover-se para cima e para baixo, aparentemente segurado e tocado apenas por uma mão.

Continuámos sentados à volta da mesa. O quarto foi de tal modo obscurecido que não nos conseguíamos ver uns aos outros. A mesa deu uma pancada violenta no chão; ainda assim, mantivemos as mãos sobre ela. Depois elevou-se em massa doze ou quinze polegadas [cerca de 30 a 38 centímetros] totalmente fora do chão, tanto quanto pude julgar.

O Sr. Home disse então que segurava o acordeão sob a mesa apenas com uma mão, momento em que este tocou a nossa bela melodia inglesa, "*Home, sweet Home!*", num estilo muitíssimo apurado.

Pouco depois de isto ocorrer, teve lugar um assunto muito curioso, para explicação do qual não consigo aventurar uma conjetura. O Sr. Home observou: "Sinto que me vou elevar." O quarto estava completamente escuro. Ele disse: "Estou a subir," e como eu estava a apenas alguns pés dele, estendi-lhe a mão; senti indubitavelmente as solas de ambas as suas botas, uns três pés [cerca de 90 centímetros] acima do nível do chão. Ao fazê-lo, ele

disse: "Não me toque, senão eu desço;" naturalmente desisti instantaneamente, mas ele desceu. Em menos de cinco minutos depois disto, ele observou: "Estou novamente a ascender," e pelo som da sua voz, não podíamos senão inferir que ele estava realmente a elevar-se em direção ao teto da antecâmara.

Pareceu então flutuar sob o arco, depois elevar-se até à cornija da sala em que estávamos sentados, e ouvimo-lo distintamente fazer três marcas de cruz no teto, além de fazer outra escrita. Depois desceu suavemente e ficou estendido de costas sobre a mesa, posição em que o encontrámos quando o gás foi aceso, e quando vimos distintamente as marcas no teto, que o tínhamos ouvido fazer.

Estou bem ciente de que há uma resposta pronta por parte de muitas pessoas bem-dispostas para o que escrevi — que é tudo feito por conluio e truque. Em muitos países, no tempo presente, e no nosso não há um século atrás, todos os fenómenos de um tipo então extraordinário eram rapidamente postos na conta do diabo. Ele impeliu Galileu para o sistema adotado de astronomia; Harvey para a circulação do sangue; ele foi a causa da bruxaria na Escócia, e teve muito a ver com as maravilhas da química, antes de esta atingir a sua atual certeza científica e valor para as artes e agricultura.

Mas o testemunho de milhares de excelentes testemunhas não pode ser posto de lado por tal argumento. Não há muitos anos, era moda negar os factos e usos do clorofórmio, da homeopatia, da hidropatia, do magnetismo, do mesmerismo, etc.; agora os poderes curativos destes agentes são comummente aceites entre nós como termos familiares. Parece haver uma lei de desenvolvimento progressivo no universo. Caso se verifique que os supostos factos do Espiritualismo são reais, após experiências repetidas, não podemos duvidar de que eles também terão um lugar permanente com as descobertas recentes. Ninguém, hoje em dia, que minimamente pense, pode ser tão audaz e insensato ao ponto de negar que "há mais coisas no céu e na terra do que as sonhadas na nossa filosofia."

No simples depoimento que dei sobre o que o meu amigo e eu ficámos satisfeitos por ter ocorrido na noite da nossa visita a Villas, evitei colorir os acontecimentos e, por uma questão de maior precisão, dei figuras de tamanhos que, contudo, devem ser tomadas apenas como uma aproximação próxima das medições reais. J. G. Crawford.»

O Sr. Crawford menciona a circunstância de eu regressar imediatamente ao solo assim que ele me tocou nos pés. Tenho observado que este é invariavelmente o caso quando sou tocado, ou mesmo observado ansiosamente, até que me tenha elevado acima das cabeças daqueles que estão na sala; mas depois de ter atingido essa altura, o facto de olharem para mim, ou tocarem-me, não tem efeito sobre mim. Qual possa ser a causa não consigo explicar, mas poderá ser talvez alguma quebra no magnetismo que é causada no primeiro caso, e que não ocorre no segundo.

A 3 de abril de 1860, tinha estado com alguns amigos numa palestra dada em St. John's Wood, pelo Sr. Louis Blanc, "Sobre as Pessoas e Agências Misteriosas em França no final do século dezoito." A sua palestra foi em grande parte ocupada com Cagliostro e, durante o tempo em que ele falava, tive a mais forte impressão da presença de Cagliostro, e a senhora que estava sentada ao meu lado também estava ciente de alguma forte presença espiritual por ter o seu vestido puxado e por outras manifestações.

Ao regressar a casa, descobri que a minha mulher se tinha recolhido mais cedo do que o habitual em consequência de uma forte dor de cabeça. No decurso da nossa conversa, tendo ela perguntado como eu tinha gostado da palestra, disse: "Fui assombrado toda a noite por Cagliostro," ao que ela exclamou: "Peço-te que não uses essa palavra assombrado, soa tão estranho e assusta-me bastante." Tinha, por esta altura, apagado a luz e estava agora na cama quando, para meu espanto, o quarto ficou tão iluminado como se o sol tivesse por um instante brilhado plenamente pela janela.

Pensando que este efeito pudesse ter sido apenas na minha perceção espiritual, disse: "Sacha, viste alguma coisa?" A sua resposta foi: "Não, nem poderia, pois a minha cara estava completamente enterrada na almofada, a dor é tão intensa." Pedi-lhe que observasse e então pedi mentalmente que, se a luz tivesse sido externa, ela pudesse ser reproduzida. Quase simultaneamente com o pensamento, veio a luz novamente, tão distinta e com tal brilho que nenhum meio-dia foi alguma vez mais claro.

A minha mulher perguntou se este era o espírito de Cagliostro, e a resposta afirmativa foi instantaneamente dada por três clarões de luz, tão vívidos que chegavam a ser ofuscantes e dolorosos para a vista. Foram dadas respostas a várias perguntas da mesma maneira maravilhosa e depois, em resposta a uma pergunta feita, veio um tilintar musical, como se um sino de prata tivesse sido tocado diretamente sobre as nossas cabeças. Desta forma,

as nossas respostas seguintes eram agora dadas, e ouvimos então um passo no chão, caindo tão suavemente como se temesse perturbar-nos com a sua aproximação.

A minha mulher pediu que ele se aproximasse mais, e ele aproximou-se de nós até sentirmos uma forma inclinar-se sobre a cama. Ao fazê-lo, pressionou sobre a roupa da cama tal como uma presença material real teria feito. Perguntámos-lhe se ele tinha sido um médium quando na terra, e uma voz distinta, audível para ambos, disse em resposta: "O meu poder era o de um mesmerista, mas totalmente incompreendido por aqueles que me rodeavam; os meus biógrafos fizeram-me injustiça, mas não me importo com as inverdades da terra."

Tanto a minha mulher como eu estávamos por esta altura tão impressionados por evidências tão surpreendentes e quase terrivelmente reais da presença de alguém que não era de modo algum aparentado connosco, que por alguns momentos toda a capacidade de articulação parecia ter-nos deixado. Fomos, contudo, logo chamados a nós mesmos por uma mão ser colocada nas nossas cabeças, e ela, agarrando as minhas mãos nas suas, ergueu-as, dizendo: "Caro espírito, queres ser um dos meus anjos da guarda — vigia-me junto com o meu pai, ensina-me o que quererias que eu fizesse e faz-me grata a Deus por todas as Suas misericórdias?"

As nossas mãos foram apertadas por uma mão, e a mão esquerda dela foi gentilmente separada da minha, e um anel, que era o anel de sinete do meu sogro, foi colocado no seu anular. Este anel estava anteriormente no quarto, mas a uma distância de pelo menos doze pés [cerca de 3,6 metros] de onde a cama se encontrava. "Boa noite, queridos, e que Deus vos abençoe," foi então audivelmente pronunciado, e simultaneamente com o som vieram três bafejos de perfume, tão deliciosos que ambos exclamámos: "Quão verdadeiramente maravilhoso!"

A dor de cabeça dela ficou perfeitamente curada e, embora os nossos nervos tivessem estado muito agitados, dormimos profundamente. No dia seguinte, e de facto durante vários dias depois, a minha mulher teve provas ocasionais da presença deste espírito, e ele permaneceu com ela até ao momento da sua partida da terra, e durante os últimos meses da nossa estada em Inglaterra ela viu-o frequentemente.

Por volta de meados de maio de 1860, a minha sogra escreveu-nos de S. Petersburgo, como se segue:

«Queridos filhos, — Poderão não estar cientes de que amanhã serei submetida a uma operação cirúrgica. Vi o meu confessor; tomei o sacramento e sinto-me agora muito feliz. Não fiquem alarmados, mas façam como eu — confiem em Deus.»

Na manhã de segunda-feira, 29 de maio, estando a minha mulher então ocupada num bazar realizado no Crystal Palace, em Sydenham, propus visitar com um amigo o estabelecimento dos Srs. Barclay e Perkins. Conduzimos até lá e tínhamos percorrido quase todo o estabelecimento quando, na sala de trasfega, um dos operários propôs que provássemos a *porter*. O meu amigo estava a prová-la e o assistente trouxe-me uma caneca. Estendi a mão para a pegar e, quando os meus dedos entraram em contacto com o metal, um profundo calafrio convulsionou o meu corpo, e subitamente soube que a minha querida sogra, que tinha sido durante muitos anos uma sofredora paciente, fora libertada dos seus problemas terrenos.

Recusei a *porter* e pedi ao meu amigo que me acompanhasse a casa. Passada uma hora estava calmo e raciocinei comigo mesmo sobre como poderia melhor ocultar a dolorosa notícia à minha mulher. Nessa noite, numa sessão, ela perguntou como estava a sua mãe. A resposta dada foi: "Tudo está bem com ela agora." Todos os presentes, exceto ela, compreenderam bem ao que isto aludia, e uma amiga à minha esquerda fez tudo o que pôde para esconder as lágrimas.

Na quinta-feira seguinte, ouvi a minha mulher a correr para o meu quarto. Quando ela abriu a porta, e antes que tivesse tempo de falar, e de facto antes de eu a ter visto, disse: "Ora, Sacha, eu soube-o na segunda-feira passada." Ela veio para o lado da minha cama e entregou-me uma carta endereçada a mim da minha cunhada, contendo um despacho telegráfico, anunciando que a minha sogra tinha partido da terra na segunda-feira, e esta carta a minha mulher tinha aberto.

Duas noites depois disto, numa sessão onde o Conde T e um amigo ateu dele estavam presentes, o seu querido espírito veio e as suas mãos foram tornadas visíveis, descansando sobre a cabeça da sua filha, e depois sobre a minha. Ela escreveu na sua própria caligrafia peculiar: "Vais amá-la sempre, não vais?" e assinou-a como "Nathalie". Aquele que veio ateu, já o não era.

Retiro o seguinte relato de algumas novas manifestações da "*Spiritual Magazine*". Chama-se "Duas Noites com o Sr. Home" e é introduzido pelo editor que diz:

«Recebemos de dois correspondentes, bem conhecidos por nós, o seguinte relato de manifestações na noite de 1 e 9 de maio passado, cada noite na presença de nove pessoas, cujos nomes nos foram fornecidos e que nos é permitido facultar privadamente a qualquer interessado que sinta que o conhecimento dos nomes é necessário para a sua crença. Entretanto, podemos atestar publicamente a perfeita confiança que a narrativa nos inspira, tendo ouvido todo o relato dos lábios dos narradores antes de recebermos o manuscrito deles.

1 de maio de 1860. O grupo era composto pelo Sr. e Sra. Home e outras sete senhoras e cavalheiros. Sentámo-nos à mesa redonda na grande sala de estar. A mão do Sr. Home foi movida para escrever: "O espírito de John é alguém que foi bondoso para com o vosso pai durante a viagem para a América." Ninguém compreendeu isto; mas o Sr. entrando no quarto um minuto depois, expressou a sua convicção de que era destinado a ele, pois o seu pai tinha estado na América. Três batidas fortes deram assentimento ao que ele disse. A mesa então afastou-se de nós e perguntámos se queriam que a puxássemos para a janela. Foi respondido "Sim".

Assim o fizemos, deixando um espaço vago contra a janela, abrindo as portadas e, por indicação deles, apagando as velas. O lume ardia intensamente. Foi soletrado: "Há um pouco de luz a mais." O Sr. e —'— taparam o lume o mais possível, e o luar e a luz do gás da rua passaram então a ser a única iluminação da mesa; mas faziam-no completamente, pois a lua estava muito brilhante. O Espírito de Albert pegou então no acordeão e tocou uma bela melodia de harmonia sobrenatural. O Sr. Home e eu segurámos o acordeão juntos debaixo da mesa, pois o poder era muito forte e a música alta — e o instrumento por vezes era quase levado para longe de nós.

Passado pouco tempo, ergueu-se lentamente no espaço aberto pela janela uma mão belíssima de mulher — vimos também parte do braço formoso enquanto o mantinha erguido no alto durante algum tempo — ficámos todos grandemente assombrados. Esta mão era tão transparente e luminosa, e tão sobrenatural e angélica, que os nossos corações se encheram de gratidão para com o Criador por permitir tão maravilhosa manifestação. A mão era-nos visível mais pela luz interna que parecia fluir de dentro dela do que pela luz externa da lua.

Assim que desapareceu lentamente, a Mlle., que estava sentada junto ao espaço aberto, viu outra mão a formar-se perto de si; e a mão de um

homem foi erguida e colocada sobre a mesa, muito mais terrena e realista em aparência, e uma que julguei reconhecer — (foi-nos dito subsequentemente que eu estava certo na conjetura). Depois veio uma mão querida de bebé; depois o bebé (a criança adotada pela Sra. L) mostrou a cabeça; e finalmente, mãos espirituais ergueram a criancinha, de modo que todos os nove de nós vimos os seus ombros e cintura. Depois disto, uma mão e um braço ergueram-se luminosos e belos, cobertos com uma roupagem branca transparente; e esta mão permaneceu visível para todos nós durante pelo menos cinco minutos, e fez-nos gestos corteses e graciosos.

Depois mãos espirituais ergueram para nós uma primorosa coroa de flores brancas. Nunca vi qualquer coroa feita por mãos humanas tão perfeita em forma e desenho; e pedindo o alfabeto disseram: "O emblema espiritual da mãe de William." Depois disseram-nos que nos mostrariam "O emblema da superstição"; e uma mão preta e murcha surgiu. Perante a observação de alguns de nós de que não a conseguíamos ver bem, as cortinas foram imediatamente afastadas e a persiana puxada do topo da janela.

Estava fora do alcance de qualquer um de nós e eles mostraram-nos então a mão novamente, de modo que todos a pudéssemos ver. O "emblema da verdade" foi então mostrado. Este era mais belo do que todo o resto — uma fonte feérica de água aparentemente límpida e borbulhante, que lançava jatos de raios prateados, desaparecendo da nossa vista como névoa e permanecendo na memória como a perfeição. Depois disto foi batido: "Não podemos fazer mais nada."

O Sr. Home entrou em transe e, ao recostar-se na sua cadeira, um lampejo da luz mais vívida recaiu sobre mim. Esta luz caiu sobre os meus ombros e brilhou na minha mão direita, e veio de uma direção de onde nenhuma luz terrena poderia ter vindo. Veio de uma parte da sala onde o espírito de alguém que foi meu amigo quando na terra esteve muitas vezes antes, e de onde comunicou connosco. Esta luz não foi vista por mais ninguém senão eu; mas quando me voltei na esperança de ver o espírito, o Sr. Home disse-me: "Sim, ele está ali;" e acrescentou uma comunicação dele.

Disse-nos então que a primeira mão que tínhamos visto fora a da sua própria mãe; a segunda era a do meu pai, como eu tinha silenciosamente esperado; e a mão e o braço com a roupagem que permaneceu tanto tempo veio para Prudence, e era a mesma que ela tinha visto uma noite quando sozinha, há vários anos, em Paris, antes de alguma vez ter ouvido falar de

manifestações espirituais. Ele deu-nos também o nome completo do "espírito John", que tinha ido para a América com o pai do Sr. A; e acrescentou alguma informação privada que o Sr. A confirmou como verdadeira.

Tendo os acontecimentos desta noite sido tão maravilhosos, pedi aos meus amigos presentes na ocasião que lessem este relato e o assinassem como testemunhas da verdade do que declarei.

9 de maio de 1860. Misturando-me com aqueles interessados em presenciar evidências do poder espiritual, aceitei de bom grado um convite para encontrar alguns amigos na segunda-feira, 9 de maio de 1860, numa casa no West End. Às oito e um quarto, fomos para a sala de estar das traseiras adjacente e sentámo-nos a uma mesa de pé de galo. Éramos nove, sendo o Sr. Home um dos presentes. Imediatamente a mesa começou a vibrar e a elevar-se suavemente do chão. Digo a elevar-se, porque nenhuns seres humanos em carne humana foram os atores.

Nada ocorreu durante alguns minutos, durante os quais se manteve a conversa, e depois a mesa subiu gradualmente do chão cerca de quatro pés [cerca de 1,2 metros], ou antes, mais de um pé além dos nossos braços estendidos, cujas mãos tinham descansado suavemente na mesa antes da sua subida. Depois desceu. O Sr. Home pegou no acordeão na sua mão direita, pelo aro no fundo do instrumento, deixando a mão esquerda sobre a mesa, e então foram tocados alguns belos prelúdios improvisados, primorosamente atenuados, mas claros e melodiosos.

Tornaram-se gradualmente mais encorpados, e cada vez mais cheios, até que a sala pareceu preenchida com o volume de som como um órgão ressonante, e sem qualquer nota falsa. Um amigo, sentado ao meu lado, esquecendo-se de si, exclamou: "Meu Deus, que maravilhoso!" e, após um fôlego, perguntou "se nos dariam alguma melodia que conhecêssemos?" e tendo pedido "God save the Queen", foi tocada de imediato.

Uma senhora presente, cujo filhinho tinha morrido recentemente, teve indicações de o seu filho estar na sala; e o acordeão subitamente começou a tocar uma melodia bem conhecida que na terra o rapazinho muito apreciava, por coincidir com o nome da sua mamã. Leitor, não houve ali uma verdade de vida e de amor no incidente? A mãe achou que sim, e as suas lágrimas traíram os seus pensamentos.

As detonações na mesa, e por vezes sob as minhas mãos, eram tão agudas, e tão claras, e tão fortes, como se batidas vigorosamente com o bordo de uma moeda de um cêntimo.

Foi então batido pelos sons: "Ide para a janela." Levantámo-nos e movemo-nos para a mesa a cerca de dezoito polegadas [cerca de 45 centímetros] da janela. Sentámo-nos novamente, mas mais perto uns dos outros, de modo a permitir um espaço vago ao lado da mesa, oposto à janela. Os sons deram então: "Apagai as luzes," o que foi feito. Verificámos que, embora o quarto estivesse escuro, a luz da janela era suficiente para nos vermos tenuemente uns aos outros. A persiana da janela começou então a mover-se para cima e para baixo — ninguém perto dela — evidentemente para ajustar a luz; e enquanto comentávamos a singularidade do fenómeno e quão alto ela ia, todos olhando para ela — subitamente saltou até ao topo e depois desceu suavemente para a sua posição original.

O Sr. Home sentiu algo na sua cabeça e verificou que era uma folha. Subitamente, a folha de um gerânio foi tirada e largada no colo de uma senhora sentada à mesa. Ouvimos o estalido como se quebrasse do caule de uma flor e imediatamente desceu, passando pela orelha do meu amigo e sobre o seu joelho, um ramo de gerânio; enquanto ele o segurava para nós vermos, expressei o desejo de ter um, quando um ramo veio passar pela minha orelha direita para cima do meu joelho. Apanhei-o e, enquanto o mostrava, outro passou pela minha cara como se viesse do teto. A planta de gerânio estava no quarto a vários pés de distância de qualquer um de nós, e os ramos desceram tanto à minha direita como à minha esquerda.»

«Após uma pausa, o Sr. Home disse que sentia como se estivesse prestes a ser elevado; afastou-se da mesa e, pouco depois, disse: "Estou a subir" — mas não o conseguíamos ver — "puseram-me de costas." Perguntei: "Poderiam, por favor, trazê-lo o mais possível para junto da janela, para que o possamos ver?"; e, de imediato, ele foi flutuado com os pés horizontalmente para a luz da janela, de modo que todos vimos os seus pés e uma parte das suas pernas descansando ou flutuando no ar como uma pena, a cerca de seis pés [cerca de 1,8 metros] do chão, e três pés [cerca de 90 centímetros] acima da altura da mesa.

Foi então flutuado para a escuridão; e exclamou: "Voltaram-me ao contrário e estou a ir na vossa direção." Vi a sua cabeça e o seu rosto, à mesma altura de antes, e como se flutuasse no ar em vez de na água. Ele

então flutuou de volta, desceu e caminhou até à borda da mesa onde estávamos e sentou-se nela, momento em que a mesa começou a elevar-se com ele em cima. O Sr. Home foi então levado para trás, para a canapé junto a mim, e enquanto ali estávamos, ouvimos sons várias vezes como de alguém a proferir uma monossílaba no meio da sala. Sentindo uma pressão contra a minha cadeira, olhei e vi que o otomano tinha sido trazido pelo chão cerca de seis pés, sem ninguém lhe tocar, para junto do Sr. Home. Ele disse: "Suponho que é para eu descansar," — deitou-se, e o otomano voltou para a sua posição original — "Oh! Estou a ficar excitado, que alguém venha sentar-se comigo."

Eu fui e sentei-me ao seu lado; ele pegou na minha mão; e em cerca de um minuto, e sem qualquer ação muscular, ele flutuou suavemente para longe de mim e perdeu-se na escuridão. Continuou a falar para nos deixar saber onde estava. Ouvimos a sua voz em várias partes da extremidade oposta da sala, como se estivesse perto do teto. Ele então gritou: "Oh! Trouxeram-me uma almofada para me sentar — estou sentado nela — estão a levá-la embora." Nesse instante, a borla da almofada de outro otomano na sala bateu-me no cabelo e na testa, como se viesse do teto, e a almofada foi depositada aos meus pés no chão, caindo como um floco de neve.

Vi em seguida a sombra do seu corpo no espelho enquanto ele flutuava perto do teto. Ele disse: "Gostaria de ter um lápis para fazer uma marca no teto. Fiz uma cruz com a minha unha." Ele desceu perto da porta e, após uma pausa, foi novamente levado para cima; mas eu não o vi, embora ouvisse a sua voz como se estivesse perto do teto. Novamente ele desceu e, pouco depois, regressou à mesa onde estávamos; e os sons na mesa desejaram-nos "Boa noite".»

Este é um relato de "Outra noite com o Sr. Home". É-nos dado nas palavras da senhora em cuja casa as manifestações ocorreram. Não tenho, por boas razões, a liberdade de dar o seu nome, mas posso responder pela sua posição e carácter, e pela veracidade da narrativa. Tenho, além disso, os nomes das nove pessoas que estavam presentes.

«3 de maio de 1860. — A mesa afastou-se dos restantes sete de nós, e seguimo-la; subitamente elevou-se no ar e, sem qualquer ajuda nossa, foi colocada num grande sofá que estava diante da janela. Os espíritos disseram-nos para afastarmos este sofá, o que fizemos imediatamente, e a mesa moveu-se então por sua própria vontade para a janela onde as mãos nos

tinham aparecido em ocasiões anteriores. As portadas foram abertas e as velas apagadas por desejo deles. O Sr. Home sentou-se junto à janela, e eu sentei-me ao lado dele com a Sra. H. do meu outro lado. Após estarmos sentados alguns minutos tranquilamente, senti uma forma deslizar por trás de mim: tocou na minha cadeira, colocou duas mãos nos meus ombros e depois puxou a pesada cortina de seda de uma janela atrás de mim (estávamos sentados num arco formado por três janelas) e dobrou a roupagem à minha volta como um manto.

As mãos e os braços que me envolveram pareciam tão palpáveis como braços humanos pareceriam. Ao um dos presentes adivinhar o nome do espírito, foi respondido por três batidas assustadoras, que sacudiram a mesa, e pareciam produzidas por uma barra de ferro — nenhuma mão humana poderia ter batido com tal força. Enquanto eu escutava atentamente para captar qualquer som, e forçava os olhos para ver qualquer forma que se pudesse tornar visível, o meu pente foi tirado do meu cabelo por uma mão espiritual e colocado numa mesa a uma distância de mim. Por batidas minúsculas e suaves, o meu querido filho espírito disse-me que o tinha tirado.

Depois, uma mão ergueu-se sob a janela e puxou a persiana para baixo. Vimos distintamente os dedos agarrarem o cordel — esta é uma persiana verde transparente, através da qual a luz pode cair suavemente. A mão fez então gestos graciosos e apontou para cima e, quando desapareceu, foi seguida por outra, e depois pela mão de uma criança. Subitamente fui tocada no ombro, como que por alguém de pé atrás de mim e querendo chamar a minha atenção.

Pensei que era a minha filha e voltei-me para falar com ela, mas não encontrei ninguém. Mal me tinha voltado, quando o meu ombro esquerdo foi tocado com mais força e, ao virar a cabeça, uma mão espiritual estendeu-me uma caixa tirada de uma mesa na outra extremidade da sala. Recebi-a com emoção e como um presente precioso; e a doce mão que a deu foi colocada no meu ombro com uma pressão amorosa.

O espírito de A— G— mostrou então a sua mão, tocou na sua irmã com ela e tocou no acordeão, que gradualmente foi movido na mão do Sr. Home para cima da sua cabeça, batendo os batimentos ao mesmo tempo o compasso, como um tambor, muito alto na mesa. O acordeão foi finalmente levado inteiramente pelos espíritos, que tocaram nele a uma distância de nós, continuando o rufar todo o tempo na mesa, enquanto outro tambor o

acompanhava do outro lado da sala. Assim que isto cessou, a mesa elevou-se no ar e flutuou para longe de nós, bem acima das nossas cabeças, passando por cima de sofás e cadeiras no seu caminho. Ficámos naturalmente grandemente interessados nesta maravilhosa manifestação e seguimo-la para a parte mais escura da sala, e aqui surgiu uma cena de confusão indescritível, mas produzindo ainda sentimentos de modo algum desagradáveis, embora não soubéssemos, quando nos tocávamos uns aos outros, quem eram espíritos e quem eram seres humanos de carne.

As quatro almofadas do otomano foram virtualmente arremessadas no ar de uma só vez e voaram para o outro lado da sala. Em resposta a uma observação feita, uma mão desceu sobre a minha cabeça, como de um espírito a flutuar acima de mim, e pressionou a minha testa e acariciou o meu cabelo. Enquanto nos reuníamos em redor da mesa, nove ou dez cadeiras voaram como relâmpagos, uma atrás de cada um de nós: a cadeira ao meu lado estava vazia (à vista), mas quando tentei movê-la não o consegui fazer, parecia como que pregada ao chão, e por batidas fomos informados de que L— ali estava sentado.

A força unida de vários não conseguia mover esta cadeira. O pesado sofá onde G— estava sentada foi movido subitamente para a outra extremidade da sala, e o espírito do seu irmão colocou a mão na dela e segurou-a por vários minutos. Antes de a deixar, ele deu uma manifestação muito tocante: abençoou-a fazendo o sinal da cruz na sua testa. Durante estas manifestações, quase todos os artigos de mobiliário na sala foram movidos do seu lugar.»

O meu muito valorizado amigo, o Sr. Wason, que, após vinte e nove anos de ceticismo exterior, se orgulha de datar o seu novo nascimento para a crença numa vida espiritual e numa filosofia espiritual a partir das suas observações dos fenómenos que presenciou na minha presença, escreveu por esta altura a interessante carta que agora apresento.

«Em julho de 1860, estive numa sessão na mansão de uma pessoa de distinção, em Hyde Park Terrace, Londres. Dois baronetes — um Membro do Parlamento (M.P.), e o outro o herdeiro e representante de um falecido M.P. de eminente capacidade; a esposa de um distinto M.P. vivo; e outros, incluindo o Sr. Home, perfazendo oito pessoas presentes. A hora era pouco depois das nove da noite. Nenhuma das três primeiras partes mencionadas tinha alguma vez visto quaisquer manifestações espirituais e eram

evidentemente céticas: o resto do grupo eram médiuns de maior ou menor poder, e pareciam tão interessados em observar os efeitos das manifestações espirituais nos três recém-chegados como nas manifestações em si. Todos fizemos um círculo em redor de uma pesada mesa de pé de galo, capaz de sentar nove pessoas confortavelmente (crinolinas incluídas).

Estava coberta com uma toalha de damasco comum (um poderoso não condutor de eletricidade, negando completamente a teoria de que as manifestações espirituais eram provocadas pela eletricidade); e fomos solicitados pelo Sr. Home a conversar e falar tão natural e alegremente quanto pudéssemos, e a não estarmos demasiado ansiosos ou expectantes de manifestação espiritual, o que ele afirmou ter uma forte tendência para derrotar o objetivo. Havia seis luzes acesas na sala. O chão (um primeiro andar) estremeceu e tremeu de uma maneira que todos pensaram assemelhar-se às vibrações e movimento no convés de um pequeno vapor quando as pás estão em pleno funcionamento; alguns disseram que se assemelhava de perto à moção trémula no convés de um vapor de hélice, com o que concordei.

Esta moção trémula cessava a intervalos e era renovada, e isto pareceu impressionar muito fortemente os recém-chegados; era divertido notar os seus olhares sobressaltados, embora dissessem pouco além de concordarem com as observações quanto aos movimentos trémulos. As paredes também estremeciam por vezes com uma moção trémula. A mesa, que era muito grande e pesada, foi frequentemente levantada algumas polegadas do chão, e finalmente elevou-se do chão pelo menos três pés e permaneceu assim suspensa entre o céu e a terra, como o caixão de Maomé, por um minuto ou cerca disso, provavelmente mais do que menos.

Os cavalheiros foram convidados pelo Sr. Home a verificar se algum mecanismo estava por baixo, e os dois cavalheiros que eram recém-chegados passaram com as suas pernas por baixo da mesa suspensa, para apanharem qualquer suporte ou outro mecanismo que pudesse ser aplicado para elevar a mesa, e confessaram que nenhum mecanismo ou suporte desse tipo estava presente.

Esta sessão, maravilhosa como parecerá — "mais estranha que a ficção" — não foi considerada uma sessão inteiramente bem-sucedida; e a senhora da casa, com amabilidade característica, após falar da escassez das manifestações, convidou-me para outra sessão na noite seguinte, um convite

que aceitei com o maior gosto, embora me mantivesse em Londres um dia extra e derrubasse os meus movimentos previamente planeados. Nesta segunda sessão encontrámo-nos um pouco mais cedo, pouco depois das oito da noite, na mesma sala do primeiro andar. A sessão consistia num advogado de eminência e prestígio na ordem, e bem conhecido do público, um homem de letras — um autor de reputação estabelecida, e outros até ao número de oito — sendo todos nesta ocasião crentes, exceto o autor.

A mesma moção trémula do chão e das paredes como na noite anterior teve lugar; e a mesa foi inclinada e virada com um poder ainda maior do que antes, e elevou-se perpendicularmente do chão, de três a quatro pés, e permaneceu nesta posição suspensa (à moda do caixão de Maomé) por cerca de um minuto, e depois desceu para o seu lugar original tão suave e gentilmente como a queda de um floco de neve. Um acordeão foi tocado por uma mão invisível, enquanto era segurado por uma das pessoas presentes, e depois por mim mesmo.

Segurei-o sobre as costas da cadeira em que estava sentado, usando as costas da cadeira como apoio para o meu braço, pendendo o acordeão sobre as costas da cadeira. Estava sentado no lado oposto da mesa ao do Sr. Home e da senhora da casa. O acordeão foi também tocado enquanto jazia no chão, e também sobre a mesa, e foi levantado sem meios visíveis do chão para cima da mesa. A música era de um carácter solene e impressionante.

Uma pequena mão espiritual, quente e suave como a de uma criança, tocou na minha mão e colocou nela um pequeno sininho e, a meu pedido, tirou o sino da minha mão por baixo da mesa para a sua mãe, que era a senhora da casa. Ela pareceu perfeitamente satisfeita por ser a mão espiritual do seu rapazinho, que morreu há três ou quatro anos, com cerca de oito anos de idade, e recebeu repetidas respostas, soletradas através do alfabeto, tais como poderiam ser esperadas do espírito de uma criança falecida para a sua mãe.

O sino foi levado a várias das pessoas presentes e colocado nas suas mãos; e, por fim, foi elevado acima das nossas cabeças e tocado no ar, girando em redor e tocando nas nossas cabeças (a minha incluída). Eu conseguia ver o sino quando passava em redor da minha cabeça oposto à janela. Conseguia ver o sino ocasionalmente quando passava entre mim e a janela, cujas persianas tinham sido baixadas por agência invisível. Pedaços de miosótis e flores de gerânio foram colocados nas minhas mãos por mãos

espirituais, e dentro do meu colete. Vi uma das mãos distintamente, a qual, ao passar entre mim e a janela, era distintamente visível, pois as persianas não excluíam totalmente a luz de uma noite de verão e das luzes de gás na rua.

As cortinas foram finalmente puxadas por meios invisíveis, e então o Sr. Home afirmou que estava a ser levantado no ar, e atravessou a mesa por cima das cabeças das pessoas sentadas ao seu redor. Pedi-lhe que fizesse uma marca com o seu lápis no teto. Ele disse que não tinha lápis. Levantei-me e disse que lhe emprestaria o meu e, pondo-me de pé e esticando-me para cima, consegui alcançar a sua mão, a cerca de sete pés de distância do chão, e coloquei nela um lápis e, agarrando e mantendo-me agarrado à sua mão, movi-me com ele cinco ou seis passos enquanto ele flutuava acima de mim no ar, e só larguei a sua mão quando tropecei num banco.

O Sr. Home, enquanto flutuava, continuou a tocar o pequeno sininho para indicar a sua localização na sala, que tinha provavelmente quarenta por trinta pés [cerca de 12 por 9 metros], e vi o seu corpo eclipsar duas linhas de luz que saíam de entre o topo de uma porta e a sua arquitrave — tal porta levando a uma sala adjacente que estava brilhantemente iluminada. O Sr. Home foi recolocado, como afirmou, com o maior cuidado e gentileza na cadeira de onde se levantara, mas isto eu não consegui ver. Anteriormente a o Sr. Home ser elevado, as mãos espirituais de dois dos filhos falecidos do advogado tocaram-no. Ele não duvidou que as mãos eram as mãos espirituais dos seus filhos.

Foram feitas perguntas e dadas respostas racionais por meio do alfabeto, numa das formas comuns de comunicar com espíritos. É justo que eu diga que esta sessão (como na noite anterior) foi iniciada com oração, que compreendi ser o curso habitual. Não faço comentários sobre o que precede, e não apresento teoria ou hipótese. Limitei-me simplesmente a factos, que posso substanciar por prova legal num tribunal de justiça; e adiciono o meu nome, endereço e profissão, e tenho apenas um desejo, e esse é — que a verdade possa prevalecer.

Sou, Senhor, seu obediente servo, James Wason, Solicitador. Wason Buildings, Liverpool.»

CAPÍTULO IX

A NARRATIVA DA "CORNHILL" E OUTRAS

Foi nesta altura que ocorreram as manifestações que são descritas com tal precisão e inteligência pelo eminente amigo literário que escreveu o seu relato do que viu na "*Cornhill Magazine*", sob o título de "*Stranger than Fiction*" [Mais Estranho que a Ficção]. Este artigo percorre quase todo o terreno das manifestações físicas e é escrito com tal mestria de observação e capacidade de descrição que sinto que será uma vantagem para o leitor ter aqui alguns pequenos excertos dele. Ele começa citando:

«A resposta do Dr. Treviranus a perguntas que lhe foram feitas por Coleridge quanto à realidade de certos fenómenos magnéticos que se dizia que aquele distinto *savant* tinha testemunhado: "Vi o que não teria acreditado pelo seu testemunho, e o que não posso, portanto, esperar que acredite pelo meu."»

Para informação do Professor Faraday e de outras pessoas que acreditam na sua teoria tola do movimento muscular involuntário como sendo a causa dos fenómenos, ele diz: «Enquanto estávamos sentados à mesa, mal lhe tocávamos com as pontas dos nossos dedos. Estava ansioso por me satisfazer quanto à pressão involuntária que tem sido atribuída à imposição das mãos. Neste caso não houve nenhuma. Os meus amigos gentilmente satisfizeram o meu pedido de evitar repousar o mínimo peso que fosse sobre a mesa; e mantivemos as nossas mãos apontando para baixo, com apenas as unhas a tocarem na madeira.

Não só este contacto ligeiro era inadequado para produzir as evoluções violentas que tiveram lugar, como as evoluções eram tão irregulares e perplexas que não as poderíamos ter produzido por premeditação. Pouco depois, contudo, tivemos provas conclusivas de que a vivacidade da mesa não necessitava de qualquer ajuda nossa.

Voltando-se subitamente sobre um dos lados, afundou-se no chão. Nesta posição horizontal deslizou lentamente em direção a uma mesa que estava junto de um grande otomano no centro da sala. Tivemos muita dificuldade em segui-la, estando o aposento apinhado de mobília, e a nossa dificuldade foi consideravelmente aumentada por sermos obrigados a acompanhá-la numa atitude curvada. Parte da viagem ela realizou-a sozinha, e nunca fomos capazes de a alcançar todos ao mesmo tempo. Usando a

perna da mesa grande como fulcro, direcionou as suas garras para o otomano, que tentou subir, inserindo uma garra no lado, depois voltando-se a meio para consolidar outro passo, e assim por diante. Escorregou na primeira tentativa, mas novamente retomou calmamente a sua tarefa. Era exatamente como uma criança a tentar subir uma altura. Durante todo este tempo mal lhe tocávamos, tendo receio de interferir nos seus movimentos e, acima de tudo, determinados a não os auxiliar. Por fim, por esforços cuidadosos e perseverantes, alcançou o topo do otomano e ficou no cume da coluna no centro, de onde em poucos minutos desceu para o chão por um processo semelhante.»

O escritor faz a seguinte reflexão pertinente sobre o que acabou de descrever:

«Não é de esperar que qualquer pessoa que seja estranha a estes fenómenos leia uma história como esta com complacência. Contudo, aqui está um facto que indubitavelmente teve lugar, e que não pode ser referido a quaisquer forças físicas ou mecânicas conhecidas. Não é uma resposta satisfatória para aqueles que viram tais coisas dizer que elas são impossíveis: visto que, em tais casos, é evidente que a impossibilidade de uma coisa não impede que ela aconteça.»

Sobre muitas ocasiões subsequentes, o escritor diz que testemunhou fenómenos de natureza semelhante, e outros de um carácter muito mais surpreendente. Ele diz-nos, por exemplo:

«Quando vi uma mesa, à qual duas senhoras estavam sentadas, mover-se na minha direção sem qualquer impulso adequado lhe ser conferido por meios visíveis, achei o facto suficientemente extraordinário; mas o meu espanto diminuiu quando, em ocasiões subsequentes, vi mesas moverem-se aparentemente por sua própria vontade, não havendo pessoas perto delas; sofás grandes avançarem das paredes contra as quais se encontravam; e cadeiras, por vezes ocupadas e por vezes vazias, mudarem os seus lugares pela distância de um pé ou de uma jarda, nalguns casos facilmente e noutros com um movimento lento e laborioso.»

Quanto ao tremor peculiar da mesa e da sala, diz ele: «Na primeira ocasião em que experienciei o efeito que estou prestes a descrever, estavam cinco pessoas na sala. Noutros locais, onde ocorreu subsequentemente, estavam sete ou mais. A arquitetura das casas em cada caso era totalmente dissimilar, tanto quanto à área e altura dos aposentos como quanto à idade,

tamanho e resistência dos edifícios. Estávamos sentados a uma mesa na qual alguns fenómenos singulares, acompanhados por batidas fortes nas paredes e no chão, tinham acabado de ocorrer, quando nos tornámos conscientes de uma estranha vibração que palpitava pela sala. Escutámos e vigiámos atentamente. A vibração tornou-se cada vez mais forte. Era palpável sob os nossos pés. As nossas cadeiras estremeciam e o chão tremia violentamente. O efeito era exatamente como a pulsação e a agitação que se poderia supor terem lugar numa casa nos trópicos durante o momento imediatamente precedente a um sismo.

Este movimento violento continuou por dois ou três minutos, depois diminuiu gradualmente e cessou. Cada pessoa presente foi igualmente afetada por ele em cada ocasião em que ocorreu. Produzir tal resultado por maquinaria poderia ser possível se a introdução da maquinaria em si fosse possível. Mas a suposição envolve uma dificuldade algo semelhante à da teoria do Sr. Knickerbocker sobre a terra estar nas costas de uma tartaruga, que poderia ser uma excelente teoria se pudéssemos apenas averiguar em cima de que é que a tartaruga estava.»

Ele fala agora da elevação da mesa totalmente do chão, o que ele repetidamente testemunhou. «De pronto a mesa eleva-se com um ligeiro solavanco, e sobe firmemente até atingir tal altura que torna necessário que os presentes se ponham de pé, a fim de ainda conseguirem manter as mãos com facilidade em contacto com a superfície, embora isso não seja absolutamente necessário. Como estão presentes alguns que não testemunharam este movimento antes, é expressado o desejo de examinar o chão, e um cavalheiro vai para debaixo da mesa para o efeito.

Todo o espaço, aberto à vista de todo o grupo, está livre. Da carpete até ao pé da mesa há um intervalo vazio de talvez dois pés, talvez três, — pois ninguém se lembrou de providenciar um meio de o medir, e devemos aceitá-lo por estimativa. A carpete é examinada, e as pernas e a superfície inferior da mesa são exploradas, mas sem resultado. Não há vestígio de qualquer ligação entre o chão e a mesa; nem se pode conceber como poderia haver alguma, pois a mesa se tinha deslocado para este ponto desde o lugar onde originalmente se encontrava uns minutos antes.

A inspeção é apressada e breve, mas abrangente o suficiente para nos satisfazer de que a mesa não foi elevada por meios mecânicos a partir de baixo; e tais meios não poderiam ser aplicados a partir de cima sem os meios

de deteção imediata. Na sua subida, a mesa balançou fora da sua órbita, mas reajusta-se antes de começar a descer e, retomando a sua posição vertical, desce sobre o ponto de onde se elevou. O movimento descendente é lento e, se posso usar a expressão, gracioso; e a mesa alcança o solo com uma suavidade onírica que torna o seu toque quase impercetível.

De um carácter algo semelhante é outro movimento, nalguns aspetos mais curioso e certamente abrindo um campo mais estranho para a especulação. A mesa ergue-se de um lado, até que a superfície forma um plano inclinado, num ângulo de cerca de 45°. Nesta atitude para. De acordo com a experiência comum tudo na mesa deve deslizar ou tombar; mas nada se mexe. A jarra de flores, os livros, os pequenos ornamentos estão tão imóveis como se estivessem fixos nos seus lugares.

Concordamos em retirar as nossas mãos, em atirar para cima as pontas da toalha, de modo a deixar todo o pilar redondo e as garras expostos, e em afastar as nossas cadeiras a uma pequena distância, para que possamos ter um domínio mais completo de um fenómeno que, no seu desenvolvimento maravilhoso pelo menos, creio ser novo para todos nós. A nossa retirada não faz qualquer diferença; e agora vemos distintamente de todos os lados a pose precisa da mesa, que parece, tal como a Torre de Pisa, como se devesse inevitavelmente tombar. Com vista a impelir a investigação tão longe quanto ela possa ser levada, é sussurrado um desejo por uma exibição ainda mais conclusiva do poder pelo qual este resultado extraordinário foi alcançado. O desejo é satisfeito de imediato.

A mesa inclina-se cada vez mais fora da perpendicular; duas das três garras estão bem acima do chão; e finalmente, toda a estrutura mantém-se na ponta extrema de uma única garra, terrivelmente desequilibrada, mas mantendo-se tão firmemente como se fosse toda uma massa sólida, em vez de estar carregada com um número de artigos soltos, e como se a posição tivesse sido planeada em estrita conformidade com as leis do equilíbrio e da atração, em vez de envolver uma violação inexplicável de ambas.»

«Sobre a música de um acordeão tocando por si só no chão, diz ele: — "À parte da maravilhosa consideração de ser tocado sem mãos — não menos maravilhosa era a circunstância de ser tocado num espaço estreito que não admitiria que fosse distendido com a liberdade necessária em toda a sua extensão. Escutámos com o fôlego suspenso. A melodia era selvagem e cheia de transições estranhas; com um lamento da doçura mais patética a percorrê-

la. A execução não era menos remarcável pela sua delicadeza do que pelo seu poder. Quando as notas cresciam em algumas das passagens arrojadas, o som rolava pela sala com uma reverberação assombrosa; depois, diminuindo suavemente, afundava-se numa estirpe de ternura divina. Mas foi o final que tocou os corações e arrancou as lágrimas dos ouvintes. Milton sonhou com este término prodigioso quando escreveu sobre 'doçura ligada e longamente prolongada'.

Por que arte o acordeão foi levado a render aquela nota moribunda, que os músicos práticos o determinem. Os nossos ouvidos, que a ouviram, nunca antes tinham sido visitados por um 'som tão fino'. Continuou a diminuir e a diminuir, e a estender-se para longe na distância e na escuridão, até que o fio atenuado de som se tornou tão requintado que foi impossível, por fim, fixar o momento em que cessou."

O escritor descarta todas as questões de fraude ou engenho mecânico, dizendo-nos: — "Não precisamos de especular sobre o que poderia ser feito por engenhos habilidosos, visto que a questão é removida da região da conjetura pelo facto de que, ao segurar eu próprio o instrumento numa mão, em sala aberta, com luz plena sobre ele, estirpes semelhantes foram emitidas, prosseguindo a ação regular do acordeão sem qualquer agência visível.

E devo acrescentar que, durante as passagens fortes e veementes, tornou-se tão difícil de segurar, em consequência do poder extraordinário com que era tocado por baixo, que fui obrigado a agarrar o topo com ambas as mãos. Esta experiência não foi solitária. Testemunhei o mesmo resultado em diferentes ocasiões, quando o instrumento era segurado por outros."

Ele também esteve presente várias vezes quando fui elevado do solo; e dá a seguinte descrição do que observou: — "O Sr. Home estava sentado junto à janela. Através da penumbra, a sua cabeça era tenuemente visível contra as cortinas, e as suas mãos podiam ser vistas num vago monte branco à sua frente.

De pronto, disse ele, numa voz calma: 'A minha cadeira está a mover-se — estou fora do chão — não reparem em mim — falem de outra coisa', ou palavras nesse sentido. Foi muito difícil refrear a curiosidade, não isenta de um sentimento mais sério, que estas poucas palavras despertaram; mas falámos, de forma bastante incoerente, sobre algum tópico indiferente. Eu estava sentado quase em frente ao Sr. Home e vi as suas mãos

desaparecerem da mesa e a sua cabeça sumir na sombra profunda mais além. Num momento ou dois ele falou novamente. Desta vez a sua voz estava no ar acima das nossas cabeças. Ele tinha-se elevado da sua cadeira até uma altura de quatro ou cinco pés [cerca de 1,2 a 1,5 metros] do chão. À medida que ascendia mais alto, descrevia a sua posição, como inicialmente perpendicular e depois horizontal.

Disse que se sentia como se tivesse sido voltado da maneira mais suave, como uma criança é voltada nos braços de uma ama. Num momento ou dois mais, disse-nos que ia passar através da janela, contra cuja luz cinzenta e prateada ele seria visível. Vigiámos em profundo sossego e vimos a sua figura passar de um lado da janela para o outro, com os pés primeiro, jazendo horizontalmente no ar. Falou connosco enquanto passava e disse-nos que se voltaria no sentido inverso e atravessaria de novo a janela; o que fez. A sua própria confiança tranquila na segurança do que parecia, de baixo, uma situação do perigo mais invulgar, deu confiança a todos os outros; mas, com os nervos mais fortes, era impossível não estar consciente de uma certa sensação de medo ou pavor.

Ele pairou em redor do círculo por vários minutos e passou, desta vez perpendicularmente, sobre as nossas cabeças. Ouvi a sua voz atrás de mim no ar e senti algo roçar levemente na minha cadeira. Era o seu pé, que ele me deu licença para tocar. Voltando-me para o ponto onde estava no topo da cadeira, coloquei a minha mão gentilmente sobre ele, momento em que ele soltou um grito de dor e o pé foi retirado rapidamente, com um calafrio palpável. Evidentemente não estava a descansar na cadeira, mas a flutuar; e saltou ao toque como um pássaro o faria.

Ele passou agora para a extremidade mais distante da sala e pudemos julgar pela sua voz a altitude e distância que tinha atingido. Tinha chegado ao teto, no qual fez uma pequena marca, e logo depois desceu e retomou o seu lugar à mesa. Um incidente que ocorreu durante esta passagem aérea, e lhe conferiu uma estranha solenidade, foi que o acordeão, que supúnhamos estar no chão sob a janela perto de nós, tocou uma melodia de patetismo selvagem no ar a partir do canto mais distante da sala."

Uma descrição muitíssimo capaz, calma e filosófica destes e de outros dos fenómenos que ele testemunhou, é encerrada por algumas observações que é esperar demasiado que muitos aproveitem. Há tanta oposição irracional aos factos que um apelo à razão a favor deles está quase fora de

lugar. Diz ele: — "Dizer que certos fenómenos são incríveis é apenas dizer que eles são inconsistentes com o estado atual do nosso conhecimento; mas sabendo quão imperfeito o nosso conhecimento é, não estamos, portanto, justificados em afirmar que eles são impossíveis. As 'falhas' que ocorreram em sessões são instadas como provas de que a coisa toda é um engano. Se tal argumento vale a pena ser notado, basta dizer que dez mil falhas não desprovam um único facto. Mas deve ser evidente que, como não conhecemos as condições de 'sucesso', não podemos extrair qualquer argumento das 'falhas'.

Ouvimos frequentemente as pessoas dizerem que poderiam acreditar em tal coisa se tal outra coisa acontecesse; fazendo com que o assentimento a um facto particular dependa, por uma estranha sorte de lógica, da ocorrência de algo mais. 'Acreditarei', por exemplo, diz um filósofo deste calibre, 'que uma mesa se elevou do chão quando vir os candeeiros de rua a dançar quadrilhas'. Depois, mesas? Por que acontecem estas coisas a mesas? Ora, essa é uma das próprias matérias que é desejável investigar, mas sobre a qual nunca saberemos nada enquanto ignorarmos o inquérito. E, acima de tudo, de que utilidade são estas manifestações maravilhosas?

O que provam elas? Que benefício conferiram ao mundo? Sir John Herschel respondeu a estas perguntas com um peso de autoridade que é final. 'A questão, *Cui bono?* — para que fim prático e vantagens tendem as vossas investigações? — é uma que o filósofo especulativo, que ama o conhecimento pelo seu próprio valor e desfruta, como um ser racional deve desfrutar, da mera contemplação de verdades harmoniosas e mutuamente dependentes, raramente consegue ouvir sem um sentido de humilhação.

Sente que há um prazer elevado e desinteressado nas suas especulações, que deveria isentá-las de tal questionamento.' 'Mas', acrescenta Sir John, 'se ele se conseguir levar a descer deste terreno alto mas justo e justificar-se a si mesmo, às suas buscas e aos seus prazeres aos olhos daqueles que o rodeiam, basta-lhe apontar para a história de toda a ciência, onde as especulações aparentemente mais inúteis foram quase invariavelmente aquelas de onde emanaram as maiores aplicações práticas'.*

A primeira coisa a fazer é recolher e verificar factos. Mas isto nunca poderá ser feito se insistirmos em recusar receber quaisquer factos, exceto aqueles que nos pareçam passíveis de serem verdadeiros, de acordo com a medida da nossa inteligência e conhecimento."

Este artigo foi recebido pelo público da única maneira que era provável, dada a novidade do tema dos fenómenos para tantos; e aqueles que estavam familiarizados pessoalmente com as ocorrências maravilhosas tão bem descritas na Revista bem conheciam a sua verdade, contudo o escritor e o Editor da "*Cornhill*" foram severamente censurados por muitos por permitirem a aparição do que designavam como um absurdo.

Como o artigo era anónimo, os factos nele declarados foram deliberadamente negados pela imprensa e, para conter a torrente de abuso e descrença, um cavalheiro, que desde então se tornou meu muito estimado amigo, escreveu, dando o seu nome, a seguinte carta, que é introduzida por algumas observações prefaciais na "*Spiritual Magazine*". A carta do Dr. Gully, de Malvern, apareceu primeiro no "*Morning Star*", que de todos os jornais de Londres tem sido o mais justo e cândido ao lidar com os factos do Espiritismo:

— "Senhor, — Na carta do Sr. Coleman do dia 11 do corrente, ele dá a sua opinião de que os cavalheiros que estiveram presentes nas reuniões registadas na '*Cornhill Magazine*', sob o título de '*Stranger than Fiction*', devem confirmar ou refutar as afirmações feitas naquele artigo. Fui uma das pessoas presentes na reunião da noite. Os outros cavalheiros eram um solicitador com vasta prática e dois bem conhecidos escritores de obras sólidas e instrutivas — não escritores de ficção — que, diga-se de passagem, parecem estar tão habituados a inventar que não conseguem acreditar que mais alguém possa possivelmente estar empregado a declarar factos.

Ver-se-á que a piada sobre 'tolos da moda' não se aplica aos cavalheiros aludidos, mas que éramos todos trabalhadores em profissões nas quais matérias de facto, e não de fantasia, vêm especialmente sob observação. Mais ainda, poderá ser útil para algumas pessoas saberem que não estávamos nem a dormir, nem intoxicados, nem sequer excitados. Éramos senhores completos dos nossos sentidos; e submeto que a evidência deles vale mil conjeturas e explicações feitas por aqueles que não estavam presentes.

Dezenas de vezes estive muito mais agitado e excitado a investigar o caso de um paciente do que estive a observar o que ocorreu na reunião da noite em questão. Com este estado de sentidos na altura, e revolvendo as ocorrências na minha mente repetidamente desde essa altura, posso declarar com a maior positividade que o registo feito no artigo '*Stranger than Fiction*' está, em todos os pormenores, correto; que os fenómenos ali relatados

tiveram realmente lugar na reunião da noite; e, além disso, que nenhum truque, maquinaria, prestidigitação ou outro artifício artístico produziu o que ouvimos e contemplámos. Estou tão convencido deste último ponto como estou dos próprios factos.

Considerem apenas que aqui está um homem, entre dez e onze *stone* de peso [cerca de 63 a 70 kg], flutuando pela sala durante muitos minutos — no silêncio de tumba que prevalecia, quebrado apenas pela sua voz vindo de diferentes partes da sala, de acordo com a sua posição de então — será provável, será possível, que qualquer maquinaria pudesse ser concebida — para não falar de ser montada e previamente preparada numa sala que foi fixada como o local da reunião apenas cinco minutos antes de nela entrarmos — capaz de carregar tal peso sem o mais ligeiro som de qualquer descrição?

Ou suponham, como foi sugerido, que ele cavalgava um balão insuflado; poderia um balão ter sido introduzido insuflado e grande o suficiente para manter no ar tal peso? Ou poderia ter sido insuflado com gás hidrogénio sem ser detetado pelos ouvidos, olhos ou nariz?

Parece-me um sinal muito mais forte de credulidade acreditar em qualquer uma destas sugestões, com o nosso conhecimento atual, do que adotar as afirmações ou sonhos mais selvagens do que é chamado Espiritismo. Lembre-se, além disso, que a sala esteve, durante uma boa parte da noite, sob uma torrente de luz, na qual nenhum balão ou outra máquina suficiente para o suposto propósito poderia ser introduzida; ou, se já introduzida, poderia permanecer sem ser observada; e que, mesmo quando a sala estava comparativamente obscurecida, a luz fluía pela janela vinda de um candeeiro de gás distante lá fora, entre o qual e os nossos olhos a forma do Sr. Home passou, de modo que percebemos distintamente o seu tronco e membros; e mui certamente não havia nenhum balão perto dele, nem qualquer maquinaria a ele acoplada. O seu pé tocou uma vez na minha cabeça quando ele flutuava acima.

Depois, a música do acordeão. Vi distintamente o instrumento a mover-se e ouvi-o a tocar quando segurado apenas por uma extremidade, repetidamente. Segurei-o eu próprio por um curto período e tive boas razões para saber que ele era puxado veementemente na outra extremidade, e não pelos dedos dos pés do Sr. Home, como foi sabiamente aventado, a menos que aquele cavalheiro tenha pernas com três jardas [cerca de 2,7 metros] de comprimento, com dedos na ponta delas tão maravilhosos como qualquer

legião de espíritos. Pois, que se declare, que tal música como a que ouvimos não era uma melodia comum; era grandiosa por vezes, noutras patética, noutras distante e prolongada, num grau que ninguém consegue imaginar quem não a tenha ouvido. Ouvi Blagrove repetidamente, mas não é nenhum libelo contra aquele mestre do instrumento dizer que ele nunca produziu tais notas requintadas de eco e distância como aquelas que deliciaram os nossos ouvidos. O instrumento tocou, também, em partes distantes da sala, a muitas jardas de distância do Sr. Home e de todos nós. Acredito que estou a declarar um facto quando digo que nem uma pessoa naquela sala conseguia tocar o acordeão de todo. O Sr. Home não consegue tocar uma nota nele.

Para alguém cujos sentidos externos testemunharam estas coisas, é difícil aumentar a insuficiência daquelas 'explicações tentadas' que afirmam o uso de truques e maquinaria. Como disse antes, requer muito mais credulidade acreditar em tais explicações do que engolir todas as histórias de fantasmas que alguma vez foram relatadas. Posso acrescentar que o escritor na '*Cornhill Magazine*' omite mencionar vários fenómenos curiosos que foram testemunhados naquela noite. Aqui está um deles.

Um distinto literato que estava presente perguntou ao suposto espírito do seu pai se ele tocaria a sua balada favorita para nós e, dirigindo-se a nós, acrescentou: 'O acordeão não estava inventado na altura da morte do meu pai, por isso não consigo conceber como isso será efetuado; mas se a sua melodia favorita não for tocada, comprometo-me a dizer-vos'. Quase imediatamente as notas de flauta do acordeão (que estava no chão) tocaram integralmente '*Ye banks and braes o' bonnie Doon*', a qual o cavalheiro aludido nos assegurou ser a melodia favorita do seu pai, enquanto a flauta era o instrumento favorito do seu pai. Ele perguntou então por outra melodia favorita do seu pai, 'que não fosse escocesa', e '*The Last Rose of Summer*' foi tocada na mesma nota. Esta, disse-nos o cavalheiro, era a melodia a que ele tinha aludido.

Prestei assim testemunho da veracidade dos factos relatados pelo escritor na '*Cornhill Magazine*', a quem reconheço como tendo sido meu vizinho durante a reunião. E procurei mostrar que, no que respeita aos fenómenos principais e mais maravilhosos, não poderia ter havido qualquer artifício por truque ou maquinaria adequado para produzir ou explicar a sua existência. Como foram eles, então, produzidos? Não sei; e acredito que estamos muito — muito longe de ter acumulado factos suficientes sobre os quais enquadrar quaisquer leis ou construir qualquer teoria relativa ao agente

em ação na sua produção. Fenómenos inteligentes, tais como a música tocada a pedido, apontam para agentes inteligentes; e corpos espirituais que abandonaram corpos carnais poderão estar em ação. Eu, por mim, desejaria que fosse provado que assim é; pois uma descoberta mais solene do que a de um meio de comunicação entre seres sencientes encarnados e desencarnados não pode ser imaginada. Estonteia o cérebro pensar no possível resultado de tal descoberta.

Mas, enquanto me mantenho obstinadamente pela integridade dos meus sentidos durante a minha observação das maravilhas acima relatadas, os meus sentidos internos não podem senão observar muitas lacunas que devem ser preenchidas antes que a ponte entre a vida do corpo espiritual aqui na carne e a sua vida noutro lugar fora da carne possa ser terminada. Entretanto os factos devem ser pacientemente e honestamente acumulados, e o entusiasmo deve ser banido das mentes dos investigadores. E no que respeita às negações, e abusos, e troças dos não-investigadores, que se lembrem que a escandaleira e o riso nunca descobriram ou desmentiram nada na história do mundo.

Respeito aos fenómenos puramente físicos, tais como a elevação de pesos sejam de corpos humanos ou mesas, poderá ser que estejamos no limiar de descobrir alguma força física até agora não sonhada; quem dirá que conhecemos todos os poderes da natureza? Aqui, também, o inquérito desapaixonado deve prosseguir, independentemente do barulho lá fora; independentemente, também, do preconceito ignorante e malicioso que pretenderia arruinar a reputação daqueles que investigam numa direção oposta a esse preconceito.

Investigadores, ao contrário das pessoas de rotina, devem estar preparados para passar por dificuldades entre os seus semelhantes. E suponho que eu, por ter afirmado que tenho cinco sentidos ainda não prejudicados, e por ter testemunhado o que a maioria desacredita, receberei a minha quota de abuso. Que assim seja, se isso ajudar numa busca verídica.

Sou, Senhor, fielmente seu, J. M. Gully, M.D. Malvern, 14 de outubro."

CAPÍTULO X

PRESERVAÇÃO MIRACULOSA. FRANÇA E INGLATERRA

Deixámos Londres no dia 24 de julho de 1860 para o Chateau de C, perto de Paris. Uma das mais remarcáveis interposições da Providência que alguma vez me aconteceram ocorreu neste local. Muitos duvidam da possibilidade de tais interposições, mas não me foi permitido duvidar delas, e tenho de agradecer ao nosso Pai Celestial por ter sido tantas vezes tornado ciente do Seu cuidado ministrante e bondosa Providência.

Não suponho por um momento por causa disto que a Sua Providência esteja mais sobre mim do que sobre todos os Seus filhos, e acredito que, olhando para trás sobre as nossas vidas passadas, não há nenhum de nós que possa deixar de reconhecer o dedo de Deus dirigindo-os e protegendo-os, frequentemente de alguma forma remarcável e até quase física, embora geralmente, talvez, através de meios aparentemente mais remotos do que aqueles que salvaram a minha vida no dia 16 de setembro de 1860.

Tinha acabado de regressar de Nápoles, para onde tinha ido visitar um amigo — mas que tinha partido da terra antes de eu ter chegado — e descobri que a minha saúde estava afetada pela fadiga da viagem e depressão mental. Sendo-me recomendado fazer muito exercício ao ar livre durante a minha estada no Chateau de, costumava levar comigo a minha espingarda — mais para que se pudesse dizer que estava fora a caçar do que por qualquer grande atração que o desporto tenha para mim.

O Chateau de C, distante meia hora por caminho-de-ferro de Paris, ergue-se num belo e antigo parque. Algumas das árvores são de muito grande altura; uma das maiores, um choupo-do-norte, ergue-se a um quarto de milha do castelo, num ângulo do parque, onde é separado dos terrenos exteriores por uma sebe. Para este local, quando há muita caça a decorrer na vizinhança, a caça costumava vir para abrigo; e eu, que não sou senão um atirador medíocre, conseguia disparos fáceis colocando-me junto à sebe.

No dia mencionado, tinha estado a caminhar com o meu amigo, Mons. T, e ao ele deixar-me, dirigi os meus passos para este canto favorito, desejando levar para casa uma perdiz. À medida que me aproximava da sebe, baixei-me e avancei cautelosamente. Quando cheguei junto a ela, estava a levantar a cabeça para procurar a minha caça quando à minha direita ouvi alguém exclamar: "Aqui, aqui!" O meu único sentimento foi de surpresa por

ser assim subitamente interpelado em inglês. O desejo de ter uma boa visão da minha caça sobrepôs-se à minha curiosidade sobre de quem viera a exclamação, e estava a continuar a levantar a cabeça até ao nível da sebe, quando subitamente fui agarrado pelo colarinho do meu casaco e colete e levantado do chão. No mesmo instante ouvi um som de quebra estrondosa e depois tudo ficou sossegado. Não senti nem medo nem admiração. O meu primeiro pensamento foi que por algum acidente a minha espingarda tinha explodido e eu estava na terra espiritual; mas, olhando em redor, vi que ainda estava no mundo material, e ali estava a espingarda ainda nas minhas mãos.

A minha atenção foi então atraída para o que parecia ser uma árvore imediatamente à minha frente, onde nenhuma árvore estivera. Num exame, esta provou ser o ramo caído da árvore alta sob a qual eu estava. Vi então que tinha sido puxado para o lado do ramo caído numa distância de seis ou sete pés [cerca de 1,8 a 2,1 metros]. Corri, na minha excitação, o mais rápido que pude para o castelo. Os meus amigos, vendo-me a correr, apressaram-se para a janela para saberem a causa da minha perturbação. Assim que recuperei a minha faculdade de fala, contei-lhes como Deus, pelos seus bons anjos, tinha salvo a minha vida, e eles regressaram comigo à cena do que devo chamar a minha fuga miraculosa.

Não tentarei retratar os sentimentos dos presentes, mas se alguma vez uma oração de gratidão sentida subiu ao trono sagrado de Deus, foi ali e então, de todos nós, até aos criados, que arrancaram ramos para guardar como recordações da misericórdia que me fora mostrada.

O ramo que assim caiu media dezasseis jardas e meia de comprimento [cerca de 15 metros] e, onde tinha quebrado do tronco, tinha uma jarda de circunferência [cerca de 91 cm]. Caiu de uma altura de quarenta e cinco pés [cerca de 13,7 metros]. A parte do ramo que atingiu o próprio local onde eu estivera media vinte e quatro polegadas de circunferência [cerca de 61 cm] e penetrou na terra pelo menos um pé [cerca de 30 cm]. No dia seguinte, um amigo fez um esboço da árvore e do ramo.

Especulámos agora sobre como aquilo poderia ter acontecido. A árvore não é uma árvore morta, nem o ramo estava de todo decrépito, e mal havia vento suficiente para agitar as folhas. O ramo fora tão limpamente arrancado do tronco que se poderia pensar ao princípio que tinha sido serrado, e a casca não estava minimamente rasgada à volta. Fui informado desde então que tais acidentes não são incomuns com árvores desta espécie de choupo, e que há

árvores de uma qualidade semelhante na Austrália, sob as quais os colonos não permanecem por medo de tais quebras súbitas.

Um dia ou dois depois, o Dr. Hoefer, um dos homens mais doutos de França, e por quem tenho a mais alta estima e consideração, como um sincero buscador da verdade e um amigo merecedor de toda a confiança, veio por volta do meio-dia e solicitou uma sessão. Tivemos uma, e foi uma sessão muito boa. Foram dadas respostas a perguntas da maior importância. De repente foi soletrado: "Ide, vede o ramo." O Dr. Hoefer, impressionado, por assim dizer, retirou-se da mesa, dizendo: "Talvez eles vão para lá."

Fui à sala de estar e perguntei às senhoras se queriam juntar-se a nós — mas estando o dia húmido e o caminho mau, elas declinaram. Deveria ter dito que a extremidade grossa do ramo repousava, a uma altura de oito pés [cerca de 2,4 metros] do chão, firmemente contra o tronco de uma árvore, de tal modo que a possibilidade de ele vir abaixo nunca nos ocorrera por um instante, mas sim que a força de vários cavalos seria necessária para o mover.

A nossa surpresa, então, pode ser imaginada quando verificámos agora que ele tinha sido movido três ou quatro polegadas lateralmente do seu ponto original de apoio. O Dr. Hoefer disse — "Acredito firmemente que o ramo será empurrado para baixo perante nós." Eu respondi: "Isso parece quase uma impossibilidade." Ao mesmo tempo peguei na mão num dos ramos mais pequenos e disse mentalmente: "Queridos espíritos, empurrarão este ramo para baixo?"

Senti então distintamente como se alguém tocasse gentilmente no ramo que eu segurava; isto foi repetido e, ao terceiro toque, conforme me pareceu, o ramo caiu ao chão. Quatro pessoas testemunharam isto e estão prontas a testificar o que aqui relato.»

Tive posteriormente um pedaço da parte mais grossa da árvore caída serrado e enviado para mim em Londres, onde ainda se encontra — e com ele, em muitas ocasiões, algumas das quais serão mencionadas mais adiante, ocorreram manifestações muito extraordinárias.

Numa noite, no château, estando nós sentados à mesa, tendo os espíritos solicitado que as velas fossem apagadas, que a mesa fosse puxada para junto da janela e que as cortinas fossem abertas para deixar entrar o luar, tinham ocorrido algumas manifestações impressionantes, e o tempo passava quase impercetivelmente para todos nós, quando um cavalheiro que

estava presente disse que se sentia muito exausto e pediu um copo de brandy com água. Foi-lhe trazido, e ele tomou-o na mão e estava prestes a levá-lo à boca — quando uma mão espiritual apareceu subitamente, agarrou a parte inferior do copo e desapareceu com ele por baixo da mesa. Dissemos a rir que os nossos amigos invisíveis certamente não acreditavam no uso de estimulantes. A isto eles assentiram com pancadas enfáticas e, no mesmo momento, o copo voltou a subir lentamente diante dele, vazio.

Estando as janelas fechadas, supusemos que a água tinha sido deitada no chão e levantámo-nos para ver onde estava. Não conseguimos descobrir qualquer vestígio dela. Cerca de dois minutos tinham passado quando o mesmo copo, que estava vazio diante dele, foi visto, sem qualquer causa visível, aproximar-se gradualmente da borda da mesa e desaparecer por baixo dela. Não creio que mais de dois segundos tenham decorrido antes de ele reaparecer com o brandy e a água dentro, aparentemente não em menor quantidade do que quando foi trazido pela primeira vez, embora a qualidade tivesse certamente sofrido alguma alteração química, pois tinha agora perdido grande parte da sua cor acastanhada. Pelas pancadas foi dada a todos nós uma advertência contra tal indulgência.

Em Setembro deixámos o château para passar um mês em Paris, e fizemos uma breve visita aos nossos parentes em Biarritz, regressando a Inglaterra no final de Novembro de 1861. Como a saúde da minha esposa era delicada, tendo os médicos descoberto uma doença interna que, embora de natureza séria, poderia ainda durar muitos anos, não vimos durante esse inverno tantos amigos, mas tive sessões tantas vezes quantas pude.

De um estimado amigo, que tinha sido resgatado do ceticismo pelas manifestações do poder espiritual que tantas vezes testemunhara, encontro uma carta descrevendo o que ele viu em Londres nessa altura.

"Estávamos sete de nós presentes numa grande sala de estar, iluminada por um bom fogo e três queimadores de gás. O acordeão foi tomado por um dos nossos amigos que nunca tinha estado presente em quaisquer manifestações, e nas suas mãos foi puxado com força e vários acordes foram tocados — na minha mão aconteceu o mesmo, mas o peso do instrumento tornava doloroso para mim segurá-lo.

Começámos então a ser tocados — e senti um corpo macio passar sobre os meus joelhos. Um cavalheiro e eu, desejando que as nossas mãos fossem apertadas por um espírito, colocámos os nossos lenços sobre as mãos, numa

única dobra. Pouco depois, o lenço foi retirado por aquilo que me pareceu como dedos de ar — tão suaves, tão delicados. Foi levado ao cavalheiro que estava em frente e por ele recebido e entregue a mim; o outro foi devolvido ao dono, atado num nó curioso. Todas as outras mãos estiveram sobre a mesa durante todo o tempo. Duas das três luzes de gás foram então apagadas — e o fogo, ardendo intensamente, dava uma luz suave na sala. O Sr. Home tornou-se então cataléptico nas mãos e nos braços: foi erguido do seu assento até ficar de pé, e depois elevou-se verticalmente até ficar a cerca de um pé acima do chão — a sua cabeça ao nível do lustre — isto foi repetido duas vezes, mas não se elevou mais alto.

Ao sentar-se novamente, a toalha da mesa foi várias vezes levantada em diferentes partes da mesa, e eu, juntamente com outros, coloquei a minha mão sobre a substância que assim a levantava — e, ao meu sentido do tato, era como se uma mão e dedos plásticos tocassem os meus, cedendo à minha pressão. Durante as nossas conversas, aprovação ou desaprovação de algumas coisas ditas eram dadas por concussões energéticas. As afirmações mais fortes ocorreram quando se disse que estas manifestações eram pela permissão de Deus, para nos provar a existência continuada dos nossos parentes e a nossa imortalidade; também que não podíamos estar sós, pois havia sempre à nossa volta inteligências ativas invisíveis, que viam as nossas ações, ouviam as nossas palavras e discerniam os nossos pensamentos.

"A senhora que estava comigo tinha rido e tinha-se admirado da minha tolice durante estes vários anos por acreditar em manifestações do poder dos espíritos; mas agora o espanto, a alegria e a crença apoderaram-se dela, e a confissão franca da sua convicção, e as consequências para certos membros materialistas da sua família, pareciam produzir um poderoso efeito sobre o seu espírito.

"De que serve que os espíritos desçam ao nível da nossa obtusidade educacional e produzam a classe de fenómenos detalhada neste esboço rudimentar? A pergunta é respondida ao eu dar uma parte de uma carta recebida no dia 6 deste mês de uma das nossas celebridades literárias, cujo nome ainda não foi apresentado de forma proeminente ao público em ligação com as manifestações espirituais. Tendo enviado aos editores dos jornais e revistas diários e semanais uma carta impressa sobre as manifestações espirituais, recebi uma resposta de um dos editores, que diz —

"'Sei tudo o que afirmou, e mais — vi e senti tudo o que afirmou, e mais. Creio não ser um "tolo" — tenho a certeza de não ser um "velhaco". Para mim a crença foi um consolo inexprimível, afastando-me completamente daquele materialismo em que tinha caído — e creio que esse é o principal propósito do ensino espiritual, e a razão pela qual o grande princípio é desenvolvido no nosso tempo.'

"Recebi o mesmo testemunho de muitos outros.

"John Jones.
"Basinghall Street, 14 de Janeiro de 1861."

O importante testemunho do meu amigo Sr. James Hutchinson, durante muitos anos presidente da Bolsa, é um ao qual desejaria chamar a atenção, pois parece, pelo seu carácter bem conhecido e pela sua sagacidade, ser precisamente do tipo que deveria ser recebido como prova conclusiva do que ele relata. O Sr. Hutchinson diz:—

"Tenho há algum tempo sentido interesse pelo assunto das Manifestações Espirituais. Como a maioria das pessoas, tive grande dificuldade em realizar as afirmações que me foram feitas acerca das maravilhas que eram diariamente testemunhadas por outros, mas o testemunho de amigos convenceu-me de que devia haver algo digno de investigação, e portanto resolvi aproveitar todas as oportunidades para examinar o assunto por mim mesmo. Agora já o fiz, e sinto que é meu dever dar publicamente o meu testemunho dos factos, deixando a outros teorizar sobre as causas e a tendência destes notáveis fenómenos.

"Recentemente apresentado por um amigo ao Sr. D. D. Home, foi organizada uma sessão para o dia 23 do corrente, e juntamente com o Sr. e a Sra. Coleman, o Sr. G. S. Clarke, o Sr. T. Clarke, o Sr. Gilbert Davidson e outra senhora e cavalheiro que me eram desconhecidos, formámos um grupo de nove. Pouco depois de nos sentarmos, todos sentimos um movimento trémulo nas nossas cadeiras e na mesa, que era uma mesa circular muito pesada de sala de estar. Este movimento da mesa aumentou em intensidade e, por sugestão do Sr. Coleman, imitou exatamente a ação e o som do golpe de uma poderosa máquina marinha atuando e fazendo vibrar as madeiras de um navio de estrutura fraca.

"Os sons de pancadas na mesa e no chão eram constantes; a pesada mesa foi repetidamente levantada — e estas manifestações continuaram

enquanto o meu amigo, o Sr. Clarke, e outro cavalheiro estavam sentados, a pedido do Sr. Home, debaixo da mesa.

"Dois sinos de mão, um deles pesando pelo menos uma libra e meia, foram passados de um para outro dos membros do grupo por agências invisíveis. Todos nós, por nossa vez, sentimos o toque e a pressão de uma mão macia e semelhante a carne. Vi a mão completamente formada quando repousava sobre o meu joelho. O acordeão, enquanto era segurado pelo Sr. Home numa mão, produziu música da forma mais eloquente, e depois, para grande espanto nosso, foi-lhe tirado, e enquanto ambas as suas mãos e as de todos os membros do grupo estavam visivelmente colocadas sobre a superfície da mesa — o acordeão, suspenso do centro da mesa, emitiu uma melodia requintada, sem que mão humana alguma lhe tocasse!

"Estes e muitos outros incidentes de carácter seriamente impressionante mas privado, dos quais não hesito em falar entre os meus amigos, ocuparam cerca de quatro horas daquilo que devo admitir ter sido uma das mais interessantes que jamais passei. Coloco os factos tal como os testemunhámos à sua disposição para publicidade, se assim o desejar, acrescentando apenas que, contrariamente às afirmações tão frequentemente feitas de que as manifestações ocorrem sempre na escuridão, todo o conjunto de fenómenos de que falei foi manifestado numa sala iluminada com gás e com um fogo brilhante a arder."

"Tours, etc.,
James Hutchinson.
26 de Janeiro de 1861."

As seguintes observações editoriais, introduzindo a carta de **"Um Homem Simples"**, apareceram no *Sunday Times* de 17 de Fevereiro. O "Homem Simples" é bem conhecido por mim, e posso pessoalmente garantir o seu elevado carácter e inteligência, mas encontra-se numa posição que torna uma questão de prudência que não se saiba publicamente que ele viu o que viu. Se a ciência e a religião se dão por satisfeitas com este estado de coisas pouco caritativo, confesso que eu não, e que suspiro pelos dias em que cada homem e cada mulher poderão dizer a verdade sem serem privados do seu sustento pelas calúnias daqueles que são simplesmente ignorantes quanto aos factos que são observados. O editor do *Sunday Times* diz:—

"Em conformidade com o compromisso que assumimos quando inserimos uma nota acerca da conferência do Sr. Nova, apressamo-nos a dar

publicidade a uma carta que recebemos, acompanhada do nome e do endereço do autor. Pela elevada posição que esse cavalheiro ocupa, e pela veracidade amplamente reconhecida das suas afirmações, não podemos fazer outra coisa senão acreditar que ele viu pessoalmente tudo o que relata, e assim somos novamente lançados no mar da dúvida — desejosos de chegar à verdade, mas incapazes de o fazer. Felizmente, não é nosso dever decidir, nem sequer dar a nossa opinião sobre tais assuntos; publicamos, portanto, a carta esperando que, se um certo espírito esclarecedor for concedido, que possa esclarecer a verdade, ele seja derramado sobre nós, ou que, se toda a coisa for fictícia e imaginária, a ilusão seja em breve dissipada. Demasiada credulidade, por um lado, é desprezível. Uma obstinação cega tem frequentemente quase estragado as melhores revelações que a Providência concedeu à ciência.

Ao Editor do *Sunday Times*:

Senhor,—Há algum tempo que tenho esperado uma oportunidade favorável para me dirigir a si e declarar certos factos relacionados com o Espiritualismo, que demonstram claramente a existência daquilo que muitas pessoas parecem determinadas a negar. Tais céticos, pelos seus argumentos, longe de causarem qualquer prejuízo à causa, têm sido o meio de levar muitos a investigar os fenómenos, que de outra forma, com toda a probabilidade, nunca teriam pensado em fazê-lo e, como consequência, converteram-nos em crentes convictos. Nove casos desses ocorreram na minha própria casa.

Além disso, em todos os livros e artigos que li, nunca encontrei apresentado um único argumento contra a possibilidade de uma comunicação com o mundo espiritual, mas apenas exposições dos truques praticados por algumas pessoas interessadas, confirmando assim aqueles que estavam apenas meio convencidos e permitindo a todos os que têm a fortuna de estar presentes numa sessão genuína distinguir mais facilmente entre realidade e engano.

Claramente, tais pessoas merecem o agradecimento de todos nós. As colunas de um jornal não poderiam admitir, nem tenho eu o tempo para escrever, as muitas razões que podem ser apresentadas a favor da probabilidade das manifestações espirituais; tudo o que lhe peço é que insira uma simples declaração, de um homem simples, de certos factos tão impressionantes, extraordinários e convincentes, que aqueles que os viram

não podem deixar de acreditar e pelos quais não só as ideias de uma vida inteira de um homem são derrubadas, como as próprias leis da natureza e da gravitação, tal como até agora compreendidas, parecem ser lançadas ao vento.

Há poucas noites, um grupo de sete pessoas, incluindo o Sr. Home e duas senhoras, reuniu-se em sessão à volta de uma pesada e grande mesa circular. Durante algum tempo nada de extraordinário aconteceu, mas finalmente sentiu-se na mesa uma vibração convulsiva, que pouco depois começou a mover-se, ondulando com um movimento fácil e gracioso, elevando-se por vezes cerca de um pé acima do chão. Ao mesmo tempo ouviam-se pancadas em rápida sucessão por baixo da mesa, no chão, no tecto e pela sala, estando um cavalheiro debaixo da mesa nesse momento, a pedido do Sr. Home, para prevenir qualquer possibilidade de conluio.

Após algumas comunicações triviais, um pequeno sino de mão foi segurado por mim debaixo da mesa, e poucos minutos depois percebi, ao olhar para baixo, uma pequena mão branca (estando todas as outras mãos pertencentes às pessoas reunidas sobre a mesa), que começou a acariciar e brincar com a minha. Depois de fazer soar o sino uma ou duas vezes (na minha mão), pedi que fosse levado a um cavalheiro em frente, e mal tinha o meu desejo sido expresso quando senti que ele era puxado da minha mão e depositado na do cavalheiro que eu tinha indicado.

Isso foi feito várias vezes. A mão era lisa e branca como a de uma criança e era perfeitamente visível, havendo dois bicos de gás acesos na sala. Um acordeão foi segurado ao lado da mesa pelo Sr. Home, quando a mais bela, melancólica e melodiosa música foi tocada, e mal tinha eu exprimido o desejo de ouvir **"The Last Rose of Summer"**, quando essa melodia foi executada, nesse momento estando o acordeão a repousar sobre os meus pés, sem qualquer mão de natureza terrena perto dele, tendo sido retirado da mão do Sr. Home e ali depositado.

Várias mãos apareceram então em rápida sucessão movendo diferentes peças de mobiliário; e uma delas, particularmente poderosa, tendo tocado no Sr. Home, ele exclamou que lhe tinha sido dada uma força enorme. Certamente tinha sido, e ele começou imediatamente a exercê-la. Um bloco de madeira, proveniente do grande braço da árvore de grande peso, da queda da qual ele tinha sido tão maravilhosamente preservado, foi levantado pelo Sr. Home como se fosse uma palha, levado pela sala debaixo do braço e

finalmente depositado perto da mesa. Parecia não ter peso algum para ele, e no entanto, quando dois cavalheiros, cada um deles aparentemente muito mais forte do que o Sr. Home, tentaram, mal conseguiram movê-lo. Uma circunstância singular ligada ao facto de o Sr. Home ter recebido uma força tão extraordinária é necessário mencionar.

Um dos cavalheiros presentes tinha perdido um amigo muito querido na recente guerra da Crimeia e que, antes de deixar este país, lhe tinha dado o seu retrato fotográfico. Era o único para o qual ele alguma vez tinha posado, e após o falecimento a família pediu-o para o copiar, mas não o tinham devolvido. Em várias ocasiões o espírito manifestou-se e tem constantemente censurado este cavalheiro por se ter separado dele.

Nessa noite foi recebida uma mensagem semelhante, quando ele mentalmente pediu uma manifestação que o identificasse plenamente com o amigo falecido. Quando estava neste mundo, era um homem de grande força muscular; e para convencer este cavalheiro de que era ele, foi quem permitiu ao Sr. Home, através dele, levantar esta massa de madeira, que noutra ocasião ele não teria conseguido mover. As últimas palavras soletradas foram: "Consegue pelo menos uma cópia."

Outra mão apareceu então; e quando o Sr. Home foi tocado por ela, exclamou: "Estão a levantar-me; não olhem para mim até eu estar acima do nível da mesa, pois isso poderia ter o efeito de me fazer descer." Quase no mesmo momento o Sr. Home foi elevado e flutuou no ar à altura de cerca de cinco pés, tocando levemente na cabeça de um cavalheiro ao passar, mas ao aproximar-se da janela voltou novamente suavemente ao chão. Observou: "A força deles ainda não é suficientemente grande, mas sinto que em breve o será."

A mesa, que durante algum tempo tinha permanecido passiva, começou agora a agitar-se e a vibrar com grande violência e terminou por mover-se em direção a um sofá na extremidade da sala, obrigando todos os que estavam sentados à volta a segui-la. Mal tínhamos retomado os nossos lugares quando a nossa atenção foi atraída ao ver uma pequena mesa mover-se pela sala; e finalmente, depois de muita dificuldade, elevar-se e ficar de pé no centro da grande mesa à volta da qual estávamos sentados. "Menos luz terrena" foi então soletrado, e as duas luzes de gás foram diminuídas, ficando apenas um fogo brilhante a arder, que iluminava claramente toda a sala. Isto mal tinha sido feito quando uma pequena mão de bebé foi vista a subir pelo

braço de um cavalheiro, e quase ao mesmo tempo ele percebeu entre o Sr. Home e si a forma de um bebé vestido de branco. Sendo naturalmente muito afeiçoado a crianças, não pensou nada disso, imaginando apenas que as suas inclinações eram conhecidas; mas ao perguntar a sua esposa se não seria o espírito do seu pequeno filho agora falecido, foi dada uma resposta tímida afirmativa — aparecendo ao mesmo tempo uma luz brilhante perto do sofá, que gradualmente se desvaneceu e por fim desapareceu.

A pequena mesa que, deve lembrar-se, estava ainda sobre a grande, começou então a mover-se, e ao mesmo tempo a mesma mão que antes tinha comunicado tal força sobrenatural ao Sr. Home foi novamente vista a agarrá-lo. Os seus braços foram levantados acima da cabeça, ele foi novamente elevado cerca de dois pés acima do chão e levado em direção à janela, e ali foi elevado até cerca de dezoito polegadas do teto. Depois de permanecer a flutuar durante cerca de dois minutos, desceu; mas ao aproximar-se da sua cadeira foi novamente elevado e colocado numa posição de pé no centro da mesa, juntamente com a pequena.

O seu peso não repousando sobre ela, não produziu qualquer efeito, nem sequer se ouviu um estalido. Cerca de um minuto depois, tanto o Sr. Home como a pequena mesa foram elevados pela quarta vez no ar, cerca de um pé acima da superfície da grande mesa e, após permanecer nessa posição cerca de um minuto, ele desceu e retomou o seu lugar.

"Tal é um breve relato desta sessão tão notável e satisfatória. Mal preciso acrescentar que fui necessariamente obrigado a omitir muitos pequenos pormenores que, embora interessantes em si mesmos, empalidecem até à insignificância ao lado das maravilhosas manifestações acima descritas.

Permaneço, Senhor,
o seu obediente servo,
'Um Homem Simples.'"

Por essa altura, a saúde da minha esposa estava a declinar, e ela encontrava-se por vezes confinada ao leito. Numa noite, o espírito da sua mãe veio até nós, e depois de fazer três cruzes sobre a fronte de Sacha, sendo a mão invisível mas ainda assim perfeitamente tangível, a minha esposa disse-me: "Oh, mamã está a abençoar-me, e sinto um tão estranho frémito de alegria." Senti então a mão pousar-se sobre a minha fronte, e novamente o presente foi obliterado da minha mente, e vi o ser tão querido

para mim como passando da terra. Era uma realidade tão terrível que eu teria dado mundos para poder sentir que havia sequer a mais ligeira possibilidade de eu ter sido enganado. A mãe dela disse-me que a doença que a faria partir da terra não era aquela que tanto temêramos, mas seria, de facto, consumpção. A partir desse momento, de cada vez que o nosso bondoso e experiente médico vinha, eu insistia com ele para ver se podia ou não detetar a mais pequena alteração, como indicativa de doença dos pulmões; mas ele dizia que, embora existisse grande fraqueza, ainda não havia doença ativa em curso, e pensava que isso poderia ser evitado.

Assim que a minha querida pôde empreender a viagem, fomos para Bournemouth, onde a nossa amiga, a Sra. P—, se juntou a nós, e ali verificámos que os sintomas da doença pulmonar tinham aumentado. Em conformidade, foi chamado um médico, que, com um dos seus colegas, declarou que o pulmão esquerdo estava afetado. Eu estava sozinho quando me disseram isto; e quando entrei no quarto da minha esposa, ela quis saber qual tinha sido o resultado do diagnóstico deles. Nós tínhamos, quando casámos, prometido um ao outro que, se alguma vez um de nós soubesse que o outro estava gravemente doente, não tentaríamos ocultá-lo. Ainda assim, eu nunca tivera coragem para lhe dizer o que a sua mãe me tinha revelado; porque, para alguém tão jovem, e cuja vida tinha tudo para a tornar desejável, parecia duro pensar que uma nova existência a esperava tão cedo.

Achei, porém, que devia ser fiel à minha promessa, e disse-lhe o que os médicos tinham dito. Ela sorriu e disse: "Achas que posso permanecer na terra dez dias?" Eu disse-lhe que não apenas dez dias, mas que, na verdade, ela podia viver dez anos, embora tudo fosse incerto. Ela tomou a minha mão nas suas e disse: "Lembras-te, Daniel, de quando a minha mãe me abençoou há um mês, e eu te disse que sentia um frémito de alegria? Pois bem, sinto que ela está aqui agora, e sinto a continuação desse mesmo frémito. Vou para junto dela, mas Deus não nos separará.

Velarei sempre por Gricha e por ti." Pediu-me a sua escrivaninha, e escreveu então cartas, que selou e endereçou, acrescentando as palavras: "Para ser aberto depois de eu partir." Quando estava prestes a terminar a última carta, o nosso filho entrou a correr no quarto e, sentado no seu colo, acariciou-lhe afavelmente a face, dizendo: "A mamã é demasiado boa para estar doente." Isto afetou-a de tal forma que rebentou em lágrimas, e essas foram as únicas lágrimas que alguma vez derramou ao pensar em deixar o corpo. Sons musicais distintos começaram então a ouvir-se todas as noites no

nosso quarto, e em mais de uma ocasião ouviu-se o canto de um pássaro durante mais de uma hora sobre a sua cama. Permanecemos em Bournemouth cerca de três semanas e, achando o clima muito inadequado, fomos para a casa de campo do nosso bondoso amigo, o Sr. Cox, em Hampshire, onde permanecemos um mês. A minha esposa via agora frequentemente tanto o pai como a mãe, e também um menino pequeno que não reconhecia, e a sua mãe disse-lhe que ele era o seu irmão, que tinha partido da terra com apenas algumas horas de vida. Aqui ocorreram alguns fenómenos curiosos, que são descritos na carta do meu amigo, o Sr. Cox, de Jermyn Street:

"O falecido Robert Owen, pouco tempo antes de partir da terra, tinha-me dado uma escrivaninha que pertencera à sua esposa, e que continha, entre outras coisas, uma caixa de tintas. Como eu tinha outras coisas dele como recordações, pareceu-me mais justo, após a sua partida, que algum membro da sua família possuísse a escrivaninha, que pertencera à sua mãe; e dei-a, portanto, ao seu filho, o Sr. Robert Dale Owen, para que a levasse consigo para a América. Senti, contudo, na altura, um impulso quase irresistível para conservar a escrivaninha, mas o sentimento do que era correto prevaleceu.

O facto quase me escapara da memória, quando, em quase a primeira sessão que tive com o Sr. Home após o seu regresso da Rússia, o espírito do meu velho e estimado amigo, o Sr. Owen, veio e disse: 'Tens de dizer a Robert para te devolver essa escrivaninha — e porque lha deste, se eu fiz tudo o que pude para te impressionar a não te separares dela?' Escrevi isto ao Sr. Robert Dale Owen, e, em devido tempo, a escrivaninha foi-me devolvida. Estávamos então em minha casa de campo, e o Sr. e a Sra. Home vieram passar connosco algum tempo. O meu filhinho estava então, e já havia algum tempo antes disso, indisposto, e tinha sido chamado aconselhamento médico, mas com pouco resultado.

Os espíritos já antes tinham receitado para ele, e agora disseram que magnetizariam um pouco de água pura de nascente, que lhe faria bem. Para esse fim foi arranjado um decantador e colocado no meio da mesa a que estávamos sentados. Fui eu próprio que o ali coloquei, e tinha tomado todas as precauções para que ninguém lhe tocasse. A água no decantador agitou-se após alguns momentos sem qualquer causa visível, e um poderoso aroma saiu da garrafa. Provámos a água e verificámos que estava fortemente impregnada com alguma coisa que lhe dava um sabor pronunciado, mas não

sabíamos o que era: não era semelhante a nada que tivéssemos provado antes. O Sr. Home foi então lançado em estado de transe, e, tomando o decantador na mão direita, afastou-se alguns passos da mesa, segurando-o todo o tempo em plena vista, quando, para meu espanto, vi outro decantador, aparentemente exatamente semelhante ao outro, na sua mão esquerda. Assim, vi um decantador em cada uma das suas mãos; e tão real era o segundo que eu não teria sabido dizer qual deles era o material. Mesmo que se tivesse pretendido um truque, aqui não havia oportunidade para isso e, como o decantador era grande, outro não poderia ter sido ocultado na manga do casaco do Sr. Home, nem junto à sua pessoa.

Um pouco mais tarde, o espírito do Sr. Owen veio e desejou que a escrivaninha da sua esposa fosse colocada sobre a mesa; e então o quarto foi escurecido para vermos se conseguíamos distinguir luzes espirituais, que então foram vistas por três de nós. Presentemente ouvimos a escrivaninha abrir-se, e uma mão foi colocada na minha, outra na da minha esposa e uma terceira na do Sr. Home, diferindo cada mão das outras em tamanho. Pediu-se o alfabeto, e foi soletrado: 'Receio poder ter estragado o teu Claude.' Não conseguíamos entender isto; mas quando o candeeiro foi reacendido, descobrimos que alguma tinta tinha sido retirada da caixa do interior da escrivaninha e tinha sido usada abundantemente num dos meus quadros que estava pendurado a vários pés de distância de onde estávamos sentados. "Wm. Cox."

Regressámos então a Londres; e no primeiro dia da nossa chegada, o nosso estimado amigo, o Dr. H—, visitou-nos, ainda esperando que os médicos se tivessem enganado ao declarar o pulmão afetado; e enquanto auscultava o peito, a minha querida esposa olhou para ele a rir e disse: "Vê como está agora muito diferente do que costumava estar. Eu própria consigo distinguir a diferença no som." Ele abanou a cabeça tristemente e disse: "É demasiado verdade, e, com a sua crença, eu não tentaria ocultá-lo de si." Muitas vezes repetiu estas palavras durante a sua doença, acrescentando: "Com os meus outros doentes tenho de lhes dar esperanças de que vão ficar, e a senhora está sempre a pedir-me esperanças de que vai partir."

Durante a nossa permanência em Londres tive uma sessão quase todas as noites, sentindo a minha esposa que elas lhe faziam bem tanto física como espiritualmente. O carácter das manifestações que ocorreram nessa altura será visto nos relatos dados pelos meus dois amigos. O do Sr. W. M. Wilkinson é o seguinte:—

A Minha Primeira Sessão com o Sr. Home

"Embora eu tenha estado em termos de intimidade com o Sr. Home durante alguns anos, e tenha ouvido e lido tudo o que diz respeito às coisas maravilhosas que ocorrem na sua presença, contudo este 19 de Junho de 1861 é a primeira vez que venho vê-las por mim mesmo. Não foi por não acreditar nelas, nem por as considerar sem importância; porque acreditava plenamente nelas e considerava-as de muito grande importância. Tendo estado, porém, habituado a ouvir de amigos tudo o que estava a ocorrer, estava plenamente satisfeito com os seus relatos, e não pensava que eles me fossem tão inferiores em observação, que fosse necessário que os meus próprios olhos me convencessem.

Não tomo qualquer mérito para mim por isto, pois é principalmente consequência da minha própria experiência. Lembro-me de há cerca de vinte e cinco anos, quando ouvi falar pela primeira vez de mesmerismo e das suas maravilhas psicológicas, ter cometido a tolice de dizer que não acreditava numa palavra disso — e, tendo nessa ocasião tido de render-me sem condições, ao ver por mim mesmo, desde então cometi muito menos erros semelhantes. Desde essa altura, tenho seguido este e assuntos afins, e posso justamente dizer que agora posso acreditar prontamente em muito mais do que outrora considerava possível."

"Tenho considerado isto, em todo o caso, conveniente — pois não tive tantas vezes de me encontrar em desacordo com factos, o que é sempre uma posição penosa; e, além disso, abriu-me um novo mundo de forças espirituais, que, embora geralmente ignoradas, tenho verificado explicarem muitos dos capítulos mais estranhos e, de outro modo, incompreensíveis da história humana.

"Tinha, em duas ou três ocasiões, por intermédio do Sr. Squire e de outros médiuns, visto fenómenos tão maravilhosos como aqueles que agora testemunhava na presença do Sr. Home. Tinha visto quase todas as coisas maravilhosas tão admiravelmente descritas no *Cornhill Magazine* e na carta do Dr. Gully; estivera também presente quando outras, de natureza ainda mais poderosa, foram produzidas, e que foram habilmente descritas pelo Dr. Blank, na página 161 do primeiro volume da *Spiritual Magazine*. Tinha várias vezes visto, tanto em Londres como em Paris, escrita directa por poder invisível, em papel colocado para além de contacto mortal, e estava também plenamente convencido do alegado poder dos médiuns de flutuar no ar, por

me ter acontecido um deles descer sobre o meu peito, assim como por noutras ocasiões lhe ter segurado a mão, enquanto ele flutuava pela sala. Não tive, portanto, nesta noite, o cuidado de me perturbar a mim e aos outros tomando aquelas precauções que teriam sido necessárias se eu fosse o Presidente da Royal Society e estivesse prestes a elaborar um relatório conclusivo para esse ilustre corpo de investigadores da física. Não duvidei, mas sentei-me, e vi, e ouvi, e senti, e tomei notas.

Éramos oito, todos bem conhecidos meus, e alguns deles conhecidos onde quer que a língua inglesa seja falada. Estávamos na sala de estar de uma casa em Cornwall Terrace, Regent's Park, e sentámo-nos à volta de uma grande mesa redonda de abas e começámos a conversar. Curiosamente, tendo alguém dito que o Professor Faraday viria na segunda-feira seguinte a uma sessão, e especulando sobre o facto de o seu espírito guardião não lhe permitir ser facilmente convencido, ouviram-se imediatamente pancadas muito fortes na mesa, afirmando essa proposição.

Eu estava sentado ao lado da minha esposa, à sua direita, e imediatamente depois senti a minha perna tocada suavemente, numa posição em que era impossível ao Sr. Home alcançá-la. Depois começou uma vibração suave mas profunda da mesa, das cadeiras e do chão, até toda a sala tremer violentamente, durante o que a mesa se elevou cerca de dez polegadas, continuando o tremor todo o tempo. A mesa começou a subir do lado oposto àquele onde o Sr. Home estava sentado, e era claramente impossível que ele a tivesse levantado.

A cadeira do Sr. Home foi silenciosamente afastada da mesa cerca de três pés, e enquanto ali estava os vestidos da minha esposa e da senhora que estava ao lado dela foram ambos puxados, e com tal força que eu os podia ver serem arrastados para baixo. Também senti o vestido da minha esposa enquanto era assim puxado, e havia uma força poderosa empregada no acto, resistindo à minha mão. Nessa altura o Sr. Home estava totalmente a seis pés de distância e, tanto pela distância como por estar plenamente à vista, eu podia ver que isso não era feito por qualquer força sua.

O Sr. Home segurava agora o acordeão na sua mão direita, ao lado da cadeira, e este começou imediatamente a tocar. Segurava-o pela parte de baixo, estando as teclas na parte de cima, e portanto, fora do seu alcance. Era impossível que lhes pudesse tocar. Examinei cuidadosamente o instrumento, abrindo a corrediça por baixo das teclas, e verifiquei que era um instrumento

comum, apenas com o mecanismo habitual das teclas. Não havia nada dentro dele. Olhei fixamente para ele, e para a mão e os dedos com que o segurava. Ali estava ele, sendo puxado para cima e para baixo, e emitindo sons suaves, enquanto a sua mão permanecia imóvel e os seus dedos sem se moverem. Eu podia ver por cima e por baixo do instrumento, mas não havia causa visível para o seu movimento, nem para a abertura e fecho das teclas que produziam a música.

Quando cessou, a minha esposa perguntou se não poderia tocar na mão dela, e imediatamente o instrumento emitiu três sons, que tomámos como querendo dizer que teria muito prazer em tentar. Foi-lhe, em conformidade, entregue, e enquanto ela o segurava disse sentir um dos seus dedos ser tocado. Imediatamente depois a mesa elevou-se firmemente cerca de um pé acima do chão. Como não saía som algum do acordeão nas mãos dela, devolveu-o ao Sr. Home, mas foi-lhe imediatamente tirado da mão e devolvido a ela, e, estando na sua mão direita, começou a tocar. Ela sentiu-o distintamente ser levantado e puxado com força para baixo, e ela não tocava nem podia tocar nas teclas, as quais, contudo, necessariamente tinham de ser tocadas e abertas para produzir os sons.

Nas mãos do Sr. Home foi então tocada uma bela melodia, durante a qual ouvimos aquilo que tantas vezes foi descrito, as notas cheias diminuindo gradualmente até morrerem nos mais ténues fios de som. Por três notas rapidamente repetidas foi prometido que o instrumento tocaria a melodia da outra noite, representando 'As Duas Vidas', uma neste mundo, a outra naquele que se segue. A primeira, ou a vida deste mundo, foi representada por dissonâncias que feriam dolorosamente o ouvido, e que me pareceram fazer escassa justiça a um mundo que, embora suscetível de aperfeiçoamento, ainda possui algumas ricas harmonias nas suas profundezas.

Por misericórdia para com os nossos ouvidos, a primeira vida não durou muito, e foi então sucedida pela segunda, composta de uma bela e suave música angélica, como eu nunca tinha ouvido. Tocou durante vários minutos, avolumando-se em ricos sons cuja doçura encantava o ouvido, e transformou-se gradualmente na querida velha melodia de 'Home, sweet Home'.

"Que visão mais apropriada e feliz da segunda vida poderia ser dada em sons musicais do que esta de ela ser o lar; e que doce sermão sobre os valores relativos das duas vidas! Creio que foi recebida mais solenemente, e

todavia mais agradecidamente, por todos os que estavam presentes, por se saber da doença 'até à morte' de uma das pessoas do grupo, a mais jovem e a mais feliz nas suas luminosas aspirações por esta segunda vida. Seria quase blasfémia perguntar na sua presença qual é o bem do Espiritualismo. Tal pergunta não ocorreria a um homem bom, e não poderia ser feita por um sábio. O mero homem de ciência que mede almas humanas pela matemática estaria deslocado numa tal cena, e se eu não tivesse estado demasiado felizmente absorto nos meus próprios pensamentos, teria sentido satisfação por não sermos perturbados por ninguém assim.

Não examinei, durante esta última execução, o instrumento para além de verificar que era segurado, com a base voltada para cima, na mão direita do Sr. Home, estando a sua outra mão sobre a mesa, como também as mãos de todas as outras pessoas presentes, e não conheço qualquer meio natural pelo qual um acordeão possa ser tocado em tais condições. Não duvido, contudo, por outra razão, tendo uma vez tido um acordeão a tocar nas minhas próprias mãos, quando sei que não o fiz. Sei também que Lord Lyndhurst, e muitos outros homens públicos que poderia nomear, tiveram experiência semelhante.

"Mas agora a mesa eleva-se de novo um pé inteiro acima do chão, e ali fica, não quieta, mas ondulando fortemente, embora de modo a que eu pudesse fazer a seguinte nota no meu papel pousado sobre a mesa, enquanto ela estava à sua altura máxima acima do solo: — 'A mesa subiu um pé. Contar 10. Escrevi isto enquanto estava levantada e ondulando.' Depois desceu suavemente de novo até ao chão. Mudámos então de lugares segundo instruções, e um cavalheiro tornou-se meu vizinho da direita, o qual, um minuto depois, disse que via uma mão que acreditava ser a de seu filho. Eu não a vi, nem vi três dedos que a minha esposa pouco depois viu; mas, em resposta a uma pergunta, recebi três pancadas no joelho como de uma mão, embora não com nitidez tal que me tornasse certo do que era. Nessa altura, vários disseram ao mesmo tempo que viam uma aparência luminosa e nebulosa atravessar a sala num relance, mas, estando atrás de mim, nada vi disso.

"Num canto da sala, perto de onde estávamos sentados, havia um nicho com vários ídolos indianos de bronze. Subitamente houve uma agitação entre eles, e um estrondo, e um grande foi derrubado e trazido com alguma violência e ruído para debaixo da mesa. Ali pareceu estar nas mãos de algum poder vigoroso, e presentemente verificámos um tilintar de alguma

substância metálica contra ele, o que depois se revelou ser um dossel ornamental de metal, que fora desaparafusado da parte de trás do ídolo e com o qual agora se respondiam perguntas, batendo um no outro. De igual modo, pancadas fortes eram dadas em resposta a perguntas, chocalhando o ídolo contra o chão. Fez-se uma observação quanto à falta de respeito assim indicada, e imediatamente se produziram várias pancadas jubilosas, batendo novamente uma contra a outra as duas partes do ídolo. Duas ou três vezes o ídolo apareceu, empurrando por dentro da toalha da mesa, e duas vezes apareceu nu acima da mesa, voltando depois suavemente ao chão. Algumas flores foram trazidas do nicho e colocadas na mão de cada pessoa presente. O nosso presente consistiu numa rosa e em vários cravos. Senti a rosa ser colocada na minha mão debaixo da mesa, estando todas as outras mãos visíveis e sobre a mesa.

"Várias vezes durante a noite todos percebemos um ar fresco a perpassar pela mesa, e que era impossível não notar. O acordeão foi então colocado no chão, e todas as mãos sobre a mesa, quando se ouviu soar claramente várias vezes, mas não foi tocada melodia alguma. Depois tentou subir do chão para a mesa, mas não conseguiu completar todo o trajeto, e caiu suavemente de volta ao chão. A mesa foi então novamente levantada claramente do solo, estando ambos os meus pés sobre o seu pedestal e a fazer forte pressão para baixo durante todo o tempo. A resistência e o movimento ascensional firme da mesa foram estranhamente curiosos, tal como foi a sua descida cuidadosa e silenciosa, com os meus pés ainda a pressionarem-na, e no entanto atingiu o chão sem ruído.

Houve agora um chocalhar geral entre os ídolos, e várias batidas muito fortes, e então chegou ao fim uma noite muito interessante, durante a qual vi e ouvi o que foi suficiente para me convencer de que estão errados aqueles que negam a possibilidade dos fenómenos. Como eles devem ser explicados é outra questão, que pode ser discutida com muitas e honestas diferenças de opinião; mas que eles existem não é uma questão de dúvida, mas de certeza.

Há algumas pessoas bem-intencionadas que dizem que eles são feitos pelo diabo; mas não vi sinais nesta noite de qualquer maldade, quer no trabalho, quer nas pessoas que assistiam. Quanto a mim, assumi muito a mesma atitude que assumiria numa palestra científica, ilustrada com experiências e diagramas, e não percebi qualquer influência especial a não ser a de um forte desejo de observar os factos.

Quanto aos factos serem impossíveis, por não se enquadrarem nas ideias de espírito e de matéria que correm na *Royal Society*, isso não é assunto meu, pois eu não criei nem os factos, nem as opiniões que os tornam tão inconvenientes. Apenas relato aquilo que vi, e se o fiz com clareza, esse é o meu único desejo. Os factos cuidarão sempre de si mesmos, e os mais sábios são aqueles a quem eles não administram qualquer reprovação. Há outra razão pela qual espero ter alargado o círculo de observadores com a minha descrição dos fenómenos desta noite.

É impossível para muitos verem o que eu vi e, na medida em que possam acreditar no meu testemunho, a necessidade da sua visão pessoal é evitada. Muitas coisas devem ser aceites sob a evidência de outros. '*Non cuivis contingit adire Corinthum*.' Não acontece a todos ir a Corinto e, portanto, aqueles que não podem ir por si mesmos, devem aceitar o relato daqueles que lá estiveram. Alguns poucos, de um feitio de espírito peculiar, comum a todas as eras, não conseguem aceitar o testemunho de outros, e é melhor deixá-los em paz, até que surja uma oportunidade de os convencer por um modo adequado à sua fraqueza peculiar.

Ainda não é moda acreditar nestas coisas impossíveis e, como alguém deve começar e suportar o ridículo necessário, submeto de bom grado o meu nome para tanto quanto a ele possa ficar colado. W. M. Wilkinson. Hampstead.»

O Sr. William Howitt, que fez pesquisas tão profundas sobre este assunto e que, na sua grande obra agora pronta para a prensa, reuniu os testemunhos, antigos e modernos, do sobrenatural em todas as eras, esteve presente em várias ocasiões para observar e investigar os fenómenos e, numa carta eloquente e vigorosa que escreveu ao Sr. Barkas de Newcastle, faz um relato de parte do que presenciou.

«Gostaria que alguns dos vossos negativos pudessem ter visto o que eu e a Sra. Howitt, e vários outros, vimos na casa de uma senhora em Regent's Park, há cerca de três meses, e cujo semelhante alguns dos nossos mais distintos nobres têm visto lá repetidamente ultimamente. Estavam, além de nós, o Sr. e a Sra. Home, e um Conde russo Steinbock, e vários outros. Tivemos bela música tocada no acordeão quando segurado numa mão pelo Sr. Home, que não sabe tocar uma nota, e o mesmo quando segurado por uma senhora. Tivemos as comunicações mais claras e prontas sobre diferentes assuntos através do alfabeto, e flores foram retiradas de um

bouquet num móvel à distância, e trazidas e entregues a cada um de nós. À Sra. Howitt foi entregue um ramo de gerânio por uma mão invisível, o qual plantámos e está a crescer; de modo que não é ilusão, nenhum dinheiro de fadas transformado em escória ou folhas. Vi uma mão espiritual tão distintamente como alguma vez vi a minha própria. Toquei numa várias vezes, uma delas quando me estava a entregar a flor.

O vestido de seda da minha mulher foi puxado com tanta força que ela pensou que iria rasgar as costuras, e foi agitado tão ruidosamente que não só foi ouvido por todos nós, mas poderia ter sido ouvido noutra sala. O lenço da minha mulher foi tirado do seu joelho, e trazido e roçado contra a minha mão no lado oposto da mesa; pensei eu, com a intenção de que eu o pegasse, mas o espírito não permitiu isso, retirando-o um pouco, depois roçando novamente a minha mão com ele, e então atirando-o para o meio da sala. O vestido e o lenço estavam perfeitamente visíveis durante estas operações, mas a força motriz era invisível.

Então os espíritos foram a um santuário de ídolos de bronze, pertencentes à senhora da casa, que os comprou na Índia. Alguns destes são muito pesados. Atiraram-nos ao chão, e com tal violência que o estrondo poderia ter sido ouvido em toda a casa. O maior destes ídolos — talvez todos — disso não tenho a certeza — desaparafusam-se, e os parafusos funcionam exatamente ao contrário dos nossos parafusos; mas os espíritos desaparafusaram-nos e bateram as suas cabeças vigorosamente no chão, dizendo, através do alfabeto:

"Devem todos fazer o vosso melhor para destruir a idolatria, tanto na Índia como em Inglaterra, onde ela prevalece de inúmeras formas. Idolatria de cargo, idolatria de riqueza, idolatria de si mesmo, idolatria de mero intelecto e aprendizagem", etc., etc. As diferentes partes foram atiradas para debaixo da mesa, para que as pudessem pisar, e duas partes do ídolo Mahadeo, de bronze pesado, foram colocadas sobre a mesa por uma mão visível. A cabeça do ídolo pareceu-me pesar quatro ou cinco libras.

O Sr. Home foi erguido cerca de um pé do chão, mas não flutuou como frequentemente faz, na luz mais forte. A mesa, uma mesa *loo* muito pesada, foi também várias vezes levantada um pé ou mais do chão, e fomos convidados a olhar para baixo dela e ver que não havia causa visível. Para nós, que vimos tanto destas coisas, e para quem elas são tão familiares como a

visão de um pássaro a voar, e muito mais familiares do que o atual cometa, isto não foi necessário.

Algumas noites depois, desejando uma senhora que a "Última Rosa do Verão" fosse tocada por um espírito no acordeão, o desejo foi atendido, mas num estilo tão deplorável que a companhia pediu para que fosse interrompido. Assim se fez; mas pouco depois, evidentemente por outro espírito, o acordeão foi transportado e suspenso sobre a cabeça da senhora, e ali, sem qualquer suporte ou ação visível no instrumento, a melodia foi tocada de forma admirável, à vista e audição de todos.»

CAPÍTULO XI

UM DIÁRIO E UMA CARTA

Quase toda a gama dos fenómenos ocorreu durante a nossa residência com a nossa amiga Sra. P— no Regent's Park, tendo ela sido uma visitante frequente noutras sessões, e mantido um diário de cada noite, que gentilmente colocou à minha disposição. Proponho, portanto, fazer extratos dele de alguns dos fenómenos mais marcantes, tanto desta como de datas subsequentes.

Pequenos Extractos de um Diário, 1860-61-62.

15 de Dezembro de 1860. — As minhas perguntas mentais foram respondidas por batidas no meu vestido. Pus a minha mão direita subitamente no colo e tentei agarrar o que quer que fosse que estava a tocar no meu vestido, mas não consegui prender nada. O Sr. Home pediu-me para colocar um lenço sobre a minha mão. Fi-lo e, imediatamente após o baixar, uma mão agarrou a minha, e eu retirei-a subitamente. Determinada a conquistar os sentimentos nervosos que me dominaram, voltei a colocar a mão em baixo, e ela foi segurada por outra mão, e beijos foram impressos nela, desde as pontas dos dedos por toda a palma.

Um acordeão, segurado na mão direita do Sr. Home, tocou a música mais requintada, expandindo-se em tons harmoniosos plenos, e desvanecendo-se em notas de ternura e de música requintada e sobrenatural. A sua mão esquerda estava o tempo todo sobre a mesa.

Ocorreram várias manifestações e, a perguntas mentais, recebi respostas inteligentes; regressei a casa desta minha primeira sessão com o Sr.

Home convencida da verdade de nos ser permitido manter comunicação com aqueles que passaram para a terra dos espíritos.

24 de Dezembro. — O acordeão tocou na mão do Sr. Home, depois cinco batidas pediram o alfabeto — e "Hino de Natal" foi soletrado; novamente cinco batidas, e "menos luz terrena": baixámos a chama dos quatro bicos de gás que queimavam sobre a mesa, e "A Manjedoura, a Vida e a Partida" foi soletrado. O acordeão tocou uma melodia doce apropriada à infância. "A Vida" foi representada pelas estirpes mais harmoniosas entremeadas de discórdias por vezes, como se fosse espinhosa e dolorosa, e a partida morreu no ar com uma ternura requintada.

29 de Janeiro. — Uma sessão de oito pessoas. Tivemo-nos divertido durante o tempo com o artigo "Spirit-rapping made easy", na revista *Once a Week*, que deixámos no móvel. Vi algo passar do lado da sala com grande velocidade, que desapareceu debaixo da mesa. Um ruído curioso foi ouvido, como o amachucar de papel; uma mão espiritual ergueu-se, apareceu e colocou na mão do médium uma folha da *Once a Week*, amachucada e rasgada.

Os espíritos estavam ocupados a destruir a revista — esfregaram-na fortemente sobre o sapato do Sr. Home e, depois, colocaram o pé dele sobre ela. Os espíritos deram a cada pessoa um pedaço da revista destroçada, e o resto foi erguido por uma grande mão espiritual e colocado numa cadeira vazia, que por força invisível tinha sido movida, pouco antes, de uma distância para a mesa.

A mesa foi violentamente movida para a janela central, perante a qual se encontrava um pedaço do ramo do álamo do norte que fora enviado do Chateau de C—, e que fazia parte daquele de cuja queda o Sr. Home escapou tão milagrosamente. A altura do ramo era de três pés e oito polegadas, e a circunferência de três pés. Mãos luminosas eram visíveis de vez em quando; a mesa erguia-se suavemente e inclinava-se muitas vezes contra o ramo; os espíritos atiraram pedaços da revista rasgada em volta dele e colocaram uma peça por baixo. Perguntei em industani: "Estão a fazer *pooja* ao ramo, Sr. Novra?" Ao que eles bateram ruidosamente "Sim".

As luzes de gás da rua entravam; os espíritos fecharam as portadas e ouvimos um ruído curioso de rasgar; uma mão espiritual passou pelas minhas mãos e colocou sobre elas um bocado da casca arrancada do álamo; o ruído recomeçou e a cada um do círculo foi dado um pedaço. Uma força invisível

abriu as portadas, o tronco da árvore balançou e ondulou para trás e para a frente e, passado um tempo, foi levantado por uma força invisível e colocado sobre a mesa. Nesta altura, "Oft in the stilly night" foi tocado pelo acordeão que jazia no chão, intocado por mãos mortais. Os braços do Sr. Home foram erguidos e ele caminhou para o fim da sala, onde foi levantado do chão e elevado até que os seus pés estivessem ao nível do topo de um móvel, entre quatro a cinco pés do chão.

Vi distintamente o seu corpo ser transportado erguido no ar; depois regressou ao seu lugar anterior, onde permaneceu algum tempo — por fim flutuou para a frente no ar, passou por trás do candelabro de gás que estava suspenso no centro do aposento, e ele desceu suavemente sobre o chão, perto da cadeira onde uma senhora estava sentada. Ela disse que, quando o viu, ele estava a cerca de quatro pés do chão. Quando desceu, os seus braços estavam paralisados, mas em pouco tempo voltaram ao seu estado natural.

13 de Março. — O tronco da árvore que estava na janela foi abanado, o rufar de tambores foi ouvido na mesa, e esta foi levantada como antes. A árvore abanou novamente, e o acordeão, que estava no chão, tocou intocado por mão mortal. O Sr. Home pegou nele depois na sua mão direita e segurou-o de pernas para o ar — foi tocado no estilo mais magistral; a harmonia era belíssima. Uma pequena mesa de xadrez, vinda de longe, aproximou-se por vontade própria e, empurrando a borda da mesa *loo*, ergueu-se e ficou de pé sobre ela. Mãos luminosas apareciam frequentemente.

Uma bela mãozinha surgiu entre o tronco e a cortina, com os dedos distintamente visíveis: subiu mais alto, até mostrar o braço até ao ombro, e os dedinhos, dobrando-se sobre o topo da árvore, brincaram com as pontas partidas da madeira, as lascas verticais e, depois de a termos visto durante algum tempo, desapareceu. O Sr. Home foi empurrado para trás na sua cadeira cerca de um pé, e uma cabeça luminosa surgiu do seu lado direito, parou à frente dos seus joelhos e depois, vindo em minha direção, enquanto eu estava sentada à sua esquerda, desapareceu.

14 de Março. — Numa sessão de cinco pessoas em casa do Sr. Home. Ele caiu imediatamente em transe e, passado um tempo, acordou. Eu tinha no meu bolso uma bala de mosquete que, em batalha, tinha quebrado a perna de um familiar amado. O meu vestido foi puxado e uma mão espiritual bateu várias vezes no meu joelho — era o espírito dele. Peguei na bala na minha mão direita e coloquei o meu lenço sobre ela; dedos espirituais voltaram o

lenço sobre a bala e levaram-na. Pouco depois, o meu vestido foi novamente puxado e a mão colocou a bala, que tinha sido atada num lenço, na minha mão. Mantendo-me perfeitamente quieta, disse: "Amado espírito, queres beijar a minha mão?" e imediatamente os meus dedos foram beijados quatro vezes. O espírito disse-me que a bala possuía agora poder talismânico, não em casos de doença, mas nos de acidentes.

Flores naturais foram retiradas da mesa e dadas a cada pessoa presente. O Sr. Home foi agora levado para o fim da sala, que estava muito escuro; foi erguido do chão, uma bela estrela era visível, e também uma como um pequeno cometa. Ele disse que uma estrela estava na sua testa, e uma em cada mão; vimos as três muito brilhantes, e muitas outras a brilhar por ali. Ele foi fixado contra a parede.

A aparência luminosa era tão nítida que tornava o papel de parede perfeitamente distinto; e então ele flutuou pela sala e foi colocado de joelhos no sofá — novamente foi transportado para cima, e a estrela na sua testa mostrava onde ele estava — enquanto flutuava pela sala, ela flutuava acima da sua cabeça, e quando ele desceu, a estrela apagou-se. Enquanto ele estava à mesa, uma mão espiritual levantou o acordeão do chão acima da mesa e, quando ele foi levado pelos ares, o acordeão flutuou acima da sua cabeça, tocando maravilhosamente todo o tempo, e cruzou de um lado ao outro da sala.

28 de Março. — Numa sessão de nove pessoas na casa do Sr. Home. Eu tinha um apito dourado na mão; o Sr. Home pegou nele com a mão esquerda e colocou-o debaixo da toalha da mesa; na sua mão direita estava o acordeão. "Oh!", exclamou ele, "é tão estranho — o que vão eles fazer com o apito? O espírito voltou-o na minha mão e sinto uma boca contra os meus dedos." O apito foi imediatamente tocado várias vezes. Esta foi uma manifestação inteiramente nova. O espírito então tirou-lhe o apito, o acordeão começou a tocar e a melodia foi acompanhada pelo apito, que ouvi então cair no chão.

31 de Março. — Numa sessão de sete pessoas. Baixei a minha mão e mantive-a imóvel — foi beijada por dois espíritos e, quando a toalha da mesa foi levantada do bracelete, senti dedos a tentar puxá-lo do meu braço, mas ele não passava pela minha mão — então os dedos voltaram o bracelete até conseguirem segurar o fecho, o qual pareceu acharem difícil de desapertar. Finalmente, tendo tido sucesso em fazê-lo, levaram o bracelete. Pouco

depois, uma mão surgiu perto de um cavalheiro em frente e atirou o bracelete suavemente sobre o centro da mesa.

2 de Junho. — Uma sessão de cinco pessoas. Ao chegar o crepúsculo, uma penumbra agradável caiu sobre a sala, e uma senhora disse: "A luz que os espíritos amam é como a odílica?"; ao que as batidas responderam: "Mais refinada". Os espíritos moveram a mesa com violência até à janela, perto do santuário hindu, e o acordeão (sem mão humana lhe tocar) tocou da maneira mais encantadora, requintadamente e com grande poder.

Houve muito ruído no santuário hindu; a imagem de Vishnu e o Touro Sagrado foram trazidos e colocados no topo da mesa; depois uma mão grande, que parecia escura, estando entre nós e a luz, levantou o acordeão inteiramente acima do topo da mesa — uma segunda mão no outro lado voltou a baixá-lo; outra mão tirou uma campainha da mesa e tocou-a. O Sr. Home foi levantado da sua cadeira erguido no ar e desceu sobre um banco de pés. Depois foi puxado para a outra extremidade da sala e erguido no ar até que a sua mão estivesse no topo da porta; dali flutuou horizontalmente para a frente e desceu. Vi uma estrela brilhante a cintilar constantemente, as batidas desvaneceram-se na distância e a sessão terminou.

3 de Junho. — Uma sessão de nove pessoas. Coloquei um grande bouquet de flores naturais no ombro do grande ídolo de mármore Ganesh. O acordeão na mão direita do Sr. Home, tocando lindamente, harmonizou o círculo, e as mãos espirituais tocaram quase todos os presentes. Um som de farfalhar foi ouvido em volta do ídolo, e algo passou por baixo da mesa. Os espíritos bateram: "Não são tão belas como aquelas que encontrarão connosco", e imediatamente o bouquet foi colocado nas mãos da Sra. Home. O Sr. Home, desatando o bouquet, devolveu as flores à Sra. Home, que pediu ao espírito para lhes dar um poder talismânico e levar uma a cada um de nós.

A primeira flor, um botão de rosa, foi levada a uma senhora, e os espíritos bateram: "De alguém que é mortal, mas que em breve estará connosco — emblema de Sacha". Este anúncio arrancou lágrimas a todos nós; ficámos profundamente afetados e o Sr. Home recostou-se vencido pela emoção. Um narciso foi-me dado, e uma flor a todos os presentes — também algumas para aqueles que estavam ausentes, mas que eram amados pela Sra. Home. Ela falou durante muito tempo palavras de consolação para aqueles que estava prestes a deixar; a sua voz estava muito fraca e perdi a maior

parte do que ela disse. Deu-nos as mãos a todos, um adeus; chorámos, mas nem uma palavra foi proferida.

4 de Junho. — Uma sessão de quatro pessoas. O Sr. Home entrou imediatamente em transe e, após muitas comunicações, disse: "Se pudessem apenas ver a massa de espíritos perto de Sacha! Uma mulher velada está perto dela — quando Sacha for para a terra dos espíritos, ali estará ela, sem o véu; ela colocá-lo-á na fronte de Sacha, pesado com as suas próprias estrelas, a cintilar, a cintilar para baixo. Feições belas, longos cabelos fluidos, as mãos cruzadas assim — olha para cima — para cima — sem tristeza, sem dor! A oração é levada por mãos amorosas e colocada perante o santo trono de Deus — elas trazem as Suas bênçãos para a terra. Um cajado é colocado nas suas mãos, uma nuvem para sombrear o coração dos raios de sol — ao lado está suspenso o pão da vida — a estrela da Esperança alta nos céus para os conduzir da terra, e para confiarem apenas em Deus."

11 de Junho. — Numa sessão de sete pessoas. Os espíritos tocaram música bela e trouxeram-nos ramos que arrancaram de uma lúcia-lima perfumada que estava na sala. Trouxeram o Deir, um ídolo de latão segurando um espelho do santuário, e colocaram-no debaixo da mesa. O Sr. Home viu um espírito no santuário; então eles bateram: "Fé em Deus, e a mudança de mundo será gloriosíssima, todos os outros" (os ídolos que tinham colocado debaixo da mesa foram sacudidos violentamente) "deuses" foi batido; novamente bateram os ídolos violentamente e bateram com eles uns contra os outros com grande ruído e força, e soletraram "devem"; ergueram o grande ídolo Mahadeo e colocaram-no na mesa.

É o grande ídolo de latão obscurecido pelo capuz expandido da cobra-capelo. Então bateram "ser trazidos". Tiraram o ídolo da mesa e atiraram-no ao chão violentamente com um estrondo e ruído, depois bateram "abaixados perante Ele".

Desta maneira elucidaram as palavras que bateram: "Fé em Deus e a mudança de mundo será gloriosíssima; todos os outros deuses devem ser trazidos abaixados perante Ele."

12 de Junho. — Uma planta de lúcia-lima num vaso estava junto ao santuário. Uma mão tocou na Sra. Home e a planta, com as varetas que a sustentavam, tendo sido partida pelas raízes, foi atirada pelos espíritos sobre a mesa. Então bateram: "Lamentamos, mas ao levar a flor, levámos também a terra com ela." Abanaram o vestido da Sra. Home violentamente, terra foi

atirada para o ombro do Sr. Home e, por cima dele, para a mesa. Ele viu uma mão espiritual que estava cheia de terra e, depois, o resto que saíra do vaso em massa foi colocado na sua mão; nem um bocado da flor viva restou nela. Os espíritos bateram: "Dador de vida — e o invólucro que resta apenas serve para ser quebrado." Imediatamente partiram o vaso vazio em pedaços, enquanto jazia no chão junto à janela, emblemático de retirar a alma do seu aposento terreno.

17 de Junho. — O Sr. Home entrou em transe e disse: "Há mais espíritos em volta de Sacha, e o espírito velado está a aproximar-se cada vez mais." Sons misteriosos que tínhamos ouvido antes na câmara acima repetiram-se. Quando questionado: "Como se sente quando entra em transe?", ele disse: "Primeiro surge uma pesadez nos meus pés, sinto-me como se estivesse a desmaiar à beira de um precipício — há um momento de sofrimento e depois tudo é agradável."

22 de Junho. — Numa sessão de sete pessoas. Uma mão espiritual surgiu e aproximou-se da Sra. Home — movia-se de um lado para o outro — ela estava ansiosa por lhe tocar; um dedo longo apontou para ela e fez sinal para que ficasse quieta. Uma mão e um braço foram distintamente vistos, e uma mão espiritual fechou as portadas. Flores foram dadas a alguns e colocadas nas cabeças de outras pessoas. A minha cabeça foi tocada duas vezes, e duas vezes um braço acenou sobre a mesa; três vezes uma mão aberta foi fortemente pressionada contra a minha testa. Uma campainha de mola das portadas, usada como alarme, foi tocada acima das nossas cabeças, e vimos a mão que a segurava.

O Sr. Home entrou em transe e disse: "Onde o olho deveria estar estão colocadas duas cruzes; a fé cristã apagará o olho. Não compreendo o que querem dizer — o espírito está a fazê-lo! Ouçam! Ouçam! Não escrevam!" Parei de escrever; escutámos e ouvimos um ruído como que a arranhar no santuário. O Sr. Home acordou do transe e a sessão terminou. Ao irmos ao santuário, vimos na testa da grande imagem de mármore branco de Ganesh duas cruzes feitas a lápis pelos espíritos, mesmo sobre o centro do triplo olho do ídolo, que denota o seu poder de tudo ver. Este era o ruído aludido pelo Sr. Home no transe.

24 de Junho. — Sete pessoas em sessão. Um cavalheiro científico que tinha escrito para refutar as manifestações espirituais deveria ter-se juntado ao grupo; no entanto, solicitou um programa! o qual disse ser-lhe devido

como homem de ciência e pela sua posição! Sendo impossível dar um programa, ele recusou juntar-se à sessão.

25 de Junho. — Numa sessão de oito pessoas. O acordeão, tocando por si mesmo, foi erguido acima da mesa — depois foi mostrado uma segunda vez. Os espíritos bateram a uma senhora cujo filho tinha partido: "Ela apenas foi para Deus, ela não morreu." À palavra Deus foram feitos os sons mais peculiares, como que para nos impressionar com solenidade.»

27 de Junho. — Uma sessão de oito pessoas. Ocorreram numerosas manifestações. Foram dadas flores, o acordeão tocou, e uma cadeira de verga americana que estava no outro lado da sala foi movida por uma força invisível até à mesa. Uma mão tocou as nossas frontes e um braço acenou no ar sobre a mesa várias vezes. O Sr. Home foi puxado para trás na sua cadeira, e um braço, com a mão segurando a campainha de alarme, acenou sobre a mesa; ela tocou no ar, e junto ao meu ombro, o qual tocou, caindo depois ao chão. O acordeão, agora no ar, intocado por mão mortal, tocava belissimamente enquanto flutuava em volta da mesa e tocava em cada pessoa presente.

28 de Junho. — Uma sessão de oito pessoas. O Sr. Home foi levantado da sua cadeira e transportado um pouco para cima numa postura ereta, sendo depois colocado de novo em baixo. Ouviu-se música no ar e, depois, sons estranhos — maravilhámo-nos com o que poderia ser. "É um espírito?" "Sim." Então o espírito falou muitas vezes, mas as palavras eram ininteligíveis. A Sra. Home ficou com medo e implorou-lhes que não falassem; e o Sr. Home disse: "É a dificuldade deles em produzir os sons materiais da fala." Lembrou-me Bournemouth, onde, no quarto do Sr. Home, eu ouvira música, o chilrear de um pássaro e vozes espirituais muito distintamente.

30 de Junho. — Uma sessão de três pessoas. A mesa tremeu e inclinou-se tanto que ficámos surpreendidos por os decantadores não caírem. Depois foi sacudida tão violentamente que se produziu espuma, e o vinho nos decantadores salpicou pelos seus longos gargalos, enquanto a água mal foi afetada. Os espíritos bateram a sua aversão ao vinho. A mesa foi tornada excessivamente pesada — quatro de nós levantámo-nos e tentámos erguê-la com todas as nossas forças; ela não se movia, nem conseguíamos fazê-la girar. Pouco depois, foi levantada pelos espíritos um pé ou mais do chão, com todas as coisas sobre ela, e depois desceu suavemente.

Uma pessoa conseguia agora levantá-la, e ela foi tornada pesada várias vezes.

3 de Julho. — Numa sessão de sete pessoas. A mesa foi sacudida, e subiu e ondulou no ar, enquanto eu contava sessenta e dois em voz alta. O Sr. Home foi levantado um pouco na sua cadeira e entrou em transe. Os seus braços foram então erguidos, e ele ascendeu cerca de um pé do chão, desceu e subiu novamente um par de pés. Inclinou-se até tocar na Sra. Home e depois foi transportado para cima, estando o seu corpo curvado para a frente de forma circular, até que a sua cabeça estivesse acima da vidraça central na janela grande; ele ascendeu alguns pés e voltou a descer. Estava bastante claro na janela, e nós estávamos perto dela. Ele foi então para a extremidade da sala, para a escuridão, e não o conseguimos ver ascender, mas foram mostradas três estrelas brilhantes que denotavam onde ele estava. Desceu, regressou à mesa completamente retesado, acordou pouco depois e saiu do transe.

7 de Julho. — Nós, quatro pessoas, estávamos sentados à janela central na sala de visitas da frente, conversando, quando os espíritos começaram a bater no chão. O Sr. Home trouxe uma pequena mesa e tivemos muitas manifestações, no meio das quais uma mesa de sofá na extremidade da sala, na qual estava uma lâmpada grande e dois vasos de flores contendo belas lúcias-limas perfumadas. Um deles rolou, intocado por ninguém, e colocou-se entre o Sr. e a Sra. Home. Era uma bela noite de verão e a sala estava perfeitamente clara. O Sr. Home recostou-se na cadeira e entrou num sono profundo durante algum tempo; depois caminhou pela sala, conduzido aparentemente por um espírito; uma estrela brilhante muito grande brilhava na sua fronte, várias agrupavam-se no seu cabelo e nas pontas dos seus dedos.

Ele fez passes sobre a planta de lúcia-lima, mas não lhe tocou. Imediatamente o ar encheu-se com o perfume que ele bafejou para cada um de nós, e este permaneceu muito poderosamente nas suas mãos. Fazendo mais passes, ainda em transe, ele disse: "Assim extraímos a essência da flor; da mesma maneira a alma é retirada do corpo; amanhã verão que as folhas inferiores estão murchas, e a planta morrerá em poucos dias." Facto este que ocorreu como ele dissera, embora não se pudesse atribuir qualquer causa aparente para ela ter morrido.

Fomos então para a sala de jantar no andar de baixo; e após os refrescos os nossos convidados saíram, ficando apenas o Sr. Home, que estava sentado numa poltrona junto à lareira, a Sra. Home dormindo no sofá, e eu sentada à mesa lendo à luz da lâmpada. De repente, ouviram-se batidas fortes na grande e pesada mesa de jantar; ela tremeu, subiu e equilibrou-se no ar. O Sr. Home foi conduzido pela sala, as portadas foram fechadas, eu apaguei as luzes de gás e ficámos na escuridão. Um espírito tocou nos meus dedos enquanto jaziam sobre a mesa, ouviram-se vozes no ar e o Sr. Home disse: "Os espíritos estão a tentar falar." "Sim", então uma voz disse: "estamos a tentar vir."

Ouvi duas vozes de tom muito diferente e perguntei: "Quem és tu, querido espírito?" O nome foi dado e repetido várias vezes. O Sr. Home foi conduzido pela sala, mostrando estrelas na fronte e nos dedos enquanto mantinha as mãos erguidas. Uma cruz de estrelas foi vista por ele e pela Sra. Home. Eu apenas vi a barra transversal de estrelas, não as verticais. Ele foi levado até às portadas e abriu a parte inferior; imediatamente a força espiritual fechou a inferior e abriu a parte superior. O Sr. Home foi agora conduzido à extremidade oposta da sala e passou em frente a um espelho muito grande — um mar de vidro. Vi uma forma a conduzi-lo, sobre a cabeça da qual fora lançada uma túnica tingida que fluía até ao chão, marcando a forma da cabeça e dos ombros.

Ele seguia-a de perto; vi ambos no espelho, as feições dele, o rosto e o cabelo perfeitamente distintos, mas as feições da forma que o conduzia não eram visíveis por baixo da túnica tingida de azul-escuro que as cobria. Passaram de diante do espelho, e então todos vimos uma figura feminina com um véu branco lançado sobre a cabeça, que caía até ao chão; ao mesmo tempo, mas um pouco mais alto, estava a forma de um homem em traje oriental. A visão impressionante desvaneceu-se, e o grande espelho permaneceu apenas com a luz da janela que nele incidia.

12 de Julho. — Numa sessão de seis pessoas. Apareceram estrelas acima da cabeça da Sra. Home, e viu-se uma luz, com dedos a passar sobre ela enquanto flutuava acima das nossas cabeças. Era o ESPÍRITO VELADO. Vi a mão que segurava o véu, que estava salpicado de estrelas, e os dedos moviam-se distintamente enquanto flutuava mesmo à nossa frente. Viu-se uma estrela no Sr. Home e foram dadas flores. A mãe da Sra. Home fez o sinal da cruz na fronte dela, e depois na do Sr. Home. Dois dedos tocaram a minha fronte e um, todo molhado, fez o sinal da cruz. Ouviu-se agora o rasgar de

papel e, pouco depois, uma mão espiritual agarrou a minha mão esquerda enquanto jazia na mesa e colocou nela um pedaço de papel. Outros pedaços de papel foram arrancados e, depois, um lápis foi atirado para a outra extremidade da sala.

Uma campainha foi tocada no ar, o acordeão flutuando acima das nossas cabeças tocou a música mais alegre e marcial, e a Sra. Home viu o seu pai espiritual. "Deus vos abençoe a todos, boa noite", foi agora batido. Ao olhar para o papel que me fora colocado na mão, encontrei as iniciais de um espírito amado, belissimamente escritas a lápis, um fac-símile da sua letra quando na terra. Um papel fora dado à Sra. Home pelo seu pai e nele estava uma cruz encimada por uma coroa, para nos mostrar que devemos carregar a cruz para usar a coroa.

18 de Fevereiro de 1862. — Uma sessão de seis pessoas. Após várias manifestações, o Sr. Home entrou em transe e, dirigindo-se a uma pessoa presente, disse: "Pergunta que bem trazem tais manifestações triviais, como batidas, movimento de mesas, etc.? Deus é melhor juiz do que nós sobre o que é adequado para a humanidade; resultados imensos podem brotar de coisas triviais. O vapor de uma chaleira é uma coisa pequena, mas olhe para a locomotiva! A faísca elétrica do dorso de um gato é uma coisa pequena, mas veja as maravilhas da eletricidade!

As batidas são coisas pequenas, mas os seus resultados conduzi-lo-ão ao Mundo Espiritual e à eternidade! Por que razão deveriam grandes resultados brotar de tais causas? Cristo nasceu numa manjedoura, não nasceu Rei. Quando me disser por que razão Ele nasceu numa manjedoura, eu lhe direi por que estas manifestações, tão triviais, tão pouco dignas como lhe parecem, foram designadas para convencer o mundo da verdade do espiritualismo."

Os extratos precedentes serão lidos com interesse pelas pessoas que estiveram presentes, e talvez por um círculo mais vasto. Não dou nomes, mas apenas os factos tal como ocorreram, porque é impossível para qualquer pessoa dar crédito a tais prodígios até que, pela investigação, seja forçada a acreditar na verdade. F. C. P.

Neste diário há várias manifestações notáveis e, entre elas, a da presença do espírito velado, que doravante foi frequentemente visto pela minha mulher e por mim, como se lerá no belo memorial da minha mulher, escrito por esse tipo inestimável de feminilidade, a Sra. Mary Howitt. O véu

desse espírito foi sendo gradualmente levantado através das fases sucessivas da dolorosa doença da minha querida mulher, tornando-se quase um indicador dos avanços insidiosos da sua enfermidade.

Há um fenómeno, contudo, que me aconteceu apenas na ocasião descrita no diário. Refiro-me ao caso maravilhoso da planta de lúcia-lima, e da extração do seu perfume, e da sua própria vida, através de alguns passes da minha mão, bafejando todo o seu aroma nos rostos dos presentes e deixando a árvore morrer por falta do princípio vital que fora assim extraído dela. Já ouvi falar antes de experiências tentadas no mesmerismo sobre plantas com alguns resultados aparentes, mas nunca de nenhum tão marcado como este da lúcia-lima. Não é sensato julgar casos isolados, mas provavelmente poderão ocorrer, ou ser encontrados, outros exemplos de natureza semelhante, que possam lançar luz sobre o poder da vontade humana sobre as formas inferiores de vida.

Lamento que em tantas instâncias seja obrigado a ocultar os nomes dos meus amigos que testemunharam coisas maravilhosas; mas se o leitor estiver disposto a queixar-se disto, que se lembre do motivo e assuma a maior parte da culpa para si mesmo. Mal o nome de alguma pessoa honesta e corajosa é dado em obediência ao pedido de testemunho, este torna-se um alvo para todo o ridículo, piadas e abusos dos inescrupulosos, dos céticos, dos ortodoxos e dos científicos; de facto, de todos os que não são suficientemente sábios para pensar, observar, pesar e julgar antes de decidirem.

Há pouco encorajamento para os homens, e ainda menos para as senhoras, para se chegarem à frente e ficarem diante de todo este opróbrio. Se for necessário um exemplo da verdade disto, se não for já um facto óbvio neste dia pouco caritativo, deixem que os meus amigos aventureiros observem até que ponto serei abusado, e chamado por nomes feios, e entregue ao diabo, por simples e verdadeiramente escrever neste pequeno livro alguns dos incidentes da minha vida, com cuja produção nada tive a ver.

Foi minha boa sorte nunca me ter importado muito com as más opiniões sobre mim, que foram formadas em ignorância total e reconhecida; e o meu silêncio até agora, quando as afirmações mais grosseiras e tolas foram feitas em meu prejuízo, e quando uma palavra minha as teria corrigido, é prova suficiente da minha indiferença a tais ataques.

Lamento, contudo, a falta de bondade e a tolice que tantos exibem, por causa deles próprios, mais do que pela minha. Não espero que se comportem de forma diferente agora em relação ao que veem no meu livro, pois no estado atual das suas mentes, a verdade não pode ser recebida. Os factos tornam-se para eles impossíveis, enquanto para mim, e para muitos dos meus amigos que tiveram o hábito de os ver, e de os observar, estudando-os e às suas consequências durante tantos anos, até a sua estranheza quase desapareceu.

Devemos certamente dar algum desconto àquelas pessoas ignorantes que se sentam calmamente em casa, dizendo que tais coisas são impossíveis, sem nunca se terem dado ao trabalho de tentar presenciá-las, ou de reunir sequer os primeiros elementos para formar um juízo sobre elas. Estas não são tão injustas e desonestas como aquela classe de que Sir David Brewster é o tipo, os quais, no interesse do que consideram a sua posição no mundo científico, não têm escrúpulos em contar falsidades, e em negar o que viram, e em enganar ainda mais a classe anterior de pessoas meramente ignorantes.

Espero, portanto, que tanto eu como os meus amigos possamos ser de certa medida desculpados por apresentarmos as suas narrativas sem os seus nomes. Se eu tivesse liberdade para as tornar públicas, elas acrescentariam grandemente ao valor da narrativa, e o público teria a oportunidade de ficar muito surpreendido ao descobrir quem são as pessoas que investigaram o assunto e atestam estes factos notáveis. Na sociedade, eles são bem conhecidos de muitos; e, talvez, nada seja mais estranho do que a crença total com que estes factos são falados e recebidos em grandes companhias mistas, quando comparada com a expressão de total descrença com que são acompanhados em quase todas as notícias da imprensa.

Daqueles que condenarão abertamente esta narrativa nos seus jornais, dificilmente um não conta entre os seus amigos íntimos e valiosos, ou familiares, ou colaboradores, vários que são, com boa razão, crentes convictos. Seria curioso contrastar a linguagem que ele mantém com tais pessoas com a que usa ao descrever o meu livro às massas ignorantes, as quais ele mesquinhamente sabe que esperam tal abuso da sua parte e que ele terá prazer em as fazer ouvir. Se fosse necessário, poderia dar alguns nomes que justificariam amplamente o que disse destes pobres líderes de cegos.

O testemunho que agora dou é o de uma senhora cujas palavras e poderes de observação merecem a aceitação mais sem reservas, e lamento

apenas poder dar a sua inicial e chamá-la Sra. S—. Ela tinha ficado viúva pouco antes de eu ter o prazer de a conhecer.

«Assisti pela primeira vez a uma sessão em casa do Sr. Home no verão de 1861, quando estava em sofrimento profundo. Nunca vira nada de Espiritualismo antes, mas ouvira falar muito dele a um querido e velho amigo que me apresentou ao Sr. Home. As minhas próprias experiências nessa noite foram muito mais maravilhosas do que qualquer coisa que alguma vez tivesse ouvido ou lido, e foram para mim muito convincentes. Após muitas batidas, movimentos da mesa, etc., o meu lenço foi tirado da minha mão, as pancadas dadas para o alfabeto, e as palavras "Não vertas mais lágrimas" foram soletradas, e o meu lenço subiu por si mesmo no lado oposto da mesa, moveu-se suavemente através dela e instalou-se na mesa à minha frente; isto vi-o sem possibilidade de erro ou dúvida.

Depois disto, o Sr. Home caiu em transe e descreveu o meu querido marido com a maior precisão, disse quão nobre ele era em mente e corpo, e como o teria amado se o tivesse conhecido em vida, e depois disse: "Mas quem é essa Mary que está ao lado dele? Que mulher nobre, e como ela o ama, e como são felizes juntos, e como ambos te amam; tu foste a estrela dele na vida. Mas que miséria foi aquela com o relógio dele? Esqueceste-te de dar corda ao relógio dele e como isso te deixou miserável." Ora, isto era um facto conhecido por nenhum ser humano a não ser eu própria.

Eu dera corda ao relógio na noite em que perdi o meu marido e resolvera nunca mais deixar que ele parasse; mas mais de um mês depois, quando regressei à nossa antiga casa, esqueci-me de lhe dar corda uma noite e a minha agonia foi grande quando o descobri de manhã, mas nunca o mencionei nem sequer à irmã do meu marido, que estava em casa comigo. Muito mais coisas ocorreram na sessão, interessantes tanto para mim como para outros.

Um mês mais tarde, assisti a uma segunda sessão. Algumas coisas notáveis foram ditas pelo Sr. Home, que estava em estado de transe, a uma senhora presente sobre o seu amigo falecido. Ele foi então para a extremidade oposta da sala e ela comentou comigo em voz baixa: "Que maravilhoso, ele está morto há trinta anos", quando o Sr. Home, que eu julgava demasiado distante para ouvir, gritou numa voz alta e vibrante: "Não diga morto; ele não está morto, mas partiu à frente; nada mata senão o pecado, o pecado mata através do diabo, mas aqueles que vivem em Cristo

nunca morrerão." O Sr. Home veio logo a seguir ter comigo e disse que o meu querido marido e a mãe dele (a Mary de que falámos antes) estavam atrás da minha cadeira, e que ambos ansiavam confortar-me. Deu-me a seguinte mensagem: — "Minha querida Adelaide, todas as tuas orações são ouvidas, os teus pensamentos puros vistos, a tua paciência e esperança amorosa. Não estamos, nem estaremos separados, somos um em Cristo."

Ele continuou então a dizer que eu tivera uma conversa com o meu marido oito meses antes e que ele me abençoava por essa conversa agora; que estávamos sentados na nossa sala de estar em casa, ele na sua poltrona e eu na minha, com a pequena mesa redonda entre nós, que eu acabara de ler um capítulo no Novo Testamento e que, naquela noite, o anjo do Senhor pusera a mão sobre a fronte do meu marido e ele definhara a partir dessa altura. Lembro-me perfeitamente da conversa aludida, e foi uma conversa muito notável.

Eu estivera a ler as orações aos criados e estávamos sentados da maneira descrita, e conversámos durante mais de meia hora antes de ir para a cama. Estes são factos que posso atestar e, embora o meu nome não seja dado aqui, o Sr. Home dá-lo-á a quem desejar ser convencido. Para mim o conforto tem sido indizível; mas se eu acreditasse que o Espiritualismo era pecaminoso ou proibido pelo nosso Senhor, nada me induziria a ter nada a ver com ele, mas creio o contrário neste caso. Senti-me mais em paz, com uma confiança mais perfeita — confiança absoluta de criança — no meu Deus e Salvador, do que alguma vez senti antes. O Sr. Home disse-me que o meu querido marido estava sempre comigo quando eu rezava, e eu sinto que ele está, através de Cristo.»

Passámos Julho, Agosto e Setembro de 1861 em Folkestone. O meu poder tinha-me deixado, mas a minha mulher continuava a ver espíritos diariamente. Fomos para Brighton, onde permanecemos até ao mês de Dezembro. Tarde na noite de um dia em Novembro, estando a minha mulher na cama, eu estava na sala de estar com um amigo quando um estranho ar gélido pareceu rodear-nos, e ouviram-se ruídos de estalidos. De facto, um sentimento de grande desconforto apoderou-se de ambos, quando ouvimos a minha mulher bater no chão, sendo este o seu sinal de requerer a minha presença.

Corri escada acima e ela disse: «Daniel, não me deixes; há uma presença espiritual no meu quarto que me é estranha e desagradável. Sinto como se

algo tivesse ocorrido, ou estivesse prestes a acontecer.» Permaneci com ela, mas não sentimos nem ouvimos mais nada do género. De manhã, na mesa do pequeno-almoço, estava uma carta de um amigo muito querido, anunciando a partida de um filho sob as circunstâncias mais dolorosas. Era evidente que fora o espírito dele que estivera connosco na noite anterior.

Voltámos para a cidade em Dezembro; e em Janeiro de 1862 o poder regressou em mim, mas longe de estar forte. Numa ocasião, enquanto estávamos sentados, o estranho tremor tantas vezes notado foi sentido na mesa e, quase simultaneamente com ele, ouvi a campainha do quarto das crianças tocar. Ouvi a criada subir as escadas, estando o quarto das crianças no terceiro andar, e logo ela veio com uma mensagem da ama solicitando a minha presença.

Fui e encontrei a criança sentada na cama, com um olhar de alarme no rosto. Ele disse-me: «Oh, papá, não gosto que a minha cama se balance.» Pensei que ele pudesse ter uma dor de cabeça, ou alguma ligeira indisposição que pudesse ter causado uma tontura, mas ele disse que estava muito bem. Permaneci pouco tempo com ele e depois juntei-me aos meus amigos na sala de estar. Em cerca de meia hora o tremor repetiu-se e novamente a campainha do quarto das crianças tocou. Tive de ir ter com ele e descobri que o balanço fora mais violento do que antes, e ele implorou-me que me deitasse com ele até ele adormecer. Assim fiz e em cerca de dez minutos ele estava profundamente adormecido. Os espíritos disseram-nos então que tinham «acidentalmente causado o abalo da cama».

Outra instância deste tremor ter sido sentido fora da sala ocorreu nos dez dias anteriores à escrita disto. Uma criada surda-muda que vivia numa casa onde eu estava, e não sabendo nada nem da minha presença nem de manifestações espirituais, disse à jovem senhora, sua ama, ao esta subir para junto dela: «Como devem ter estado todos a dançar, pois a casa toda esteve a tremer de tal modo que fiquei com tonturas.» Nós estávamos no rés-do-chão, e a principal manifestação nessa noite foi a forte vibração da sala. Ela estava no terceiro andar, e a casa é grande e bem construída, numa das melhores zonas de Kensington.

CAPÍTULO XII

IN MEMORIAM

A 20 de Fevereiro de 1862 deixámos Inglaterra para o Chateau Laroche, perto de Périgueux, a residência no sul de França do meu cunhado. Não preciso de percorrer novamente as cenas daqueles últimos dias na terra daquela ente querida que aprouve a Deus levar, no tempo da primavera da sua vida, para a terra da manhã radiante. Ela está bem ali, e é apenas mais do que nunca a minha esperança e a minha estrela guia radiante. O meu bom anjo da guarda, velando pelo seu querido filho e por mim, seu marido — separados, mas não perdidos — em espírito mais do que nunca presente. Na misericórdia amorosa de Deus encontrar-nos-emos novamente e encontraremos a nossa habitação duradoura no mundo interior eterno.

Permitam-me ter o prazer de acrescentar o doce tributo à sua memória da Sra. Howitt, que dá os poucos factos que podem ser tornados públicos de alguém que entre os seus amigos não exigia palavras escritas para ser embalsamada nas melhores memórias dos seus corações. Para aqueles que não a conheceram, estas palavras servirão para mostrar o efeito da comunhão espiritual durante as longas fases da doença e a contemplação plácida da passagem para diante, por alguém para quem o mundo espiritual brilhante se tornara uma realidade calma, pela sua frequente convivência com os bons anjos que tinham partido antes.

In Memoriam.

«Madame Alexandrina Home, esposa do Sr. Daniel Dunglas Home, passou da terra no dia 3 de Julho passado, no Chateau Laroche, Dordogne, França, a residência da sua irmã, a Condessa Luboff Koucheleff Besborodka, no vigésimo segundo ano da sua idade.

A Sra. Home era a filha mais nova do General Conde de Kroll, da Rússia, e era a afilhada do falecido Imperador Nicolau. Foi educada no Instituto de Santa Catarina ao mesmo tempo que a atual Condessa de Morny, de Paris. O Sr. Home, que estivera em várias das Cortes da Europa, onde fora recebido com muita distinção e onde os maravilhosos fenómenos que ocorrem na sua presença despertam profunda atenção, estava em Roma na primavera de 1858 para benefício da sua saúde, e ali viu pela primeira vez a senhora que se tornou sua esposa a 1 de Agosto desse ano. O casamento teve lugar em S. Petersburgo e foi celebrado na presença de M. Alexandre Dumas, que viajou

de Paris de propósito para estar presente e para oficiar como padrinho do Sr. Home, de acordo com o costume da Igreja Romana. O Imperador Alexandre também esteve ali representado por dois dos seus ajudantes-de-campo, que enviou como padrinhos de casamento, e o Imperador presenteou o Sr. Home na feliz ocasião com um magnífico anel de diamantes de grande valor. No nascimento do único filho do casamento, um rapaz, o Imperador demonstrou o seu contínuo interesse no Sr. e na Sra. Home presenteando-os, como recordação da sua amizade, com um anel de esmeraldas e diamantes.

O Sr. e a Sra. Home iniciaram assim a sua vida de casados com todos os acessórios exteriores de posição e riqueza, juntamente com uma multidão de amigos, como seria de esperar, enquanto a medida da sua felicidade era completada por aquele calmo bem-estar doméstico que é a fonte mais pura de prazer terreno e para o qual a natureza bondosa e terna dela contribuiu com a sua parte plena. Não podiam deixar de ser felizes, pois o seu afeto era tão puro quanto sincero e, quando a sua união foi abençoada pelo nascimento do seu filhinho, não havia mais nada a desejar senão criá-lo dignamente para ser um participante da sua felicidade.»

«No meio, contudo, destas brilhantes esperanças e antecipações humanas, partiu o decreto de que os seus dias estavam contados. Cerca de dezoito meses antes da sua partida, o médico que foi chamado por ocasião de uma doença sem importância, como se supunha, detetou, para surpresa e desgosto de todos os que a amavam, sinais tão indubitáveis de tísica na sua constituição que, em toda a probabilidade humana, a sua vida não poderia ser de longa duração. Tais notícias para uma mulher jovem e feliz, rodeada de tudo o que pode tornar a existência exterior atraente, teriam, em circunstâncias comuns, chegado como a mais terrível calamidade; mas não foi assim no caso da Sra. Home.

Embora nessa altura estivesse apenas no seu vigésimo primeiro ano, recebeu o anúncio com total serenidade. Seja feita a vontade de Deus, era a lei alegre da sua vida, e Aquele que até então fizera essa vida tão rica não falharia, sabia ela, em continuar o Seu amor e misericórdia para com ela naquela vida superior para a qual a estava a chamar. Nada senão a mais profunda convicção religiosa da Sabedoria e do Amor Supremos pode trazer a alma humana a um estado de submissa obediência aos Seus decretos, de outro modo aparentemente severos e misteriosos.

Vejamos agora como o Pai Divino guiara e instruíra a Sua jovem discípula naquele conhecimento mais elevado e profundo de todos, cuja posse firme torna a obediência e a submissão fáceis, e mantém a alma calma e até jubilosa sob as circunstâncias mais alarmantes e adversas. Compreenderemos então em parte, se não totalmente, de onde vinha a estranha e, aparentemente, mais antinatural disposição para partir da vida terrena no meio das suas circunstâncias mais atraentes. Ela era uma espiritualista de convicção profunda.

O amor de Deus fizera-lhe conhecer a realidade do mundo espiritual; fora-lhe permitido resolver o grande, misterioso e perplexo enigma do Além e, tão leal era ela ao conhecimento que lhe fora assim dado, que estava pronta a atestá-lo na vida ou na morte. Como todos os espiritualistas experientes, ela sabia que a vida exterior, seja o seu termo mais longo ou mais curto, não é mais do que uma escola na qual Deus deseja treinar o ser imortal para um conhecimento mais elevado — não é mais do que uma peregrinação, ou passagem, pela qual Ele está disposto a conduzi-lo a outro lar ainda mais feliz.

Ela sabia que, naquele outro estado de existência, embora despida do corpo e aparentemente separada dos amados na terra, ainda lhe poderia ser permitido velar por eles e amá-los como seu anjo da guarda, e estar na companhia próxima daqueles que tinham partido antes — daqueles espíritos vivos e glorificados que a conduziriam ao trono da graça e do amor inefável. Se é o heroísmo mais elevado enfrentar a morte com coragem inabalável, esta mulher jovem, amável e gentil, esta filha da afluência e da fortuna, exibiu um grau quase inigualável desta nobre qualidade de espírito e, ao fazê-lo, provou quão forte e sustentadora na extremidade da vida é a fé do espiritualista cristão.

A primeira e alarmante notícia de que a sua doença era mortal chegou a uma mente assim preparada com uma força totalmente atenuada. O aguilhão fora já retirado da morte; nem durante todas as provações e sofrimentos posteriores do seu corpo físico perdeu ela a sua equanimidade ou firme confiança no futuro. Esta calma, na verdade, tornou-se a característica mais marcante da sua longa e dolorosa doença.

Era tão profunda e assinalada que chegava a ser quase fenomenal, e foi notada como tal pelos eminentes médicos que a assistiram em Londres e, posteriormente, em França, bem como pelo Bispo de Périgueux, que a visitou

frequentemente durante a última parte da sua vida terrena. Os últimos sacramentos foram-lhe administrados pelo Bispo, que chorou como uma criança e comentou que, "embora tivesse estado presente em muitos leitos de morte para o Céu, nunca vira um igual ao dela".

Enquanto residiam em Londres, os mais notáveis dons espirituais e manifestações exibidos através do Sr. Home, e as muitas qualidades atraentes da sua jovem e bela esposa, tinham naturalmente reunido em seu redor um grande círculo de amigos para quem a exibição singular da sua calma, da sua mansidão, dos seus modos lúdicos e cativantes, mesmo no meio do sofrimento, e a alegria com que antecipava a sua partida, eram, se possível, uma anomalia maior e quase, por momentos, lançavam na sombra os maravilhosos dons e poderes do seu marido.

Se Addison chamou ao seu leito de morte o seu genro infiel para que, testemunhando a sua compostura, este pudesse aprender com quanta calma um cristão podia morrer, também aqui os descrentes no espiritualismo, olhando para esta jovem dotada, viram com espanto não só quão calmamente, mas quão alegremente o espiritualista cristão podia enfrentar a morte.

Outra característica igualmente anómala para o cristão protestante foi não encontrar nela a autodepreciação do pecador despertado pela culpa; não ouvir nos seus lábios a fraseologia habitual do santo moribundo mas sofredor; nenhuma menção feita à expiação, às obras da graça na sua alma, aos sofrimentos de um Salvador crucificado por amor dela. No entanto, com a simplicidade de uma criança pequena que aceita o amor Divino como o seu dom natural, ela amava o Salvador e regozijava-se n'Ele, respondendo à Sua indizível bondade com toda a lealdade da sua alma, mas o Getsémani e o monte sangrento da crucificação não estavam presentes na sua mente; a agonia e o lamento não tinham lugar na sua experiência.

Ela era, deve lembrar-se, a personificação da sua própria Igreja Grega; daquela igreja na qual foi educada, cuja fé mais antiga sempre reconheceu o Salvador menos como o Crucificado do que como o Ressuscitado, o triunfante sobre o sofrimento, o pecado e a morte, como o Vencedor e não a Vítima, como o Senhor que disse aos seus escolhidos: "Alegrai-vos porque os vossos nomes estão escritos no céu!". Tal, parece-me, a quem frequentemente a viu durante esta porção da sua curta estada na terra, era o facto que tornava a sua relação com o Salvador tão alegre, enquanto a sua

própria integridade de coração a deixava livre de toda a fraseologia estabelecida ou de qualquer desejo de produzir efeito, e estes, felizmente combinados com o seu conhecimento real da existência espiritual, fortaleciam aquele estado notável de calma e alegria com que esperava o fim da sua vida exterior. O seu Salvador tinha de facto ressuscitado para ela e, com a fé inquestionável e sem raciocínios de uma natureza amorosa, obediente e infantil, ela estava não apenas disposta a ir quando Ele a chamasse, mas alegre por desistir de tudo ao Seu mando, sabendo que uma esfera de utilidade e de ministração angélica mais alargada e gloriosa se lhe abriria através do Seu amor, e que assim seria capaz de, mais ternamente e com maior eficácia, velar por e tornar-se uma bênção para os entes queridos que deixava para trás.

Durante aquele curto mas interessante tempo do declínio da sua saúde em Londres, o seu notável desinteresse tornou-se outra característica cativante para todos os seus amigos. Ela fazia, mesmo no meio dos seus crescentes sofrimentos, constantes esforços para os ver, e realizavam-se sessões frequentemente na casa onde ela e o marido residiam então, nas quais ela tomava parte com alegria. Nessas ocasiões, ocorreram muitos incidentes maravilhosos e tocantes pela sua beleza, e poucos, ou nenhuns, dos que assim a encontraram, deixaram de guardar com terno e afetuoso apreço alguma flor delicada ou ramo fragrante — um emblema dela própria, que lhe fora apresentado por mãos espirituais, como uma pequena recordação para cada um.

Nas fases iniciais da sua doença, a sua perceção espiritual começou a abrir-se, e ela começou, e ao longo da sua enfermidade continuou, a ver e a conversar com os habitantes do mundo espiritual. Os seus visitantes mais frequentes eram a sua mãe e o seu pai, e a mãe do seu marido. Deles recebia as mais amorosas mensagens de carinho e as mais encorajadoras palavras de boas-vindas ao seu lar espiritual. Era também constantemente acompanhada por um espírito feminino velado, que não conhecia, mas cuja mera presença lhe dava grande conforto, embora nunca falasse nem levantasse o véu.

Foi dito ao Sr. Home que este bondoso espírito guardião continuaria velado até ao fim, altura em que o véu seria lançado sobre o seu próprio espírito recém-nascido, para a poupar à visão das lágrimas e do luto em redor do leito onde o seu corpo estaria deitado. Durante os seis meses anteriores à sua partida, o véu foi lenta e gradualmente sendo recolhido dos pés do espírito guardião em direção à cabeça, até dois dias antes da sua libertação,

quando pela última vez viu o espírito com o véu recolhido em forma de coroa em volta da cabeça, mas com uma parte, como um festão, ainda a ocultar-lhe o rosto.

Numa ocasião, várias pessoas que estavam na sala com a Sra. Home viram a mão e o braço do espírito até ao ombro, sendo a aparência a de um corpo luminoso, belissimamente perfeito na forma e coberto como que por um véu de luz.

O eminente compositor, M. Magnus, de Paris, veio ao Chateau Laroche visitar a Sra. Home durante as últimas três semanas da sua estada terrena e, quase diariamente, ela pedia-lhe que tocasse para ela e, enquanto jazia placidamente a ouvir a sua música, o seu rosto assumia uma expressão quase celestial enquanto marcava o tempo da música com as mãos. Numa ocasião, disse ela, quando ele terminara de tocar: "Esses acordes são muito belos, mas em breve ouvirei outros mais belos ainda".

Frequentemente também, durante os primeiros três meses e os últimos dois meses da sua doença, não só ela, mas todos os que a rodeavam, ouviam acordes deliciosos de música espiritual, soando como uma harmonia perfeita de sons vocais. Durante o último mês, também, as palavras eram ouvidas muito distintamente, e foram reconhecidas como os cânticos para os moribundos usados na Igreja Russa.

Ela partiu na quinta-feira, dia 3 de Julho, e na manhã de sábado seguinte, o seu filhinho, de três anos, disse à sua ama ao acordar: "Vi a mamã e ela está muito bem agora. Ela está com Deus, e disse-me que o meu tio Gregoire e a minha tia Luba são o meu padrinho e a minha madrinha, e que seriam muito bons para mim, e que eu devo amá-los".

No seu funeral, cujo serviço foi realizado pelo vigário-geral da diocese, quatro dos criados da sua irmã pediram, cada um, para conduzir um cavalo do carro fúnebre até ao cemitério, dizendo que não podiam permitir que pessoas contratadas estivessem perto do corpo querido daquela que sempre tivera uma palavra amável e um olhar amoroso para todos. Os camponeses, em vez de, como é costume, atirarem terra sobre o caixão, cobriram-no primeiro com flores — o mais adequado para a sua última vestimenta, e o mais adequado para a expressão do seu amor.

Tal é um breve memorial de uma vida curta mas adorável na terra. Mas, curta como foi, raramente o cristão ortodoxo mais velho e experiente atingiu

um grau tão elevado de consciência religiosa, clareza e confiança em Deus, como o fez esta mulher jovem e atraente, por esses mesmos meios e ensinamentos que o mundo religioso ainda tanto ignora e questiona.

Bendito seja, porém, Deus o Salvador por cada nova revelação e manifestação da Sua vida Divina, e por cada renovado ensinamento do Seu Espírito Santo. MARY HOWITT.»

«A outra estimada amiga, a Sra. S. C. Hall, também bem conhecida pelo seu verdadeiro coração de mulher e pelo seu poder de expressar os melhores sentimentos da alma, estou grato pelas suas impressões escritas sobre a minha querida mulher, nas quais abrange um relato muito interessante das suas observações dos fenómenos:

"Aprouve a Deus remover desta vida, há apenas alguns meses, uma senhora muito amada que, durante a sua breve residência entre nós, se enlaçou estreitamente em volta dos corações dos muitos amigos dela e do seu marido — falo de alguém que nos era querida como 'Sacha', a esposa do Sr. Daniel Home.

Educada como convinha a uma senhora russa de linhagem, era ainda mais ricamente dotada pela graça, pelo sentimento, por uma beleza peculiar, que posso designar por graciosidade, e por uma doce simplicidade de natureza que a tornava transparente e pura como o cristal; era também dotada de uma rara apreciação do belo. O seu interesse e admiração por tudo o que era excelente na arte era o resultado de uma perceção inata, não muitas vezes encontrada onde a observação não foi nutrida pela idade; com um refinamento sobre a rapidez natural do seu sexo — ela sentia enquanto outros raciocinavam — de facto, todas as suas perceções eram vívidas, e ela era inteiramente feminina.

Quando a conheci, ela estava radiante de vida e alegria — uma rapariga brincalhona contando apenas vinte anos e, no entanto, na plena maré da sua doce alegria — amando o marido, o filho, os amigos, e sentindo profundamente quão amada era. Se algo tocava as suas rápidas simpatias, os seus olhos num momento tornavam-se profundos e escuros, os seus lábios doces tremiam e a rapariga tornava-se subitamente na mulher de coração profundo, terna e zelosa. Sábia também ela era e, nos seus estados de maior animação, algo vinha de sabedoria, uma sentença, ou mesmo uma única palavra, tão plena e sugestiva.

Cedo, porém, tornou-se certo para nós que esta vida doce e feliz não haveria de permanecer aqui, e para ninguém isto foi tão evidente como para ela própria; nem por um momento duvidou de que recebera o seu aviso para a 'terra melhor'. Falava com o marido, e com todos nós, seus amigos, da sua partida, acreditando — aliás, sabendo — que lhe seria permitido ainda velar pelo seu filho, acompanhar o seu marido, comunicar com os seus amigos; e isto numa alegria calma e sem constrangimentos, rodeada pelas realidades felizes de uma vida amorosa, e amando, como ele merecia, o seu devotado marido. Era quase impossível ouvir os tons plenos e doces da sua voz, sentir a pressão afetuosa das suas pequenas mãos, observar a expressão cheia de vida do seu rosto e perceber a sua mudança próxima, quando o mortal terá de se revestir da imortalidade.

Quão amargamente difícil é sentir, por mais que repitamos as palavras, 'Seja feita a Tua vontade!'. À medida que a primavera avançava, de cada vez que a via, percebia alguma mudança, e no entanto a 'mudança' não podia ser definida — estava mais no seu espírito do que na sua pessoa. O sofrimento cansava a jovem e frágil forma, e ela ansiava por partir — desejava a libertação da dor do corpo, da resistência perpétua da inquietação — ansiava por estar fora do corpo para poder estar no espírito. Falava sobre esta mudança como os inválidos falam de mudança de ares, e com esperança no seu rosto radiante.

Confesso que não compreendo esta fase da mente — olho para a frente com alegria para encontrar aqueles que amei e perdi da terra, e aguardo o tempo em que aqueles que deixo para trás, confiando no mesmo Mediador, se curvarão perante o querido Redentor e se juntarão, na Sua presença, aos 'espíritos dos justos tornados perfeitos', para que todos sejamos um em Cristo — mas a certeza desta jovem criatura de que voltaria e velaria pelo marido, pelo filho e por tudo o que guardava no seu coração em expansão, era para mim incompreensível; era como se ela pensasse que, após a morte, o céu desceria com ela à terra.

A sua fé na sua felicidade futura era bela; mas a morte, tal como a vida, era para ela um poema, e todos os seus pensamentos e ações eram poéticos — com todo o seu sofrimento, a sua era a poesia da vida quotidiana.

Ela apreciava além de qualquer descrição uma sessão com aqueles que amava. Um dos seus prazeres era atar pequenos ramos de flores com um dos seus longos cabelos escuros, lançando um ramo para baixo ou sobre a mesa,

ou para a sala, e expressando o desejo de que um espírito o desse a um ou outro dos seus amigos. Isto era invariavelmente feito, e eu preservo estas flores como penhores do seu doce amor, e assim farei enquanto viver. Estes pequenos e ternos atos de bondade misturavam-se com promessas de vir ter connosco quando não tivesse corpo mortal — não sofresse dor.

Ela nunca duvidou de que isto seria permitido, e amava deter-se no deleite que seria para ela estar connosco. Nela não havia mácula ou tom de tristeza. Nunca vi uma crença mais jubilosa, mais perpétua, na imortalidade da alma. Não podíamos evitar observar, por vezes, uma abstração ocasional, os seus olhos — iluminados por uma luz brilhante — errando pela sala, todo o seu rosto sorrindo como se reconhecesse algum amigo espiritual. Diariamente — diariamente o fim, no que respeitava ao seu invólucro terreno, avançava, e ainda mais perto vinham os anjos!

Por vezes, a sua paciência sob os sofrimentos acumulados que estava destinada a suportar era maravilhosa; e quando, finalmente, ela ansiava por antecipar o nosso verão, tão tardio naquele ano em chegar, e quando me despedi dela, ela pressionou a sua pequenina mão na minha, 'sente-a — sente-a bem', disse ela no seu bonito inglês, já não quebrado mas acentuado — 'sente-a, pois quando eu vier ter contigo, deves lembrar-te dela'. Alguns meses passaram, e então finalmente veio a notícia, no início de Julho passado: ela fora chamada a casa.

Tive várias vezes a plena convicção (como tenho neste momento) de que ela estava comigo, mas não tenho poder mediúnico e, além da brisa fresca que passa pela minha mão ou fronte, 'o ar da asa do anjo', não recebo sinal de tal presença — nem preciso dele.

O Sr. Home regressou a Inglaterra e, após o nosso primeiro encontro (aqueles que a amavam não podiam chamar-lhe triste, pois ele estava seguro da felicidade dela), organizámos uma sessão noturna na sala de estar, que estava iluminada como de costume — apenas cinco pessoas presentes, cinco que tinham conhecido e amado Sacha!

Antes do que o mundo chama morte, ela pedira ao marido para me dar uma pequena touca de renda, bordada pelas suas próprias mãos, e eu pedira-lhe uma trança do seu cabelo; ele trouxe ambos, atados num dos lenços brancos dela, e colocou-os sobre a mesa. Ocorreram mais do que as manifestações habituais naquela noite; não só a mesa, mas as nossas cadeiras e a própria sala tremeram, e as 'batidas' estavam em toda a parte em nosso

redor. Uma senhora, cuja consolação através do espiritualismo tem sido de facto abençoada, recebeu várias mensagens em resposta aos seus pensamentos; e um escultor muito eminente, cujos compromissos em obras públicas são incessantes, estivera a levantar-se antes do dia para terminar um busto de Sacha, que desejava apresentar ao marido dela — este facto não era sequer conhecido na sua própria casa — ele recebeu uma mensagem assim: 'Obrigada pelo teu trabalho matinal — tenho estado muitas vezes perto de ti'.

Enquanto a mensagem era batida, ele sentiu a mão pequena dela repetidamente sobre a dele, em confirmação amorosa dos seus agradecimentos. Esta foi a primeira vez que ele sentiu o toque da 'mão espiritual' e isso afetou-o profundamente. O Sr. Home colocou então o bordado e o cabelo debaixo da mesa. 'Sacha', disse ele, 'deseja dar-te isto ela própria'. Logo o meu vestido foi puxado. Baixei a minha mão e a touca não só foi colocada nela, como os meus dedos fecharam-se sobre ela, pela mão dela, não podia estar enganada, conhecia tão bem aquela mão! O meu vestido foi novamente puxado e coloquei a minha mão no colo; então senti a mão dela mais distintamente; foi colocada inteiramente na minha e, após uma pressão, deixou-me a mecha de cabelo!

Novamente o alfabeto foi exigido e a passagem soletrada: 'Dá-me o lenço, quero dá-lo à Sra. S—. Oh, agradeço-lhe pelas suas belas flores' (flores que ela costumava enviar-lhe durante a sua doença). O Sr. Home atirou o lenço que continha o cabelo e o bordado para o chão. Foi enrolado e atado, e entregue na mão dela. As revelações foram todas evidência continuada de poder espiritual e presença espiritual, tais como nos chegam com mensagens curativas nas suas asas, tornando-nos gratos por, para nós, o Espiritualismo ter sido a serva do Cristianismo.

Mas a querida Sacha está longe de ser a única dos meus amados amigos, partidos, ou antes removidos, de quem recebi mensagens doces, consoladoras e confortantes. Alguém a quem amo e reverencio acima de todos os que partiram antes deu-me, por prova inconfundível, a bendita certeza do interesse que lhe é permitido ter no nosso bem-estar espiritual e tem, pelos seus preceitos e citações oportunas da Sagrada Escritura, fortalecido a nossa armadura de fé e, se possível, iluminado a esperança da glória que será revelada futuramente. Não é isto confortante? Não prolongo este breve registo de memórias felizes, mas poderia fazê-lo. O Espiritualismo tem sido para mim uma bênção pela qual não posso estar suficientemente

grata, menos por minha causa do que por causa de outros que me são muito queridos; pois, embora me tenha trazido mais sol, não me deu luz nova. Testifico aqui do espiritualismo tal como ele é conhecido e acreditado por mim e pelos meus; digo CONHECIDO, pois durante quase cinco anos tivemos provas abundantes da sua realidade.

Direi brevemente como isto é. Agradeço a Deus por nunca ter tido uma dúvida quanto às verdades divinas do Cristianismo, nem as recebi como factos frios. A minha querida mãe era de pura ascendência huguenote e teria, em qualquer período da sua vida, ido calmamente para a fogueira antes de sequer parecer diminuir um til da sua crença na Existência, Missão e Milagres de Cristo-Deus. Bebi na fonte desta fé desde os meus primeiros anos e, todas as noites, o 'capítulo' costumado era lido, rezado e discutido; assim, a fé religiosa cresceu para ser o meu prazer, bem como a minha esperança e confiança.

Além disso, ela mantinha a crença de que aos espíritos daqueles que conhecíamos, amávamos e reverenciávamos era permitido velar por nós, e que poderia ser-lhes permitido comunicar connosco — mas como tal comunicação haveria de ter lugar era um mistério tanto para a progenitora como para a filha. Ela acreditava que os nossos pensamentos e ações mais santos nos eram sugeridos, sob permissão Divina, por anjos ministrantes; e que a perseverança na oração nos protegeria das influências malignas que estavam sempre à espreita para segredar, ou mesmo para incutir, o que era contrário à santa lei de Deus.

Isto era, e é, puro Espiritualismo — puro Espiritualismo Cristão! — contudo, tendo acreditado nisto durante toda a minha vida, acreditando também que o sobrenatural era muitas vezes permitido como um dos missionários do Cristianismo, eu ria-me do que se chamava 'Girar de Mesas'. Nunca vira manifestações espirituais, mas isso não me impedia de me rir da ideia de um espírito dar uma mensagem por batidas numa mesa; toda a minha crença na 'Nuvem de Testemunhas' não impedia que eu me agarrasse ao que parecia o absurdo de tal meio de comunicação e, em vez de investigar, eu ria-me.

Fiz pior, fiquei zangada. Disse que toda a vida acreditara em presenças sobrenaturais, acreditava que, se necessário, Cristo-Deus daria permissão a uma das Suas 'Nuvem de Testemunhas' para comunicar comigo, mas o que é que isso tinha a ver com batidas? Nunca me recordei de que, neste momento,

o mundo está cheio de 'Tomés', que não acreditarão (se o puderem evitar) exceto pelo testemunho dos seus sentidos. Porque acredito nas verdades do Evangelho, pensei que outros deveriam acreditar como eu, pelo testemunho que bastara para mim e para os meus.

Não queria ver as feridas do Salvador, acreditava nelas, isso chegava-me. Não pensava naqueles 'de cerviz dura e teimosos' que exigem, como Tomé exigiu, um 'sinal'; e devemos lembrar-nos (o que eu não fiz) que o MESTRE não lhe recusou esse sinal — não, Ele chamou-o a examinar essas marcas do Seu sofrimento. Ele não só permitiu ao descrente examinar por si mesmo, como O CHAMOU a fazê-lo."»

Esta tradução finaliza o corpo principal da obra e inclui a conclusão do autor, mantendo o rigor do **Português Europeu (PT-EU)** e a fidelidade absoluta ao texto original.

«Finalmente, fomos convencidos a encontrar-nos com uma jovem médium, alguém em todos os aspetos acima de qualquer suspeita; éramos um grupo misto de doze ou catorze pessoas àquela mesa de jantar: e enquanto me questionava como seria possível que homens instruídos e inteligentes pudessem receber como testemunho de presença espiritual as "batidas" e "inclinações", nas quais, embora eu não as conseguisse explicar, não acreditava, a minha atenção foi despertada pelo facto de a jovem senhora dizer que um espírito estava presente e desejava comunicar comigo.

Ela descreveu uma presença que reconheci e depois deu-me uma mensagem, uma parte da qual apenas poderia ser inteligível para nós dois — o espírito que a deu e eu que a recebi. Isto foi tão positivo e conclusivo para mim que, acreditando como sempre acreditei que tal poder existia, fui forçada a acreditar que havia verdade na mediunidade, e que aqui estavam os meios usados para a comunicação dos espíritos daqueles que partiram antes para aqueles que ainda permaneciam na carne.

Isto foi a confirmação de uma realidade abençoada para mim, mas para outros, particularmente para uma outra pessoa à mesa, foi três vezes abençoada; o seu passado estivera nublado por dúvidas quanto à existência da vida espiritual, ele recusara-se a acreditar no que não conseguia compreender; a sua lâmpada da razão, aparada com todo o cuidado, apenas tornava a escuridão, por assim dizer, mais visível. A fé era para ele uma letra morta. O seu coração ansiava por acreditar, mas, como Tomé, ele queria um "sinal". O primeiro "sinal" foi-lhe dado naquela noite e, desde então, dirigido

invariavelmente para O LIVRO que conduz à vida eterna, ele segue o seu caminho regozijando-se.

Apenas aqueles que tropeçaram por entre as dúvidas e incertezas de um materialismo tristemente insatisfatório conseguem compreender a inspiração que a garantia de uma existência futura, emendada, iluminada e purificada, proporciona. Perguntam-me frequentemente: qual é a utilidade do Espiritualismo? A minha resposta é invariavelmente que acredito que ele é permitido para travar o crescimento do materialismo. Ninguém, por mais cético que seja, pode receber mensagens do mundo espiritual, conhecendo a sua verdade, e desacreditar na vida espiritual, numa imortalidade! Esta é a pedra angular para a crença nas Sagradas Escrituras.

Dezenas, centenas, milhares, dizem hoje como eu dizia: "Porque é que as pessoas não acreditam? Eles têm Moisés e os profetas". Eu acreditava pelo testemunho da Bíblia. Sim, mas esses milhares não acreditam no testemunho da Bíblia; eles pedem um sinal. Não buscarão eles "o sinal" e investigarão a sua verdade? Não dariam eles tudo o que possuem por um "sinal" que provasse a imortalidade? Não desejam eles um intercâmbio que, santificado pela oração, irá (como vi muitas vezes acontecer) dirigi-los a passagens particulares na Sagrada Escritura, que pela primeira vez compreenderam e que se tornaram santificadas para eles?

E, novamente, há muitos que recebem o Espiritualismo como um facto; pessoas bem-intencionadas e tímidas, que temem que o Espiritualismo seja perigoso. Já vi o suficiente para me convencer de que as pessoas de mente carnal trazem os seus anjos maus consigo para muitos círculos; e eles sugerem o que é mau de forma mais palpável do que naqueles sussurros silenciosos que conduzem tão certamente ao desvio. "Pelos seus frutos os conhecereis". Sabemos que "espíritos mentirosos" se esforçam por destilar o seu veneno nos corações mais puros; e fiquem certos de que eles estão à espreita em redor do círculo reunido para manifestações, e apenas podem ser "afastados" pela oração fiel; mas todo o cristão sabe que é perpetuamente acossado por tais seres.

O Espiritualismo, tal como o conhecemos, começa cada sessão com oração; e usualmente (embora nem invariavelmente) tem razão para terminar com louvor. Eu não me juntaria a um círculo onde isto fosse negligenciado. Poderia nomear muitos que foram tirados do pântano do materialismo por, em primeira instância, verem as maravilhosas

manifestações que surgem da mediunidade do Sr. Home e da mediunidade da jovem senhora que já mencionei. O ridículo de um lado e as asseverações do outro não podem alterar os factos. Tem de haver uma moeda real para se criar uma contrafação e, sem dúvida, o charlatanismo encontrou o seu caminho em "círculos", de onde foi expulso assim que descoberto.

A MEDIUNIDADE é um mistério que não conseguimos sondar, nem compreender por que razão o poder haveria de ser delegado a uns mais do que a outros. Temos a autoridade máxima para a crença de que há "diversidade de dons", todos do "mesmo espírito"; e entre eles especifica-se: "A alguns o discernimento dos espíritos". Por que razão haveria um de ter "o dom da cura" e não o de "diversos tipos de línguas" ou o de "ver espíritos"? Esse é um daqueles prodígios que compreenderemos quando deixarmos de ver por um espelho, obscuramente. Apenas posso acrescentar, com uma dose considerável de humildade, que a "mediunidade" não é a única coisa que não compreendo.

Mas devo terminar aqui. Não tento dar qualquer descrição adicional das "manifestações" que presenciei, as maravilhas que vi, examinei e questionei e, após os meus exames e questionamentos, não pude duvidar de serem permitidas para o único propósito que volto a repetir: a missão do elevado e sagrado Espiritualismo.

Não me sinto compelida a escrever em defesa do Espiritualismo, nem a citar do volume de factos pelos quais essa defesa deve ser sustentada e a sua verdade provada. Não tenho talento para o argumento ou para a controvérsia; há outros que o têm e estão dispostos, bem como aptos, a ser os seus defensores. Acredito que ele é sancionado por Deus e que, por conseguinte, deve ser para um bom propósito; e contento-me, tal como devo contentar aqueles que possam ler o que escrevi, em expressar a minha convicção de que o Espiritualismo é a VERDADE.»

CAPÍTULO XIII

CONCLUSÃO

Vim para Inglaterra vindo de Périgueux e tenho estado, desde então, ocupado, tanto quanto o meu tempo e saúde permitem, na realização de sessões, nas quais a maioria das manifestações registadas nas páginas anteriores do meu trabalho foram repetidas. Fui várias vezes erguido a uma curta distância do solo, mas não tão alto que flutuasse acima das cabeças das pessoas na sala. Muitas pessoas viram e ficaram convencidas da ocorrência do que anteriormente julgavam impossível, e tiveram a sua fé na imortalidade renovada e fortalecida quando todos os outros meios tinham falhado em fazê-las acreditar.

A 20 de Janeiro de 1863, fui a Paris numa curta visita ao meu amigo, o Conde de K—, e ali também ocorreram os mesmos fenómenos na presença de um grande número de pessoas. Fui também frequentemente recebido por Suas Majestades nas Tulherias, e pela Princesa Imperial e pela nobreza de França, que demonstraram um grande interesse em investigar as manifestações; mas já foi dado o suficiente dos factos para permitir ao leitor formar uma opinião sobre eles, e não há necessidade de entrar em mais detalhes. Já relatei os incidentes principais e devo agora deixá-los para serem julgados e analisados pelas várias classes de pessoas que possam dedicar os seus pensamentos ao assunto.

Seria injusto se eu fosse considerado responsável por factos que ocorrem em ligação com a minha organização física e para os quais estou, em mente e intenção, totalmente passivo, mesmo que houvesse algum mal neles. Como não há mal neles, além de perturbarem certos preconceitos — pelo contrário, há alguma probabilidade de bem; e como eles são independentes de toda a ação moral da minha parte, confio que perante os sinceros e iluminados serei considerado, como sou, inocente.

Observar-se-á que eles começaram comigo quando eu era um bebé no berço, e desde então formaram, com raras exceções, uma parte da minha vida quotidiana. A sua gama inclui quase todos os fenómenos que são conhecidos sob o nome incorreto de Espiritualismo Moderno. Digo que o nome é incorreto porque nenhum deles é novo, e todos podem ser traçados em todas as eras das quais temos registo preservado. A grande diferença, contudo, é que durante os últimos dois séculos ocorreu uma grande mudança no mundo e, por uma espécie de reação, os homens inverteram a crença que

existia anteriormente quanto ao sobrenatural. Até há dois séculos, não era considerado um ponto de sabedoria desacreditar em tais manifestações e atos do mundo interior; pelo contrário, tal descrença era repreendida como contrária às Escrituras e errada.

Estou, no entanto, felizmente dispensado da necessidade de mostrar detalhadamente a prevalência da ação e dos fenómenos espirituais nas eras passadas do mundo, devido à publicação da obra elaborada e quase exaustiva do Sr. W. Howitt*, para a qual remeto os meus leitores, na inteira confiança de que nas suas páginas encontrarão não apenas os factos, mas os argumentos necessários para mostrar que o espiritual esteve sempre presente, e que nada me ocorreu que não tenha sido frequentemente observado antes.

Confio que esta obra será extensamente lida, a fim de que muito da atual ignorância sobre o assunto possa ser dissipada e que as mentes dos homens possam ser levadas a inquirir mais profundamente sobre este grande tema. Como um breve sumário do mesmo assunto, posso igualmente apontar para um artigo no Apêndice que foi elaborado por um amigo a partir de uma série de notas históricas reunidas por um cavalheiro literário que, com grande amabilidade, as colocou à disposição do meu amigo.

Será prontamente admitido que factos como os que descrevi são calculados para lançar uma grande luz sobre a ciência da pneumatologia, até agora negligenciada — e que é na direção apontada por tais factos que se deve fazer uma busca adicional nas questões ocultas da alma e nas suas relações com o corpo e as coisas externas. Para tal estudo, não se pode prescindir de nenhuns factos, por mais pequenos ou aparentemente triviais que sejam.

Quanto àqueles que são de natureza física, tais como o movimento de mobiliário, as batidas, a elevação no ar, ou levitação, e classes de fenómenos semelhantes, eles devem ser investigados e as suas utilidades apuradas pelo homem de ciência e pelo filósofo. Atualmente, tais pessoas fixaram *a priori* que tais coisas nunca ocorreram e são impossíveis e absurdas; e por esta mesma razão, se por nenhuma outra, admitir-se-á que elas são da maior utilidade, a fim de corrigir tais noções sobre as relações entre forças espirituais e coisas naturais.

Não há estudo que pudesse ser de tanto valor para os filósofos como o de factos agora conhecidos por milhares, mas que a sua atual filosofia

considera impossíveis. Pois a sua filosofia deve ser radicalmente defeituosa quando aquilo que dizem ser impossível é, no entanto, de ocorrência quotidiana. O lado físico, portanto, destes fenómenos deve ser estudado por estudantes da ciência experimental, a fim de alargar as suas visões sobre as forças materiais; e se isto puder ser efetuado, como foi em tantos casos, pelo movimento de mesas, e pelos sons de batidas, e pela elevação de corpos no ar sem toque ou contacto, eles deixarão de se queixar da trivialidade de tais fenómenos.

Na verdade, eles já são tão pouco triviais ou sem importância que homens notáveis da ciência, como os Faradays e os Brewsters, se deram ao trabalho de invectivar contra a sua possibilidade e de atribuir o nome de ingénuos enganados àqueles que declararam publicamente o que viram e ouviram. A própria negação destas coisas por estes homens, e pela massa do público, mostra que elas não lhes são triviais, mas que são realmente da maior importância.

Pois por que são elas negadas pelos homens de ciência, senão porque contradizem todo o seu conhecimento anterior das leis da natureza, derrubando "a filosofia de uma vida inteira", e são-lhes, portanto, impossíveis até que alarguem os atuais limites do seu conhecimento e descubram essas leis superiores sob as quais estas se tornam não apenas factos, mas factos possíveis.

Não há, decerto, nenhuma revelação religiosa propriamente dita em tais fenómenos, tal como não há nos fenómenos da gravitação, da eletricidade ou do magnetismo, mas isso não tem sido, ultimamente, razão para que tais leis sejam repudiadas. Na instituição da atual *Royal Society*, houve um grande clamor por parte das pessoas religiosas da época contra a formação de tal sociedade, com o fundamento de que era blasfemo e ímpio tentar inquirir sobre o que se chamava os mistérios de Deus; e dizia-se que os homens já tinham as suas Bíblias, e sabiam o suficiente, e não deviam procurar saber mais.

Tal não é a opinião geral nos dias de hoje, e não está longe o tempo, espero, em que a maneira como este assunto foi recebido será, da mesma forma, trazida para provar a mesma grande verdade: que todo o conhecimento deve ser perseguido e que não precisamos de temer que alguma vez tenhamos demasiado. Deus é capaz de preservar os Seus próprios mistérios e, o que quer que seja possível para nós, é nosso direito e

dever investigar e sondar, e apresentar como parte do património geral da inteligência humana. Antecipo, portanto, que quando os verdadeiros homens de ciência descobrirem que estes factos não são impossíveis, serão por eles conduzidos a um conhecimento de leis superiores, que atualmente ocultam de si mesmos; e que uma descoberta maior aguarda a sua investigação do que aquela que adornou o nome de Newton, que não achou trivial o facto de uma maçã cair diante dos seus olhos.

Quanto à outra grande divisão destes fenómenos, naqueles que são de natureza mental e denotam inteligência, levanta-se uma questão muito mais vasta. A primeira classe de manifestações apenas poderíamos recomendar ao investigador científico; mas assim que estamos seguros do facto de manifestações dirigidas pela inteligência, somos colocados numa investigação de outra ordem. Não temos conhecimento de nenhum outro ser além do homem que seja dotado do tipo e quantidade de inteligência que é revelada em muitas das manifestações, e somos imediatamente levados à conclusão inevitável de que tal inteligência é exibida por seres humanos, quer no corpo, quer fora do corpo.

Nem a força *ódica*, nem a eletricidade, nem o magnetismo, nem qualquer das forças imponderáveis, foram alguma vez detetadas a revelar inteligência, ou a manter uma conversa entre si, ou a tomar parte numa com outros; e embora estejam largamente envolvidas nas suas funções próprias por toda a natureza, e nesse epítome da mesma que se contém num homem, contudo não há nada de humano nem de inteligente nelas no verdadeiro sentido das palavras.

Sentimos instintivamente, portanto, quando encontramos esta inteligência, que estamos a lidar com um homem encarnado ou desencarnado. Os prodígios da clarividência e da perceção interna (se considerarmos estas faculdades inerentes ao vivo, independentes de auxílio espiritual) podem explicar alguns dos fenómenos; mas há outros que o meu leitor não terá deixado de notar, que apontam infalivelmente para a inteligência ser a de um ser humano desencarnado. A inteligência declara-se ser um ser humano e fornece informações apenas por si conhecidas. Diz que é um espírito e que está no mundo espiritual.

É vista como um espírito e reconhecida como a de alguém amado na terra. Diz que a sua função é ser o nosso guardião, ajudante e consolador. Fala-nos de coisas passadas, de coisas que estão a acontecer em partes

distantes, de coisas que hão de vir. Poderemos ser nós próprios que, desconhecidamente, contrafeitas tal representação e contamos esta falsa inteligência a nós mesmos? Nenhuma qualidade ou poder desse tipo foi até agora reconhecido ou conhecido como existindo na mente do homem. Nenhuma qualidade desse tipo foi reconhecida ou conhecida como existindo na força *ódica*, nem na eletricidade, nem no magnetismo, como a capacidade de dizer quer a verdade, quer a falsidade. De onde vem, então?

É a questão tão inteiramente nova quanto à existência de espíritos e ao seu poder de comunicar com o homem, que possamos ignorá-la ou negar a sua possibilidade? Somos inevitavelmente lançados sobre a descoberta de alguma hipótese natural para explicar tais factos? E devemos nós, como cristãos, dizer como Sir David Brewster que "o Espírito é a última coisa a que cederei"? Agradeço a Deus por me ter sido ensinado de outra forma, e remeto para a Bíblia, e para os livros e autoridades espirituais, e crenças de todas as eras e de todas as igrejas, em apoio da minha crença.

Digamos então de imediato que há espíritos e um mundo espiritual, e vejamos que dificuldades são colocadas no seu caminho pelos homens de ciência, que lhes negam todo o poder de comunicar com este mundo. Seria, de facto, um assunto muito difícil de conceber por que meio possível um espírito poderia satisfazer certas mentes da sua presença real.

"Suponhamos", diz o Rev. Charles Beecher, "que um espírito partido, a esposa de Oberlin, por exemplo, recebesse permissão para tentar conversar com o seu marido; não para estabelecer uma nova revelação, não para exibir um poder divino, mas meramente para exercer tal potencialidade que pudesse pertencer a um espírito desencarnado, para edificação e satisfação dela e do seu marido. Como poderia ela fazê-lo perante as teorias *apneumáticas*? Ela fala com ele, move a sua mobília, toca no seu vestido, na sua pessoa; tudo ação automática de algum cérebro *en rapport* com aquela localidade.

Ela canta, toca guitarra ou piano, pega num lápis e escreve, e ele vê o lápis no espaço livre a traçar o autógrafo da sua esposa — automático ainda. Ela mostra-lhe uma mão nebulosa, ou melhor, uma forma luminosa, e sorri e fala como quando em vida — isso é uma ilusão ótica, ou alucinação, ou uma partícula exalada do seu corpo atingiu o cérebro sensível dele e criou uma visão subjetiva. Ela comunica factos passados, presentes e futuros, além do alcance do conhecimento dele; — isso poderia ser clarividência ou perceção

cerebral. Ai de mim, o que poderia ela fazer mais? Ela deve retirar-se frustrada, e queixando-se de que ele se tornara tão científico que toda a comunicação com ele era impossível."

É, portanto, muito difícil influenciar certas mentes por qualquer prova que possa ser apresentada, por falta de terem qualquer ponto que tal prova possa penetrar; mas certamente provas como as que dei no meu livro, da existência de espíritos e da sua capacidade de comunicar connosco, são do tipo com maior probabilidade de lhes serem úteis.

Deve observar-se também que tais pessoas, para serem coerentes, devem aplicar — e demasiadas delas aplicam — o mesmo argumento a todos os factos análogos no passado, bem como àqueles que ocorrem nos dias de hoje. Sobre este ponto sumamente importante, o Rev. W. Beecher diz verdadeiramente: "Qualquer que seja a lei fisiológica que explique estes fenómenos em todas as eras, acabará inevitavelmente por se impor através de toda a Bíblia, onde esta lida com os fenómenos da alma e do corpo como mutuamente relacionados, agindo e reagindo.

Uma grande parte da Bíblia, as suas profecias, êxtases, visões, transes, teofanias, angelofanias, estão mais ou menos tingidas de características *ódicas*. A fisiologia, a antropologia da Bíblia é altamente *ódica* e deve ser estudada como tal. Como tal, verificar-se-á harmonizar-se com os princípios gerais da experiência humana em tais assuntos em todas as eras. Se uma teoria for adotada em todo o lado exceto na Bíblia, excluindo a intervenção espiritual *in toto* e explicando tudo fisicamente, então as capas da Bíblia provarão ser meras barreiras de cartão.

Tal teoria abrirá caminho através da Bíblia e a sua autoridade e a sua inspiração serão aniquiladas. Por outro lado, se a teoria da intervenção espiritual for aceite na Bíblia, não pode ser ali encerrada, mas deve abrir caminho através do vasto domínio das 'superstições populares', como são chamadas, separando o elemento de verdade em que essas superstições se baseiam e afirmando a sua própria supremacia autoritária."

É em fundamentos como estes, entre muitos outros, que descobri como facto que estas manifestações têm uma tendência religiosa, e uma incidência sobre o assunto da religião da ordem mais importante. Não reivindico para elas o caráter de uma nova revelação, mas sim que são uma recorrência nos nossos dias de alguns dos fenómenos de uma muito antiga; e que não é assunto de somenos importância ser capaz de convencer muitos que

carecem de tal conhecimento e convicção, da imortalidade da alma, da sua existência imediata e continuada no mundo espiritual, e do seu poder de comunhão e comunicação connosco que ficámos para trás.

Estas não são doutrinas novas, mas factos antigos, e o que quer que os espíritos nos digam, devemos julgar, como julgamos os outros assuntos da vida, pela sua própria evidência intrínseca, e não confiar na infalibilidade do que vem do outro lado meramente por causa da sua origem espiritual. Por exemplo, suponhamos que qualquer um dos céticos da atualidade partisse para engrossar os números do mundo espiritual, e viesse até mim em visão, ou através de qualquer um dos numerosos modos que relatei nas páginas anteriores, e me dissesse que não há leis espirituais, nem mundo espiritual, nem seres espirituais, e que os muitos fenómenos que experienciei ao longo da minha vida não me ocorreram, e que tais nunca ocorreram a outros, e eram de facto impossíveis, eu não acreditaria no que ele dissesse, meramente por causa da sua origem espiritual, pela razão de que seria oposto à experiência e conhecimento meus e de muitos outros na presente e em anteriores eras do mundo.

Eu deveria, como faço, pelo contrário, reconhecer no próprio facto de ele ser capaz de vir e dar-me esta falsa informação, matéria da maior importância para a verdade religiosa, dirigida a um ponto que, mais do que todos os outros nesta era materialista, exige garantia e confirmação.

O facto, portanto, de qualquer inteligência, seja verdadeira ou falsa, vinda do mundo interior, é um facto do qual devem ser deduzidas conclusões, cujo valor é impossível de sobrestimar. A comunhão real e íntima dos santos pode ser difícil de realizar, por causa do nosso próprio estado ser demasiado baixo para tal santa comunhão, mas não precisamos de abandonar ao ceticismo todo o mundo espiritual e negar a possibilidade de um dos dogmas mais gloriosos da Cristandade.

FIM